

**O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO MÃE-BEBÊ
AO LONGO DO PRIMEIRO ANO DE VIDA DE BEBÊS QUE
FREQUENTARAM OU NÃO A CRECHE**

Tatiele Jacques Bossi

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em
Psicologia sob orientação do Prof. Cesar Augusto Piccinini, PhD

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Porto Alegre, abril de 2013

DEDICATÓRIA

A todas aquelas que são mães.

A todas que desejam ser mãe.

A minha mãe.

A todos aqueles que são bebês.

A todos que já foram bebês.

Aos meus futuros bebês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial algumas pessoas que são importantes em minha vida e foram fundamentais nesta caminhada:

Minha mãe *Iara* pelo empenho com que sempre se dedicou para me fazer acreditar em uma vida melhor. Obrigada por todo o reabastecimento emocional que me permitiu seguir inteira nesta caminhada.

Meu pai *Dionísio (in memorian)* por em tão pouco tempo ter me mostrado as delícias e as dores de ser humano.

Meus irmãos *Fabiane* e *Rafael* por sempre terem me incentivado a seguir em frente.

Meus cunhados *José Carlos* e *Daniela* por todo o carinho, atenção e acolhida.

Minha prima *Lidiane* por sempre me estender a mão, mesmo sem eu precisar pedir.

Meu orientador *Cesar Augusto Piccinini* pela parceria nesses dois anos de trabalho e pelo apoio afetivo para continuar nesta jornada.

Meu ex-orientador e amigo *Omar Ardans* pelas valiosas contribuições na graduação e na vida.

Às professoras *Rita Sobreira Lopes*, *Dorian Mônica Arpini* e *Daniela Levandowski* pela participação em minha banca examinadora com suas preciosas contribuições.

A todos os meus *amigos e amigas* que sempre acreditaram em minha capacidade de trilhar os melhores caminhos e por me incentivarem a ir mais além.

Meus *familiares* pelo apoio afetivo que, antes de tudo, é sempre o mais importante.

Aos *participantes deste estudo* pela confiança em exporem suas histórias e por todo o carinho com que sempre me receberam.

Aos colegas do *NUDIF* pelo apoio e profissionalismo. Em especial a ex-bolsista do projeto *CRESCI Elenice Soares* pela confiança em meu trabalho.

A *Capes* pelo apoio financeiro que viabilizou a realização deste trabalho.

E por último, mas com a mesma importância, a *Deus*, pois mesmo depois de ter sido tocada pela psicologia não deixei de acreditar no poder Dele.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	7
LISTA DE FIGURAS	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO	11
1.1. Apresentação	11
1.2. O processo de separação-indivuação mãe-bebê	11
1.3. A ida à creche e o desenvolvimento infantil	20
1.4. Justificativa e objetivo do estudo	28

CAPÍTULO II

MÉTODO	30
2.1. Participantes	30
2.2. Delineamento e procedimento	31
2.3. Caracterização da creche	33
2.4. Instrumentos e materiais	34
2.5. Considerações éticas	35
2.6. Análise dos dados	36

CAPÍTULO III

RESULTADOS	39
3.1. Caso 1: Martha e Vinícius	39
3.1.1. Caracterização do caso	39
3.1.2. Antecedentes do processo de separação-indivuação	40
3.1.3. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)	44
3.1.4. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)	52
3.1.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do Caso 1.....	59
3.2. Caso 2: Lygia e Érico	61
3.2.1. Caracterização do caso	61
3.2.2. Antecedentes do processo de separação-indivuação	62
3.2.3. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)	64
3.2.4. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)	69
3.2.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do Caso 2.....	74
3.3. Caso 3: Ruth e Clarice	75
3.3.1. Caracterização do caso	75
3.3.2. Antecedentes do processo de separação-indivuação	76
3.3.3. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)	79

3.3.4. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)	84
3.3.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do Caso 3.....	89
3.4. Caso 4: Maria Clara e Cecília	91
3.4.1. Caracterização do caso	91
3.4.2. Antecedentes do processo de separação-indivuação	92
3.4.3. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)	93
3.4.4. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)	97
3.4.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do Caso 4.....	102
3.5. Caso 5: Lya e Fabrício.....	103
3.5.1. Caracterização do caso	103
3.5.2. Antecedentes do processo de separação-indivuação	104
3.5.3. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)	106
3.5.4. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)	109
3.5.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do Caso 5.....	114
3.6. Caso 6: Adélia e Caio	116
3.6.1. Caracterização do caso	116
3.6.2. Antecedentes do processo de separação-indivuação	117
3.6.3. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)	119
3.6.4. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)	122
3.6.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do Caso 1.....	126

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO	128
4.1. Antecedentes do processo de separação-indivuação	128
4.2. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)	137
4.3. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)	149
4.4. Considerações finais	160
REFERÊNCIAS	163

ANEXOS

ANEXO A. Termo de consentimento livre e esclarecido (grupo não creche).....	171
ANEXO B. Termo de consentimento livre e esclarecido (grupo creche UFRGS).....	172
ANEXO C. Ficha de dados demográficos da família	173
ANEXO D. Entrevista sobre a experiência da maternidade – 6º mês	175
ANEXO E. Entrevista sobre momentos de separações mãe-bebê – 6º mês.....	177
ANEXO F. Entrevista sobre a adaptação do bebê à creche – versão mãe	178
ANEXO G. Entrevista sobre a experiência da maternidade – 12º mês	180
ANEXO H. Entrevista sobre momentos de separações mãe-bebê – 12º mês	182

ANEXO I. Parecer do comitê de ética UFRGS.....	183
ANEXO J. Parecer do comitê de ética HCPA.....	184

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados sociodemográficos	30
--	-----------

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Categorias e subcategorias de análise	37
Figura 2. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 1	60
Figura 3. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 2	74
Figura 4. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 3	90
Figura 5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 4	102
Figura 6. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 5	115
Figura 7. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 6	127

RESUMO

Este estudo teve por objetivo investigar eventuais diferenças no processo de separação-individação em mães e bebês que frequentaram ou não a creche ao longo do primeiro ano de vida. Participaram do estudo 3 díades de mães e bebês que frequentaram a creche a partir dos 6 meses de idade e 3 díades de mães e bebês que não frequentaram a creche e foram cuidados, prioritariamente, pela mãe. As mães responderam a entrevistas estruturadas durante o 6º e 12º mês dos filhos. A análise de conteúdo qualitativa revelou que os bebês vivenciaram o processo de separação-individação de maneira satisfatória, independente de terem frequentado ou não a creche. As mães cujos bebês frequentaram a creche consideraram essa decisão como necessária, sem que os momentos de separação lhes trouxessem maiores sofrimentos e prejuízos. Tal aspecto revelou-se, aparentemente, sem maiores consequências para o processo de separação-individação mãe-bebê. Já as mães cujos bebês não frequentaram a creche ressaltaram dificuldades frente às separações, especialmente aos 6 meses do bebê, ressaltando o desejo de estarem com os filhos durante todo o tempo diário. No entanto, aos 12 meses dos bebês elas já ressaltavam maior necessidade de se individuarem dos filhos estabelecendo uma rotina mais separada deles, justamente o momento em que os bebês apresentavam uma individuação maior em relação a elas. Esse estudo revela que o processo de separação-individação mãe-bebê ocorre em íntima conexão com o que se passa com o bebê, e pode ocorrer adequadamente mesmo com uma influência externa, como a entrada na creche, ou através do processo natural de desenvolvimento do bebê.

Palavras-chave: creche; processo de separação-individação; desenvolvimento emocional.

ABSTRACT

This paper has had the goal to investigate eventual differences in the separation-individuation process in mothers and babies who attended or did not attend daycare throughout the first year of life. Three dyads have participated of the study from mothers and babies who attended nursery from 6 months old and 3 dyads of mothers and babies who haven't attended daycare and were cared, as a matter of priority, by mother. Mothers answered to structured interviews during the 6th and 12th months old of their children. The qualitative content analysis has revealed that babies have experienced the separation-individuation process of a satisfactory way, apart, no matter having attended or not daycare. Mothers whose babies attended daycare considered this decision as required, without which the moments of separation brought them more sufferings and prejudice. This aspect has been revealed itself, apparently, without any major consequences for the separation-individuation process. Already mothers whose babies did not attend daycare underscored difficulties in separating the desire of being with their children all the time every single day, specially the baby at 6-months-age. However, at 12 months old of babies they already highlighted more necessity of being away from their children establishing a more distant routine from them, just the moment in what babies showed a wider individuation related to their mothers. Its paper shows that mother-baby's separation-individuation process occur in intimate connection in which it's been through the baby, and can properly occur even with an external influence, as the entry in the day care center, or through the baby's natural process of development.

Keywords: child day care; separation-individuation process; emotional development.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

A maternidade é um momento do desenvolvimento em que a mulher se percebe em um novo papel que lhe impõe a tarefa de cuidar de um bebê. O apoio de figuras afetivas é importante para a mulher nesse momento de descoberta da maternidade possibilitando, assim, que ela se dedique aos cuidados do bebê atendendo suas necessidades. Passados os meses, as mães que trabalham se deparam com uma nova e difícil situação: quem cuidará do(a) filho(a)? Um número cada vez menor de mães tem exercido essa tarefa em tempo integral e, assim, os cuidados alternativos, tais como creche, babá ou o cuidado de um(a) parente, passam a fazer parte da rotina da família e da vida do bebê. Nesse cenário, especial atenção é dada à creche, ambiente no qual a criança tem sido inserida em idade bastante precoce e por um período longo de tempo diário, perdendo o cuidado exclusivo que teria por parte da mãe e gerando uma separação mãe-bebê já nos seus primeiros meses de vida.

Dessa forma, o presente estudo buscou investigar os indicadores do processo de separação-indivuação mãe-bebê ao longo do primeiro ano de vida de bebês que frequentaram ou não a creche. Inicialmente serão abordados aspectos referentes ao processo de separação-indivuação mãe-bebê durante o primeiro ano de vida e, num segundo momento o contexto de creche e o desenvolvimento infantil. Tendo em vista a orientação teórica da autora do presente estudo, serão priorizados autores psicanalíticos, com destaque para Mahler e Winnicott, mas sem desconsiderar autores de outras orientações teóricas, caso sejam relevantes para se entender aspectos do que estiver sendo discutido.

1.2. O processo de separação-indivuação mãe-bebê

O processo de separação-indivuação foi descrito por Mahler e colegas (Mahler, 1982; Mahler, Pine & Bergman, 1977) e envolve o período de desenvolvimento que se estende entre a idade de 5 meses, até o terceiro ano de vida da criança. Refere-se a um processo intrapsíquico que envolve dois aspectos inter-relacionados, sendo a separação, que envolve a saída da criança da fusão simbiótica estabelecida com a mãe; e a indivuação que implica em aquisições psíquicas que permitem a criança assumir suas próprias características. Trata-se de um processo normal de separação-indivuação do bebê, que ocorre na presença e disponibilidade emocional da mãe, e se opõe a situações traumáticas de separação. Mahler (1982) deixa claro que esse processo também envolve ameaças mínimas de perda da mãe

impostas pela necessidade de se ausentar, mas tal aspecto ocorre durante curtos períodos de tempo e à medida que o bebê desenvolve aquisições psicológicas que lhe permitem enfrentar as situações de separação. Nesse sentido, fica claro que há aspectos maternos, conscientes e/ou inconscientes, que afetam a separação-individuação. A maneira como se estabelece à maternidade indicará ao bebê a disponibilidade emocional da mãe para lhe servir de suporte. Quando há confiança nessa provisão emocional, o bebê consegue tolerar os momentos de separação entre ele e a mãe; do contrário, essas ocasiões se tornam intoleráveis. Contrastando com situações de separação traumática, a separação-individuação leva em conta as aquisições ao nível de desenvolvimento que permitem ao bebê explorar o ambiente em separado, no entanto na presença da mãe, bem como o prazer que a criança expressa em ter um funcionamento independente (Mahler, 1982). Tais aspectos da maternidade que afetam o processo de separação-individuação mãe-bebê foram inicialmente ressaltados por Mahler et.al. (1977) e mais extensamente explorados por Colarusso (1990) em suas pesquisas e teorizações referentes à parentalidade.

A partir de uma perspectiva psicanalista Mahler (1982) iniciou seus estudos no campo da psicose simbiótica infantil e, a partir disso, passou a investigar o comportamento do bebê normal e sua mãe. Segundo Roudinesco e Plon (1998), apoiada nas ideias de Winnicott e Spitz, ela criou um campo de investigação que lhe permitiu embasar a sua teoria do processo de separação-individuação. Seus estudos iniciaram no final da década de 50 e seguiram durante muitos anos, mas sem escapar a críticas, principalmente ao termo *autismo normal* utilizado para designar a fase inicial do desenvolvimento do bebê, considerada inapropriada, já que não se admitia que comportamentos autistas fossem considerados normais em alguma etapa do desenvolvimento. Dessa forma, a teoria sofreu com a descrença de alguns pesquisadores, sendo que estudiosos da época duvidaram da real veracidade de seus achados (Blum, 2004). No entanto, Brazelton (1987) ressaltou que não se pode desconsiderar que a teoria do processo de separação-individuação é muito interessante do ponto de vista teórico e prático, já que Mahler conseguiu aliar uma atitude mais ou menos naturalista, com o ponto de vista psicanalítico.

Tais aspectos podem explicar as escassas publicações que utilizam essa abordagem como base. No entanto, a teoria do processo de separação-individuação não deixou de se apresentar como importante no desenvolvimento infantil, bem como em todo o ciclo vital, como destacam autores como Blos (1979/1996) ao abordar a segunda individuação que ocorre

na adolescência e Colarusso (1990; 1998), ao destacar a terceira individuação que ocorre na fase adulta e tem como questão central a parentalidade e a quarta individuação que ocorre na meia idade e tem como questão central o indivíduo torna-se avô ou avó. Para este trabalho será descrito o primeiro processo de separação-individuação e a terceira individuação por estar-se considerando a relação mãe-bebê nesse processo.

Primeira individuação

Até alcançar o processo de separação-individuação o bebê passaria por duas fases de desenvolvimento (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). Do nascimento até, por volta, dos 2 meses de idade, o bebê encontra-se em uma fase denominada *autismo normal* em que não há a diferenciação, por parte do bebê, entre o que se passa no interior de seu corpo e o que ocorre na realidade externa. É o período em que a satisfação de suas necessidades pertence à órbita onipotente, sendo que, dessa forma, todas as sensações e necessidades, bem como a redução da tensão são produzidas no interior de seu corpo (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). O bebê estaria, então, em um momento do desenvolvimento em que os episódios de sono superam em demasia os momentos de vigília, colocando, assim, uma ausência relativa de investimento nos estímulos que provém do mundo externo. Para Mahler et.al. (1977) é um momento em que o bebê estaria efetuando a transição da vida intrauterina para a percepção e interação com o mundo externo, necessitando, assim, de um momento em que as respostas aos estímulos externos são limitadas, mas não ausentes. Recorrendo a teoria winnicottiana na tentativa de encontrar o fenômeno descrito por Mahler et.al. (1977), pode-se destacar que não há um momento correlato à fase de autismo normal. O que Winnicott (1945/2000) destacou é que o bebê não necessitaria se proteger da realidade externa por contar com uma “mãe suficientemente boa” que lhe serve de proteção. Para ele, o bebê estaria pronto, desde o início, para encontrar (criar) o mundo externo, mas ele também destaca que isso deve se dar no tempo do bebê, sem intromissões da realidade externa. Dessa forma, pode-se destacar que embora Winnicott (1945/2000) não se referiu a uma fase de autismo normal ele parcialmente referendou essa etapa do desenvolvimento descrita por Mahler et.al. (1977) por considerar a necessidade do bebê de ter respeitado o seu tempo de preparo para o contato com a realidade externa.

Com o crescimento e o desenvolvimento do bebê a catexia começa a ser deslocada para a percepção de algo mais que somente o interior do seu corpo e, assim, gradualmente, o

bebê adentra a *fase simbiótica* (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). Mahler (1982) destacou que essa fase se caracteriza pela percepção, por parte do bebê, de que as suas tensões internas são aliviadas por algo proveniente de fora de seu corpo, embora ainda não reconhecido como externo a si. Nesse momento, o funcionamento e comportamento da criança se dão em uma fronteira comum com a mãe, sendo que, assim, o bebê e a mãe passam a formar, juntos, um sistema onipotente. Com o exercício da conduta protetora durante a simbiose, a mãe estará auxiliando o bebê a irromper dessa fase gradualmente e, assim, tornando-o mais confiante para separar-se e individualizar-se (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). Essa fase é correlata com a fase de dependência absoluta de Winnicott (1945/2000) em que ele destacou haver, por parte do bebê, uma dependência absoluta em relação à figura materna. Nesse momento, não haveria o reconhecimento da mãe como uma pessoa separada, de modo que o bebê vive a ilusão de onipotência, acreditando criar o mundo (mãe) que o cuida e atende suas demandas.

Por volta dos 5 meses, no ápice da simbiose mãe-bebê, começaria o processo de separação-indivuação em suas quatro subfases características: diferenciação, exploração, reaproximação e consolidação da individuação e constância de objeto emocional (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). A seguir serão destacadas as principais características de cada subfase do processo de separação-indivuação. No entanto, especial atenção será dada as duas primeiras subfases, considerando a idade dos bebês que foram acompanhados nesse estudo (6 a 12 meses).

A *subfase de diferenciação* tem início por volta do quinto mês de vida do bebê, momento em que ele passa a manter-se mais alerta durante os períodos de vigília permitindo, assim, dirigir-se ao mundo externo (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). A principal característica dessa subfase é a diminuição, por parte do bebê, da dependência corporal da mãe, que até então era total. O objeto transicional, conforme salientado por Winnicott (1951/2000; 1953/1975), pode surgir como importante facilitador da diferenciação (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). Isso porque o objeto transicional ocupa uma área intermediária entre o mundo interno e o mundo externo da criança, simbolizando a presença da figura materna quando esta não está disponível física ou emocionalmente, no momento, para atender as demandas de seu bebê (Winnicott, 1945/2000; 1953/1975). O objeto transicional constitui-se, assim, como uma importante defesa contra a ansiedade do bebê. O destino desse objeto é ser descateixado, à medida que o bebê segue rumo à independência, não necessitando mais

em demasia da presença física da mãe, passando a ter a capacidade de manter internalizada a presença emocional materna.

Em relação ao desenvolvimento motor do bebê, a firmeza de tronco permite a ele distanciar-se corporalmente da mãe e, assim, reconhecê-la tátil e visualmente como uma parceira na simbiose e não como parte de seu corpo. Conforme Mahler et.al. (1977) na subfase de diferenciação, o bebê, ao admirar-se com as características do rosto da mãe passa a compará-lo com a face de outros adultos que venha a ter contato. Se a simbiose ocorrer adequadamente e a criança desenvolver o sentimento de “confiança básica” (Erikson, 1972), volta-se com maior curiosidade para o exame dos estranhos. Do contrário, se a simbiose não possibilitou a confiança básica, o exame de outros adultos que não a mãe pode se transformar em ansiedade aguda com relação a estranhos (Mahler, et.al., 1977). Dessa forma, considerando Mahler et.al. (1977), os principais indicadores da subfase de diferenciação que podem ser acessados por meio de observações e/ou relato materno são: a maneira como se estrutura a vivência da maternidade e a relação mãe-bebê, já que o estabelecimento de um sentimento de confiança do bebê em relação à mãe lhe permite explorar o ambiente ao redor com maior segurança; o interesse do bebê por explorar objetos, pessoas e o ambiente ao redor quando está na presença da mãe; a capacidade do bebê em manter esse interesse quando a mãe não está presente; a ansiedade com relação a estranhos; as reações da criança quando é deixada com outras pessoas que não a mãe; sentimentos e reações da mãe quando deixa a criança com outras pessoas; as reações da criança no momento de reencontro com a mãe; os sentimentos e reações da mãe no reencontro com a criança; reações da criança frente a separações momentâneas entre ela e a mãe, como quando a mãe se afasta do ambiente da casa em que a criança está; sentimentos e reações da mãe frente a essas separações momentâneas; a redução, por parte do bebê, da dependência corporal da mãe; a investigação do rosto materno; o interesse pelos jogos de esconde-esconde iniciados pela mãe, dentre outros. Essa subfase, bem como a subfase de exploração que será posteriormente descrita, é correlata ao período de dependência relativa de Winnicott (1945/2000) momento em que o bebê passa a distinguir a mãe como uma pessoa separada dele tendo, assim, o reconhecimento de sua dependência em relação à figura materna. Nesse momento o bebê já consegue ter comportamentos independentes da mãe, mas ainda oscila entre a dependência e a independência, com frequentes retornos à dependência. Nessa fase da vida, Winnicott (1945/2000) destacou que o bebê vive o paradoxo de ter criado o mundo que o cuida e acolhe ao mesmo tempo em que o

mundo já estava pronto para ser criado por ele. Para o autor, esse paradoxo não foi feito para ser resolvido e sim respeitado.

A segunda subfase, denominada *exploração*, tem início por volta dos 7 a 10 meses do bebê e se justapõe à subfase anterior. Ocorre uma expansão das capacidades motoras do bebê, e conseqüentemente, aumenta a exploração do ambiente ao redor, seja ele humano ou inanimado (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). Para Blum (2004) Mahler foi a teórica da psicanálise que mais considerou a relevância da locomoção humana como uma conquista importante no desenvolvimento emocional infantil. Mahler (1982) dividiu essa subfase em “período inicial de exploração”, caracterizado pelo começo da capacidade locomotora do bebê (engatinhar, ficar de pé, arrastar-se) e; “período de exploração propriamente dito” caracterizado pela locomoção em posição vertical. A principal característica dessa subfase é o envolvimento narcisista do bebê em suas próprias habilidades, em seu corpo e na investigação do ambiente ao seu redor. Esse aspecto permite ao bebê o que se chama de “impermeabilidade à frustração” (Mahler et.al., 1977), possibilitando a ele tornar-se mais tolerante a batidas, quedas e outras frustrações que venha a sofrer. Devido ao investimento narcisista o bebê aventura-se para mais longe da mãe e fica longo período absorto em suas atividades. No entanto, de tempos em tempos, retorna à figura materna para receber o que se chama de reabastecimento emocional, adquirido através do contato físico com ela (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). A locomoção indica o final do processo de rompimento da unidade simbiótica mãe-bebê, trazendo, assim, o nascimento psicológico da criança. Esse se refere à capacidade do bebê de tornar-se uma pessoa separada da mãe, adquirindo o início da “identidade do self” (Mahler, 1982). Os principais indicadores dessa subfase que, segundo Malher et.al. (1977), podem ser acessados por meio de observações e/ou relato materno são: a maneira como se estrutura a vivência da maternidade e a relação mãe-bebê nesse momento do desenvolvimento da criança, em que a locomoção está sendo descoberta e se configurando como uma maneira de o bebê expressar o início de uma independência em relação à mãe; o interesse do bebê por explorar objetos, pessoas e o ambiente ao redor quando está na presença da mãe, vindo até ela para realizar o reabastecimento emocional e continuar sua exploração; a capacidade do bebê em manter esse interesse quando a mãe não está presente e em se reestruturar rapidamente quando obtém novamente o contato com a mãe; a utilização das capacidades locomotoras em desenvolvimento para a exploração do ambiente ao redor; a ansiedade com relação a estranhos nesse momento de maior exploração do bebê em relação

ao ambiente externo; as reações da criança quando é deixada com outras pessoas que não a mãe; sentimentos e reações da mãe quando deixa a criança com outras pessoas; reações da criança nos momentos de reencontro com a mãe após uma separação; sentimentos e reações da mãe no reencontro com a criança; reações da criança frente a separações momentâneas entre ela e a mãe como quando a mãe se afasta do ambiente da casa em que a criança está; sentimentos e reações da mãe frente a essas separações momentâneas; sentimentos e reações maternos frente ao comportamento mais independente do bebê; manifestações de prazer por parte do bebê ao ter um comportamento independente da mãe; o investimento narcisista da criança em seu corpo e nas habilidades em desenvolvimento; a impermeabilidade à frustração tornando-a tolerante a batidas e quedas, dentre outros.

A terceira subfase é denominada *reaproximação* e tem início por volta dos 17 meses, quando a criança torna-se mais segura na sua capacidade de caminhar, e, conseqüentemente, dedica menor investimento de catexia na capacidade motora. Segundo Mahler et.al. (1977) a locomoção indica ao bebê que ele está autorizado a separar-se da mãe e, tal fato, provoca certo grau de ansiedade de separação. Da mesma forma, a catexia passa a ser redistribuída e dirigida a outros objetos ao seu redor permitindo que os breves momentos de esquecimento da figura materna, característico da subfase anterior, seja substituído pela necessidade de uma reaproximação com ela. Essa fase produz alguns conflitos entre a díade, já que a criança exige da mãe a presença constante em suas atividades, ao mesmo tempo em que parece exigir ainda mais independência. Quanto maior o interesse e a participação da mãe, maior será o prazer do bebê em atuar de forma independente. Nessa subfase, ao contrário da anterior, os adultos familiares não são facilmente aceitos como substitutos da mãe (Mahler, 1982; Mahler et.al. 1977). Os autores destacaram também que, nesse momento, a criança tem maior consciência de sua individuação em relação à figura materna, de modo que se percebe rapidamente como distinta dela, o que contribuiu para a sua resistência a separar-se.

Por fim, a quarta subfase, denominada *consolidação da individuação e constância de objeto emocional* caracteriza-se, como o próprio nome indica, por um crescente grau de constância objetal materna. Nessa subfase ocorre a interiorização gradual de uma imagem afetiva e constante da mãe, que permite à criança tolerar maiores momentos de separação em relação à figura materna. Isso porque ela passa a se relacionar não só com a mãe física e presente, mas com essa mãe internalizada a qual recorre nos momentos em que a presença real da mãe não é possível. Essa conquista é auxiliada pelo desenvolvimento da percepção de

tempo pela criança, de modo que ela passa a tolerar um pouco mais de demora à gratificação de suas necessidades, assim como suportar maiores períodos de separação materna. Para Mahler et.al. (1977), essa subfase permite à criança atingir uma individualidade mais definida em relação à mãe e que, de certa forma, será para toda a vida.

Como pode ser visto acima, a separação-individuação é uma importante conquista do desenvolvimento infantil e está relacionada ao desenvolvimento da própria mãe, já que se tornar mãe envolve passar por um processo de separação-individuação na fase adulta, aspectos que será destacado a seguir.

Terceira individuação

A terceira individuação, conforme Colarusso (1990) é considerada como um processo contínuo de elaboração do self e de diferenciação objetal que ocorre na idade adulta. É influenciada por todos os vínculos objetais importantes na idade adulta, principalmente na esfera familiar, com destaque para aqueles estabelecidos com filhos, cônjuge e pais ou a representação psíquica deles se já falecidos.

O adulto jovem em processo de transição para a terceira individuação é considerado, segundo Colarusso (1990), como intrapsiquicamente sozinho, cortado de seus apegos infantis, mas sem ter estabelecido uma relação de tamanha intensidade com um eventual substituto dos objetos infantis, como cônjuge e filhos. A partir do desenvolvimento ao longo da vida adulta, esse isolamento normal do adulto jovem que preenche o vazio da separação real ou intrapsíquica dos objetos infantis, se dirige para o estabelecimento de uma família, considerada por Colarusso (1990) como formada a partir da procriação. Com isso, na terceira individuação, aquele que se torna adulto usaria o seu corpo fisicamente maduro e sua ainda crescente capacidade para a intimidade para assumir o papel parental no processo de separação-individuação. Dessa forma, a parentalidade se constitui como questão central da terceira individuação.

Para Colarusso (1990), a gestação, tanto para os homens quanto para as mulheres estabelece uma nova dimensão da identidade sexual, já que mostra que o aparato biológico foi capaz de funcionar do modo a que foi projetado. A capacidade de criar uma nova vida é narcisicamente gratificante, principalmente para a mulher, o que lhe coloca em prontidão psicológica para atender o seu bebê. Interessado pelas relações iniciais mãe-bebê, Winnicott (1956/2000) mostrou a importância da etapa anterior ao nascimento, bem como dos meses

após o nascimento do bebê. Nesse período ocorreria um fenômeno especial que o autor chamou de “preocupação materna primária”. Esse conceito é definido como um estado psicológico que permite à mãe dedicar-se aos cuidados de seu bebê, que nesse momento, se encontra em dependência absoluta da figura materna. Para o autor, esse estado poderia ser considerado como uma doença caso não existisse a gravidez, já que se configura como um momento em que a mãe e o bebê se confundem. Tal estado ocorre no momento em que o bebê encontra-se nas fases de autismo normal e simbiose de Mahler et.al. (1977) já destacado. Segundo Winnicott (1956/2000) é necessário que a mãe tenha saúde suficiente para entrar nesse estado, bem como se recuperar dele à medida que o bebê se torna menos dependente.

Com isso, pode-se ressaltar que o desenvolvimento dos filhos, principalmente relativo ao processo de separação-individação descrito por Mahler et.al. (1977) e ressaltado anteriormente, traz implicações para a individuação dos próprios pais. Conforme Colarusso (1990) há uma ressignificação da relação que os novos pais estabeleciam e estabelecem com os seus próprios pais, bem como o retorno psíquico dos resquícios de seu processo de separação-individação infantil. Tais aspectos repercutem na relação dos pais com o seu bebê, já que, diferentemente da sua infância em que eles próprios eram os bebês frágeis que necessitavam dos cuidados de um adulto, agora os pais são os próprios adultos que tem a capacidade de cuidar de um frágil bebê. Esses aspectos permitem perceber que o processo de separação-individação mãe-bebê não se dá de forma simples, mas sim imerso a muita complexidade envolvendo não só o mundo psíquico do bebê, mas também os de sua mãe e pai.

Dessa forma, pode-se ressaltar que, ao longo do processo de desenvolvimento, as mães e filhos vão adquirindo capacidade para se separarem e individuem, de modo que separações físicas necessárias antes desses momentos impõem um desafio para as mães e seus bebês. Estudo realizado por Lopes, Alfaya, Machado e Piccinini (2005) investigou os sentimentos de 47 mães primíparas frente às primeiras situações de separação física de seus bebês. Uma entrevista foi realizada quando os bebês se encontravam com 3 meses de idade. Os resultados revelaram que 66% das mães destacaram sentimentos negativos frente às situações de separação, como preocupação, apreensão, ansiedade, saudade, dentre outros. Já 8% das mães mencionaram sentimentos positivos frente às separações, pois se sentiam tranquilas e seguras por os bebês terem sido cuidados por pessoas de confiança. Sentimentos ambíguos também se fizeram presentes em 4% das mães entrevistadas, sendo que elas

destacaram preocupações com relação ao bebê, mas também acreditavam que eles estavam bem sem elas. Os autores destacaram que tais aspectos permitem perceber que, aos três meses dos filhos, as mães se encontravam em estado vulnerável e dependente, de modo que não apresentavam condições que lhes permitissem separar-se tranquilamente de seus bebês.

No entanto, outro estudo realizado por Lopes et.al. (2007) com 28 mães cujos bebês se encontravam com 12 meses de idade investigou os sentimentos maternos em relação ao desenvolvimento dos filhos, principalmente relacionados às novas aquisições infantis. Os relatos mostraram que o comportamento mais ativo da criança foi percebido pelas mães como a possibilidade de os filhos tornarem-se mais independentes. No entanto, elas também ressaltaram que o desenvolvimento das habilidades motoras veio acompanhado de maior necessidade de atenção, presença e proximidade física com o bebê. Isso mostra um bebê que busca a sua independência em relação à mãe, mas que ainda necessita de constantes retornos à dependência, o que remete a um bebê em dependência relativa em relação à mãe, conforme Winnicott (1966/1988). Os resultados também mostraram que à medida que o bebê se desenvolvia em sua independência em relação à mãe, ela também desejava que o bebê ficasse mais livre, estimulando os movimentos de afastamento do bebê. Com isso, vê-se que de um estado de “preocupação materna primária”, em que a mãe atendia de maneira absoluta todas as necessidades de seu bebê ao estar identificada com ele, progride-se para o estabelecimento de falhas na provisão materna, no entanto na medida do suportável para o bebê, de acordo com seu nível de desenvolvimento (Winnicott 1966/1988).

O desenvolvimento posterior dos filhos, como na fase edípica, na adolescência, na vida adulta, também exercem importante influencia no processo de separação-individuação dos próprios pais, mas que não serão ressaltados aqui por não configurarem o foco do presente estudo. No entanto, isso remete aos vários momentos do desenvolvimento em que o processo de separação-individuação infantil é reeditado trazendo implicações psíquicas para os indivíduos envolvidos.

1.3. A ida à creche e o desenvolvimento infantil

O presente estudo investigou o processo de separação-individuação ao longo do primeiro ano de vida de bebês que frequentaram ou não a creche. Dessa forma, faz-se relevante trazer alguns aspectos relativos à creche e ao desenvolvimento infantil nesse contexto.

A cada ano cresce o número de crianças menores de um ano de idade inseridas no ambiente de creche devido, principalmente, à necessidade ou opção materna de manter-se no mercado de trabalho (Andenaes, 2011; Andersson, 2003; Belsky, 2003; Didonet, 2001; Howes, 2003; Rossetti-Ferreira, Amorim & Oliveira, 2009). A redução da rede de apoio familiar ocasionada pelo distanciamento familiar devido ao crescimento dos grandes centros urbanos coloca às famílias a necessidade de procurar alternativas não parentais para os cuidados dos filhos. Além disso, a crença de que a educação infantil auxilia na estimulação do desenvolvimento e na socialização da criança contribuem para a busca da creche como uma opção de cuidado dos bebês. No contexto brasileiro no ano de 2010 ocorreu um crescimento de 9% no número de matrículas quando comparado a 2009, equivalendo a 168.290 novas matrículas em creches (MEC/INEP, 2010). Esse índice de crescimento, quando comparado com o início dos anos 2000 ultrapassa 79%. Só para se ter uma ideia do que representa esse crescimento, no ano de 2010 foram efetivadas 2.064.653 matrículas em creches no Brasil, sendo a maior parte na rede municipal (65%) e privada (34%) e secundariamente na rede estadual (0,4%) e federal (0,1%) (MEC/INEP, 2010).

Tais índices de crescimento no número de matrículas em creches destacam a importância de se realizar pesquisas brasileiras que investiguem o impacto dos cuidados não maternos no desenvolvimento dos bebês. Isso adquire maior relevância quando se sabe que não há consenso no meio científico quanto às vantagens e desvantagens dos cuidados alternativos e quanto as suas consequências para o desenvolvimento infantil (Andenaes, 2011; Andersson, 2003; Belsky, 2003). Na verdade, pode-se afirmar que os estudos até então realizados não apresentam resultados claros, nem conclusivos e isso se deve em grande parte a complexidade de fatores envolvidos nesse tema, desde a idade do bebê, a qualidade da creche, o número de horas na creche, as demandas familiares sem falar nos aspectos subjetivos dos bebês, pais e educadoras. Da mesma forma, as pesquisas utilizam de diferentes aspectos metodológicos, seja em estudos qualitativos ou quantitativos, o que dificulta o cotejamento dos resultados.

Andenaes (2011) mencionou que os estudos psicológicos tem se incluído no cenário da creche através de duas vertentes. A primeira tem sido através de estudos empíricos, que investigam o impacto da experiência de creche no desenvolvimento da criança, principalmente no desenvolvimento cognitivo e linguístico, buscando avaliar o posterior sucesso ou fracasso das crianças no ambiente escolar. A segunda vertente destaca os aspectos

emocionais relativos aos cuidados não maternos, investigando o estabelecimento do apego mãe-bebê quando a inserção em creche ocorre em idade precoce (antes do primeiro ano de vida da criança).

Nessa mesma direção, a revisão da literatura de McCartney (2004) destacou quatro questionamentos principais que tem embasado as pesquisas sobre cuidados alternativos. O primeiro diz respeito aos efeitos de cuidados não parentais prolongados ao longo do primeiro ano de vida na relação de apego mãe-bebê. O que as pesquisas têm revelado, segundo o autor, é que há associação significativa entre apego seguro e sensibilidade materna, não havendo associação entre apego seguro com outros cinco parâmetros avaliados como idade da criança ao ser inserida em um cuidado alternativo, a continuidade do cuidado, o tipo de cuidado alternativo recebido, a qualidade e a quantidade de cuidado alternativo. O segundo questionamento refere-se ao impacto da qualidade do ambiente de cuidado não parental para o desenvolvimento infantil. Essas pesquisas têm mostrado esse fator como relevante já que, de maneira geral, crianças que vivenciam cuidados não parentais de alta qualidade apresentam melhores escores nos testes de desempenho e de linguagem, além de apresentarem menos problemas de comportamento e mais habilidades sociais. O terceiro questionamento diz respeito ao número de horas que os bebês e crianças pequenas passam em um cuidado não parental considerando tal fator como de risco para o desenvolvimento de problemas de comportamento, principalmente agressividade. Segundo o autor, essas pesquisas apresentam resultados variáveis quanto a essa temática, algumas destacando que as crianças que experienciam cuidados não parentais durante várias horas diárias apresentam mais comportamentos externalizantes na idade escolar, já outras pesquisas destacam que esses comportamentos não foram identificados. E por fim, o quarto questionamento mais presente nas pesquisas, se refere aos efeitos do tipo de cuidado alternativo recebido. Esses estudos apontam que há vantagens e desvantagens referentes aos cuidados não parentais mais formais, como a creche. Há evidências de que esse tipo de cuidado envolve riscos para a saúde das crianças, principalmente no que diz respeito a doenças contagiosas. No entanto, em termos cognitivos, os arranjos mais formais implicam em habilidades de preparação das crianças para a vida escolar. McCartney (2004) ainda ressaltou que, na maior parte dos estudos, as variáveis familiares são as apresentadas como melhores preditores do desenvolvimento da criança, e não as características do cuidado não parental recebido.

Quanto às pesquisas relacionadas aos aspectos emocionais dos cuidados não parentais pode-se destacar que alguns pesquisadores (Andersson, 2003; Belsky, 2003; Owen, 2004) apontam como fatores de risco para o desenvolvimento de apego inseguro mãe-bebê o excesso de horas (mais de 10 horas semanais) em que a criança permanece em um cuidado não materno no primeiro ano de vida, ou a criança ser exposta a mais de uma situação de cuidado alternativo, ou a pouca qualidade do cuidado alternativo associado a uma baixa sensibilidade materna. No entanto, o que se apresentou como mais relevante foi à associação de várias horas sob um cuidado alternativo e a pouca sensibilidade emocional materna (Belsky, 2003). Nesse sentido, seria a qualidade das interações mãe-bebê, e não a experiência de cuidado não parental, que determinaria a estruturação do apego entre mãe e bebê (Owen, 2004). Pode-se pensar que tal situação se mostrou relevante pelo fato de, no primeiro ano de vida, a criança estar vivenciando o processo de separação-indivuação e ser necessária a disponibilidade emocional da mãe (Mahler et.al., 1977) e o sentimento de confiança básica do bebê em relação à mesma (Erikson, 1972). Para enfrentar uma situação de cuidado alternativo em um momento de fragilidade psíquica frente às separações é necessário que um elo de confiança se estabeleça, permitindo à criança manter um vínculo com a figura materna mesmo estando distante dela durante várias horas diárias.

Entretanto, Belsky (2003) também destacou que, embora não seja uma diferença significativa, é possível verificar que a interação mãe-bebê entre os 6 e 36 meses da criança apresenta-se levemente menos harmoniosa quando esta é exposta a maior parte do tempo a um cuidado alternativo. Tais idades vão ao encontro da faixa etária estudada no processo de separação-indivuação, quando a criança passa pelas quatro subfases características do processo, desenvolvendo ao final constância de objeto emocional materno, o que lhe permite separar-se da mãe sem maiores sofrimentos, por agora entender que ela estará, mesmo que distante disponível às suas necessidades (Mahler, et.al., 1977). Nesse sentido, Andenaes (2011) mencionou que há certo consenso entre os pesquisadores de que o cuidado alternativo deveria ser oferecido somente quando a criança já tivesse atingido 3 anos de idade. Contudo, para Haavind (2011), tal entendimento produz, no imaginário social, a crença em um bebê idealizado, caracterizado como aquele que sempre terá a mãe por perto para protegê-lo das situações que venham a acontecer fora da relação diádica. A creche coloca fim a esse imaginário, já que, inevitavelmente, a criança terá de se adaptar as longas separações maternas e a mais de um cuidador regular durante todo o tempo de permanência na instituição

(Haavind, 2011). O cenário da creche representa, assim, uma mudança de referenciais no que diz respeito ao cuidado de bebês e crianças pequenas, fazendo com que a criança saia do cuidado exclusivo da mãe e passe a receber a atenção das educadoras. Pode-se destacar que, para muitos bebês, a inserção na creche representa a primeira experiência de cuidado não materno regular (Santos & Moura, 2002) necessitando, como em qualquer cuidado alternativo, de um período de adaptação (Piccinini & Rapoport, 2004), que para muitos bebês e mães pode ser bastante complexo.

Ao abordar o impacto da creche no desenvolvimento infantil, alguns pesquisadores (Andresson, 2003; Belsky, 2003; Owen, 2004) tem sido cautelosos ao afirmar que o desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças parecem ser favorecidos por um cuidado alternativo desde que de boa qualidade. Já quanto ao desenvolvimento emocional os mesmos autores não têm revelado efeitos significativos quando se comparam crianças incluídas em cuidado não parental e crianças cuidadas pela mãe (Andresson, 2003; Belsky, 2003; Owen, 2004). Tais efeitos seriam, na verdade, bastante reduzidos quando cotejados a fatores como renda familiar, escolaridade materna, sensibilidade materna, dentre outros. Apesar disso, tais efeitos modestos são apresentados como importantes por afetarem a relação harmoniosa entre a mãe e o bebê (Belsky, 2003). Pesquisa realizada por Lordelo, Chalhub, Guirra e Carvalho (2007) com crianças que frequentavam e não frequentavam a creche teve por objetivo explorar possíveis associações entre condições ambientais (como escolaridade materna, renda familiar e frequência à creche) e o desenvolvimento cognitivo da criança avaliado por testes padronizados e por respostas maternas. Constatou-se a pouca contribuição da creche para o desenvolvimento cognitivo dos bebês na faixa etária anterior aos 3 anos. O desenvolvimento cognitivo das crianças nos dois grupos não apresentou diferenças estatisticamente significativas, embora as que frequentavam a creche apresentaram desempenho um pouco acima das que não frequentavam a instituição. No entanto, as autoras também reforçaram o aspecto já destacado de que a relação entre desenvolvimento cognitivo e experiência de creche tem sido encontrada quando a creche é de boa qualidade. Referente à escolaridade materna pode-se perceber uma suave melhoria no desenvolvimento conforme aumenta a escolaridade da mãe. Já a renda familiar mostrou-se associada ao desenvolvimento cognitivo. Achado adicional da pesquisa referiu-se ao desenvolvimento emocional dos bebês e revelou resultados mais favoráveis para os bebês que não frequentavam a creche. Os resultados apontaram uma relação mãe-bebê insegura nas crianças que começaram a frequentar a creche

antes dos 3 anos de idade. No entanto, essas diferenças desapareceram em crianças maiores de 3 anos surgindo características que favoreciam as crianças que frequentavam a creche, como a interação com os pares, o que lhes permitiu o desenvolvimento de competência social. O que as autoras concluíram foi que o desenvolvimento cognitivo está relacionado com a renda familiar e, posteriormente, com a escolaridade da mãe e a faixa etária da criança. No que diz respeito à experiência de creche não foram encontradas evidências de impacto significativo. Apesar dos resultados, as autoras ressaltaram que se deve sempre considerar que a experiência de creche pode ser significativa em produzir resultados desenvolvimentais diferenciados em um contexto e em um tipo de família, da mesma forma que pode ser inócua ou gerar resultados opostos em outro contexto.

O fato de a creche lidar com bebês e crianças pequenas acabou abrindo um espaço para a aplicação da teoria psicanalítica nessa instituição, levando a questionamentos sobre aspectos relacionados ao cuidar, educar, dentre outros. Nesse sentido, coloca-se em cena a importância do papel das educadoras junto aos bebês, principalmente frente a sua constituição psíquica (Dias, 2010). Algumas pesquisas realizadas com observações no ambiente de creche, buscando os fatores subjetivos das educadoras em relação aos bebês têm mostrado resultados, em alguns casos, alarmantes. No estudo de Dias (2010) em uma creche filantrópica, a proporção adulto-criança era de oito bebês para cada educadora, sendo que permanecia na sala somente uma educadora por turno. Observou-se, também, a não flexibilidade da creche quanto aos horários das alimentações, sendo que as educadoras insistiam para que as crianças comessem todo o alimento, pois não poderiam sentir fome antes do próximo horário de refeição. Para a autora, esse fator coloca em risco a formação de um sujeito de desejo, já que não se leva em conta as diferenças subjetivas de cada bebê de modo que tudo acaba por seguir os horários da instituição, e não os desejos das crianças.

Seguindo esse aspecto, Pantalena (2010) realizou um estudo para investigar se as demandas dos bebês e crianças pequenas eram consideradas no momento da adaptação dos mesmos à creche. Os dados foram coletados em uma creche através de entrevistas e questionários com pais e educadoras, bem como por observações, fotos, filmagens e a leitura do Projeto Político Pedagógico da instituição. O que a autora concluiu foi que durante o período de adaptação as educadoras não conseguiam acolher as crianças adequadamente nem considerar os seus sentimentos, não lhes respondendo por meio de uma ação que trouxesse significado para os bebês. Constatou-se também que as brincadeiras não eram utilizadas como

forma de se estabelecer uma interação com a criança, bem como não se constituía uma relação triádica entre mãe-bebê-educadora, não havendo a inserção dos pais nesse período de adaptação.

Com preocupação semelhante, um estudo anterior aos citados realizado por Flach (2006) em duas creches através de observações de bebês de turmas de berçário (4 a 18 meses) focou na constituição psíquica dos bebês a partir de quatro eixos específicos: suposição de um sujeito, estabelecimento da demanda, alternância entre presença e ausência e alteridade. A partir de uma perspectiva psicanalítica freudo-laciana tal estudo encontrou resultados preocupantes, principalmente, em uma das creches. Para a autora, em uma das creches pesquisadas, os bebês encontravam-se em desamparo psíquico, já que embora estivessem sendo cuidados, alimentados e protegidos não estavam recebendo o investimento necessário por parte das educadoras. Como exemplo a autora citou o fato de as crianças serem deixadas chorando até cansarem; a antecipação da satisfação da fome, da troca de fraldas, do sono, sem considerar os desejos dos bebês; o não estabelecimento de atividades individualizadas mesmo nos dias em que só havia duas crianças na sala. A explicação dada pelas educadoras é que não poderiam acostumar mal as crianças. Na outra creche investigada pela autora, encontraram-se características opostas, já que as crianças encontravam-se para além de bem cuidadas, investidas psiquicamente e estimuladas em seu desenvolvimento.

Frente a essas realidades apresentadas em que nem todas as instituições têm conseguido investir no desenvolvimento infantil para além dos aspectos do cuidado físico, pode-se pensar que uma intervenção na creche traria benefícios para as educadoras e bebês, já que não cabe um juízo de valor quanto à instituição creche, e sim melhorias no seu atendimento. Para complementar tais colocações pode-se citar Carvalho (2002) ao destacar que a questão que se coloca não é mais a de se os bebês devem ou não ser inseridos na creche. O fato é que eles estão sendo inseridos nessa instituição e continuarão sendo. Tal fato coloca a emergência de se pensar nas características necessárias ao ambiente de creche para que ele seja um espaço de desenvolvimento e formação psíquica para os bebês e crianças pequenas. É nesse sentido que, para Howes (2003) abordar o impacto dos cuidados alternativos no desenvolvimento infantil envolve investigar a qualidade dos cuidados oferecidos, seja ele em ambiente doméstico ou de creche. Para essa autora, qualidade no cuidado se refere à capacidade em oferecer relações afetuosas, ambiente estimulante e condições de saúde e segurança. Com isso, ser inserido em um cuidado não parental nos primeiros anos de vida não

está necessariamente associado a um prejuízo no desenvolvimento, desde que esse cuidado alternativo tenha a capacidade de atender suficientemente bem as necessidades das crianças (Howes, 2003; McCartney, 2004).

Nesse sentido, encontram-se na literatura alguns estudos que se voltam para entender as qualidades necessárias em uma creche para atender os bebês e crianças pequenas. Por exemplo, a Secretaria de Educação Básica (MEC/SEB, 2009) destacou que a qualidade das creches e outras instituições de educação infantil depende de múltiplos fatores, entre eles os valores e crenças de cada pessoa, questões culturais das comunidades, os conhecimentos científicos disponíveis referentes à aprendizagem e desenvolvimento dos bebês e crianças, o contexto geral em que a instituição se insere, principalmente nos seus aspectos social, econômico e histórico, a forma como são definidos socialmente os direitos das mulheres, bem como as responsabilidades sociais e coletivas referentes à educação infantil. Dessa forma, fica destacado que a qualidade da creche é concebida a partir do momento histórico, cultural e local em que a mesma se encontra. Para Haavind (2011) a principal recomendação diz respeito ao aumento no número de cuidadores, possibilitando uma melhor vinculação entre adulto e criança, bem como o estabelecimento de uma rotina mais individualizada respeitando o ritmo próprio de cada bebê. Isso remete a Mahler (1982) que destacou que as mães normais identificam a maneira como os(as) filhos(as) expressam suas necessidades e reagem a isso de acordo com o desejo do bebê. Pode-se colocar isso como uma importante característica também para as cuidadoras, no intuito de complementar o cuidado, atenção e investimento subjetivo dispensado pela família. Conforme a recomendação acima é possível perceber que é justamente essa característica materna suficientemente boa (Winnicott, 1966/1988) que seria necessária no contexto da creche. Nesse sentido, Bernardino & Kamers (2003) destacaram que a baixa proporção entre adultos e crianças na creche poderia trazer problemas para a constituição psíquica dos bebês. Para as autoras tanto os bebês que frequentam a creche como os que permanecem sendo cuidados por suas mães precisam receber da cuidadora ou da figura materna o investimento necessário para um desenvolvimento psicológico saudável. No entanto, não há, por parte das cuidadoras da creche, a possibilidade de considerar as singularidades de cada bebê, de modo que a alimentação, por exemplo, é realizada nos horários estipulados pela instituição, e não quando a criança chora demandando alimento. Tal fato também foi observado em pesquisas já destacadas anteriormente como as de Flach (2006) e Dias (2010). Bernardino e Kamers (2003) igualmente ressaltaram que as crianças que

permaneciam com suas mães apresentavam mais episódios de choro ao longo do dia quando comparado às crianças que frequentavam a creche. Para as autoras, chorar implica em demandar a presença materna para aliviar o desconforto. Nas crianças em creche não haveria a possibilidade de ter sempre alguém disponível para essa função, de modo que chorar não implicava, necessariamente, em ser atendido. O choro também foi destacado na pesquisa de Flach (2006), já ressaltada anteriormente, em que as crianças, por não serem atendidas em suas demandas, acabavam deixando de chorar. Nesse sentido, a experiência de creche poderia afetar a constituição psíquica dos bebês. No entanto, também é possível ter experiências satisfatórias quando se passa a pensar no que é necessário para os bebês e levando-se em conta as recomendações que os estudiosos da área têm formulado para anular os riscos e colocar benefícios ao desenvolvimento infantil.

1.4. Justificativa e objetivo do estudo

A relação mãe-bebê é um tema extensamente estudado particularmente por autores psicanalíticos (Bowlby, 1989; Erikson, 1972; Mahler et.al., 1977; Winnicott, 1945/2000; 1956/2000; 1988). Em particular, o processo de separação-indivuação, enfatizado por Mahler et. al. (1977) destaca a importância dessas relações iniciais para o estabelecimento de relações objetais. Contudo, não foram encontrados estudos envolvendo o processo de separação-indivuação mãe-bebê e o contexto de frequência à creche nas bases de dados examinadas (IndexPsi, Scielo, PsychInfo, Bireme, Lilacs). A maior parte dos estudos localizados destaca temas mais gerais envolvendo a família e a creche (Bhering & De Nez, 2002; Carvalho, 2005; Maranhão & Sarti, 2007; 2008) bem como relativo às interações dos bebês entre si (Anjos, Amorim, Vasconcelos & Rossetti-Ferreira, 2004; Lordelo & Carvalho, 1998; Schmitt, 2008; Sestini, 2008) e dos mesmos com as educadoras (Amorim, Vitória & Rossetti-Ferreira, 2000; Bressani, 2006; Dias, 2010; Flach, 2006; Lordelo & Carvalho, 1998; Mariotto, 2009; Schmitt, 2008). Além disso, as pesquisas tendem a destacar o desenvolvimento geral do bebê que frequenta a creche, focando nos aspectos cognitivos (Albers, Riksen-Walraven & Weerth, 2010; Lordelo, et.al., 2007; Murta, Lessa, Santos, Murta & Cambraia, 2011; NICHD, 2000;), motor (Baltieri et.al., 2010; Murta, et.al., 2011; Rezende, Beteli & Santos, 2005), social (Murta, et.al., 2011) e de desenvolvimento da linguagem (Beteli, 2006; Majorano, Cigala & Corsano, 2009; Murta, et.al., 2011; NICHD, 2000; Ramos, 2010). Um número menor de estudos aborda mais especificamente a interação mãe-bebê e o

contexto de frequência à creche (Santos & Moura, 2002), e os que o fazem destacam, na sua maioria, a teoria do apego (Belsky, 2003; 2009; Owen, 2004), temática que está relacionada ao processo de separação-individuação (Blum, 2004). Conforme Lyons-Ruth (1991) o que diferencia as duas teorias diz respeito ao fato de que a teoria do apego destaca as condições de experiência real do bebê com a mãe desconsiderando a teoria da pulsão libidinal freudiana. Já a teoria do processo de separação-individuação considera que o desenvolvimento infantil segue a concepção freudiana da teoria da libido, colocando que a criança catexiza o mundo externo ao longo do seu processo de desenvolvimento (Lyons-Ruth, 1991). Para Blum (2004) as duas teorias se relacionam pelo fato de o apego ser necessário, embora não suficiente, para a conquista da individuação por parte da criança. Nos estudos sobre apego encontram-se algumas diferenças entre ir ou não ir à creche. Destaca-se que a relação mãe-bebê é menos harmoniosa quando a criança é inserida na creche nos primeiros anos de vida (Belsky, 2003), desenvolvendo uma relação de apego inseguro com a figura materna (Lordelo, et.al., 2007).

Assim sendo, o objetivo deste estudo foi investigar eventuais diferenças no processo de separação-individuação mãe-bebê ao longo do primeiro ano de vida de bebês que frequentaram ou não a creche. Em particular buscou-se investigar, a partir do relato materno, os sentimentos e reações das mães e bebês relacionados ao processo de separação-individuação. Embora não foram encontrados estudos que investigaram o processo de separação-individuação e a ida à creche é plausível pensar que esse processo ocorre normalmente na presença e com a disponibilidade emocional materna (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977) e que a ida à creche poderia trazer algumas particularidades no processo de separação-individuação mãe-bebê. Pelo fato de os bebês que frequentaram a creche não terem um cuidador exclusivo para atender suas demandas, bem como por vivenciarem uma rotina de separações do cuidador primário (mãe) antes de terem desenvolvido mecanismos psíquicos internos que lhes permitissem sustentar a percepção da separação em relação à mãe, pode-se pensar que essa etapa do desenvolvimento poderia ser vivenciada pelos bebês com ansiedade, quando comparados com os bebês que ficaram prioritariamente sob os cuidados maternos.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1. Participantes

Participaram do estudo três díades mãe-bebê cujos bebês frequentaram a creche em período integral (entre 8h30min e 10h diárias) e três díades mãe-bebê cujos bebês não frequentaram a creche e que ficaram, prioritariamente, sob os cuidados maternos. Com relação a estas últimas, as mães se ausentavam por, no máximo, quatro horas diárias para trabalhar ou estudar. No entanto, elas se consideravam as principais cuidadoras dos filhos por dedicarem a maior parte do tempo a eles. Todas as mães eram primíparas, tinham idades entre 26 e 41 anos e residiam com o pai do bebê. As mães tinham nível socioeconômico médio e escolaridade que variou de ensino superior incompleto à pós-graduação. No que diz respeito aos bebês, eles estavam com aproximadamente 6 meses de idade no início do estudo, o que correspondia à primeira subfase do processo de separação-indivuação (Mahler, 1982; Mahler et.al., 1977). Também correspondia à idade de entrada dos bebês na creche, para os três casos em que os bebês frequentaram a creche no primeiro ano de vida. Ressalta-se que o número de participantes foi escolhido buscando a investigação aprofundada de cada caso sem estar interessado na saturação dos dados (Stake, 1994). A Tabela 1 apresenta alguns dados sociodemográficos dos participantes.

Tabela 1: Dados sociodemográficos

Mãe e bebê	Idade do bebê	Frequentou a creche	Idade da mãe	Escolaridade	Ocupação	Casada (tempo)
Martha e Vinícius	5m e 21d*	Sim	38	Pós-graduação	Técnica em assuntos educacionais	7 anos
Lygia e Érico	6m e 8d	Sim	29	Pós-graduação	Bibliotecária	5 anos
Ruth e Clarice	6m e 4d	Sim	28	Pós-graduação	Assistente administrativa	5 anos
Maria Clara e Cecília	6m e 2d	Não	26	Superior incompleto	Dona de casa	1 ano
Lya e Fabrício	5m	Não	40	Pós-graduação	Médica	6 anos
Adélia e Caio	5m e 13d	Não	41	Pós-graduação	Médica	6 meses

*m = meses; d = dias

As díades participantes foram selecionadas entre as integrantes do projeto longitudinal intitulado *“O impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil:*

estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança - CRESCI” (Piccinini, Becker, Martins, Lopes & Sperb, 2010). O projeto tem como objetivo geral investigar o impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de bebês do primeiro ao segundo ano de vida. Mais especificamente, busca-se comparar bebês que frequentam creches que atendem funcionários públicos (Hospital de Clínicas de Porto Alegre e Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e bebês que não frequentam a creche, recrutados no Setor de Pessoal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, bem como por meio da mídia através de jornal local e por indicações de outros participantes do projeto CRESCI, procurando relacionar a qualidade dos ambientes institucional e familiar ao desenvolvimento infantil. Para isso, o projeto CRESCI conta com três fases de coleta de dados: Fase I, aos 6 meses dos bebês; Fase II, aos 12 meses; e, Fase III, aos 18 meses. O projeto iniciou com 77 famílias na Fase I (29 bebês frequentaram e 48 não frequentaram creches), passando a 71 famílias na Fase II (29 bebês frequentaram e 42 não frequentaram creches) e 66 famílias na Fase III (24 bebês frequentaram e 42 não frequentaram creches).

Para fins do presente estudo foram selecionadas as primeiras seis díades mãe-bebê que atendiam aos critérios estabelecidos acima, excluindo-se mães adolescentes, solteiras ou divorciadas do pai do bebê e que tivessem outros filhos. Além disso, todas as participantes do presente estudo deveriam ter sido entrevistadas pela autora da dissertação.

2.2. Delineamento e procedimento

Utilizou-se o delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), de caráter longitudinal, objetivando compreender às eventuais diferenças no processo de separação-individuação em mães e bebês que frequentaram ou não a creche. Além de buscar compreender cada caso, foram destacadas as particularidades e singularidades relativas ao processo de separação-individuação, nos casos estudados.

Para Stake (1994) o estudo de caso coletivo se caracteriza por ser o estudo de vários casos conjuntamente, visando compreender o fenômeno objeto de estudo. Ele define, mais precisamente, como um “estudo instrumental” (que investiga um caso para compreender um problema ou teoria), no entanto, estendido a vários casos. Esses casos podem ser parecidos ou não, já que o que se busca é tanto a semelhança, quanto a variedade.

Quanto aos procedimentos, destaca-se que as díades mãe-bebê cujos bebês frequentaram a creche foram recrutadas na creche destinada a filhos de funcionários federais. Já duas díades mãe-bebê cujos bebês não frequentaram a creche foram recrutadas a partir de divulgação do projeto CRESCI em jornal local e uma díade através de indicação de outra participante.

O presente estudo seguiu as mesmas fases de coleta de dados do projeto CRESCI, que são semelhantes para ambos os grupos, creche e não creche. Para fins deste trabalho, foram consideradas as coletas de dados da Fase I, que ocorreu aos 6 meses de idade dos bebês e para os casos creche correspondeu à idade de entrada dos bebês na instituição; e da Fase II que ocorreu aos 12 meses de idade dos bebês. Embora em cada fase de coleta de dados tenham sido utilizados vários instrumentos, que estão detalhados em Piccinini et.al. (2010), serão detalhados aqui apenas os instrumentos que foram utilizados no presente estudo.

As mães foram contatadas via telefone e/ou e-mail e com as interessadas em participar da pesquisa e que se enquadraram nos critérios de inclusão do estudo foi agendado um primeiro encontro para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa e a assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* por parte da mãe. No projeto CRESCI há um termo de consentimento específico para cada grupo de participantes: mães de bebês que não frequentam a creche (NUDIF/CRESCI, 2011a; cópia no anexo A); e mães de bebês que frequentam a creche (NUDIF/CRESCI, 2011b; cópia no anexo B). No primeiro encontro da Fase I as mães também responderam a *Ficha de Dados Demográficos da Família* (NUDIF/UFRGS, 2011c). Após isso, foi realizado um segundo encontro para que elas respondessem a *Entrevista sobre a experiência da maternidade – 6º mês* (NUDIF/CRESCI, 2011d) e a *Entrevista sobre momentos de separações mãe-bebê – 6º mês* (NUDIF/CRESCI, 2011e). Para as mães cujos bebês frequentaram a creche, ainda foi realizada a *Entrevista sobre a adaptação do bebê à creche – versão mãe* (NUDIF/CRESCI, 2011f), aproximadamente, um mês após a entrada do bebê na creche. Na Fase II, as mães responderam entrevistas semelhantes, no entanto adaptadas ao 12º mês do bebê, sendo *Entrevista sobre a experiência da maternidade – 12º mês* (NUDIF/CRESCI, 2011g) e *Entrevista sobre momentos de separações mãe-bebê – 12º mês* (NUDIF/CRESCI, 2011h).

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente e em local de preferência das mães. Dessa forma, o local das entrevistas variou ao longo das fases e entre as participantes, mas se concentraram nas dependências do Instituto de Psicologia, na casa das participantes,

no trabalho das participantes e/ou na creche, em sala emprestada para a coleta de dados. Todas as entrevistas foram gravadas digitalmente em áudio e, posteriormente, transcritas.

2.3. Caracterização da creche

A creche que três bebês participantes deste estudo frequentaram, tem como público alvo crianças de zero a seis anos, dependentes legais de servidores com cargo público federal. A seleção ocorre mediante avaliação socioeconômica e entrevista, conforme edital publicado, onde constam as vagas para cada turma. A creche funciona de segunda a sexta-feira das 7h30min às 18h30min, podendo as famílias optar por turno integral ou parcial.

A instituição conta com direção, vice-direção e cinco setores: setor administrativo (recepção e secretaria), setor de pedagogia (coordenação pedagógica, educadores, educação física e ludoteca), setor de saúde (enfermagem, higienização e lavanderia), setor de nutrição (cozinha e lactário) e setor de psicologia. Nesses setores há duas psicólogas, uma nutricionista, uma técnica em nutrição, duas coordenadoras pedagógicas, uma enfermeira, duas técnicas em enfermagem, professores (número maior de professores do que exigido por lei para cada faixa etária), duas estagiárias de psicologia e estagiários de pedagogia.

Quanto ao aspecto físico, a creche possui: três pátios externos, sendo dois com pracinha e um com minicancha poliesportiva, oito salas de aula, dois banheiros infantis, ludoteca, secretaria, recepção, sala da direção, sala da coordenação pedagógica/psicologia, sala de atividades múltiplas, refeitório, cozinha, lactário, setor de nutrição, lavanderia, vestiário e sala de amamentação. Todas as instalações obedecem à legislação específica, tanto quanto ao tamanho (medidas), quanto às questões de iluminação e ventilação.

As turmas são organizadas de acordo com a faixa etária da criança, tendo, em 2011, uma turma de Berçário (até 11 meses de idade e incluía os participantes deste estudo), duas turmas de Maternalzinho (1 a 2 anos), uma de Maternal 1 (2 a 3 anos), duas de Maternal 2 (3 a 4 anos), uma turma de Jardim A (4 a 5 anos) e uma de Jardim B (5 a 6 anos), totalizando 133 alunos. Em todas as turmas, o número de educadores que atuavam com as crianças excedia ao preconizado em lei, ou seja: de zero a dois anos – quatro crianças por adulto (a lei¹ prevê de seis a oito crianças); três anos – seis crianças por adulto (a lei prevê até 15 crianças); quatro anos – oito crianças por adulto (a lei prevê até 20 crianças); cinco a seis anos – nove crianças por adulto (a lei prevê até 20 crianças).

¹ Conforme os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (Brasil, 2006)

2.4. Instrumentos e materiais

Destacam-se a seguir apenas os instrumentos de cada fase de coleta e cujos dados foram considerados para o presente estudo. Detalhes dos outros instrumentos encontram-se em Piccinini et al. (2010)².

Fase I (6º. mês de vida do bebê):

- **Ficha de dados demográficos da família** (NUDIF/CRESCI, 2011c): trata-se de uma ficha estruturada que foi aplicada a todas as participantes (casos creche e não creche). É composta por questões sobre dados demográficos da mãe e do pai do bebê tais como idade, escolaridade, dentre outros. Dados sobre o bebê também foram solicitados, tais como idade gestacional ao nascimento e peso ao nascer. Cópia no Anexo C.

- **Entrevista sobre a experiência da maternidade - 6º. mês** (NUDIF/CRESCI, 2011d): trata-se de uma entrevista estruturada que foi aplicada a todas as participantes (casos creche e não creche). É composta por sete blocos que abordam sobre aspectos gerais da gestação e da maternidade. Para este estudo foram considerados apenas os blocos que versam sobre a experiência da maternidade e sobre a decisão de colocar (ou não) o bebê na creche. Algumas questões norteadoras dessa entrevista são: *Tu imaginavas que ser mãe seria assim? Como tu estás te sentindo como mãe? Porque vocês escolheram colocar (ou não) o(a) ___ na creche?* Cópia no Anexo D.

- **Entrevista sobre momentos de separações mãe-bebê – 6º. mês** (NUDIF/CRESCI, 2011e): Trata-se de uma entrevista estruturada, que foi aplicada a todas as participantes (casos creche e não creche). É composta por cinco blocos que abordam as experiências de separações entre a mãe e o bebê aos 6 meses de vida da criança. Algumas questões norteadoras dessa entrevista são: *Como é para ti deixá-lo(a) com outras pessoas? Como o(a) ___ reage nesses momentos de separações? Como você se sente e reage?* Cópia no Anexo E.

² No projeto CRESCI, durante a Fase I também foram utilizados os seguintes instrumentos: Ficha de Contato Inicial (NUDIF/CRESCI, 2011i); Questionário sobre Redes de Apoio Social e Escala de Apoio Social (NUDIF/CRESCI, 2008); e, Questionário sobre o Desenvolvimento do Bebê - 6º. mês (NUDIF/CRESCI, 2011j). Além disso, foi realizada a Avaliação do Desenvolvimento do Bebê pela Escala Bayley III (Bayley, 2006) e a Observação da Interação mãe-bebê (NUDIF/CRESCI, 2011k). Na Fase II também foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário sobre o Desenvolvimento do Bebê - 12º. mês (NUDIF/CRESCI, 2011l); Avaliação do Desenvolvimento do Bebê pela Escala Bayley III (Bayley, 2006) e a Observação da Interação mãe-bebê (NUDIF/CRESCI, 2011k).

- **Entrevista sobre a adaptação do bebê à creche – versão mãe** (NUDIF/CRESCI, 2011f): Trata-se de uma entrevista estruturada que foi aplicada somente para as mães de bebês que frequentaram a creche. É composta por cinco blocos que investigam o processo de adaptação do bebê à creche e seus efeitos no bebê e na família. Algumas questões norteadoras dessa entrevista são: *Como foram os primeiros dias do(a) ____ na creche? Como está a adaptação à creche? Como ele(a) tem interagido contigo depois que entrou na creche?* Cópia no Anexo F.

Fase II (12º. mês de vida do bebê):

- **Entrevista sobre a experiência da maternidade – 12º. mês** (NUDIF/CRESCI, 2011g): Trata-se de uma entrevista estruturada, semelhante à Entrevista sobre a experiência da maternidade – 6º. mês, aplicada a todas as participantes (casos creche e não creche). É composta por seis blocos que abordam aspectos gerais da maternidade e práticas educativas parentais. Para este estudo foram considerados apenas os blocos que versam sobre a experiência da maternidade e sobre as pessoas que ajudam nos cuidados do bebê. Algumas questões norteadoras dessa entrevista são: *Como tu estás te sentindo como mãe nesse momento? Tu estás tendo alguma dificuldade? Como você se sente com outras pessoas cuidando do(a) teu(tua) filho(a)?* Cópia no Anexo G.

- **Entrevista sobre momentos de separações mãe-bebê – 12º. mês** (NUDIF/CRESCI, 2011h): Trata-se de uma entrevista estruturada, semelhante à Entrevista sobre os momentos de separações mãe-bebê – 6º mês, aplicada a todas as participantes (casos creche e não creche). É composta por quatro blocos que abordam sobre as experiências de separações entre a mãe e o bebê aos 12 meses de vida da criança. Algumas questões norteadoras dessa entrevista são: *Como o(a) ____ reage nos momentos de separações entre ti e ele(a)? Tu sabes como ele(a) se comporta na tua ausência? Ele(a) demonstra prazer nas atividades que realiza de forma independente?* Cópia no Anexo H.

2.5. Considerações éticas

A presente pesquisa integra o projeto CRESCI que foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Proc. N° 2010070, cópia no Anexo I) e pelo Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Proc. N° 100553, cópia no Anexo J). O projeto segue as diretrizes e normas éticas da resolução 196/96 do

Conselho Nacional de Saúde, bem como da resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Todos os participantes foram informados dos objetivos, da justificativa e do procedimento de coleta de dados, podendo, assim, decidir de maneira autônoma sobre sua participação na pesquisa. As mães também foram informadas de que poderiam desistir de participar do estudo a qualquer momento sem que isso trouxesse prejuízo a ela e a seu filho(a).

Esta pesquisa se configura como sendo de risco mínimo, pois não submeteu os participantes a riscos maiores do que os vivenciados em suas atividades cotidianas. No entanto, como foram abordadas questões referentes à maternidade e a relação mãe-bebê, caso as participantes sentissem algum desconforto, seriam encaminhadas à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Foi garantida a privacidade e a confidencialidade dos dados, sendo que o material obtido a partir das entrevistas foi identificado por um código e devidamente arquivado na Sala 111 do Instituto de Psicologia da UFRGS.

2.6. Análise dos dados

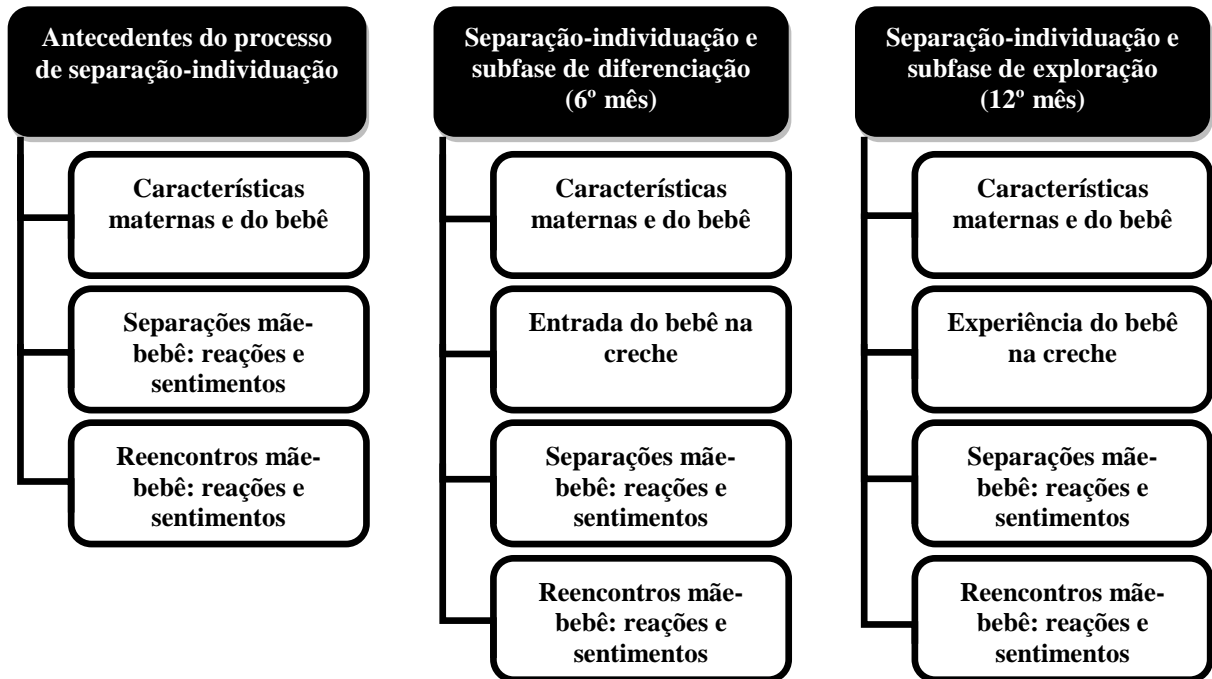
Foi realizada análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999) para examinar eventuais diferenças no processo de separação-indivuação mãe-bebê ao longo do primeiro ano de vida de bebês que frequentaram ou não a creche.

Para Laville & Dionne (1999), o princípio da análise de conteúdo se baseia em explorar o material a ser analisado, de modo que seja possível extrair algum significado. Nesse sentido, a análise de conteúdo não é um método rígido, com etapas bem definidas que devam ser seguidas rigorosamente. Com base nesses autores procedeu-se da seguinte forma: 1) Foi realizada a conferência da transcrição, comparando-a com o áudio da entrevista corrigindo, dessa forma, possíveis distorções no material transcrito; 2) As entrevistas foram lidas exaustivamente e junto com a literatura, estabeleceu-se uma estrutura de categorias e subcategorias; e, 3) As entrevistas foram novamente lidas para demarcar os relatos que se enquadravam nas categorias e subcategorias.

A Figura 1 ilustra a relação de categorias e subcategorias que foram utilizadas na análise de cada caso e que permitiram identificar e organizar os indicadores do processo de separação-indivuação mãe-bebê nos dois contextos examinados, creche e não creche.

Apresenta-se na sequência a caracterização de cada um das categorias e subcategorias de análise derivados da teoria de Mahler et.al. (1977):

Figura 1: Categorias e subcategorias de análise.



Antecedentes do processo de separação-indivuação: se refere ao momento que antecede a entrada do bebê no processo de separação-indivuação e que envolve aspectos maternos (terceira individuação e a transição para a maternidade) e do bebê (fase de “autismo normal” e simbiose conforme Mahler et.al., 1977). Nessa categoria foram destacadas as subcategorias: a) *Características maternas e do bebê* que aborda os indicadores referentes à experiência da maternidade durante o período gestacional e nos primeiros meses com o bebê, assim como características pessoais do bebê; b) *Separações mãe-bebê: reações e sentimentos* que aborda os indicadores referentes às reações do bebê e da mãe, bem como os sentimentos maternos frente às primeiras experiências de separações físicas mãe-bebê; e, c) *Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos* que destaca os indicadores referentes às reações do bebê e da mãe e os sentimentos maternos frente aos reencontros mãe-bebê em decorrência das separações mencionadas na subcategoria anterior.

Separação-indivuação e a subfase de diferenciação – 6º mês: se refere à primeira subfase do processo de separação-indivuação aos 6 meses de vida do bebê caracterizada pela crescente capacidade do bebê de manter-se mais alerta durante os períodos de vigília,

assim como pela maior firmeza corporal que lhe possibilita se distanciar corporalmente da mãe e reconhecê-la como uma parceira na simbiose e não como parte de seu corpo (Mahler et.al., 1977). Nessa categoria foram destacadas as subcategorias: a) *Características maternas e do bebê* que aborda os indicadores referentes à experiência da maternidade, bem como aspectos relacionados ao desenvolvimento do bebê aos 6 meses de idade; b) *Entrada do bebê na creche*³ que destaca indicadores referentes às razões maternas para a escolha da creche como cuidado alternativo, as expectativas maternas em relação a esse cuidado e a adaptação do bebê à creche; c) *Separações mãe-bebê: reações e sentimentos* que aborda os indicadores relativos às reações do bebê e da mãe, bem como os sentimentos maternos frente às separações prolongadas (durante várias horas diárias) e momentâneas (quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, mas permanecia disponível para atendê-lo) aos 6 meses do bebê; e, d) *Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos* que destaca as reações do bebê e da mãe, bem como os sentimentos maternos frente aos reencontros mãe-bebê aos 6 meses do bebê.

Separação-indivuação e subfase de exploração - 12º mês: se refere à segunda subfase do processo de separação-indivuação aos 12 meses de vida do bebê caracterizada pela expansão das suas capacidades motoras e, conseqüentemente, pelo aumento da exploração do ambiente ao redor. Isso permite o rompimento da unidade simbiótica mãe-bebê o que possibilita ao bebê perceber-se como uma pessoa separada de sua mãe (Mahler et.al., 1977). Nessa categoria foram destacadas as subcategorias: a) *Características maternas e do bebê* que aborda os indicadores referentes aos aspectos já mencionados na categoria anterior, no entanto aos 12 meses do bebê; b) *Experiência do bebê na creche*³ que destaca os indicadores relativos à percepção materna sobre aspectos do desenvolvimento do bebê seis meses após a entrada na creche; c) *Separações mãe-bebê: reações e sentimentos*; e, d) *Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos* que ressaltam os indicadores relativos aos aspectos já destacados na categoria anterior, no entanto, aos 12 meses do bebê.

³ Essa categoria foi considerada na análise dos três casos cujos bebês frequentaram a creche durante o primeiro ano de vida.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados separadamente para cada um dos seis casos a partir da estrutura de categorias apresentadas no Capítulo II, a saber: 1) **Antecedentes do processo de separação-indivuação**; 2) **Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)**; 3) **Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)**. Antes da apresentação dos resultados de cada categoria será apresentada uma seção com a caracterização do caso.

No capítulo IV será apresentada uma discussão geral com o objetivo de compreender as singularidades e semelhanças entre os casos, no que se refere ao processo de separação-indivuação, buscando associar os resultados do presente estudo à literatura. A discussão dos casos foi orientada pela teoria do processo de separação indivuação de Mahler et.al. (1977), mas quando necessário também se recorreu a outros autores da psicanálise ou outras orientações teóricas visando à compreensão de cada caso.

3.1. Caso 1: Martha e Vinícius

3.1.1. Caracterização do caso

Martha⁴ se encontrava com 38 anos no momento inicial do estudo e seu filho Vinícius, de 5 meses e 21 dias de idade, havia iniciado a creche há cerca de 12 dias. Vinícius é fruto de uma gestação não planejada entre Martha e o marido Luís Fernando, de 36 anos. Ela concluiu a graduação em pedagogia e uma especialização e trabalhava como técnica em assuntos educacionais. Seu marido também havia concluído o ensino superior e trabalhava como professor. Martha relatou que no início da gestação Luís Fernando morava e trabalhava em uma cidade do interior, mas logo se organizou e passou a morar e trabalhar em Porto Alegre.

Martha destacou que devido ao fato de sua menstruação ser desregulada em consequência do hipotireoidismo, soube que estava grávida após os três meses de gestação. Martha acreditava que ela ou o marido não podiam ter filhos já que, por várias vezes, eles haviam tido relações sexuais sem proteção e ela nunca havia engravidado. Frente a isso, ela destacou que logo que recebeu a notícia não acreditou que pudesse estar grávida, mas que

⁴ Todos os nomes contidos nos casos são fictícios, de forma a preservar a identidade dos envolvidos.

após ficou muito contente, principalmente ao saber que esperava um menino. Martha também ressaltou que, inicialmente, sentia “*medo*” ao pensar em como seria sua vida com o bebê, já que não sabia como iria organizar os horários para continuar trabalhando e estudando.

Em relação à gestação, Martha relatou que não sentiu enjoos ou outro mal estar. Apenas nos últimos meses ela apresentou inchaço nos pés e cansaço ocasionado pelo peso da barriga em função do tamanho do bebê. Em relação aos aspectos emocionais, Martha ressaltou ter tido “*problemas de ansiedade*” alguns anos antes da gestação que foi tratado com medicação e acompanhamento psicológico. Tal fato a fez pensar que ela ficaria ansiosa durante o período gestacional. No entanto, ela ressaltou apenas que se sentiu “*mais sensível*”, mas que isso não tirou a tranquilidade da gestação, fato que ela justificou por ter engravidado em um momento em que estava “*madura*”, aos 38 anos, sendo capaz de controlar o seu estado emocional.

O parto se deu através de uma cesárea e Martha ressaltou que o marido a acompanhou durante esse momento. Vinícius nasceu de 38 semanas e seis dias pesando 3.410g. No primeiro contato com Vinícius, logo após o parto, Martha destacou ter ficado muito feliz ressaltando que o filho era “*lindo*”, mesmo estando sujo de sangue. A amamentação foi iniciada logo após o parto, no entanto, Martha relatou que tinha pouco leite o que fazia com que Vinícius chorasse muito e não ganhasse peso. Frente a isso, ela obteve orientação médica para utilizar complemento alimentar (leite Nam). Nos primeiros dias após o parto, Martha recebeu auxílio do marido e da mãe, mas apesar da ajuda considerou os primeiros dias bastante difíceis, já que estava se recuperando da cesárea e realizando os cuidados de um bebê, ambas as situações que ela nunca havia vivenciado.

3.1.2. Antecedentes do processo de separação-indivuação

Características maternas e do bebê

Martha ressaltou características da maternidade durante o período gestacional, principalmente, preocupações referentes à sua capacidade de ser mãe. Ela destacou como maiores preocupações a conciliação entre os cuidados do bebê e o retorno ao trabalho quando terminasse o período de licença maternidade, assim como as dúvidas quanto a sua capacidade de estabelecer uma boa relação entre mãe-bebê. Referente a este último aspecto, Martha destacou características do convívio com a própria mãe e o quanto isso poderia afetar a

relação dela com Vinícius, já que ressaltou não ter lembranças da mãe como uma pessoa afetiva durante sua infância. Ela mencionou que, ainda durante a gestação, já se perguntava se conseguiria atender as expectativas do bebê, no sentido de conseguir interagir com ele de modo diferente da interação que a mãe estabeleceu com ela. Durante a fala, um ato falho de Martha ao referir-se a relação dela e de Vinícius como sendo entre mãe e filha (e não filho) já demonstrou, em certa medida, aspectos relacionados à sua própria vivência infantil: *“Será que eu ia conseguir atender as expectativas dele? Será que eu ia conseguir ter uma interação legal com ele mãe e filha, porque aí eu confesso, a minha mãe, assim, ela é uma pessoa que já é mais fechada, mais fria e ela não passou isso [afeto] pra mim e pra minha irmã. Então, eu tinha muita preocupação de como é que eu vou me soltar, que eu vou brincar com ele, será que eu vou ter essa criatividade”*. Tal comportamento materno era explicado por Martha pelo entendimento de que a sua mãe havia tido *“vários problemas”* com a própria mãe.

Martha mencionou como se imaginou como mãe, ainda na gestação, e ressaltou como características principais considerar que seria uma mãe que ofereceria os cuidados e orientações necessárias, mas que também incentivaria a independência do filho: *“Eu achei que eu seria uma mãe bem independente, claro que eu ia cuidar do meu filho, orientar, mas eu não queria ser aquela mãe, como que eu vou dizer, pegajosa, ou aquela mãe que, sabe, deixasse o filho dependente de mim. Eu tinha muita preocupação com isso, que eu pudesse estar perto, desse orientação, que eu atendesse ele, mas não deixar ele dependente”*. Já quando questionada sobre como imaginava que seria o relacionamento com o filho, Martha destacou características que a diferenciavam da própria mãe, no sentido de conseguir interagir com Vinícius de maneira mais afetiva. Martha mencionou a sua formação em pedagogia como algo que a auxiliou a conhecer o que era importante para o desenvolvimento de um bebê: *“Eu imaginava que eu ia poder, por mais que eu tenho dificuldade em me soltar, eu ia procurar interagir, brincar com ele, conversar, né? Porque eu fiz pedagogia, então eu sei que é importante a gente conversar com ele, estimular. (...) Eu achei que eu ia..., que eu queria cuidar, queria orientar, queria brincar com ele, dar afeto, estas coisas de beijar, de pegar no colo. (...) A minha mãe não tem muito essa afetividade e eu pensava que eu queria ser diferente, queria dar um pouco mais de afetividade, na medida que eu pudesse”*.

Nos primeiros dias com Vinícius, Martha relatou que chegou a se perguntar se teria sucesso na tarefa de ser mãe, já que, inicialmente, tinha dificuldades para identificar as necessidades do bebê: *“Às vezes que ele chorava, que ele se movimentava eu não sabia como atender ele, o que tinha que fazer pra atender ele. Isso aí me dava uma frustração. (...) Como se fosse*

uma nova tarefa [ser mãe], será que eu ia conseguir vencer, ter sucesso nessa tarefa?. Depois eu vi que a gente aprende, né? (...) A gente sabe quando ele quer mamar, quando ele quer dormir, quando tem que trocar fralda, como fazer mamadeira, como dar banho nele. A gente aprende. É uma coisa que a gente nunca fez, mas aprende. E depois aquilo vira uma rotina, um hábito”. Martha destacou que, apesar dessas dificuldades iniciais, o que mais a agradou nos primeiros dias com Vinícius foi o fato de poder pegá-lo no colo e de lhe oferecer cuidados: “O que mais me agradou, assim, foi poder pegar ele, de estar com ele, isso eu gostava muito”.

Martha também mencionou características de Vinícius que, segundo ela, ele demonstrou desde o primeiro mês, como ser um bebê bastante “esperto” e de temperamento fácil, já que não chorava demasiadamente: *“Ele sempre foi muito esperto. A gente tirou foto dele desde o dia que ele nasceu, tinha umas fotos dele, assim, com o olho bem arregalado. E foi só crescendo e sempre assim, fazia barulho com a boca, acho que desde o primeiro mês que ele fazia barulho e se mexia, e olhava pra tudo. E não é uma criança de chorar muito, ele só chora quando ele está com sono, quando ele está com fome, ou quando ele teve cólicas, daí ele chorava bastante”.*

Em relação ao comportamento de Vinícius em ambientes estranhos e com pessoas estranhas antes dos seis meses de idade, Martha destacou que por algumas vezes ele demonstrou estranhamento e, por outras vezes, não esboçou esse tipo de reação. No entanto, ela ressaltou que o estranhamento se dava, mais frequentemente, frente a lugares e pessoas mais agitados. Inclusive Martha mencionou o estranhamento de Vinícius frente à avó materna, caracterizada como uma pessoa muito agitada: *“Eu já levei ele em ambientes que ele estranhou de cara e outros ambientes que ele ficou normalmente sem problema nenhum. (...) E quando ele vai num ambiente que é mais agitado, que as pessoas vêm brincando bastante ele já estranha, ou se ele vê um barulho muito diferente ele se assusta. Porque ali onde a gente mora é bem calmo, como disse é só nós dois [mãe e pai] a maior parte do tempo. (...) Até a minha mãe, (...) eu levei ele [na casa da avó] estava com três meses e meio, no primeiro dia ele estranhou ela, porque ela é uma pessoa bem agitada, ela chegou já gritando, ele estranhou e fez uma choradeira”.*

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Martha mencionou que a primeira experiência de separação entre ela e Vinícius se deu durante o primeiro mês de vida do filho, momento em que ela foi solicitar o plano de saúde dele: *“Ele tinha um mês. Eu tive que ir..., até fui ver o plano de saúde dele”.* Ela destacou que nessa ocasião se ausentou por, aproximadamente, duas horas e Vinícius ficou recebendo os cuidados do pai. Martha ressaltou que Vinícius estava dormindo no momento em que ela se

ausentou. Somente após acordar é que ele começou a chorar, mas segundo ela não por notar sua ausência, mas sim para manifestar que estava com fome: *“A gente aproveitou o momento que ele estava dormindo e daí eu saí e ele não percebeu. Daí quando ele acordou, claro, o pai disse que ele chorou porque ele queria mamar, porque estava na hora dele mamar”*. Após mamar na mamadeira, o bebê ficou tranquilo e não manifestou outros comportamentos de desconforto ou estranhamento: *“Ele chorou porque ele queria o mamã dele, foi o que o pai dele falou, depois ele ficou tranquilo”*. Martha mencionou que essa primeira separação entre ela e Vinícius lhe suscitou preocupações quanto ao bem-estar do filho: *“Quando já fazia um tempo que eu estava fora eu ficava lembrando dele, mas não foi uma coisa assim muito traumática, eu só lembrei assim ‘ah, ele está em casa, logo eu tenho que ir lá ver ele, será que ele está bem? Será que ele quis mamar? Será que o pai dele trocou as fraldas direitinho?’. Eu ficava preocupada, sabe?”*.

Frente às outras separações mãe-bebê (anteriores ao 6º mês do bebê) Martha destacou que, à medida que foi crescendo, Vinícius passou a notar os momentos em que ela se ausentava, mas sem apresentar protesto: *“Ele já observa quando a gente sai, mas não tem um protesto, eu achei até que ele ia protestar mais”*. Martha explicou tal reação do filho a partir de seu próprio comportamento, já que ela ressaltou que procurava ter atitudes discretas e tranquilas nas ocasiões em que se ausentava, mostrando-se segura, conversando com Vinícius ou se ausentando no momento em que ele dormia: *“Eu não procuro fazer aquele estardalhaço, mostrar pra ele que eu estou saindo, que eu estou insegura porque vou deixar ele. Eu converso com ele, deixo ele no colo do pai dele, ou então ele está dormindo e eu saio. Porque eu acho que se eu começar a mostrar que eu vou me separar, que eu vou ter que sair, que eu vou ter que deixar ele, aí sim ele vai começar a ficar inseguro. Essa é a minha ideia, né?”*. Em relação aos sentimentos frente aos momentos de separação mãe-bebê, Martha destacou que além de preocupação, já mencionada no primeiro momento de separação, ela passou a sentir saudades do filho e culpa por deixá-lo sem ela: *“Eu sentia um pouco de culpa ou eu sentia uma saudade (...) mas nunca deixei demonstrar [culpa], né? Porque às vezes eu estava lá... ‘bá, mas eu deixei ele sozinho, deixei ele com o pai dele, de repente ele vai chorar e o pai dele não vai dar mamã no horário certo’ (...) e daí eu ficava preocupada”*; *“Aí dá uma saudade ou tu fica preocupada ‘será que ele está sentindo falta da gente? Será que chorou? Será que ele percebeu?’”*. Vale destacar que nesses momentos de separação Vinícius era, basicamente, cuidado pelo pai.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Martha destacou que o reencontro entre ela e Vinícius após a primeira separação ocorreu de maneira “normal”, sem muitas reações por parte dela e do filho já que ele tinha alguns dias de vida e havia ficado bem com o pai: *“Ele era muito novinho [primeiro mês de vida], ele tinha acordado e estava no colo do pai dele, eu lembro muito pouco. Eu acho que eu peguei ele no colo e foi normal, sabe a reação dele, ele gostou. Não me lembro de ter tido nada diferente”*. Martha mencionou que se sentiu feliz por chegar em casa e poder atender as necessidades de Vinícius: *“Eu fiquei faceira. A primeira coisa que eu fiz foi ir lá atender ele, né? Pegar ele no colo”*.

Em relação aos reencontros ocasionados pelas separações posteriores, Martha destacou que algumas vezes encontrava Vinícius tranquilo e, em outros momentos, o encontrava chorando. Nestas ocasiões o pai não conseguia o acalmar já que ele próprio ficava “desesperado” e tendia a não dar atenção exclusiva ao bebê no momento em que era responsável por seus cuidados: *“Eu já cheguei em casa, assim, quando saí e ele estava chorando, daí eu fui lá e peguei ele e acalmei. E o pai dele estava desesperado porque o pai dele já não... Eu sou mais de dar colo, o pai dele já não gosta. O pai dele gosta que ele fique no carro ou fique lá no chão e, às vezes, o pai dele está fazendo alguma coisa e ele começa a chorar e o pai dele fica ansioso, sabe? Daí o pai dele não gosta quando eu saio que eu demore muito”*.

3.1.3. Separação-individação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

Martha destacou características da maternidade aos 6 meses de Vinícius, ressaltando a idade em que ocorreu a gravidez, aos 38 anos, através de sentimentos ambíguos. Ao mesmo tempo em que mencionou ser uma idade adequada em que ela tinha o amadurecimento necessário para ser mãe, em termos profissionais e emocionais, também ressaltou preocupações quanto ao fato de a grande diferença de idade entre ela e o filho a impossibilitar de acompanhar as várias etapas do desenvolvimento de Vinícius, bem como o seu próprio desenvolvimento, como o tornar-se avó: *“Tem a questão que eu acho que a mulher tem que estar madura, tem que estar resolvida profissionalmente, equilibrada emocionalmente e tem a outra questão de tu acompanhar o teu filho, né? Quando ele ficar adolescente, depois quando ele casar, tiver os filhos dele, ser vó, de repente não sei se eu vou alcançar essa etapa. Espero alcançar”*.

Martha também destacou as características que a definiam como mãe no momento em que Vinícius estava com 6 meses, como sendo uma mãe atenciosa, responsável, amorosa e

que estimulava a independência do filho: *“Eu acho que eu sou responsável, sou atenciosa, sou ainda um pouco medrosa e ansiosa. Sou amorosa, mas também, ao mesmo tempo, eu sinto que eu sou uma pessoa bem independente. Não sou, tipo, apegada, sabe aquele de não deixar ele ir na creche, não deixar ele ir com outra pessoa, não deixar outra pessoa pegar ele, eu não tenho esse tipo de medo. Nessa parte eu sou bem independente. Sou bem cuidadosa, às vezes, sou até demais. Acho que por isso que eu não botava ele no chão, de ele não pegar sujeira, de ele não pegar uma bactéria. Agora que ele foi pra creche eu vejo as gurias [educadoras] botar ele no chão então eu já estou soltando ele no chão também, porque antes tudo que eu fazia pra brincar com ele era no carrinho ou era no colo. Acho que era isso”*. Tal aspecto pode explicar a falta de firmeza de Vinícius para sentar, inclusive com apoio, já que não foi estimulado a sentar antes da entrada na creche. Martha ressaltou, também, a rotina cansativa que cuidar de um bebê impõe, mas mencionou que tornar-se mãe lhe deu *“um objetivo maior na vida”* e lhe auxiliou a se tranquilizar emocionalmente, referindo-se às crises de ansiedade que ela havia começado a tratar em momento anterior à gestação: *“Teve dias que eu cansei bastante, porque eu tinha preocupação em não deixar ele mijado, não deixar com fome, não deixar ele pegar uma doença, entreter ele. Mas eu acho que eu fiz uma coisa muito boa na minha vida. Parece que me deu um objetivo maior de vida, de eu querer buscar alguma coisa diferente. E até aquela ansiedade que eu tinha bastante parece que tranquilizou”*. A ansiedade que Martha frequentemente se referiu na entrevista também foi mencionada como uma característica da sua mãe, sendo que a ansiedade foi destacada como algo que poderia ter sido transmitida de mãe para filha: *“E ela [mãe de Martha] é uma pessoa, assim, também bastante ansiosa. (...) De repente é dela que eu tenho essa ansiedade”*.

Outro aspecto ressaltado por Martha em relação à maternidade, aos 6 meses de Vinícius, foi o fato de gostar de estar com o filho e ver os progressos de seu desenvolvimento, mas, ao mesmo tempo, ela ressaltou que a rotina de trabalho, com a qual já era acostumada, lhe fazia bastante falta: *“Eu gosto quando ele está faceiro, quando está dando risada, quando começa a fazer os barulhos dele que parece que quer falar, aí aquilo ali dá uma alegria. Outra coisa também, eu senti falta do meu trabalho, ao mesmo tempo que eu gosto de estar com ele, eu sinto falta do trabalho”*.

Martha, ao ser questionada se possuía algum modelo de mãe, destacou não pensar em um modelo específico, mas mencionou admirar a sogra pela tranquilidade com que ela criou os filhos, característica que Martha destacou que gostaria de ter: *“A minha sogra, eu acho ela muito tranquila pro monte de criança que ela teve. A única coisa é isso, a tranquilidade dela que eu gostaria de ter também”*. Ela também destacou que a sogra era afetiva e amorosa com os filhos, a diferenciando da própria mãe: *“Eu sinto que ela é tranquila, afetiva, amorosa, isso ela é até hoje,*

muito mais que a minha mãe". Já em relação ao modelo de mãe que evitava, Martha destacou, mais uma vez, a importância da mãe estimular a independência do filho, assim como se responsabilizar por seus cuidados sem delegar tal tarefa em tempo integral para outras pessoas: *"Eu evito aquele modelo de mãe que não deixa a criança ser independente, também a mãe que é irresponsável, que delega a criança pra outra pessoa cuidar. Principalmente quando é muito pequeno, deixar só com a babá ou deixar só com parente. Então, impossível..., claro que eu vou trabalhar, mas dentro do possível quero estar presente com ele"*.

Em relação a Vinícius, Martha destacou o desejo de que ele tivesse características diferentes das suas, no sentido de ele não ser uma pessoa tímida. Martha, assim, destacou características do filho que a faziam perceber que ele já estava se desenvolvendo da forma desejada por ela: *"Tenho medo de ele ser uma criança muito boba, ou ser uma criança muito tímida, mas eu já vi que ele não vai ser, ele é esperto. Eu tinha essa preocupação a hora que ele nasceu. Ele é bem esperto, ele não vai ser tímido, ele vai ser bem extrovertido. Porque eu fui uma criança bem tímida, não era de falar muito. Mas depois que eu comecei a ver o crescimento dele eu vi que ele é uma criança bem esperta, vai ser bem ativo, quando ele quer as coisa ele dá uns gritos"*. Martha também ressaltou que as brincadeiras que ela estabelecia com o filho o agradavam, sendo que ele demonstrava satisfação através de risos, movimentos com o corpo, dentre outros: *"Quando eu dou o brinquedo e começo a brincar com ele e falar com ele, daí ele fica faceiro, faceiro. Ele dá risada, ele começa a fazer barulho, ele fica olhando pra gente, ele começa a mexer com os braços e com as perninhas. E a gente vê que ele fica bem mais atento, bem mais faceiro"*. Assim como Vinícius manifestava insatisfação quando percebia não estar recebendo a atenção necessária: *"Ele não gosta quando ele fica muito tempo sem atenção, já notei que ele não tem outra coisa pra fazer, que não está brincando e não está mexendo em alguma coisa, que ele fica muito tempo só ele ali deitado no colchonete e a gente não está ali perto dele ele demonstra também, ele começa a fazer uns barulhos, fazer uma cara de sério e a bater as pernas"*. Martha destacou que a agradava ver que o filho manifestava desconforto, já que ela ressaltou o entendimento de que ele não deveria aceitar todas as situações impostas a ele: *"Até é bom que ele manifeste, eu acho que não pode só aceitar tudo. Tem que manifestar o que ele não gosta"*. Ela também mencionou acreditar que o filho iria mexer muito nos objetos ao seu redor, destacando que ele era muito curioso e já explorava o que estava ao seu alcance: *"Eu já tenho pensado é que ele vai mexer muito nas coisas porque ele é muito curioso. Se ele só sentado já quer mexer em tudo, tudo que é coisa diferente que ele vê ele quer por a mão"*.

Entrada do bebê na creche

Martha destacou razões diversas que a fizeram optar pela creche como cuidado alternativo. Entre as razões estavam o fato de ela trabalhar, não conhecer uma babá de confiança que pudesse cuidar de Vinícius em casa, as boas referências que a creche possuía, ser uma creche gratuita para os funcionários da instituição em que ela trabalhava, estimular o desenvolvimento linguístico e psicomotor do bebê, assim como a socialização de Vinícius. Em relação a este último aspecto, Martha destacou que, por ela almejar que Vinícius seja filho único, a creche contribuiria para o convívio com outras crianças, compensando a falta de um irmão: *“Também vai que eu trabalho, né? Que a creche tem excelentes referências e além de que a gente como servidor não precisa pagar (...). E também acho que a socialização dele, a parte da linguagem, da parte da psicomotricidade. Vai ser desenvolvida muito mais do que em casa, porque lá tem pessoas que tem um conhecimento, pelo menos fizeram o curso normal, a pedagogia, um curso de educação física, e que vão trabalhar com ele isso. Então se for uma creche que tenha uma boa infraestrutura, e que tenha um pessoal com capacidade, com profissionalidade, eu acho que ajuda muito mais do que ficar só em casa”*. Martha destacou que não se sentiu culpada por inserir Vinícius na creche, já que sabia que, nesse contexto, o bebê estaria sendo cuidado e estimulado no seu desenvolvimento de maneira mais intensa do que se estivesse sendo cuidado no ambiente doméstico: *“Eu não me sinto culpada, porque eu sei que tem várias mães ou tem pessoas que ‘ah que pena, coitadinho’. Não, eu me sinto bem, porque eu acho que vai ser um ambiente bom ali pra ele, ele vai ser bem cuidado esse tempo que eu tiver que trabalhar e vai desenvolver habilidades e capacidades que são importantes pra ele nessa fase e que muitas vezes, por mais que eu tenha pedagogia, que eu tenha estudado, eu sei que eu não ia ter tempo em casa, porque eu tenho outros afazeres”*.

Relativo à adaptação de Vinícius à creche, Martha destacou a expectativa de que a adaptação se daria de forma complicada, considerando que Vinícius poderia estranhar o novo ambiente e as educadoras. No entanto, em entrevista realizada cerca de um mês após o ingresso de Vinícius na creche, Martha ressaltou que o manejo das educadoras durante o período de adaptação permitiu que os comportamentos de estranhamento não ocorressem de forma acentuada, de modo que Martha ficou disponível na creche durante o período de adaptação, mas não precisou ser solicitada: *“Eu achei que ia ser mais difícil, achei que ele ia chorar mais, que ele ia estranhar mais. Nos primeiros dias que eu deixei ele ali ele começou já a fazer uma cara estranha, eu vi que as gurias conversaram..., o jeito que elas conversavam com ele, já foram brincar com ele, falar com ele, eu vi que ele ia se adaptar. Tanto é que eu fiquei ali, ficava ali e nunca*

elas precisaram me chamar”. Vale ressaltar que o período de adaptação de Vinícius à creche ocorreu, também, através de horários reduzidos, sendo aumentados a cada dia que Vinícius manifestava tranquilidade e bem-estar na creche: *“Agora foi aumentando uma hora, duas horas, três horas. Amanhã ele vai ficar até as quatro. Semana que vem que eu começo a trabalhar, aí meu horário é das oito as seis, aí ele vai ficar até cinco e meia, mais ou menos”*. Martha destacou como aspecto positivo do período de adaptação de Vinícius a maneira atenciosa e tranquila com que as educadoras do turno da manhã recebiam os bebês. Isso se deveu ao fato de Martha saber que o filho tendia a estranhar lugares e pessoas agitados, como já foi ressaltado: *“Eu notei, principalmente as educadoras da manhã, notei que elas tem um jeito pra receber as crianças. Então acho que isso fez diferença pro Vinícius. Elas não são agitadas, conversam na linguagem deles, fazem brincadeiras e isso ajudou bastante o processo”*. No entanto, Martha também ressaltou um aspecto que considerou negativo nesse período de adaptação. Referiu-se ao turno da tarde e ao fato de haver mais crianças nesse período, o que dificultava o atendimento de cada bebê por parte das educadoras: *“Eu acho que na parte da tarde, porque tem mais crianças e tem o mesmo número de moças [educadoras] e eu vi que elas têm mais dificuldade pra atender todos sabe, aí é uma correria maior. (...) Então eu já notei que elas [as educadoras] ficam mais agitadas”*. Apesar disso, Martha destacou que após, aproximadamente, um mês na creche, Vinícius estava bem adaptado. Isso foi percebido e confirmado, para a mãe, através do comportamento de Vinícius, como ir ao colo das educadoras quando chegava à creche, conseguir dormir, se alimentar, brincar com os colegas e por não demonstrar ansiedade para ir embora quando Martha chegava para buscá-lo.

Na entrevista realizada, aproximadamente, um mês após a entrada de Vinícius na creche, Martha destacou algumas mudanças observadas em Vinícius que ela atribuiu à experiência inicial do filho na educação infantil. Ela destacou ter o percebido mais ágil, por tentar alcançar os objetos de seu interesse, e com maior firmeza para sentar, assim como o percebeu mais tranquilo nos momentos de sono e aceitando melhor a alimentação sólida: *“Eu não notei grandes mudanças assim, só notei que ele está mais ágil pra algumas coisas, por exemplo pra sentar, mexer com as coisas, ele está mais firmezinho. Nos horários de dormir, por exemplo, no berço ele já dorme mais tranquilo, não precisa a gente embalar tanto como tinha que embalar com ele no colo. (...) E também ele começou a se acostumar a comer mais as papinhas, ele está comendo mais, já está aprendendo”*. Em relação ao sono, Martha explicou que devido à rotina de atividades na creche, Vinícius retornava para casa bastante cansado, o que contribuía para que ele logo pegasse no sono. Ela também destacou ter notado que Vinícius estava brincando mais, no

entanto, nesse aspecto, relatou novamente a maior agilidade na busca pelos brinquedos: *“Eu acho que ele está brincando mais. Ele já começa a mexer com os brinquedos mais, assim, ele já sabe mais como pegar os brinquedos. Quando ele pega os brinquedos já pega com as duas mãos, já consegue. Às vezes ele pega um brinquedo, pega outro com a outra mão. Tem uma habilidade, uma firmeza mais pra agarrar as coisas. (...) aí ele se espicha pra pegar e se dobra, pra pegar”*. Martha ressaltou que Vinícius já prestava atenção aos objetos/brinquedos antes de entrar na creche e que, após a entrada na creche, essa capacidade se acentuou. Outro aspecto observado por Martha foi referente à socialização de Vinícius, já que ela estava o considerando mais socializado por ele ter estranhado, menos que o habitual, lugares e pessoas estranhos e agitados: *“Então eu acho que ele já está mais socializado, né? Claro, já fazia um mês que tinha entrado na creche, né? Ele não estranha quase nada, porque, às vezes, num ambiente bem barulhento ele dava uma estranhada, chorava. (...) Observei que ele foi nesse lugar que tinha uma festa de aniversário, tinha bastante música, barulho, gente conversando e ele foi, ficou bem mais tranquilo”*. No entanto, nenhuma mudança foi observada ou atribuída à creche no que se referiu à saúde, ao humor, ao choro de Vinícius e a interação dele com a mãe ou pai.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Martha destacou as reações de Vinícius durante o período de adaptação à creche. Ela mencionou o estranhamento inicial do filho às educadoras, mas que, como destacado anteriormente, não se apresentou de maneira intensa. Martha ressaltou que Vinícius não chorou em nenhum momento nesse período inicial na creche: *“Os dois primeiros dias ele deu uma estranhada logo que ele chegou, nas atendentes, mas foi só isso, depois ele ficou normal, nunca precisaram me chamar, ele não chorou”*. Aproximadamente, um mês após a entrada de Vinícius na creche, Martha relatou que ele já chegava à creche sorrindo, indo no colo das educadoras e brincando.

Martha destacou que ela e o marido sentiram-se seguros por deixar Vinícius na creche, de modo que tal sentimento foi passado ao filho, permitindo que sua reação durante os primeiros dias na creche fosse favorável para sua adaptação na educação infantil: *“Acho que eu e o pai dele não mostrou [sic] insegurança de ter que deixar ele na creche, a gente não passou isso pra ele, né? Também não passou a ideia de que a gente ia abandonar ele lá. Eu acho que a gente conseguiu passar a ideia que ele ia ficar lá um tempo, enquanto a gente tivesse que trabalhar, mas que depois ia buscar ele. Acho que a gente passou carinho e afeto, acho que ele se sente seguro”*. Martha ressaltou que a segurança em deixar o filho na creche ou com o pai, quando

necessário, não lhe tirou a saudade durante os primeiros dias de afastamento diário: *“Quando eu voltei a trabalhar, logo que eu deixei ele na creche, eu queria ver ele, eu fico lembrando do sorriso dele, lembrando de quando eu estou brincando com ele. Mas não é nada assim, como que eu vou dizer, de insegurança..., não é uma angústia, não é uma inquietude, porque eu me sinto bem tranquila dele ficar na creche, dele ficar com o pai dele”*. Tal tranquilidade foi atribuída ao fato de Vinícius estar na creche, e não com uma babá, já que Martha, desde os primeiros momentos, ressaltou a sua preferência pela creche por não conhecer ninguém de confiança que pudesse cuidar de Vinícius, como já ressaltado: *“Eu prefiro deixar na creche, ali então eu me sinto bem mais tranquila na creche. Acho que se eu tivesse uma babá em casa eu ia me sentir bem mais preocupada e menos tranquila”*. Martha mencionou também que, aos 6 meses de Vinícius, ela já não sentia mais culpa em deixá-lo com outras pessoas, sentimento que foi manifestado durante os primeiros meses de Vinícius, quando ele ficava com o pai. Nesse momento, tendo a creche como cuidado alternativo, Martha destacou sentir tranquilidade e saudade do filho.

Quando questionada sobre como costumava agir no momento em que deixava Vinícius com outras pessoas (pai ou creche), Martha destacou que conversava com o filho, lhe dava um beijo e esperava ele se distrair com algo para ela sair. Com isso, ela destacou que, por vezes, Vinícius não percebia a sua saída e, outras vezes, a observava sair, mas não reagia na tentativa de solicitar sua presença: *“Ele me vê sair, senão ele fica entretido, né? Mas quando ele me vê sair ele fica me olhando”*. Martha destacou que nos momentos em que Vinícius ficava a olhando sair, ela, algumas vezes, sentia *“peninha”*, no entanto, ela não conseguiu explicar o que de fato sentia, definindo, por vezes, como tristeza e, por vezes, apenas como um sentimento: *“Às vezes, dá (riso) uma peninha, lá no fundo, eu não demonstro, mas dá uma..., ah uma sensação, não sei se é tristeza, mas é uma pena mesmo de deixar ele. Eu sinto..., não sei se uma certa tristeza, nem é tristeza é..., é um sentimento”*. Martha também ressaltou como Vinícius se comportava na sua ausência, destacando que com o pai ele costumava chorar por querer atenção, já que o pai não lhe oferecia atenção exclusiva por realizar outras atividades enquanto o cuidava. No entanto, na creche pareceu seguir tranquilo e ter seu funcionamento normal referente às brincadeiras, ao sono e à alimentação: *“Com o pai dele, às vezes, o pai dele diz que ele chorava bastante, mas acho que ele queria atenção, né? Dormia, ficava tranquilo ou brincava. Na creche, as gurias dizem que os dois primeiros dias ele deu uma estranhadinha, mas depois ele seguiu normal, tranquilo. Ele brinca, ele dorme, ele come as papinhas”*.

Já referente às separações momentâneas, no momento em que a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, mas permanecendo disponível para atendê-lo, Martha

ressaltou que, se Vinícius estava envolvido com algum brinquedo ou atividade, ele ficava sem reivindicar seu retorno. No entanto, se ela se ausentava por mais tempo e ele notava sua ausência já procurava chamá-la fazendo balbucios, barulho com algum objeto e, por fim, se não atendido, chorava: *“Primeiro ele faz barulhos com a boca, som com a boca ou, então, se ele está com um objeto, ele faz barulho com o objeto, em último caso ele chora”*. Martha ressaltou que, na maioria das vezes, Vinícius ficava bem e não notava a sua ausência, no entanto, se ele necessitava ser alimentado ou já havia perdido o interesse no brinquedo ou atividade que realizava, ele a solicitava: *“Tem momentos assim que ele está envolvido com brinquedos e ele fica tranquilo, agora se eu fico muito..., eu notava assim se eu ficava tempo assim, ele já procurava, já chamava atenção. Ou quando dava fome nele, ele chamava atenção. Mas geralmente ele ficava tranquilo”*. No entanto, Martha destacou ter notado que Vinícius, aos 6 meses, não necessitava, necessariamente, da presença dela, mas sim de alguém de confiança, possibilitando que ele não se sentisse sozinho: *“Eu acho que ele sente isso de não querer ficar sozinho, tem que ter o pai ou..., ter uma pessoa que ele sinta confiança”*.

Reencontros mãe-bebê: Reações e sentimentos

Nos primeiros momentos na creche, Martha destacou que quando as educadoras estavam levando Vinícius para reencontrá-la, se ele encontrava alguém estranho pelo caminho acabava por chorar: *“Só também nos primeiros dias acho que quando pegavam ele pra vir embora, ele encontrava uma pessoa diferente, ele dava uma chorada. Mas não uma coisa assim de... Como eu vou te dizer... Que ele se sentisse mal, que ele não gostasse de ficar lá”*. Posteriormente aos primeiros dias, Martha relatou que quando ia buscá-lo na creche, Vinícius a reconhecia e manifestava alegria em vê-la, fato que a surpreendeu: *“Quando eu chego de tardezinha ele me reconhece e fica bem faceiro, daí eu pego ele e aí até essa parte me surpreendeu, que ele continue assim”*; *“Geralmente ele fica me olhando, ele dá risada, ou ele bate, mexe com as perninhas, movimenta os braços, me conhece”*. Martha destacou que Vinícius não demonstrava ansiedade para ir embora, o que para ela evidenciava que ele estava gostando de ficar na creche. Ela destacou que ele ficava alegre em vê-la, mas que era uma reação *“natural”*, não inquieta: *“Aí depois chega de tardezinha ele... Não demonstra assim que dá choro ou aquela necessidade de sair correndo pro meu colo. Ele me enxerga, fica faceiro. Eu pego ele, mas não dá, não demonstra que ele está... Como é que eu vou dizer... Ansioso pra sair, pra ir embora. É uma coisa natural”*. Martha ressaltou que se sentia feliz ao perceber que o filho a reconhecia e que retribuía o carinho através de colo, abraços e beijos.

Referente aos reencontros em momentos de separações momentâneas, que ocorriam quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Martha destacou que nas ocasiões em que Vinícius solicitava sua presença era necessário interagir com ele para que ele viesse a se acalmar: *“Ah, primeira coisa, se brinca com ele, conversa, pega no colo, ele fica muito faceiro, se acalma, fica tranquilo, sabe? Fica bem calmo. Teve vezes assim que eu achava que ele estava chorando porque estava com alguma dor, que estava agitado, estava com algum problema, eu pegava ele e brincava com ele, na hora mudava, só ir lá conversar e brincar com ele”*. Martha mencionou que, por vezes, ficava impaciente com as solicitações de Vinícius, mas por, simplesmente vê-lo feliz por reencontrá-la, esse sentimento não se mantinha: *“Às vezes eu ficava impaciente porque eu estava fazendo alguma coisa e ele me chamava. Mas aí quando eu chego perto dele que ele abre um sorriso pra mim, fica faceiro, daí eu me sinto bem. Sabe, eu gosto. Sabe que eu vejo assim que ele me reconhece, que ele quer estar junto”*.

3.1.4. Separação-Individuação e subfase de exploração (12º mês)

Características maternas e do bebê

Martha destacou características da maternidade aos 12 meses de Vinícius, ressaltando a percepção de que, nesse momento, estava tendo mais *“trabalho”* nos cuidados do filho, no sentido de que ele exigia a atenção e presença da mãe de maneira mais intensa. Desse modo, Martha o percebia como mais dependente dela do que aos 6 meses de idade. Ela destacou a expectativa de que ao Vinícius se desenvolver na locomoção e alimentação iria exigir menos da sua parte: *“Eu achei que depois que ele começasse a engatinhar, a se alimentar, ia ser mais fácil. Mas eu estou sentindo que agora ele exige mais atenção, porque ele percebe, não sei se compreende, mas ele já percebe as coisas, ele sente mais e ele exige mais da gente. Então eu acho que agora parece que cada vez mais a gente tem que estar mais presente com ele. Eu achava que não, que quando ele é bebezinho ele vai depender mais de mim, vai exigir mais, mas parece que agora é que ele está exigindo mais”*. Martha explicou tal comportamento mencionando a capacidade de Vinícius de já perceber a diferença entre ele e ela, assim como entre lugares familiares e estranhos: *“Eu acredito que ele está percebendo mais nossa presença, que antes ele não tinha tanta consciência (...). Agora ele já tem mais essa percepção do espaço que está. Dos ambientes, esse ambiente é diferente desse. Eu sou diferente do pai dele, eu sou diferente dele, ou as tias da creche são diferentes de nós. Então ele já está sabendo diferenciar, acho que um pouco. Acho que deve ser a isso que ele necessita da atenção da gente bastante, né? Dizem os psicólogos e as pessoas mais*

experientes que já tiveram filhos que vai até uns três anos essa fase, mas não sei". Martha ressaltou preocupações relativas a esse aspecto de dependência aos 12 meses influenciar o desenvolvimento futuro do filho, como no momento em que ele entrasse na escola, período em que uma independência maior dos pais seria exigida: *"A gente tem medo de acabar deixando ele dependente da gente (...). Quando começar na escola, no ensino fundamental é outro espaço, outra maneira de agir, então já começa a ter um pouco mais de independência. Então, a gente tem medo, eu tenho medo de que eu não consiga trabalhar bem agora para o futuro e ele se torne mimado ou dependente de mais da gente"*. No entanto, ao ser questionada se Vinícius realizava atividades sem precisar de ajuda (como pegar o brinquedo preferido, tentar brincar com os objetos, etc.) Martha mencionou resposta positiva e ressaltou o prazer do filho em realizar tais atividades: *"Ele pode tirar, por exemplo, lá um livro ou uma peça de roupa dele e fica bem faceiro"*. Martha destacou admirar esse comportamento do filho e ficar o observando nas suas tentativas de exploração do ambiente: *"Eu gosto de ver porque eu fico vendo o jeito que ele faz, que ele age, que ele faz um esforço. Às vezes, ele tem que pegar alguma coisa que está mais alta, assim, e fica fazendo aquele esforço(...). Eu acho engraçado, até gosto"*.

Aos 12 meses de Vinícius, Martha se definiu como uma mãe preocupada com a segurança e desenvolvimento do filho, mas ao mesmo tempo *"light"*, no sentido de não se preocupar em demasia quando o filho ficava doente ou a desafiava nos momentos em que ela dizia *"não"*: *"Ao mesmo tempo que eu sou uma mãe preocupada, eu sou também um pouco mais light, não fico assim tão desesperada quando ele tem algum problema, quando ele ficou doente, agora com esses problemas que ele chora, ele grita, quando a gente diz não, mas ao mesmo tempo eu também me preocupo com a segurança dele e com todo crescimento e desenvolvimento dele"*. Os momentos de reação do bebê ao *"não"* materno foram ressaltados por Martha como um desafio à maternidade, já que colocava à mãe a necessidade de impor limites ao filho sem intimidá-lo: *"Então a mãe ter paciência e saber orientar para dizer não pra que a criança aprenda a ter um limite sem ter medo. Eu acho uma das coisas mais difíceis de ser mãe é como orientar a criança, a ela entender que ela não pode fazer tudo que ela quer, porque ela pode se machucar, porque pode quebrar alguma coisa, porque pode prejudicar ela mesma"*. Martha destacou o desejo de acompanhar o futuro do filho até a idade adulta e o receio de que isso pudesse não se concretizar devido à sua idade: *"Fico pensando no futuro dele, quero acompanhar o futuro dele, até ele ficar adulto. Que não aconteça nada, que eu possa fazer isso"*.

Em relação a Vinícius, Martha destacou a necessidade dele em utilizar um cobertor específico na hora de dormir. Isso foi observado pela mãe a partir do oitavo mês do bebê:

“Pra dormir ele fica bem mais calmo quando usa o cobertor. Ele pegou um apego com o cobertor”. A respeito do desenvolvimento motor, Martha ressaltou que Vinícius já engatinhava desde os dez meses e manifestava a intenção de iniciar a deambulação: *“Agora que ele está engatinhando, começa a querer caminhar, né?”*. Ela também mencionou o comportamento de Vinícius frente a lugares e pessoas estranhos e ressaltou que, no ambiente doméstico, o filho era bastante extrovertido, mas com estranhos ele era tímido e reservado: *“Ele é mais tímido fora, com os estranhos ele é mais reservado”*; *“Porque em casa assim ele é bem arteiro. E quando tu sai na rua ele fica bem mais quietão”*. Ela explicou que Vinícius ficava olhando para o estranho com seriedade ou tentava esconder-se dele utilizando o corpo materno: *“Tímido de ficar sério olhando para as pessoas, ou então baixa a cabeça. Se ele está no meu colo, principalmente, ele baixa a cabeça, tenta esconde a cabeça”*. No entanto, apesar da timidez inicial, Martha destacou que quando estava presente com Vinícius ele conseguia explorar o ambiente ou as pessoas estranhas: *“Ele pega [brinquedos], olha, passa o dedo, enfia a boca, enfia o dedo, passa na boca. As pessoas ele fica olhando muito, e algumas ele tenta tocar ou mexer na roupa”*. Ao ser questionada sobre se Vinícius mantinha esse comportamento de exploração quando ela não estava presente, Martha relatou a experiência da creche em que as educadoras lhe informaram que o filho gostava de brincar: *“Na creche eu sei que ele..., que eu fiquei sabendo que ele gosta, ele faz”*.

Em relação a pequenas frustrações que Vinícius vinha a sofrer ao explorar o ambiente, (como uma pequena queda, ter um brinquedo retirado por outra criança, etc.), Martha destacou que quando o filho sofria uma queda leve, ele a ignorava e seguia sua exploração, no entanto, se a batida se dava de maneira um pouco mais forte, ele manifestava através de choro, mas era facilmente acalmado: *“Se for uma coisa assim mais leve ele ignora, mas às vezes até se for uma coisa mais forte ele chora, daí a gente fica conversando com ele, já pega ele no colo, dá um brincada e ele já se acalma”*. Martha destacou que ficava preocupada quando o filho caía por considerar que ele poderia ter sofrido algo mais grave. No entanto, destacou que o marido sempre foi muito calmo frente a essas situações o que a fez perceber que, ao manter-se tranquila, Vinícius também se acalmava mais rápido: *“Agora eu estou mais tranquila, mas antes eu ficava bem nervosa. Eu achava que ele tinha se machucado, se ele tinha batido a cabeça. Agora eu já fico mais tranquila. O pai dele já fica bem tranquilo, nunca mostrou assim... até com o pai dele que eu aprendi a ficar tranquila, porque daí eu senti que ele [bebê] também chora menos e já se acalma bem rápido”*. Já quando Vinícius percebia que teria um brinquedo retirado resistia a entregá-lo e demonstrava ficar brabo: *“No início ele resiste a dar o brinquedo. Na creche eu vi as gurias falarem e eu vi isso ele fazer com o primo dele que é quase da idade dele, é bebê também. Eles*

estavam brincando com umas peças de montar, pegando só na mão, né? E daí o primo dele queria pegar e ele não queria deixar o primo pegar, ele ficou brabo”.

Ainda em relação às brincadeiras, Martha destacou que Vinícius conseguia brincar sozinho por alguns momentos. Também ressaltou que nessas ocasiões, por algumas vezes, observou que Vinícius necessitava retornar até ela, seja indo ao seu encontro ou lhe alcançando algum brinquedo: *“Ele retorna, vê onde a gente está. Às vezes, pega e alcança um brinquedo pra gente, daí pra dizer que a gente tem que brincar com ele”.* Martha ressaltou que, nesses momentos, sempre que estava disponível dava ao filho a atenção que ele pedia: *“Se eu não estiver fazendo alguma coisa eu brinco um pouco com ele, eu vou até ele, né? Nem que seja um pouco só. Eu tento interagir com ele. A gente sempre tenta fazer isso, né? Porque a gente vê que é importante”.* Martha destacou que, para ela, Vinícius exigia muito dessa atenção e que ela imaginava que, aos 12 meses, o filho iria exigir menos: *“Eu acho que ele exige bastante, até acho que eu esperava que fosse menos até”.* No entanto, Martha também ressaltou que, por vezes, Vinícius ficava bastante concentrado em um brinquedo, não lhe exigindo atenção: *“Às vezes, acontece, principalmente quando ele está brincando com algum brinquedo que tenha som. Ele adora. Ou um brinquedo novo que ele nunca tenha mexido, que tenha alguma coisa diferente, ele fica concentrado ali”.* Nesses momentos em que Vinícius parecia esquecê-la momentaneamente, Martha destacou que, na maioria das vezes, deixava-o brincando sem necessitar chamar a atenção dele. No entanto, em algumas ocasiões, necessitou ir até o filho, fato que foi notado pelo pai de Vinícius e ressaltado a Martha: *“Na maioria das vezes eu deixo, né? Às vezes até eu vou lá e o Luiz Fernando diz que eu desconcentro ele (risos). Ele diz ‘ah ele estava quieto lá brincando e tu foi lá e desconcentrou’ (...). Eu vou lá, eu falo como ele, eu pego ele, daí, claro ele vira a atenção pra mim (risos)”.*

Experiência do bebê na creche

Martha destacou a experiência de Vinícius na creche, ambiente de cuidado alternativo no qual ele permanecia cerca de 10 horas diárias, das 8h30 às 18h30, durante quatro dias por semana. A exceção ocorria nas terças-feiras, já que o pai de Vinícius recebia sua folga semanal e ficava cuidando do filho.

Martha destacou que, desde a entrada de Vinícius na creche, cerca de três educadoras foram substituídas, sendo que ele manifestou estranhamento inicial, mas logo se adaptou à mudança: *“Acho que no início, diz que ele estranhou um pouco, chorou, mas depois se acostumou, porque elas foram aos poucos, né? Acho que aos poucos entrando, convivendo com eles. Mas ele*

estranhava”. Também ressaltou sobre a importância do cuidado alternativo para o desenvolvimento do filho, destacando aspectos que foram atribuídos à creche, como a socialização, o desenvolvimento motor e a alimentação: *“Acréscitou dele conhecer, conviver com outras crianças, com outras pessoas, né? Também pra ele se soltar um pouco mais, que ele agora esta deixando de ser tão tímido como ele era. Está mais solto. Eu notei que ele aprendeu a engatinhar, está ficando cada vez mais firme, que a alimentação dele também... ele esta se alimentando bem, vários tipos de alimento, acho que a creche ajudou bastante”*.

Martha avaliou de maneira positiva a creche que Vinícius frequentava, destacando o bom atendimento prestado às crianças: *“Eu acho muito boa mesmo, eu acho que as crianças são cuidadas com atenção, com carinho. Claro que não é fácil (...) 18 crianças pedindo as coisas, chorando, exigindo a atenção ao mesmo tempo é super difícil, mas em vista disso, eu acho que a creche é muito boa mesmo”*. Além disso, Martha destacou que a diversidade de brinquedos e atividades oferecidos às crianças, a avaliação periódica que as educadoras realizavam junto aos pais, os eventos realizados em que os pais eram convidados a participar, a higiene do local, bem como a equipe profissional, contribuíam para uma avaliação positiva da creche: *“Tem vários brinquedos, tem várias atividades. Outra coisa que eu acho super legal é a avaliação que elas fazem, com todo parecer, com foto deles, nos convidam quando tem festas lá, elas nos convidam pra gente ir junto, de participar junto. Ah, além do cuidado com a higiene que é tudo esterilizado, a gente vê que eles têm o berçinho deles, o material deles, a cadeira, sabe? Então isso também é importante, que tenha apoio de nutricionista, de enfermeira, de psicóloga. Que é uma coisa importante”*. Da mesma forma, Martha ressaltou a boa comunicação que estabelecia com as educadoras na creche, no sentido de receber informações sobre o dia do bebê com elas: *“Converso ali com elas, a gente chega lá e pergunta como é que foi a alimentação dele, como é que foi o dia, se fez cocô, tudo essas coisas a gente pergunta, elas informam numa boa e tem tudo registradinho ali, eu acho muito importante que eles têm todos os dias uma tabela com formulário, com todas as informações, tudo que eles fizeram durante o dia de mais especial fica registrado, isso ai quando a mãe chega lá e pergunta ou o pai, tu olha ali e elas informam”*.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Martha destacou que, nos últimos seis meses, Vinícius havia sido cuidado pela creche e pelo pai de maneira mais frequente e, de maneira menos habitual, pela tia e avós maternos. Com relação a estes, Martha ressaltou que apesar do estranhamento inicial, Vinícius veio a aceitar os cuidadores: *“A experiência que eu tive com a minha irmã ou com os meus pais ele aceitou. Acho que ele aceitou. No início até que ele deu uma resmungada, mas depois ele ficou numa*

boa". No entanto, ela ressaltou que com a avó materna Vinícius apresentou um estranhamento maior do que com a tia: *"Até com a minha irmã ele teve menos estranhamento que com minha mãe (risos), não sei por que com a minha irmã, de repente tem uma empatia também"*. Martha ressaltou seus sentimentos em deixar Vinícius sendo cuidado por essas pessoas, destacando preocupações quanto ao bem-estar do filho, mas também confiança nos cuidados que foram oferecidos: *"Claro que eu me preocupava, né? Que eu me preocupei no início, 'será que ele vai estranhar? será que ele vai se acostumar?' . Mas como eu tinha confiança nas pessoas, eu sabia que elas iam de alguma maneira tentar acalmar ele"*.

Em relação aos momentos de separação em que deixava Vinícius na creche ou com o pai, Martha destacou que sempre procurava se despedir do filho e que ele ficava observando a sua saída, sem protestar: *"Eu dou um beijo, passo a mão nele, faço um carinho, dou tchau pra ele. Acho que ele percebe um pouco, sabe? Ele fica bem sério me olhando, às vezes, dá risada. Isso que eu faço sempre, ou até em casa quando eu tenho que sair e deixo ele com o pai dele, vou lá dou um beijinho, dou tchau, ele fica me olhando, mas ele não chora"*. Martha relatou sentimentos de preocupação nos momentos em que tinha a sensação de que Vinícius iria chorar. No entanto, ao perceber que ele não chorava, ela ficava mais aliviada: *"Quando ele fica me olhando sério eu acho que ele vai chorar, daí quando eu vejo que ele não chora eu já fico mais aliviada. Eu fico preocupada, 'será que ele vai chorar?', será que ele está sentindo alguma coisa de eu sair?' Mas ao mesmo tempo que ele fica bem sério me olhando e não chora, eu saio e já fico mais tranquila"*. Em relação ao comportamento de Vinícius no momento em que ela estava ausente, Martha ressaltou que com pessoas pouco conhecidas, como as novas educadoras da creche, por exemplo, Vinícius ficava bastante tímido, mas com pessoas conhecidas já mostrava um comportamento mais extrovertido: *"Com pessoas estranhas eu sei que ele fica tímido, mas quando ele já conhece bem a pessoa, que já está bem familiarizado, ele se solta, brinca, faz barulho"*.

Quando questionada sobre se alguma mudança pode ser observada no comportamento de Vinícius nos momentos de separação mãe-bebê em relação aos 6 meses de idade, Martha ressaltou acreditar que, aos 12 meses, o filho tivesse uma consciência maior de que ela estava se ausentando, mas isso não o fazia manifestar protesto em relação à ausência da mãe: *"Acho que agora, só pelo olhar dele, ele sabe 'ah ela vai sair', mas acho que ele não chora porque ele sente que eu sempre volto, né? Tenho ideia que ele sempre pensa assim, fica me olhando sério assim"*. Em relação aos próprios sentimentos, Martha ressaltou que aos 12 meses de Vinícius sentia-se mais tranquila nos momentos de separação do que aos 6 meses: *"Acho que agora eu já fico mais tranquila quando eu me separo dele. Eu já não fico tão preocupada se vai acontecer alguma coisa, se*

com o pai dele ou se na creche ele vai ficar bem, se ele vai cair, vai ter algum problema. Eu já consigo sair e ficar mais tranquila”.

Com relação às separações momentâneas que ocorriam quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, mas permanecia disponível para atendê-lo, Martha destacou que se Vinícius estava muito concentrado em um brinquedo demorava em notar a ausência materna e solicitar sua atenção, no entanto, se ele percebia o afastamento, já solicitava seu retorno: *“Se ele tiver envolvido com os brinquedos, ele custa a querer a minha atenção, mas se ele notar que eu saí, assim sabe, ele... passa um pouco de tempo ele já me chama”.* Nesses momentos, Vinícius solicitava a presença da mãe através de balbucios e choro: *“Se ele fica um pouco tempo e daí ele nota que está sozinho, ele já começa a chamar a gente. Primeiro ele não chora, só faz uns barulhos. E daí vai aumentando, aumentando, até chorar”.* Martha destacou que não atendia Vinícius logo que ele solicitava a sua presença, com o objetivo de ensiná-lo a ficar mais distante dela por alguns momentos: *“A gente espera, porque até pra ele aprender, né? A ir, aos pouco assim, a ficar longe, porque, às vezes, a gente tem que... ele está lá no quarto brincando e a gente tem que ir lá na cozinha”.* No entanto, Martha também destacou ter observado que, aos 12 meses, Vinícius passou a solicitar menos a presença dela nesses momentos de separação. Devido a isso, Martha mencionou que se sentia mais tranquila, já que o filho não demonstrava tanta ansiedade na sua ausência. Ela destacou, mais uma vez, a preocupação de que Vinícius pudesse ficar muito dependente dela: *“Eu estou começando a ficar mais tranquila, porque eu comecei a sentir que quando a gente sai de perto ele não fica tão ansioso da nossa presença, né? Ele já está mais tranquilo. Eu já estou ficando mais tranquila, que eu estava preocupada, porque eu ‘ah, será que ele vai sempre ficar tão dependente da gente?’. Não, mas eu já notei que ele já está, conforme o crescimento, o desenvolvimento, ele já está mudando um pouco”.*

Martha também ressaltou que em momentos anteriores aos 12 meses, Vinícius, por vezes, engatinhou e foi ao seu encontro. No entanto, ela notou que, aos 12 meses, Vinícius solicitava à sua presença, mas continuava brincando sem ir à sua procura: *“Ultimamente eu tenho notado que ele, às vezes, ele até pode reclamar no início, mas ele fica lá. Hoje, por exemplo, eu fui tomar banho e deixei ele lá no berço dele brincando com uns brinquedos, aí no início ele deu uma resmungada, depois que eu entrei pra tomar banho ele se acalmou. Quando eu voltei ele estava brincando com o piano dele, com os brinquedos. Então acho que agora ele está começando a sentir mais segurança, de repente”.*

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Frente aos reencontros como consequência das separações prolongadas mãe-bebê, que se deram, principalmente, devido à permanência de Vinícius na creche, Martha destacou que o filho manifestava alegria ao vê-la, vindo ao seu encontro: *“Ele fica bem faceiro, ele levanta os braços, ele dá risada, ele faz barulho com a boca. Ontem, quando eu cheguei na creche ele me viu, ele ficou faceiro, ele levantou os braços e já veio engatinhando atrás de mim”*. Ela ressaltou que Vinícius também se despedia das professoras: *“Até na creche, ele já se despede das professoras todas, que antes ele não fazia, ele abana, dá risada”*. Martha destacou que ela retribuía a atitude do filho através de alegria ao vê-lo e carinho: *“Eu fico bem faceira, bem feliz, aí eu vou lá, abraço e beijo ele, pego ele no colo”*.

Quando questionada sobre se alguma mudança pode ser observada no comportamento de Vinícius nos momentos de reencontro mãe-bebê em relação aos 6 meses de idade, Martha ressaltou o fato de o filho perceber melhor à sua ausência e, dessa forma, reagir com maior entusiasmo quando a reencontrava: *“Acho que agora ele percebe mais (...). Quando eu volto ele reage com mais entusiasmo. Acho que ele sente mais”*.

Com relação aos reencontros frente às separações momentâneas, em que a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Martha destacou que Vinícius, embora a solicitasse através de balbucios e choro, logo se acalmava assim que a encontrava, lhe oferecia algum brinquedo e, algumas vezes, solicitava ser pego no colo: *“Daí ele se acalma ou ele começa a pedir colo”*. Martha destacou que, nesses momentos, ela oferecia a atenção solicitada pelo filho: *“Aí a gente, às vezes, dá colo, às vezes, a gente pega e conversa como ele e brinca com ele, mas deixa ele no chão, não pega ele no colo”*.

3.1.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-individuação do Caso 1

A Figura 2 apresenta uma síntese dos indicadores do processo de separação-individuação de Martha e Vinícius ao longo do primeiro ano do bebê, ressaltados até aqui.

Figura 2: Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 1.

Antecedentes do processo de separação-indivuação

Características maternas e do bebê

- Mãe insegura em relação à maternidade, desejo de ser mais afetiva que a própria mãe
- Bebê esperto e de temperamento fácil

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de separação sem muitas reações, bebê não percebeu a ausência materna
- Mãe preocupada com bem-estar do filho.
- Outras experiências de separação sem protestos do bebê, apesar de observar a mãe se ausentar
- Mãe demonstrava sentimentos de preocupação, saudade e culpa por deixar o filho

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de reencontro sem muitas reações do bebê; mãe contente por voltar a cuidá-lo
- Outras experiências de reencontro com bebê ora tranquilo, ora chorando
- O choro do bebê foi atribuído ao fato de o pai não lhe oferecer atenção exclusiva

Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

- Receio materno de não poder acompanhar o desenvolvimento do filho até a fase adulta devido à idade da mãe
- Desejo de ser tranquila e afetuosa, características que a diferenciavam da própria mãe
- Desejo de que o filho não fosse tímido, o que o diferenciava dela própria, o definia como esperto e curioso

Entrada do bebê na creche

- Razões: ausência de pessoa de confiança para ser babá, estímulo ao desenvolvimento do bebê, socialização
- Adaptação satisfatória, presença da mãe na creche e horários reduzidos permitindo uma adaptação gradativa
- Tranquilidade e afeto das educadoras como facilitadores da adaptação

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas sem reações de choro ou outros protestos; bebê passou a chegar alegre na creche
- Mãe se despedia do filho, sentia-se segura em deixá-lo apesar da saudade e pena do bebê
- Separações momentâneas em que o bebê solicitava a presença da mãe quando percebia estar sozinho
- Necessitava a presença de uma figura de confiança, não exclusivamente a mãe

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com alegria e tranquilidade por parte do bebê
- Mãe retribuía o carinho com colo, beijos e abraços

Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)

Aspectos maternos e do bebê

- Bebê exigia atenção e presença da mãe, visto como mais dependente da figura materna
- Capacidade do bebê de se perceber como diferente da mãe e outras pessoas; tímido nos contatos iniciais
- Interesse e prazer do bebê na exploração do ambiente; retornava até a mãe nos intervalos das brincadeiras
- Mãe preocupada com desenvolvimento e segurança do filho, mas sem excessos

Experiência do bebê na creche

- Estranhamento inicial do bebê frente às novas educadoras
- Creche como importante para a socialização, desenvolvimento motor e alimentação adequada
- Creche definida como satisfatória por proporcionar estimulação do bebê e trocas entre família e creche

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas com reações de estranhamento quando cuidado pela tia e avós maternos
- Na creche ou com o pai o bebê observava a mãe se ausentar, mas não protestava; mãe ficava tranquila
- Separações momentâneas em que o bebê solicitava a presença da mãe quando percebia seu afastamento
- Mãe não o atendia imediatamente por considerar importante ele ficar distante dela por alguns instantes

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com alegria e entusiasmo por parte do bebê e da mãe
- Reencontro frente às separações momentâneas em que o bebê se acalmava e interagía com a mãe
- Aos 12 meses o bebê passou a solicitar menos a presença da mãe quando ela se ausentava

3.2. Caso 2: Lygia e Érico

3.2.1. Caracterização do caso

Lygia se encontrava com 29 anos no momento inicial do estudo e seu filho Érico, de 6 meses e 8 dias, havia iniciado a creche há cerca de três dias. Érico é fruto de uma gestação planejada entre Lygia e o marido Mário, de 36 anos. Ela concluiu a graduação e uma especialização e trabalhava como bibliotecária. Seu marido também havia concluído o ensino superior e trabalhava como gerente de recursos humanos.

Lygia destacou que a ideia da gravidez se estruturou a partir de um desejo mútuo do casal, no entanto, a iniciativa partiu de Mário que desejava muito ser pai. Assim, o casal iniciou as tentativas de gravidez, sendo que, no primeiro mês, já receberam o resultado positivo. Frente à notícia da gravidez, Lygia destacou que ela e o marido ficaram muito felizes por estarem concretizando algo muito desejado por eles. Lygia ressaltou que não teve enjoos ou alguma indisposição durante a gestação, destacando a tranquilidade desse período. Em relação aos aspectos emocionais, ela mencionou que ficou “*mais contente ainda*” que o habitual e não destacou mudanças significativas em seu humor.

Referente ao parto, Lygia mencionou que havia marcado uma cesárea, por orientação médica, pois as ecografias mostravam que Érico estava muito grande, de modo que a estrutura corporal de Lygia poderia não permitir o parto normal. No entanto, uma semana antes da data agendada, Lygia entrou em trabalho de parto. Ela destacou ter ficado muito “*assustada*”, já que suas contrações iniciaram de forma intensa e frequente, possibilitando, assim, o parto normal após o trabalho de parto que durou, apenas, uma hora e 20 minutos. Lygia destacou que o marido a acompanhou no momento do parto, fato que ela considerou importante para que pudesse se sentir mais segura. Érico nasceu de 38 semanas e cinco dias pesando 3.000g. No primeiro contato com o filho, logo após o parto, Lygia destacou que “*não queria largar mais*” e, ao ser questionada sobre como se sentiu naquele momento, ela respondeu: “*uma mãe*”. Nos primeiros dias após o parto, Lygia recebeu auxílio do marido, da sogra e da mãe, ressaltando que esse apoio foi muito importante, possibilitando que ela se sentisse “*amparada*”.

3.2.2. Antecedentes do processo de separação-individuação

Características maternas e do bebê

Lygia ressaltou características da maternidade durante o período gestacional, principalmente, preocupações em ser uma “boa mãe” e saber oferecer os cuidados que o filho precisava. Ela mencionou como se imaginou como mãe, ainda na gestação, e ressaltou como características principais que seria uma mãe que daria amor e carinho ao filho: *“É um amor que vai crescendo junto com a gente, né? Desse filho e de dar muito carinho e todo amor do mundo”*. Já quando questionada sobre como imaginava que seria o relacionamento com o filho, Lygia destacou ansiedade para saber como seria cada mês com Érico, no sentido de acompanhar cada etapa do seu desenvolvimento. Com isso, Lygia mencionou alguns aspectos do desenvolvimento de Érico que, para ela, foram importantes na relação com o filho: *“É uma ansiedade muito boa a chegada do filho e como vai ser cada mês. A gente esperava muito assim como que ia ser. É uma descoberta, uma felicidade todo mês. Dele, com 40 dias ele começou a dar risada e, aí depois com um mesinho, ele vai começando a identificar o papai e a mamãe, fica feliz quando vê”*.

Nos primeiros dias com Érico, Lygia relatou que ele era um bebê muito calmo e tranquilo, o que possibilitou as descobertas para mãe e filho, principalmente, o amamentar que era um desejo de Lygia: *“A minha curiosidade em como era amamentar, era uma curiosidade muito grande que eu tinha. E ele com toda calminha, ele tentava mamar um pouquinho e aí eu perguntava pras enfermeiras que, não saía nada, eu não tinha leite ainda, né? Mas, só aquelas gotinhas que saíam, que é o do colostro elas diziam que já eram suficientes pra ele. E ele nunca chorou, não chorava de fome, parecia que aquilo saciava ele mesmo. E ele sempre foi calminho, aí eu colocava no peito, ele tentava mamar. Sempre calmo, na hora do banho também não chorava, calminho, um amor”*. Lygia ressaltou que não tinha expectativas em relação a esses primeiros dias com Érico, ressaltando que, apenas, deixou tudo “acontecer”: *“Digamos assim, eu não imaginava detalhes, pra mim era aquela curiosidade de como vai ser assim, né? E aí eu deixei acontecer, foi sendo aquela surpresa”*. Frente a isso, Lygia mencionou que o que mais a agradou nos primeiros dias com Érico foi o jeito de ser dele: *“O que agradou mais foi esse jeitinho dele, de ser muito risonho e querido, eu não imaginava isso, né? Então isso deixa a gente tão feliz, ele faz a gente rir com ele o tempo todo, porque ele é muito risonho”*. No entanto, ela também destacou preocupações relativas à maternidade e ao filho nesses primeiros momentos, principalmente, em relação ao bem-estar de Érico e em sua capacidade de atender as necessidades do filho: *“[preocupação] Era em saber atender as necessidades dele. Como ele nasceu no auge do calor, eu*

tinha preocupação de..., vou ter ar-condicionado, mas será que eu vou esfriar ele demais?, será que ele vai passar calor?, como é que vai ser?, será que eu vou saber saciar ele na fome?, e se ele vai conseguir mamar a ponto de matar a fome dele, será que ele não vai conseguir mamar e eu vou ter que dar uma mamadeira?, começar com o Nam?, essas coisas assim preocupavam, né? Mas aí foi sendo tudo bem natural, tudo bem tranquilo e aí essas preocupações foram desaparecendo”. Lygia também ressaltou o seu total investimento no filho, destacando que não tinha “forças” para se dedicar a outras atividades além dos cuidados de Érico: “Eu não queria, eu não tinha forças, não tinha o menor ânimo em fazer qualquer comida, muito menos lavar roupa e cuidar da casa, era só a criança assim, eu tinha toda a atenção pra ela”.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Lygia mencionou que a primeira experiência de separação entre ela e Érico ocorreu durante o primeiro mês do filho, momento em que ela foi à consulta médica: *“Eu tive que ir numa consulta, com a obstetra. Ele tinha um mês”*. Ela destacou que, nessa ocasião, se ausentou por, aproximadamente, uma hora e Érico ficou recebendo os cuidados do pai. Lygia ressaltou que Érico não manifestou nenhuma reação à sua saída já que era recém-nascido e, provavelmente, não havia notado ela se ausentar: *“Eu acho que ele nem percebeu que eu saí”*. Lygia ressaltou que Érico demonstrou insatisfação somente no momento em que desejou ser amamentado e, para isso, precisava da mãe. Com isso, Lygia confirmou que o filho não manifestou que sentiu sua falta, mas sim que estava no horário de ser alimentado: *“Ele já estava reclamando, um pouquinho, que ele queria mamar, né? Mas foi isso. Não sei se foi por ele sentir falta, e sim porque ele estava na hora de mamar”*. Lygia mencionou que essa primeira separação entre ela e Érico lhe suscitou preocupações em relação ao filho, de modo que ela relatou sentimentos de aflição durante o tempo em que se ausentou e a necessidade de ligar para o marido para saber como Érico estava: *“Ah, totalmente aflita, né? Cheguei a ligar. Em uma hora, eu já tinha ligado pra ver se ele queria mamar, se estava bem. Dá uma aflição de deixar”*.

Frente às outras separações mãe-bebê (anteriores ao 6º mês do bebê), Lygia destacou que Érico seguiu reagindo bem às separações e ficando satisfatoriamente com o pai. Em relação aos seus sentimentos, ela destacou que, com o tempo, foi ficando mais tranquila em se afastar do filho: *“A gente vai se tranquilizando, né? Com certeza”*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Lygia destacou que o reencontro entre ela e Érico após a primeira separação ocorreu de maneira “*normal*”. No entanto, como o filho já estava sinalizando que estava com fome, logo se tranquilizou por ser amamentado: “[o bebê] *Se tranquilizou, normal, assim. Que nem eu falei, acredito que talvez nem percebeu que eu tenha saído, né?*”. Lygia destacou a satisfação em retornar a casa e poder atender o filho no que ele estava solicitando: “*Nossa [me senti] bem. Super bem*”.

Em relação aos reencontros ocasionados pelas separações posteriores, Lygia ressaltou que Érico estava sempre tranquilo, com exceção dos momentos em que já estava querendo ser amamentado, o que o fazia manifestar algum desconforto: “*Se ele não estava querendo mamar, [reagia] normal, assim*”.

3.2.3. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

Lygia destacou características da maternidade aos 6 meses de Érico. Ela mencionou que não imaginava que a experiência de ser mãe fosse tão satisfatória e ressaltou que estava se sentindo “*completamente realizada*” com a maternidade. O fato de ter sido uma gestação planejada para um momento estável da vida pessoal e profissional do casal contribuiu, segundo Lygia, para a vivência satisfatória da maternidade: “*Eu não imaginava que seria tão bom assim. Esperava, mas não imaginava tanto, né? Está sendo muito bom, estou adorando. Não me arrependo de nada, foi numa hora perfeita que eu consegui, graças a Deus, né? Terminei os estudos, fiz pós-graduação, ainda até pretendo fazer um mestrado, mas mais adiante. Então ele veio..., pode ser uma coisa bem planejada pra nós dois, o Mário também terminou os estudos, daí a gente pode preparar o cantinho dele, foi uma coisa bem esperada, foi numa hora muito boa, está sendo muito bom*”.

Lygia também destacou que se percebia como uma mãe “*muito boa*” e ressaltou a relação positiva com a própria mãe como o que a estimulou a ser uma boa mãe para Érico: “*A minha mãe já passou tanta coisa boa pra gente, criou a gente tão bem. Então eu queria também passar. Se eu conseguisse ser uma mãe como a minha mãe foi, pra mim ia ser tudo*”. Frente a isso, Lygia destacou que tinha a própria mãe como modelo de mãe e ressaltou suas lembranças infantis em relação à genitora: “*Sempre foi uma mãe maravilhosa, mostrando a educação pra gente, nunca deixando faltar nada, sempre cuidando muito da gente. Como todos os pais, ela sempre*

teve que trabalhar bastante, mas se quadruplicava nas tarefas, né? Somos quatro irmãos, quatro filhos ela teve, então. E hoje eu pergunto ‘mãe, como que tu fazia?’, porque a mãe também não tinha empregada no interior. Além de nós, tinha todos os serviços da casa, ajudando o meu pai. E ela se quadruplicava, não sei como. Hoje eu pergunto: ‘mãe, como é que tu fazia?’. E como os parentes falam, a gente, também, estava sempre impecável, eu e a minha irmã era [sic] duas bonequinhas. Então não tem o que falar, sempre foi muito prestativa”.

Em relação a Érico, Lygia destacou características pessoais do filho que se apresentaram como favoráveis para a relação satisfatória entre mãe e bebê, principalmente o fato de que ele era um bebê calmo, sorridente e que interagiu com os pais: *“Ele é muito querido, ele nunca chorou de..., ele nunca deixou a gente uma noite acordado, ele sempre dormiu de noite. Ele é muito querido (...), um bebê super calmo, risonho, que gosta, brinca bastante, que interage com a gente. Muito querido”.* Em relação ao desenvolvimento de Érico, Lygia ressaltou que ele já atendia quando chamado pelo nome e que, há poucos dias, havia começado a sentar sem apoios: *“Agora depois começa a atender quando chama por “Érico”, ele já vira a cabecinha e olha. Começou a sentar, esse mês ele começou a sentar sozinho, começa a balançar o chocalho sozinho, então é uma interação muito boa”.* Em relação aos comportamentos de estranhamento frente a lugares e pessoas estranhos, Lygia ressaltou que Érico não manifestava estranhamento, mas que ele ficava observando o ambiente para, posteriormente, seguir com seu funcionamento normal de interação: *“Não, ele não estranha, mas ele fica olhando tudo, olhando pra ir reconhecendo o ambiente, aí depois age normal”.*

Entrada do bebê na creche

Lygia destacou como principais razões para a escolha da creche como cuidado alternativo, o fato de não ter uma rede de apoio familiar próxima que lhe auxiliasse nos cuidados de Érico, assim como não ter uma babá de confiança para deixar o filho no ambiente doméstico. Ela ressaltou que como a creche tinha boas referências e era no seu local de trabalho, contribuiu para que preferisse a creche a outro tipo de cuidado. Lygia também ressaltou a possibilidade de interação com outras crianças como um fator que também a impulsionou pela escolha de uma instituição de educação infantil: *“Como as avós não estão próximas e os meus irmãos têm os filhos deles, tem o trabalhos deles, a ocupação deles, eles também têm os filhos na creche. Aí veio a opção de creche ou babá, né? Mas aí, como eu não tenho ninguém conhecido de extrema confiança e eu sempre ouvi falar tão bem da creche, então a gente nem cogitou*

outra opção (...). Pelo fato, também, de estar junto com outras crianças, ter essa interação social maior eu aprovo mais uma creche, pela interação, pela sociabilização da criança”.

Relativo à adaptação de Érico à creche, Lygia mencionou que sentia um *“aperto no peito”*, por não saber como o filho iria reagir: *“Aquele aperto no peito, né? Como é que ele vai ficar, se vai chorar, se não vai chorar”*. No entanto, ela destacou a expectativa de que Érico iria se divertir e aprender diversas atividades na creche, além de ser bem cuidado: *“Ah, eu sei que ele vai se dar muito bem, que ele vai se divertir muito na creche, vai brincar muito e vai aprender muitas coisas. E estar sendo bem cuidado”*. Ela também ressaltou a expectativa de que Érico iria se adaptar facilmente ao ambiente da creche, já que ele não demonstrava estranhamento frente a pessoas desconhecidas: *“Como ele sempre foi no colo de todo mundo, nunca chorou no colo de ninguém, aí eu sei que vai ser mais tranquilo pra ele”*. Em entrevista realizada cerca de um mês após o ingresso de Érico na creche, Lygia ressaltou a boa adaptação do filho, de modo que ocorreu a partir de horários reduzidos nos primeiros momentos e ela precisou ficar disponível na creche apenas no primeiro dia. Nos demais dias ela apenas buscava o filho no horário combinado com as educadoras: *“Está nota dez [a adaptação], ele continua super bem”*. Lygia destacou, em entrevista após um mês do ingresso de Érico à creche, considerar que ele estava bem adaptado desde as primeiras semanas de frequência à instituição. Isso foi percebido e confirmado, para Lygia, através do comportamento de Érico de demonstrar querer ir à creche nos dias em que ficou doente e necessitou ficar em casa, bem como as manifestações de felicidade quando percebia que estava sendo levado à creche: *“Nesses dias, por causa da gripe, eu resolvi ficar com ele em casa. Quando era depois do meio-dia, que era o horário de sair, ele ficava inquieto. Eu percebia que ele queria sair, que era o horário dele ir para a escolinha”*; *“Aí, hoje já pego ele e vou para a escolinha e ele faz festa, balança os pés, balança as mãos e vamos sair”*. Lygia ressaltou que a adaptação de Érico à creche *“superou as expectativas”*, já que ela imaginou que ele pudesse chorar nesses primeiros momentos na instituição: *“Eu achei que ele fosse chorar um pouquinho, eu esperava, acho que é comum ele estranhar um pouquinho, mas ele se superou, assim, por não ter estranhado nada na creche. Superou minhas expectativas”*.

Na entrevista realizada, aproximadamente, um mês após o ingresso de Érico na creche, Lygia destacou algumas mudanças observadas em Érico, que ela atribuiu a essa experiência inicial do filho na educação infantil. Ela destacou que ele passou a ficar mais doente, tendo sintomas de virose, o que nunca havia ocorrido antes do ingresso na creche: *“Ele teve uma febrinha e depois teve um caso de gripe. Aí, eu já tive que ficar com ele em casa alguns dias, por prevenção. Mas ele teve umas duas febrinhas, que deve ter sido “virosezinha”, eu nem cheguei a*

identificar o que foi. Mas coisa que ele nunca teve antes". Em relação ao sono, Lygia ressaltou que Érico sempre chegava "exausto" da creche, o que o fazia ter a necessidade de algumas horas de sono assim que chegava em casa: *"Quando ele chega em casa ele dorme duas horas. Chega exausto! Ele tem que descansar, né?"*. Lygia também ressaltou que o filho estava brincando mais e prestando maior atenção aos objetos e brinquedos: *"Ele está começando a balançar mais as coisas, a fazer mais barulho com os brinquedinhos dele. Senti isso (...). Percebi, assim, ele está bem atencioso com as coisas"*. No entanto, mudanças não foram observadas ou atribuídas à creche no que se referiu à alimentação, ao humor, ao choro, às vocalizações e a interação com pessoas estranhas, com os pais ou outros familiares.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Lygia destacou as reações de Érico durante as separações mãe-bebê em decorrência da adaptação à creche. Ela mencionou que o filho não chorou em nenhum momento ao ser deixado na creche e sim, demonstrou contentamento, de modo que ela nunca precisou ser chamada para atendê-lo: *"Ele não chegou chorar por eu deixar ele lá. Sempre ficou bem, feliz de ir para a escolinha, brincar bastante. Ele gosta"*. No primeiro dia na creche, Lygia solicitou que às educadoras registrassem esses primeiros momentos de Érico por meio de fotos, para que ela ficasse mais tranquila ao perceber o bem-estar do filho: *"Já pedi pra elas baterem umas fotos pra eu ver como é que ele está lá dentro"*. Lygia ressaltou que percebeu que o filho estava bem na creche e que ela própria teria que se adaptar a nova situação de cuidados de Érico: *"Mas é que a gente sabe, eu sei que ele está bem, então é a mãe que tem que se conformar, que tem que se adaptar, não é tanto eles quase como a mãe, né? Mas está tudo bem"*. Com isso, Lygia ressaltou que se sentia com o "coração apertado" por deixar o filho com pessoas completamente estranhas a ele. O fato de Érico não ter chorado durante os primeiros dias na creche foi algo que a tranquilizou: *"O coração fica apertado. E a gente fica aflita, assim, com essa preocupação de que ele só está vendo rostinhos diferentes, né? Se ele vai ficar triste por não estar vendo nosso rosto, por não estar vendo a mãe ou o pai perto, se ele vai estranhar. Ele não está chorando, então, isso me tranquiliza, se não eu acho que eu teria chorando também, né? Mas é uma coisa necessária... Eu sei que a creche é algo bom, que vai ser bom pra ele. Mas só essa preocupação se ele está realmente se sentindo bem"*.

Quando questionada sobre como costumava agir no momento em que deixava Érico com outras pessoas, principalmente a creche por ser o local de cuidado alternativo, Lygia ressaltou que sempre procurava sorrir para o filho, demonstrando contentamento: *"Ah, eu*

sempre fico contente. Saio sorrindo com ele, sempre". Ela destacou que não costumava se despedir do filho para que ele não percebesse que ela havia se afastado. Tal comportamento, segundo Lygia, era estimulado pelas próprias educadoras: *"Eu só saio. Até elas [educadoras] só pegaram e saíram, nem me deram tchau, pegaram... (risos). No primeiro dia, ela só pegou o nenê e foi entrando já na sala, pra ele não ver que eu estava saindo. Aí, agora, já são três dias [de adaptação] eu vou dentro lá da sala, deixo ele e eu dou um tchauzinho, e elas já distraem ele com brinquedinho e pronto. Ele não percebe nada assim e nem eu deixo perceber nada que eu estou indo embora"*. Lygia destacou o desejo de ficar com o filho, mas também a necessidade de deixá-lo na creche. Com isso, ela destacou a necessidade de retornar ao trabalho durante esses primeiros momentos de adaptação de Érico, para que ela também conseguisse se adaptar a nova situação vivenciada por eles: *"O meu trabalho é do lado da creche, essa semana eu não deveria estar aqui no trabalho, né? Mas eu estou vindo pra me distrair. Então, está sendo bom pra mim. Porque não é só a adaptação do filho, é o que eu brinco com todos, até com a minha colega de trabalho. A mãe também tem a adaptação dela. Então, eu também estou fazendo isso comigo. Conforme eu deixo o Érico lá, se ele está ficando duas horas, três horas, eu também estou vindo pro trabalho uma hora, duas horas, três horas. Eu também estou me acostumando com a volta. Não está sendo isso de voltar pro trabalho e ficar seis horas sem ver ele. Eu estou me adaptando também. E está sendo super bom porque eu não estou agoniada, com o coração aflito, eu estou me sentindo bem"*. Lygia mencionou, também, como Érico se comportava na sua ausência, destacando que, pelas fotos tiradas pelas educadoras, percebeu que o filho estava sempre sorrindo e se divertindo na creche: *"Elas [educadoras] bateram várias fotos. Então, estava ele no balanço rindo, estava ele com os móveis rindo, estava ele deitado rindo, estava ele de barriga pra baixo com as bolinhas rindo. Então, eu fiquei tranquila"*.

Já referente às separações momentâneas, no momento em que a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Lygia ressaltou que Érico tendia a se distrair com os brinquedos. No entanto, no momento em que notava a falta da mãe começava a solicitar sua presença através de "resmungos": *"Quando ele sabe que eu estou aí, ou quando ele me enxerga ele nem reclama. Se eu deixo ele no berçinho no quarto, também com os brinquedinhos dele assim, ele fica. No momento em que ele se cansar, ou que ele não me ver mais por muito tempo, aí ele faz ali os resmungos dele"*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Nos primeiros momentos na creche, Lygia ressaltou as reações de Érico no momento em que a reencontrava. Ela destacou que ele demonstrava felicidade, sorrindo para ela: *"Ele*

ri. *Aí, dá aquele sorrisão. Um amor*". No entanto, ela ressaltou que ele não fazia "festa" no momento do reencontro, sendo que, com isso, ela entendia que ele havia ficado bem na creche: *"Nos primeiros dias quando ele me via, ele até nem fazia festa, porque ele estava tão bem, sempre bem, que quando eu pegava ele era uma coisa normal"*. Lygia ressaltou os seus sentimentos frente ao reencontro com o filho e a interação que ela estabelecia com ele após a rotina da creche: *"Ah, já não vejo a hora de pegar ele no colo. Aí chego em casa, aí já dou mamar, que ele mama um monte. E brinco um monte com ele"*.

Referente aos reencontros em momentos de separações momentâneas, Lygia ressaltou que, quando Érico a solicitava, ele se acalmava assim que a via novamente: *"Aí ele faz ali os resmungos dele. Aí eu apareço, né? Ele se acalma"*. Lygia destacou que o filho demonstrava contentamento em reencontrá-la e que ela retribuía o carinho dele: *"Ele fica, parece que faz aquela festinha dele, e bate a perna, bate os braços, fica contente. Aí, claro, a gente fica dando beijo e amasso nele"*.

3.2.4. Separação-Individuação e subfase de exploração (12º mês)

Características maternas e do bebê

Lygia destacou características da maternidade aos 12 meses de Érico, ressaltando-a como algo prazeroso. Ela mencionou características do filho que a auxiliaram na percepção satisfatória da maternidade: *"Ah, é muito bom, está sendo muito legal, bem prazeroso. O Érico é uma criança bem divertida, uma criança querida, né? Então, está sendo muito bom"*. Lygia ressaltou que o desenvolvimento adequado de Érico para sua idade era algo que indicava que ela estava exercendo, satisfatoriamente, o papel materno: *"Ah, eu acho que eu tento fazer o possível, eu acredito estar me saindo bem, até pelo desenvolvimento dele. A gente tem retorno, vendo que ele está bem, então eu acho que está sendo bom"*.

Em relação a Érico, Lygia destacou o comportamento mais independente por parte do filho, sendo que o definiu como *"um arteiro dentro de casa"*. Ela destacou que Érico já engatinhava e andava com apoio desde os 10 meses. Com isso, alguns cuidados na casa foram tomados para que Érico pudesse explorar o ambiente e seguir no desenvolvimento de sua independência, sem riscos: *"Ele vai para o quarto dele e pega alguma coisa, já abre a porta do guarda roupa que é de correr, vai ao banheiro puxa todo o rolo de papel higiênico, aí tem que deixar a porta fechada (risos), aí ele vai para a cozinha, aí agora ele fica abrindo as gavetas, aí agora a gente colocou um portãozinho para evitar qualquer coisa, aí ele vai para a sala, já sabe ligar o*

aparelho de DVD, já está bem arteiro". Lygia ressaltou considerar importante esse comportamento do filho, já que, aos 12 meses, ele podia fazer algumas atividades que o agradavam sem necessitar de auxílio a todo o momento: *"Eu acho que essa fase é muito legal, porque ele começa a fazer o que ele quer! O que ele acha divertido, bom, né? Ele não depende de mim pra... eu acho que essa independência está sendo bem legal! Porque ele acaba resmungando menos também, né? O que ele quer ele vai lá e faz! Claro, a gente fica supervisionando se ele pode ou não pode, mas é bom*". Lygia destacou que Érico demonstrava prazer nessas atividades que realizava de forma independente e que ela o estimulava em suas conquistas: *"Ele pega alguma coisa e já ri, fica balbuciando (...). Daí a gente corresponde, faz viva pra ele, retribui com um sorriso, também"*.

Lygia mencionou o comportamento de Érico frente a lugares e pessoas estranhas e ressaltou que ele era bastante extrovertido, conseguindo interagir com objetos e pessoas quando estava na presença de Lygia. Ela ressaltou que, segundo a informaram, Érico mantinha o comportamento semelhante de exploração quando ela estava ausente: *"[Érico] Vai para o mercado e ele fica dando tchau para todo mundo, fica rindo para todo mundo (risos) até é um perigo. Agora ele aprendeu a dar tchau-tchau, então fica abanando para todo mundo. Até esses dias a gente saiu para jantar e daí, claro são pessoas, tu fica perto de pessoas bem estranhas, quando vi a senhora do lado se virou porque ele estava batendo nas costas dela (risos). Aí ela olhou e ele... aí ele fez tchau-tchau pra ela. Eu até fiquei com vergonha porque eu deixei ele cutucar a mulher, não percebi, mas ela se divertiu, aí tinha um vidro depois que separava um ambiente do outro aí quando eu vi ele estava dando tchau-tchau para outra mulher do outro lado (risos), bem comunicativo"*.

Em relação a pequenas frustrações que Érico vinha a sofrer ao explorar o ambiente (como uma pequena queda, não poder pegar o que desejava, etc.), Lygia ressaltou que ele manifestava desagrado quando queria algo que não poderia pegar: *"Ele dá uma resmungada se..., ou alguma coisa que ele não pode, ele resmunga, claro, porque ele quer aquilo mas aí a gente não deixa ou tira ele daquele lugar ou com aqueles objetos"*. Ela também destacou que se Érico sofria uma queda leve durante a exploração do ambiente ele ignorava e seguia com a exploração: *"Muitas vezes ele ignora [as quedas], às vezes até eu "meu Deus ele vai chorar!", mas não! Ele continuou (...). Aí eu fico pensando 'bem coisa de menino mesmo, não fica chorando por qualquer coisa' "*.

Em relação às brincadeiras, Lygia destacou que quando ela estava presente no mesmo ambiente que Érico, ele brincava sozinho com seus brinquedos e, algumas vezes, necessitava retornar até ela para mostrar algum objeto e estabelecer alguma interação. Lygia destacou que

lhe agradava tal comportamento do filho já que ele estava mostrando que gostava dessa interação: “[Érico retorna] *É só mostrar o brinquedo, né? Querer que interaja (...). Aí a gente fica feliz por ele estar se mostrando que ele tem os sentimentos dele, que ele gosta disso, então a gente vê que está tudo acontecendo de uma forma perfeita, assim, a gente fica bem realizada*”. Nos momentos em que Érico estava muito concentrado em suas brincadeiras e descobertas que parecia esquecer momentaneamente da mãe, Lygia destacou que não necessitava ir até o filho e manter contato com ele. Apenas ressaltou que o deixava brincando: *“Eu deixo ele brincando, deixo normalmente”*.

Experiência do bebê na creche

Lygia destacou a experiência de Érico na creche, ambiente de cuidado alternativo no qual ele permanecia cerca de oito horas e 30 minutos diariamente, das 9h às 17h30, durante cinco dias na semana.

Lygia destacou a importância da creche para o desenvolvimento de Érico, principalmente, no que se referiu à socialização, pelo convívio com adultos e crianças, assim como, pela imitação de outras crianças mais velhas que permitiu a Érico desenvolver novas habilidades: *“Essa socialização ajuda bastante, né? Contato que eles tem, eu acho bem importante (...). Agora na hora das refeições, elas já estão dando os talheres assim, e vendo outras crianças, isso que é bem importante, vendo outras crianças que são um pouquinho mais velhas que ele fazendo, ele faz também. Então elas me disseram que ele está mexendo bem já, os garfinhos, a colher, então isso é bem importante*”. Lygia avaliou a creche que Érico frequentava de maneira positiva, ressaltando o quão bem o filho era cuidado nesse contexto: *“Nossa, muito bom. A gente vê que elas [educadoras] têm muito cuidado em todos os momentos, nas horas das refeições, nas brincadeiras, então eu estou bem satisfeita*”. Da mesma forma, ela destacou a estrutura física da creche, assim como a equipe profissional, como aspectos que contribuíram para a avaliação satisfatória da creche: *“O espaço, os ambientes são bem aconchegantes, né? Tanto o mobiliário, eu acho que está bem adequado. A estrutura, as refeições com nutricionista são muito bem feitas, uma comida bem servida para eles, as professoras tem um carinho, a gente sente que tem um carinho muito grande com eles. Então isso tudo contribui*”. Lygia também ressaltou a boa comunicação entre ela e as educadoras, no sentido de receber informações sobre o dia de Érico com elas: *“Toda vez que eu chego no fim do dia, que eu pego o Érico, elas sempre me passam o que ele fez durante o dia, como que foi as refeições, se ele deu uma choradinha, ou não... Então esse feedback, elas dão sempre*”.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Lygia destacou que, nos últimos meses, Érico teve a creche como forma de cuidado alternativo. Dessa forma, ela ressaltou as reações se Érico frente às separações que ocorreram no contexto da creche. Lygia destacou que, aos 12 meses, Érico estava reagindo aos momentos de separação, sendo que ele passou a chorar no momento em que era deixado na creche. Lygia mencionou que esse comportamento se devia ao maior entendimento de Érico em relação às separações mãe-bebê: *“Mas ele começa a entender quando a mamãe vai embora, quando o papai sai, aí ele começa a dar umas choradinhas, assim, como é agora quando eu estou deixando ele, ele faz uma ceninha, né? Mas é só no momento que deixa também, depois ele fica super bem (...). Agora que ele entende mais, digamos ‘ai eu estou ficando aqui na escolinha, a mamãe está me deixando aqui’, então ele gostaria que eu ficasse junto”*. No entanto, quando o pai levava Érico à creche, Lygia destacou que o filho manifestava uma reação mais intensa de protesto às separações, já que destacou que ele era muito *“grudado”* ao pai: *“E ele está bem grudado ao pai. Tanto que eu estou procurando mais eu vir com ele e deixar ele na creche, por que se vem o pai ele faz um escândalo, que ele não quer sair do colo no pai (risos). Então, ele adora o papai dele”*. Frente a esses comportamentos de Érico quando deixado na creche, Lygia destacou a mudança observada no filho aos 12 meses em relação aos 6 meses de idade. Enquanto aos 6 meses ele logo interagia com a educadora que o buscava e não protestava frente às separações, aos 12 meses ele manifestava protesto através de choro e o desejo de retornar ao colo materno: *“Ele está percebendo mais o que acontece, né? Digamos, enquanto ele era bebê a prof. pegava ele, ele estranhava um pouquinho o colo, mas já brincava, agora não. Digamos, agora, quando eu deixo ele, no momento que trocou de colo, ele já começa a chorar e já estica a mãozinha pra mim, que quer voltar”*. Lygia ressaltou seus sentimentos de insegurança por se separar de Érico, mas também a certeza de que ele estava recebendo os cuidados adequados na creche: *“A gente fica com o coraçãozinho apertado, mas sempre se conformando que aqui [creche] é um lugar super seguro, que ele vai receber bastante carinho, vai se divertir bastante, então tem esse conforto, né? Atrás de uma possível insegurança, que deixando um filho isso fica com a gente, mas a gente se conforta, assim, que ele está bem cuidado”*.

Em relação a esses momentos de separação, Lygia destacou que sempre procurava avisar ao filho que ele estava indo à creche. Quando o deixava com uma educadora que o aguardava na portaria, Lygia mencionou que sempre se despedia do filho. No entanto, quando ela ia até a sala de aula deixar o filho, ela tendia a não se despedir já que as educadoras mesmo procuravam distrair Érico para que ele não percebesse a saída da mãe: *“Sai de casa eu*

já começo a dizer, ‘vamos lá na escolinha, lá tu vai te divertir, tu vai comer bastante, tu vai brincar, tem os amiguinhos’. Já saio falando isso, então quando eu chego aqui também, eu fico falando ‘olha, chegamos na tua escolinha, aqui tu vai brincar’, e aí sempre entro brincando com ele. E claro quando ele percebe que eu vou sair ele dá aquela choradinha, mas aí depois... ele fica bem”; “Eu saio sem falar nada só quando a gente entra na sala, daí as profs. já pegam ele para brincar, aí eu não dou tchau para ele, pra ele não começar a chorar, talvez”. Lygia ressaltou que, segundo as educadoras, Érico ficava bem na creche, apesar da reação de choro inicial: “As profs. sempre me falam tudo o que ele faz, que ele brinca, que ele se diverte bastante”.

Com relação às separações momentâneas que ocorriam quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Lygia destacou que, após um curto espaço de tempo em que Érico ficava brincando, ele ia à sua procura ou lhe chamava: “*Ele fica brincando um pouco, não por muito tempo ele fica brincando, e aí depois ele já vem caminhando para ver o que eu estou fazendo* (risos), *tipo, ‘onde é que tu está?’ ou ele começa, ‘ãhn, ãhn!’*, *tipo ‘cadê a mamãe?’*, *daí eu já ‘estou aqui’”.*

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Frente aos reencontros como consequência das separações prolongadas entre mãe-bebê, que ocorreram devido à permanência de Érico na creche, Lygia destacou que o filho manifestava alegria ao vê-la e vinha ao seu encontro: “*Agora que ele caminha, eu entro [na sala da creche] e ele, nossa, ele já ergue os bracinhos e já vem correndo* (risos) *e me dá um abraço, uma felicidade”.* Lygia ressaltou o mesmo sentimento no reencontro, principalmente por perceber que Érico ficava feliz ao vê-la: “*Bem gostoso, né? A gente vem buscar, fica o dia fora e já fica morrendo de saudade e não vê a hora de vir buscar ele. E aí a gente sente que ele também fica bem feliz quando a gente vem buscar”.* Ela também ressaltou retribuir o carinho do filho nesse momento: “*Aí eu abraço e beijo, aperto* (risos)”.

Com relação aos reencontros frente às separações momentâneas, Lygia destacou que Érico, assim que a reencontrava, já iniciava alguma brincadeira na tentativa de estabelecer uma interação com a mãe: “*Aí ele já começa a brincar, já quer fazer alguma arte, alguma coisa”.* Lygia ressaltou que considerava importante o fato de Érico ir procurá-la já que demonstrava a habilidade do filho de perceber o que acontecia no ambiente ao seu redor: “*Eu acho isso [ir a sua procura] importante também, né? Porque ele está percebendo tudo o que está acontecendo ao redor dele, então que ele está demonstrando que ele presta atenção nas coisas, que ele quer essa troca, eu acho importante, acho bom”.*

3.2.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do Caso 2

A Figura 3 apresenta uma síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação de Lygia e Érico ao longo do primeiro ano do bebê, ressaltados até aqui.

Figura 3: Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 2

Antecedentes do processo de separação-indivuação

Características maternas e do bebê

- Mãe preocupada com o bem-estar do filho e segura em relação à maternidade
- Bebê calmo e tranquilo, o que possibilitou as descobertas entre mãe e filho

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de separação sem muitas reações por parte do bebê, não percebeu a ausência materna
- Mãe aflita e preocupada com o bem-estar do filho
- Outras experiências de separação com bebê ficando tranquilo com o pai
- Mãe foi se tranquilizando em relação a seus sentimentos

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de reencontro sem muitas reações por parte do bebê; mãe satisfeita em reencontrá-lo
- Outras experiências de reencontro com bebê tranquilo

Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

- Mãe completamente realizada com a maternidade; se considerava tão boa mãe quanto sua mãe
- Bebê calmo, tranquilo, risonho e interativo

Entrada do bebê na creche

- Razões: ausência de familiares próximos e de pessoa de confiança para ser babá, socialização do bebê
- Adaptação satisfatória, horários reduzidos nos primeiros dias, mãe precisou ficar na creche no primeiro dia
- Características do bebê, como não estranhar ambientes e pessoas desconhecidas, como facilitador da adaptação

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas sem reações de choro ou outros protestos; bebê ficou contente na creche
- Mãe tranquila por saber que o bebê não chorou; não costumava se despedir do filho
- Separações momentâneas em que o bebê solicitava a presença da mãe quando percebia estar sozinho

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com alegria por parte da mãe e do bebê
- Reencontro frente às separações momentâneas em que o bebê manifestava contentamento
- Mãe retribuía o carinho do filho

Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)

Aspectos maternos e do bebê

- Maternidade ressaltada como prazerosa; desenvolvimento do bebê sinalizava a competência como mãe
- Bebê exercia atividades de maneira mais independente, o que era estimulado pela mãe

Experiência do bebê na creche

- Creche como importante para o desenvolvimento do bebê, principalmente, para a socialização
- Creche avaliada como satisfatória pelos bons cuidados prestados e pela estrutura física e profissional

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas com bebê chorando ou querendo ficar no colo da mãe nos momentos de separação
- Mãe relatou insegurança por se separar do filho, mas a certeza de que ele era bem cuidado na creche
- Separações momentâneas em que o bebê, após curto espaço de tempo, chamava a mãe ou ia à sua procura

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com alegria por parte do bebê e da mãe
- Reencontro frente às separações momentâneas em que o bebê iniciava alguma brincadeira com a mãe

3.3. Caso 3: Ruth e Clarice

3.3.1. Caracterização do caso

Ruth se encontrava com 28 anos no momento inicial do estudo e sua filha Clarice, de 6 meses e 4 dias, havia iniciado a creche há cerca de três dias. Clarice é fruto de uma gestação planejada entre Ruth e o marido Paulo, de 32 anos. Ela concluiu a graduação em direito e uma especialização e trabalhava como assistente administrativa. Seu marido também havia concluído o ensino superior e um mestrado e trabalhava como advogado e superintendente acadêmico.

Ruth destacou que a ideia da gravidez se estruturou a partir de um desejo mútuo do casal. Segundo ela, Paulo almejava ter tido filhos antes, no entanto, devido aos estudos e a questão profissional, Ruth adiou por alguns anos a gravidez. No primeiro mês de tentativa para engravidar, o casal já recebeu o resultado positivo. Frente à notícia da gravidez, Ruth destacou que ela e Paulo ficaram muito felizes e um pouco *“assustados”*, já que consideravam que poderia demorar alguns meses para a gravidez se efetivar. Ruth destacou que, no início da gestação, sentiu muitos enjoos, mas que isso não a *“incomodou”* já que considerou como algo *“natural da gravidez”*. Em relação aos aspectos emocionais, ela ressaltou ter sido *“maravilhoso”*, ressaltando que *“nunca tinha me sentido tão feliz”*. Além disso, ela mencionou que se sentiu mais emotiva durante esse período e destacou que *“tudo me deixava bem emocionada”*.

Referente ao parto, Ruth mencionou a tentativa de realizar o parto normal que não se efetivou devido ao tamanho de Clarice. Dessa forma, foi realizada uma cesárea. Ruth destacou que o marido a acompanhou no momento do parto, o que contribuiu para que ela definisse esse evento como *“tranquilo”* e *“feliz”*. Clarice nasceu de 39 semanas e quatro dias pesando 4.015g. O primeiro contato com Clarice, logo após o parto, foi *“emocionante”* e Ruth destacou que, a partir daquele momento, percebeu que, de fato, sua vida havia mudado já que mais uma pessoa estaria em sua vida *“para sempre”*. Ruth destacou que os primeiros dias após o parto foram tranquilos, principalmente no hospital, por ter ficado em um quarto privativo e com a presença de Paulo. Isso a auxiliou a enfrentar as fortes dores, ocasionadas pela cesárea, que ela sentiu no primeiro dia após o parto. Com relação aos primeiros dias em casa, Ruth destacou que *“não foram tão tranquilos”*, pois se sentiu muito cansada, apesar da ajuda que sua mãe, irmã e marido ofereceram. Ruth destacou que, em uma ocasião, sua mãe a chamou

atenção por percebê-la triste, destacando que ela “*deveria estar feliz*”, fato que abalou Ruth já que a própria mãe não percebeu que ela estava cansada e se adaptando, emocionalmente, às mudanças em sua vida.

3.3.2. Antecedentes do processo de separação-individuação

Características maternas e do bebê

Ruth ressaltou características da maternidade durante o período gestacional, principalmente, a tranquilidade frente ao fato de que conseguiria oferecer os cuidados adequados à filha, por já ter tido a experiência de cuidar de outros bebês. Ruth relatou preocupação em conseguir organizar sua rotina agitada para que pudesse oferecer uma “*vida organizada*” para Clarice: “*A minha maior preocupação, assim, era conseguir estabelecer uma vida organizada pra ela, porque com relação a cuidados, eu sabia que seria bem cuidadosa, com relação às coisas que viessem a acontecer, assim, no dia a dia, eu tenho um irmão menor, têm filhos de amigas, eu tive contato com bebês, com crianças. Eu não estava preocupada em ser assim uma novidade, uma coisa que eu não soubesse como lidar. Talvez alguma preocupação, assim, é de conseguir estabelecer rotinas e uma vida um pouco organizada porque, como eu sempre estudei bastante e trabalhei, estudei, acumulei as coisas, a vida foi sempre bem atropelada, fazendo tudo ao mesmo tempo e eu sabia que com um bebê eu teria que deixar umas coisas de lado e organizar um pouco as coisas*”.

Ruth mencionou como se imaginou como mãe, ainda na gestação, e ressaltou como características principais que seria uma mãe cuidadosa, protetora e carinhosa: “*Eu me imaginava uma mãe bem cuidadosa (...). Cuidar pra não ter, principalmente quando bebezinho, problemas em função de sair de casa, de contato com outras pessoas, de higiene mesmo, né? Uma mãe bem protetora, eu imaginava que seria. E bem carinhosa*”. Já quando questionada sobre como imaginava que seria o relacionamento com a filha, Ruth destacou a expectativa de que se estabeleceria uma relação de carinho e apego entre mãe e filha: “*Eu imaginei que eu fosse ficar muito apegada a ela e ela a mim. E aconteceu mesmo, assim. Eu imaginava que fosse ser muito cuidadosa com ela, muito protetora, e eu fui*”.

Nos primeiros meses com Clarice, Ruth mencionou os cuidados extremos que prestava à filha em relação à saúde, higiene e segurança, o que, inclusive, era notado por outras pessoas como algo excessivo: “*As pessoas me falam que..., que eu sou protetora demais. Mas tudo isso, eu tinha consciência que era. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que estava fazendo pro bem dela,*

que as pessoas poderiam achar exagerado, mas não importava pra mim. Eu sabia que era o correto e que depois de alguns meses ia passar porque era pra proteção dela. E foi o que aconteceu (...). Eu pedia para as pessoas mais próximas pra passar álcool gel, pra lavar as mãos antes de pegar [o bebê]. Se o bico caísse no chão, cuidava pra lavar com água quente, lavar ele bem, fervia seguido os bicos dela. Coisas assim, que algumas pessoas, até a família, achavam um pouco exagerado”. Tal aspecto originou alguns conflitos entre Ruth e Paulo, já que ela destacou ser bastante cuidadosa e ele nem tanto: “Eu era cuidadosa demais com a higiene e ele não era tanto. Talvez eu fosse de forma exagerada e ele menos do que o necessário. Então, se criou esse conflito assim. Por exemplo, o bico caía no sofá. O sofá pra mim é sujo, tem que lavar. Já pra ele não, o sofá é limpo, não precisa lavar”.

Ainda referente aos dias e meses iniciais com Clarice, Ruth destacou o fato de ter se adaptado às necessidades da filha, sem tentar impor restrições ou regras: “Ela é prioridade. Não me importei que ficasse com manha, não. Chorava, eu pegava. Ela não é uma criança manhosa, mas eu não fiquei deixando muito regrado, no sentido assim, de... não faço isso porque depois vai ficar com manha. Não. Até, no início, cuidava um pouco com a amamentação, que a pediatra, a primeira pediatra que atendeu ela disse que ‘ah, tem cuidar pra dar de três em três horas, porque se não vai mamar o tempo todo e tal’. Depois, mudei a pediatra, ela já tinha uma outra opinião, ‘não, a mamada é livre, é quando ela quiser’. Então, no início, estava um pouco regrado isso e estava incomodando um pouco isso da amamentação. Depois foi mais tranquilo”. Com isso, Ruth destacou que o que mais a agradou nos primeiros dias com Clarice foi a segurança que ela teve em cuidar da filha: “Eu achei bem positivo isso, a segurança que a gente teve em lidar com ela”.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Ruth mencionou que a primeira experiência de separação entre ela e Clarice ocorreu quando a filha estava com três meses e meio de idade, ocasião em que ficou sendo cuidada pelo pai. Ruth destacou que se ausentou por uma hora para ir à academia e que sentiu esse primeiro momento de separação como uma etapa necessária na relação mãe-bebê: “Eu senti como uma etapa necessária, sabe? Uma situação normal, tem que deixar, porque uma hora eu ia ter que sair e dar uma fugidinha sem ela, né?”. Ruth ressaltou que Clarice não manifestou reações de protesto à sua saída e destacou que como ela era bastante pequena, não notou que a mãe estava se ausentando. Outro fator que contribuiu para a não reação de Clarice foi o fato de que Ruth tinha o hábito de se ausentar do ambiente em que a filha estava, quando necessário: “Ela era pequenininha, porque, de qualquer maneira, dentro de casa, por alguns instantes, eu me ausento de um local pra ir pro outro, né? Então, ela não pode perceber que eu sairia de casa”. Ruth

mencionou que, na sua ausência, Clarice chorou muito e ela ressaltou que acreditava que tal fato ocorreu por Clarice ter percebido a sua ausência: *“A primeira vez, ela chorou bastante. Não era sono, nem fome. Aí o pai dela até chamou, chamou a atenção dela, aí ela fez um soninho, dormiu bastante, né? Porque ela estava chorando, eu acho que porque eu não estava próxima mesmo”*. Ruth destacou que essa primeira separação entre ela e Clarice lhe despertou uma sensação de vazio, saudade da filha e vontade de retornar para lhe oferecer os cuidados necessários: *“Ah, eu sentia que faltava um pedacinho. Bem essa sensação, assim. Um vazio, assim. E bastante saudade. Vontade de voltar logo”*. Ruth destacou também que não se sentiu completamente tranquila em deixar Clarice com o pai, de modo que chegou ligar para o marido para saber como a filha estava: *“Na verdade, mais ou menos [segura em a filha ficar com o pai], né? Muita recomendação antes de sair, né? E sempre controlando o telefone, de vez em quando, eu ligava pra ver se estava tudo bem”*.

Frente às outras separações mãe-bebê (anteriores ao 6º mês do bebê), Ruth destacou que sentia, algumas vezes, culpa em deixar a filha e ir fazer outras atividades, no entanto, nada que tenha considerado fora da normalidade: *“Eu senti mais nessas situações nas primeiras vezes, assim. Embora fosse uma ausência bem curtinha, mas eu sentia assim. Esses dias eu senti, não foi a primeira vez. Já, algumas vezes, que eu tive que deixar ela, fim de semana, por algum motivo, pra fazer alguma coisa, ou ir pro salão, chega uma hora, assim, que parece que falta um pedacinho assim. Um aperto assim, e às vezes até uma sensação de culpa, “eu tenho mesmo que deixar?”, mas, nada anormal também”*. Ruth também destacou que Clarice foi se acostumando com sua ausência, de modo que ela passou a chorar menos nesses momentos. Ruth ressaltou que, com o passar dos meses, ainda sentia saudades da filha, mas se percebeu menos ansiosa com as separações, já que a filha passou a espaçar mais os horários de mamadas, não necessitando, assim, tanto de sua presença: *“Ela foi se acostumando. Não foram tantas as vezes que a gente se separou até o início, o ingresso dela na creche. Mas, de forma tranquila, assim (...). Ela ficava com o pai, comia alguma frutinha, tomava suco, bem tranquilo”*; *“[Eu] Já não ficava tão ansiosa, assim. Até porque agora ela não mama tão direto, ela pode comer alguma coisa também, né? Mas, ainda sinto, ainda sinto que, que está faltando alguma coisa”*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Ruth destacou que na ocasião do reencontro entre ela e Clarice após a primeira separação encontrou a filha dormindo, de modo que não foi possível destacar a reação imediata de Clarice ao reencontro. No entanto, Ruth ressaltou que, após acordar, Clarice demonstrou que queria ficar no colo dela: *“Querida ficar no meu colo e demonstrou apego sim”*.

Em relação aos reencontros ocasionados pelas separações posteriores, Ruth ressaltou que Clarice demonstrava contentamento em revê-la e vinha até ela desejando ter contato físico através do amamentar: *“Quando eu chegava, assim, dava risada, ficava contente por eu ter voltado. Ou então, já queria vir comigo e demonstrava que queria mamar, assim”*.

3.3.3. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

Ruth destacou características da maternidade aos 6 meses de Clarice. Ela mencionou a maternidade como algo *“maravilhoso”*, mas ressaltou que não imaginava a tamanha intensidade do amor recíproco entre mãe e filha: *“Eu imaginava que seria maravilhoso e tudo. Todo mundo diz ‘ah, é um amor único, é maravilhoso’, mas só quando a gente sente mesmo, me surpreendeu assim pelo lado positivo muito, sabe? Porque é uma entrega, é uma doação total, assim. E é recíproco, eu sinto assim que ela tem um amor muito grande também. É muito bom mesmo”*. Ruth destacou a experiência satisfatória da maternidade, ressaltando como a filha estava bem em sua saúde e desenvolvimento. Da mesma forma destacou que tanto investimento lhe trazia cansaço físico, mas que isso não se configurava como uma dificuldade da maternidade: *“Eu estou super feliz por ela estar bem, bem de saúde, nunca ter tido nada assim, por eu estar voltando pro trabalho agora e ela estar num lugar em que eu fico segura, que é um lugar bom. Eu acho que está tudo muito bem encaminhado (...). Estou tendo bastante trabalho. E às vezes exige um cansaço físico. Mas nenhuma dificuldade, nada que eu não consiga dar conta”*.

Ruth mencionou as características que a definiam como mãe destacando-se como dedicada e afetiva: *“Eu acho que eu sou uma mãe bem dedicada, bem protetora e bem carinhosa”*. Ela ressaltou também que, aos 6 meses da filha, já não se via mais como exageradamente cuidadosa, como era nos primeiros meses de Clarice: *“Hoje eu já não sou mais tão, tão cuidadosa. Eu sou cuidadosa, mas não de maneira tão exagerada como eu era no início”*. Frente ao mencionado, Ruth destacou duas pessoas como modelo de mãe, sendo sua cunhada e uma amiga. Ambas foram ressaltadas como dedicadas e afetivas aos filhos, da mesma forma que tinham uma realidade semelhante a de Ruth, como serem mulheres com intensa rotina de trabalho e estudo: *“Tem duas pessoas que são mães, que são bem próximas, que me ajudam quando eu tenho alguma dúvida, assim, que eu achei que foram boas mães (...). Uma delas é a minha cunhada. Ela tinha uma rotina como eu tinha também, estudar, trabalhar, fazer um monte de coisa. Mas quando teve que ser..., quando engravidou e foi mãe, destinou todos os seus esforços pra isso e*

fez muito bem (...). E a outra mãe modelo é essa minha amiga que é mãe da minha afilhada. Também, bem dedicada assim”.

Em relação à Clarice, Ruth destacou aspectos do desenvolvimento da filha que indicavam a boa relação estabelecida entre mãe, pai e bebê, no sentido de Clarice já demonstrar diferenciar o pai e a mãe: *“E nós temos a impressão de que ela já sabe quem é o..., ela fala ‘papa’ e ‘mama’ já faz um tempinho, e nos parece que ela já sabe que quando ela fala ‘papa’ ela já sabe que é o papai e quando fala ‘mama’ que é a mamãe. Então, às vezes, ela procura ele e fala ‘papa’, ou de manhã quando ela acorda, ou fim de semana que eu estou em casa ela já acorda e ‘mama, mama’”.* Ela também ressaltou que a filha estava adquirindo firmeza para sentar sozinha e que isso contribuiu para uma maior exploração dos objetos ao seu alcance.

Entrada do bebê na creche

Ruth destacou que a escolha pela creche como cuidado alternativo se deu em comum acordo entre ela e o marido e antes mesmo de ela engravidar. Já era decidido que quando tivessem um filho iriam colocá-lo em uma instituição de educação infantil, já que Ruth se manteria no mercado de trabalho. A escolha pela creche em específico se deu devido às boas referências que ela possuía, assim como pela questão financeira, já que era uma creche gratuita para os funcionários da instituição que Ruth trabalhava: *“Isso foi bem pacífico pra nós, desde o início, quando tivesse um filho, que ficaria aqui na creche. Porque tanto eu, quanto ele, nós trabalhamos, a gente não poderia abrir mão disso, né? (...). E que seria na creche porque é uma creche boa. Além da questão financeira, que também é importante, mas porque é uma creche boa, com reconhecimento, pela experiência, vários colegas de trabalho deixam aqui e falam bem”.* Frente a isso, Ruth destacou que colocar Clarice na creche era algo que seguia o *“curso normal das coisas”*, não lhe colocando nenhum sentimento adverso a essa decisão: *“Eu acho que é uma situação bem normal. Eu não fico pensando ‘ah, podia ser diferente’, não, eu acho que está seguindo o curso normal das coisas. Eu tenho que voltar a trabalhar, o meu marido trabalha também (...). Mas acho que é bem natural, assim. E eu sou bem racional, no sentido de que o que tem que ser, tem que ser. Não adianta a gente ficar lutando contra, ou desanimando, ou sendo pessimista. Acho que tem que ver o lado bom das coisas, né?”.*

Ruth destacou a expectativa de que, com a entrada na creche, Clarice iria se tornar uma criança ainda mais esperta, assim como a creche contribuiria para que ela tivesse oportunidade de ficar com os colegas: *“Nós já consideramos ela uma criança bem esperta. Eu acho que ela vai ficar mais esperta ainda, assim. E eu acho que vai ser bom pra ela, vai ser gostoso*

esse tempo que ela tiver aqui [na creche]. Ela vai brincar, vai ficar com outras coleguinhas”. Relativo à adaptação de Clarice à creche, Ruth mencionou que imaginava que seria tranquila, sem Clarice apresentar estranhamento frente às professoras ou chorar. Ela destacou que a filha estava se comportando como o esperado por ela nos primeiros dias na creche: *“Imaginava que ela não estranharia as profs., que ela não ficaria chorando, brigando pra ficar comigo, porque ela é calma, ela é tranquila. E ainda acho que não está no momento dela estranhar, ela tem 6 meses, né? E eu achei que seria tranquilo e está sendo. Como eu pensei mesmo”.*

A adaptação de Clarice à creche foi considerada satisfatória, sendo que aconteceu de forma gradativa e com horários reduzidos nas primeiras semanas. Durante o primeiro mês na creche, Ruth se manteve amamentando a filha no horário do meio-dia, o que, segundo ela, contribuiu para a adaptação: *“Na primeira semana, praticamente, de uma hora e meia a duas e meia, não mais que isso, praticamente todos os dias era pouco tempo. Na segunda semana já um pouco mais, quatro horas. É que foi bem gradativo, nós tivemos esse cuidado de deixar ela pouco tempo pra ela ir se adaptando bem, e até a terceira, quarta semana eu ia todos os dias no horário do meio dia lá pra amamentar, ou então meu marido buscava ela, levava até o meu trabalho. Então ela ficava um tempinho conosco e depois voltava pra creche. Então acho que isso também pode ter ajudado ela a se adaptar bem, tornar o processo bem gradativo mesmo”.* Outros fatores que, segundo Ruth, contribuíram para a adaptação foi a boa aceitação de Clarice aos alimentos sólidos, o temperamento da filha que foi caracterizada como calma e que não estranhava pessoas desconhecidas e a flexibilidade dos horários na creche: *“Eu acho que facilitou o fato dela gostar dos alimentos, ter iniciado bem o processo de alimentação, a introdução dos alimentos fora a mama, então facilitou porque estando lá ela também ficava bem alimentada. Acho que o fato de ela ser tranquila, de ir com as pessoas, de não estranhar, eu acho que isso também. A flexibilidade que eu e o meu marido tivemos de deixar poucas horas, buscar ao meio dia, ficar um tempinho com ela e devolver depois, acho que todo esse conjunto de coisas facilitou a adaptação”.* Ruth percebeu que Clarice se sentia bem na creche, já que as professoras eram bastante afetivas e atenciosas: *“Eu gostei que ela se adaptou bem, que ela se sentiu bem lá, eu senti isso. Eu gostei das professoras que foram bem atenciosas. As professoras dela que eu senti que tinha um contato humano assim, que elas eram bem cuidadosas com a Clarice, que além do profissionalismo, assim, que eram pessoas bem queridas, bem atenciosas”.* Ruth destacou que se sentiu segura durante a adaptação de Clarice à creche, já que tudo havia ocorrido da maneira esperada: *“Estou me sentindo bem. Eu tinha já uma expectativa boa, pensava positivo, que tudo daria certo, tudo aconteceu como eu esperava também e eu estou me sentindo bem, bem segura”.*

Na entrevista realizada, aproximadamente, um mês após o ingresso de Clarice na creche, Ruth destacou algumas mudanças observadas em Clarice, que ela atribuiu a essa experiência inicial da filha na educação infantil. Ela destacou que Clarice ficou com horários de sono mais regrados e com um comportamento um pouco mais agitado ao longo do dia. Em relação a este último aspecto, Ruth destacou não saber se era devido à entrada de Clarice na creche ou ao fato de ela estar crescendo: *“Em relação a comportamento sim, me parece que ela ficou um pouquinho mais agitada, não sei se por conta também de ela ter ficado mais velha também, ou se por conta da creche. E um aspecto bem interessante que me deixou satisfeita é que ela ficou um pouco mais regrada. À noite ela não dorme tão tarde, chega um determinado horário e ela já fica com soninho, colocamos ela no berçinho e ela dorme. E antes também eu tinha que praticamente, quase todas as vezes, fazer ela dormir no colo”*. Também observou mudanças no comportamento de exploração de Clarice, já que Ruth destacou que ela estava brincando de forma mais intensa: *“Agora ela já quer bater palminha assim. Ela já era bem brincalhona antes também, mas eu acho que mudou sim. Acho que agora está mais intenso assim, ela explora mais as coisas, ela está sentadinha no chão e quer pegar os brinquedos que estão mais distantes”*. Em relação às vocalizações, Ruth ressaltou mudanças, mas que não sabia se ocorreram em função da creche ou do desenvolvimento da filha: *“Tem várias palavrinhas, expressões que ela utiliza assim, não sei se por causa da creche ou também porque agora ela já está com sete meses e meio. Mas ela é bem falante assim, acho que a creche pode ter contribuído também”*. Ruth também ressaltou ter percebido Clarice mais apegada a ela e ao marido após a entrada na creche, no sentido de querer aproveitar mais os momentos que tinha com os pais. Em relação ao pai, esse maior apego foi associado ao fato de ele ser o responsável por levar Clarice à creche: *“Eu acho que ela está ainda mais apegada a mim (...). Acho que ela está ainda mais carinhosa, parece que ela quer aproveitar os momentos com os pais, é assim comigo e com o meu marido também”*. No entanto, mudanças não foram observadas ou atribuídas à creche no que se referiu à saúde, alimentação, humor, choro ou interação com familiares ou pessoas estranhas.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Ruth destacou seus sentimentos durante as separações mãe-bebê em decorrência da adaptação à creche, principalmente, ou permanência de Clarice com o pai nos momentos em que precisou. Ela mencionou que, com relação à creche, sentia-se tranquila, já que sabia ser uma situação necessária e a boa adaptação de Clarice contribuiu para sua segurança. No entanto, em relação ao pai já não se sentia tão tranquila, principalmente em relação à

segurança da filha que estava adquirindo maior mobilidade. No entanto, Ruth destacou que, aos 6 meses de Clarice, as separações estavam se dando de forma mais “fácil” do que anteriormente, no sentido de que se sentia mais tranquila: *“Com relação à creche, eu estava bem consciente que seria necessário, que eu teria que voltar [a trabalhar]. Eu confio bastante na creche, então eu fico tranquila pela reação dela, que ela se adaptou bem, que ela gosta de estar lá. Com outras pessoas foram poucas as situações, mas eu já não fico tão segura porque a creche eu sei que é necessário e que está lá naquele momento. Tem toda a estrutura pra isso, né? Outras vezes que eu precisei deixar pra ir a algum lugar, pra uma saída rápida, já não me senti tão segura, mas já é bem mais fácil do que era antes, sim”*. Ruth também ressaltou que durante a adaptação Clarice não apresentou reações de estranhamento ou choro: *“Ela nunca chorou pra ir ao colo de alguma professora ou quando a gente deixou ela sempre foi, chegou na creche de maneira bem tranquila, comeu bem, foi super tranquila”*.

Quando questionada sobre como costumava agir no momento em que deixava Clarice com outras pessoas ou na creche, Ruth ressaltou que procurava sair sem Clarice notar seu afastamento. Dessa forma, saía sem ser vista, de modo que Clarice não esboçava reações nesse momento: *“Eu deixo e não demonstro muito que eu estou saindo, disfarço. Deixo como uma coisa bem natural, assim, e pronto”*. Ruth destacou que a filha se comportava bem na sua ausência e que isso fazia com que ela se sentisse segura e feliz por saber que Clarice estava bem cuidada: *“Nas oportunidades que teve que acontecer isso ela reagiu bem”*; *“[Me sinto] cada vez mais segura. Me sinto bem feliz porque demonstra que ela está bem física e emocionalmente também, que está tudo se encaminhando direitinho, como tem que ser”*.

Referente às separações momentâneas, no momento em que a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Ruth ressaltou que, se Clarice notava o seu afastamento, ela demonstrava desagrado através de resmungos ou choro: *“Se ela percebe que eu estou me afastando, ela resmunga ou chora, em geral, assim, quando eu coloco ela no berçinho no quarto, ela percebe que eu estou arrumando, organizando as coisas pertinho, tudo bem. Se eu saio e ela não me enxerga, em geral, ela resmunga, ela não gosta”*. Nos momentos em que Clarice não notava o afastamento da mãe, seguia distraída brincando. No entanto, se notava estar sozinha exigia a presença de alguém que não precisava ser, necessariamente, da mãe, mas sim de uma pessoa de confiança para lhe fazer companhia.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Ruth destacou as reações de Clarice nos momentos em que a reencontrava e mencionou que a filha demonstrava contentamento com o seu retorno, o que a deixava feliz já que entendia que Clarice considerava a sua presença importante: *“Ela dá risada, ela demonstra que está contente com o meu retorno. Dá risada, quer vir no colo”*; *“[Me sinto] Super feliz. E satisfeita de ver que ela gosta da mamãe dela, que a minha presença é importante, né?”*. Nos momentos na creche, Ruth destacou como um aspecto positivo da adaptação de Clarice o fato de ela não demonstrar ansiedade nos momentos de reencontro mãe-bebê, o que indicava que ela havia ficado bem na creche: *“[Ela] não demonstra que estava ansiosa demais pra que fôssemos buscar”*.

Referente aos reencontros em momentos de separações momentâneas, Ruth ressaltou que Clarice demonstrava contentamento em reencontrar a mãe e que ela se acalmava assim que era pega no colo: *“Sorri, demonstra que está contente com o meu retorno (...). Pego ela, em geral, tem que pegar, se ela está no carrinho, pegar no colo. Se ela está na cadeirinha também. Eu tenho que pegar ela, em geral. Não basta ficar pertinho daí porque ela já começou a chorar, já quer atenção”*. Ruth ressaltou que ficava ansiosa para atender Clarice rapidamente, destacando que não conseguia deixá-la chorando: *“Ansiosa pra atender logo. Me importo bastante, eu não consigo deixar chorar, quando dá eu vou. Ansiosa, vou correndo estender a roupa, já volto correndo pra atender ela. Ou correndo pra dar mama assim. Eu fico ansiosa pra atender logo”*.

3.3.4. Separação-Individuação e subfase de exploração (12º mês)

Características maternas e do bebê

Ruth destacou características da maternidade aos 12 meses de Clarice, ressaltando que, nesse momento, ela estava se sentindo segura com relação à maternidade, já que ainda não havia retomado a sua rotina intensa de estudos para poder dedicar mais tempo à filha. Ela também mencionou que, por vezes, vinha à tona um sentimento de culpa por não estar fazendo mais pela filha, mas que isso se deu em poucos momentos: *“Eu estou me sentindo bem, porque eu ainda não entrei numa rotina, assim, de estudo, eu estudava muito antes de engravidar, e eu desliguei totalmente pra me dedicar à Clarice. Então eu ainda não retomei. Por enquanto, eu estou me dedicando o possível, assim, a ela, e eu estou me sentindo bem segura, assim, sabendo que eu estou me esforçando o máximo, que eu estou dando conta do recado. Mas, por que às vezes a questão da culpa vem à tona também, ‘ai, poder estar fazendo mais’, poucas vezes eu me senti assim. Mas, às*

vezes, acontece”. Ruth definiu-se como uma mãe dedicada e afetuosa, além de orgulhosa e apaixonada pela filha: *“Eu acho que eu sou bastante dedicada, exigente, cuidadosa, carinhosa. Acho que apaixonada por ela também, orgulhosa com ela”*. No entanto, Ruth ressaltou que, apesar de cuidadosa, se percebia menos exigente com alguns aspectos como higiene, quando comparado aos 6 meses de Clarice: *“Quando ela era pequeninha, por exemplo, e se caísse o bico no chão eu tinha que passar água fervida no bico, não bastava ser a água da torneira (...). Eu sou, eu era, e sou ainda, uma mãe muito exigente, assim, perfeccionista, porque é da minha personalidade, mas aos poucos a gente vai aprendendo as coisas e as coisas vão ficando mais fáceis, a gente vai tendo mais segurança também”*.

Com relação à Clarice, Ruth destacou que a atenção dada pelos pais a ela era algo que a agradava muito. Essa atenção se mostrava durante as brincadeiras através de interação a partir de conversas ou de brincar junto: *“Ela perceber que a gente está dando atenção pra ela, que a gente está dando importância pra presença dela, que se ela está brincando e a gente está brincando junto ou está conversando com ela”*. Devido a essa necessidade da presença dos pais durante as brincadeiras, e também devido ao fato de ainda ser amamentada, Ruth não percebia Clarice como já tendo certa independência dela: *“[Se bebê estava mais independente da mãe] eu acho que ainda não, porque ela mama, ainda quer que a gente fique brincando junto... eu acho que ainda não”*. Para Ruth, o fato de Clarice ainda manifestar muita dependência em relação a ela foi considerado como algo que faz parte do desenvolvimento da filha. No entanto, ela também mencionou questionamentos próprios sobre em que momento começaria a incentivar uma maior independência: *“Por um lado eu sinto que faz parte, que ela é pequena ainda, que tem que ser aos poucos. Por outro lado, às vezes eu penso com relação à amamentação (...) que eu fico em dúvida até que ponto já não estaria na hora de fazer alguma coisa, até que ponto ela já não compreende. Então, às vezes, eu fico em dúvida em relação à independência, a ela já estar entendendo ou podendo fazer alguma coisa sozinha”*.

Apesar disso, quando questionada se Clarice já conseguia realizar algumas tarefas sem ajuda, Ruth destacou comportamentos independentes por parte da filha, como pegar alguma comida, tomar água e ajudar no momento de troca de roupas: *“Acho que pegar alguma comidinha, toma água, isso mesmo, ela pega o copinho e toma. A roupinha ela já estende os bracinhos pra ti encaixar a roupinha, no bebê conforto, no carro, parou o carro, a gente vai pra pegar, já estende os bracinhos, já sabe que chegou a hora, assim, de desembarcar”*. Ruth ressaltou que Clarice demonstrava prazer frente às tarefas que realizava de forma independente através de alegria e o bater palmas para si mesma: *“Ela fica muito orgulhosa (...). Uma caixinha, uma*

coisinha que ela consiga encaixar, ela fica bem feliz (...). A comida também, quando ela aprendeu a pegar a colherinha e conduzir até a boca, quando ela fazia sozinha, ela batia palminha assim, porque ela estava demonstrando que estava conseguindo”.

A respeito do desenvolvimento motor, Ruth destacou que Clarice já engatinhava desde os oito meses e caminhava com apoio desde os 11 meses. Com isso, ela destacou a capacidade de Clarice em explorar objetos e pessoas na presença da mãe, assim como conseguia manter o mesmo padrão de exploração e interação na ausência da mãe, como Ruth havia observado na creche: *“Eu já observei ela na creche sem ela estar me vendo. As profs. comentam que ela é bem proativa, até as professoras comentaram que ela ensinou umas brincadeirinhas pros colegas da creche (risos), de bater as mãozinhas na mesa e tal”.* Já em relação a pequenas frustrações que Clarice vinha a sofrer ao explorar o ambiente (como uma pequena queda, não poder pegar o que desejava, etc.), Ruth ressaltou que, no momento de exploração do ambiente através do caminhar, se ela sofria alguma batida ou queda, ela ignorava e seguia a exploração. No entanto, se tal aspecto envolvesse algum brinquedo que ela gostasse e não conseguisse fazer a atividade, Clarice protestava: *“No caso de caminhar, ela ignora. No caso de brincar, por exemplo, ela encaixou a caixinha do bico dela, por exemplo, e aí não consegue mais abrir, ela fica braba, ela protesta, a gente tem que ajudar, ela protesta porque alguma coisa dá errado”.*

Em relação às brincadeiras, Ruth destacou o fato de que Clarice necessitava retornar até ela entre uma brincadeira e outra para estabelecer alguma interação com a mãe. Ruth destacou que, nesses momentos, procurava participar das brincadeiras com a filha até ela voltar a brincar sozinha: *“Eu procuro participar, se eu estou distraída com alguma outra coisa, assim, ocupando o tempo enquanto ela brinca, telefonando ou fazendo alguma coisa, eu procuro dar uma pausa pra aquilo e dar atenção pra ela até ela se envolver de novo sozinha”.* Lygia ressaltou que procurava aproveitar os tempos em que Clarice estava distraída brincando e parecia esquecê-la momentaneamente. No entanto, também destacou que, intimamente, sentia que precisava manter contato com a filha nesses momentos, fato que foi notado pelo pai e ressaltado à Ruth: *“Olha, eu procuro aproveitar essas oportunidades pra fazer outras atividades, trabalho nas coisas que precisa, mas implicitamente eu acho que eu preciso desse contato porque várias vezes, o pai dela me chamou a atenção ‘ah, ela estava quietinha, porque tu foi mexer?’. Eu acho que lá no fundinho eu preciso, eu fico com saudade dela e eu quero aproveitar que ela está junto”.*

Experiência do bebê na creche

Ruth destacou a experiência de Clarice na creche, ambiente de cuidado alternativo no qual ela permanecia cerca de nove horas diariamente, 9h às 18h, durante cinco dias por semana. O pai assumiu a responsabilidade de levar e buscar Clarice na creche, já que seus horários estavam mais acessíveis para essa tarefa do que os de Ruth.

Ruth destacou a importância da creche para o desenvolvimento de Clarice, ressaltando que acrescentou em aprendizado, socialização e nutrição: *“Aprendizado, porque ela é muito esperta, ela aprende rápido as coisas e a gente acha até que pela interação que ela tem com as profs., com os colegas. Também a Clarice é muito simpática, ela sorri muito, ela gosta das pessoas, acho que porque ela está no convívio também com outras pessoas lá, e pessoas muito cuidadosas e carinhosas. Eu acho que acrescentou tudo isso: o aprendizado, deixou ela mais sociável, eu acho que muitas coisas boas, assim. A questão da nutrição também, lá ela tem todo um acompanhamento nutricional”*. Ruth destacou, também, habilidades adquiridas por Clarice que ela atribuiu à experiência na creche, como ter uma noção maior de brincar e o desenvolvimento de uma maior facilidade para aprender o que lhe é ensinado: *“Eu acho que essa noção de brincar, também, agora, nessa idade, de gostar de música, de querer dançar. Eles trabalham muito isso na creche também. Talvez até essa habilidade que ela tem de aprender rápido e fácil também”*.

Ruth avaliou a creche que Clarice frequentava de forma positiva, destacando ser uma creche *“nota dez”*. Ela destacou características das educadoras, como serem atenciosas, e de estrutura da creche como número adequado entre adultos e crianças e espaço físico estruturado: *“Eu acho que as professoras são muito atenciosas. Eu acho que elas são em número adequado pra quantidade de crianças. E eu acho que o espaço físico é bem estruturado, tem um bom ambiente, de pátio, a sala interna, os brinquedos, a forma como é organizado”*.

Ruth ressaltou a boa comunicação entre ela e as educadoras e destacou receber informações sobre o dia de Clarice com elas. Para Ruth, tal aspecto mostrava que Clarice era considerada em suas singularidades, e não apenas como mais uma criança: *“Eu sempre pergunto se ela comeu bem, dormiu direitinho, se ficou enjoadinha quando está doente, se demonstrou que estava debilitadinha porque estava doentinha (...). A Clarice é muito tranquila, então não tem muito o que falar”*.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Ruth destacou que, nos últimos seis meses, Clarice havia sido cuidada pela creche e pelo pai de maneira mais frequente e, de maneira menos habitual, pelas avós e madrinhas.

Ruth destacou que Clarice aceitou todos os cuidadores sem apresentar estranhamento. Ela também ressaltou que com todos os cuidadores se sentiu tranquila em deixar a filha, já que eram pessoas responsáveis e foram solicitadas devido a alguma necessidade materna: *“Nos momentos em que eu precisei deixar foi tranquilo, todas elas são pessoas bem selecionadas, bem responsáveis, e porque eu tinha uma necessidade, eu precisava deixar por algum motivo, então foi bem tranquilo”*.

Em relação aos momentos de separação, Ruth destacou que sempre procurava avisar a filha que iria se ausentar, mas procurava se retirar em um momento em que Clarice não notasse já que, por algumas vezes, ela manifestou o desejo de continuar com os pais: *“Eu procuro um pouquinho antes explicar que eu estou saindo, me despedir, mas não na hora em que eu estou saindo, pra ela não enxergar que eu estou saindo mesmo. E já teve situações em que nós deixamos e ela percebeu que a gente estava saindo e ela quis ir junto. Daí nós procuramos, tanto eu, quanto o meu marido, sair despercebidos, assim, e é tranquilo, porque ela se envolve e acaba não, não reclamando”*. Frente a isso, Ruth destacou que, aos 12 meses, Clarice estava entendendo mais esses momentos de separação, de modo que demonstrava mais frequentemente não querer se separar dos pais: *“Ela está entendendo um pouco mais. Aumentou o número de vezes em que ela demonstrou que não queria que a gente se separasse. Uma outra vez na creche quando o Paulo deixou, ela reclamou”*. Ruth também mencionou que Clarice ficava bem na sua ausência, não costumando chorar ou manifestar que estava sentindo a falta dos pais: *“Ela se comporta bem. Ela não costuma ficar chorando, ou ficar sentindo a nossa falta, ela se comporta bem”*.

Ruth ressaltou seus sentimentos frente aos momentos de separação mencionando que, na maior parte das vezes, encarava tal aspecto de maneira racional, no sentido de que precisava deixar a filha na creche ou com o pai: *“Eu já me senti uma outra vez sentida de ter que deixar assim. Mas eu acho que na maior parte das vezes foi bem racional, no sentido de ‘ah, estou saindo porque preciso’”*. No entanto, ela também ressaltou que, aos 12 meses de Clarice, passou a sentir um pouco mais de culpa por ficar tanto tempo longe da filha, mas nada que tirasse a tranquilidade da relação entre elas: *“Mudou um pouco porque agora a gente fica mais tempo separadas (...), a sensação de culpa vem um pouco mais agora porque ela fica mais tempo longe”*.

Com relação às separações momentâneas, que ocorriam quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Ruth destacou que, de maneira geral, se Clarice notasse a sua saída ela protestava através de resmungos ou se deslocava para segui-la: *“Às vezes, eu deixo ela sozinha um pouquinho só, depois do banho, ah, estou arrumando ela, faltou uma*

coisa, eu vou num outro quarto, enfim, ela já não gosta, e já resmungo". Ruth ressaltou que considerava "normal" as solicitações da filha, mas que preferia que Clarice pudesse ter frequentes momentos de brincar sozinha e, conseqüentemente, maior independência: *"Eu procuro achar que é normal, pra esse momento, mas eu preferiria que ela fosse se afastando com o tempo. Ter os momentos dela de brincar sozinha, de ficar curtindo o quarto dela sozinha um pouquinho, pra que eu pudesse fazer outras coisas também, né? Eu encaro como normal agora, mas eu espero que, com o passar do tempo ela vá aprendendo a ficar, a ser mais independente também"*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Frente aos reencontros como consequência das separações prolongadas entre mãe-bebê, que ocorreram devido à permanência de Clarice na creche ou com o pai, Ruth destacou que a filha manifestava contentamento ao ver a mãe ou o pai se aproximando e vinha ao encontro deles: *"Ela fica bem faceira, vem ao encontro com os bracinhos erguidos, ela adora ver que a gente está chegando"*. Ruth destacou o mesmo sentimento de felicidade no momento de reencontro com a filha por perceber que a saudade ocorria de maneira mútua: *"[Me sentia] Muito feliz, assim como a gente estava com saudade, ela também estava, que eu sou importante pra ela, que bom que a gente está se reencontrando"*. Ruth destacou que a saudade era um aspecto considerado positivo em relação à filha ser cuidada na creche, o que possibilitava as reações de felicidade no reencontro: *"A saudade é bom sentir, sentir que quem tu gosta está chegando, e isso ela expressa quando a gente vai buscar, ela fica bem feliz e vem ao nosso encontro. Eu acho que até o lado bom da saudade é uma coisa legal de estar na creche também"*. Ruth destacou que, aos 12 meses, Clarice estava esboçando emoção mais forte no momento do reencontro, quando comparado aos 6 meses de idade: *"Eu acho que mais forte agora é a emoção no reencontro, que ela está entendendo mais"*.

Com relação aos reencontros frente às separações momentâneas, Ruth destacou que Clarice manifestava o mesmo comportamento de contentamento já destacado: *"Ela fica bem faceira"*.

3.3.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do Caso 3

A Figura 4 apresenta uma síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação de Ruth e Clarice ao longo do primeiro ano do bebê, ressaltados até aqui.

Figura 4: Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 3

Antecedentes do processo de separação-indivuação

Características maternas e do bebê

- Mãe preocupada com o bem-estar, a saúde e segurança da filha; segura em relação à maternidade
- Mãe tinha como prioridade atender as necessidades da filha, sem impor regras ou restrições

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de separação com reações de choro, por parte do bebê, na ausência materna
- Mãe considerou uma etapa necessária, apesar do sentimento de vazio, saudade e vontade de retornar até a filha
- Outras experiências de separação com sentimentos de culpa, saudade e menor ansiedade ao longo do tempo
- Bebê passou a chorar menos ao se acostumar com a ausência materna

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de reencontro com bebê demonstrando o desejo de ficar no colo da mãe
- Outras experiências de reencontro com bebê contente em rever a mãe e desejoso de contato físico com ela

Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

- Maternidade considerada maravilhosa pela intensidade do amor recíproco entre mãe-bebê
- Bebê já diferenciava mãe e pai e mantinha boa relação com ambos

Entrada do bebê na creche

- Escolha pela creche como uma decisão anterior a gestação; mãe segura com relação à entrada na creche
- Adaptação satisfatória, sem estranhamento ou choro por parte do bebê
- Facilitadores da adaptação: poder amamentar a filha, temperamento fácil do bebê e horários flexíveis

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas sem reações de choro ou estranhamento; bebê ficava bem na ausência da mãe
- Mãe sentia-se tranquila nas separações na creche e não muito segura naquelas com o pai
- Separações momentâneas em que o bebê solicitava a presença da mãe ou pai se percebia o seu afastamento

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com contentamento e sem ansiedade por parte do bebê
- Mãe sentia-se feliz por perceber que a filha considerava a sua presença importante
- Reencontro frente às separações momentâneas com bebê contente e calmo assim que era pego no colo
- Mãe atendia rapidamente as solicitações da filha já que não conseguia a deixar chorando

Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)

Características maternas e do bebê

- Mãe segura em relação à maternidade, apesar de eventual sentimento de culpa
- Bebê dependente da mãe por ainda mamar, mas já realizava atividades sem precisar de auxílio

Experiência do bebê na creche

- Creche como importante para o desenvolvimento do bebê no aprendizado, socialização e nutrição
- Creche avaliada como satisfatória em infraestrutura e na relação das educadoras com bebês e pais

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas com bebê tranquilo, embora demonstrasse querer ficar com os pais
- Mãe segura quanto às separações, mas, por vezes, sentia culpa por estar longe da filha
- Separações momentâneas em que o bebê protestava a saída da mãe
- Para a mãe tal aspecto era esperado no desenvolvimento, mas preferia que a filha fosse mais independente

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com contentamento por parte do bebê e da mãe
- Bebê ia ao encontro dos pais; emoção do reencontro percebida como mais intensa aos 12 meses da filha
- Reencontro frente às separações momentâneas em que o bebê manifestava felicidade

3.4. Caso 4: Maria Clara e Cecília

3.4.1. Caracterização do caso

Maria Clara se encontrava com 26 anos e sua filha Cecília com 6 meses e 2 dias no momento inicial do estudo. Cecília é fruto de uma gestação não planejada entre Maria Clara e o marido Maurício, de 19 anos. Ela estava cursando o ensino superior em direito e havia pedido demissão do trabalho de secretária para se dedicar aos cuidados de Cecília. Seu marido também cursava a graduação em direito e estava sem emprego fixo, realizando alguns trabalhos como autônomo.

Maria Clara destacou que saber sobre a gestação foi um “*susto*”, já que ela e Maurício ainda não eram casados nessa ocasião. Tal fato a deixou preocupada por ela não saber como seria o futuro junto com a filha. No entanto, logo após a notícia da gravidez, Maria Clara e Maurício decidiram pelo casamento. Ela ressaltou que apesar das preocupações e do susto inicial, o casal ficou muito “*feliz*” ao saber da gravidez. A gestação transcorreu de forma tranquila, sendo que Maria Clara não apresentou nenhum problema de saúde física ou emocional, o que a possibilitou trabalhar e estudar até o último mês de gestação.

O parto ocorreu por meio de uma cesárea e Maurício a acompanhou durante esse momento. Cecília nasceu de 38 semanas pesando 3.250g. No primeiro contato com Cecília, logo após o parto, Maria Clara ressaltou que ficou um pouco “*chateada*”, já que ela não se sentiu muito emocionada como ela percebia que as mulheres ficavam ao ver seu bebê. Segundo ela, isso ocorreu devido ao fato de que ela estava preocupada em ter leite para iniciar a amamentação, o que era de seu desejo já que, por ser filha adotiva, não havia sido amamentada. Com isso, assim que Cecília foi entregue em seus braços, após passar pelos exames iniciais, Maria Clara já iniciou a amamentação e se tranquilizou ao perceber que tinha leite. Esse momento foi descrito por ela como “*a melhor coisa do mundo*”. O pós-parto e os primeiros dias após o parto foram ressaltados como satisfatórios, sendo que Maria Clara foi para a casa de sua mãe durante esse período. Assim, ela recebeu ajuda de sua mãe, pai e marido durante esses primeiros momentos.

3.4.2. Antecedentes do processo de separação-individuação

Características maternas e do bebê

Maria Clara ressaltou características relativas à maternidade durante o período gestacional, ressaltando que não possuía preocupações em relação ao ser mãe, já que ela adorava crianças e havia tido a experiência de ajudar nos cuidados dos sobrinhos. As maiores preocupações, durante o período gestacional, referiam-se a possibilidade de oferecer um ambiente físico adequado à filha, como o quarto, o berço, os brinquedos: *“Não pensava muito assim como mãe, eu pensava mais no ambiente que ela ia ter, me preocupava muito com o quarto dela, com o cantinho dela, o berço, o armário, os brinquedinhos. Mas como mãe..., eu sempre adorei criança, então não tinha muita preocupação assim”*.

Maria Clara não destacou muitas características sobre como se imaginou como mãe, apenas ressaltando que, por ter gestado uma menina, imaginava que seria superprotetora. No entanto, nos primeiros meses com a filha, já percebeu que não tinha essa característica: *“Eu achei que eu ia ser daquelas mães que passam a mão por cima, que deixa o filho fazer tudo sabe (risos), tipo ‘ah não, não vou corrigir, tadinho’, de superproteger o filho. E aí depois que ela veio que eu já descobri que não (risos)”*. Já quando questionada sobre como imaginava que seria o relacionamento com a filha, Maria Clara mencionou que não havia pensando sobre esse aspecto durante a gestação, mas que tinha certeza que seria um relacionamento fácil já que ela ia dar amor e cuidados à filha: *“Que ia ser fácil [o relacionamento com a filha] eu tinha certeza, porque quando a gente dá amor não tem como ser difícil, né? Então só nisso que eu pensava assim, de amor, de cuidados”*.

Nos primeiros dias com Cecília, Maria Clara relatou que adorava estar com a filha e ver o seu *“sonho”* de ser mãe realizado. No entanto, ela relatou sofrer junto com Cecília nos momentos em que a filha chorava e ela não conseguia identificar os motivos: *“O que não me agradou foi não saber o que ela estava sentindo, o desespero do nenê chorar e tu não saber o que é (...). Às vezes ela estava no colo chorando e eu chorava junto porque eu não sabia o que que era”*. Com isso, ela mencionou que o primeiro mês de Cecília foi um momento de aprendizado entre mãe e filha: *“Até ela aprender com a gente e a gente com ela, demorou acho que um mês”*. Maria Clara também mencionou que, cada vez que Cecília chorava, havia alguma pessoa para dar a opinião sobre o que poderia ser e que isso lhe colocou preocupações relativas à saúde da filha: *“Cada vez que ela chorava tinha um pra dar algum pitaco, dizer que podia ser isso, podia ser aquilo. E aí era mais saber que ela estava saudável, normal, que era só fome [o motivo do choro]”*.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Maria Clara mencionou a primeira experiência de separação entre ela e Cecília, que ocorreu quando a filha estava com, aproximadamente, dois meses, momento em que ficou sendo cuidada pela avó para que os pais fossem ao cinema: *“Eu deixei ela com a avó e fui ao cinema com o Maurício”*. Maria Clara mencionou que, nessa ocasião se ausentou por, aproximadamente, duas horas e que a filha ficou bem com a avó. Ela ressaltou que Cecília não esboçou nenhuma reação a sua saída. Também destacou que não se preocupou em saber como a filha se comportou na sua ausência, já que estava segura em deixá-la com a avó e por ter vivenciado essa primeira separação de maneira *“simples”* e *“tranquila”*: *“Não foi nada, assim, dramático, a gente queria sair, tinha como deixar com a avó, deixei. Foi simples, tranquilo”*.

Frente às outras separações mãe-bebê (anteriores ao 6º mês do bebê), Maria Clara ressaltou que nunca teve problemas em deixar Cecília com outras pessoas e destacou que ela sempre ficou bem nessas ocasiões. Com isso, Maria Clara mencionou que a filha já havia ficado com as avós, com o pai, com uma tia e que convivia com amigos da família na igreja que elas frequentavam: *“Eu nunca tive problema de deixar ela com alguém, ela já ficou com a minha sogra, ela já ficou com a minha mãe, já ficou com uma tia do meu marido. E é tudo bem tranquilo assim. Quando a gente chega na igreja eu também entrego ela pra outras pessoas, desde pequena assim a gente já vai incentivando de ela ficar com outras pessoas diferentes. Então foi tranquilo”*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Maria Clara destacou que no reencontro entre ela e Cecília após a primeira separação encontrou a filha alegre e feliz: *“Ela estava feliz quando eu cheguei”*. Ela mencionou que esse comportamento se apresentou em todos os demais reencontros entre mãe-bebê anteriores aos 6 meses de Cecília: *“Ela fica feliz. Todas às vezes, desde as primeiras vezes a gente sai, quando a gente volta ela fica muito feliz que tu voltou”*.

3.4.3. Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

Maria Clara destacou características referentes à maternidade aos 6 meses de Cecília. Ela ressaltou que, nesse momento, possuía algumas preocupações, principalmente relativas ao desenvolvimento e educação da filha: *“[Preocupações] De desenvolvimento, de educação também,*

pra corrigir já ou não, essas coisas assim". Ela também destacou a decisão de parar de trabalhar para se dedicar aos cuidados de Cecília. Maria Clara mencionou que tentou retomar o trabalho e deixar Cecília sendo cuidada pelo pai, mas não conseguiu ficar longe da filha durante o dia inteiro: *"Parei [de trabalhar] pra cuidar dela (...). Eu tentei voltar a trabalhar logo em seguida que ela largou o peito, mas daí ficar longe o dia todo não dá"*.

Dificuldades em relação à maternidade também foram destacadas, principalmente relativas aos cuidados exigidos pelo bebê durante a noite ou trocas de fraldas: *"Ah, muita dificuldade (risos). Porque por mais que eu ajudasse com meus sobrinhos não era meu filho, né? Então eu não estava lá toda noite, eu trocava fralda de vez em quando. Não passava as noites acordadas, não tinha que levantar às vezes pra levar no hospital"*. Ela também mencionou que Cecília já estava começando a fazer carinho no sentido de retribuir a dedicação da mãe em seus cuidados: *"Ela faz carinho, tu vê uma retribuição assim do que tu está fazendo. Às vezes tu conversa, daí ela responde já, tu já entende algumas coisas do que ela quer"*. Com isso, Maria Clara ressaltou que, aos 6 meses da filha, já era mais fácil entender as suas solicitações do que nos primeiros meses: *"Agora eu já sei quando ela está estressada, quando ela quer dormir, quando ela quer mamar. Quando ela não quer também nada, agora é bem mais tranquilo"*.

Maria Clara destacou as características que a definiam como mãe mencionando que era *"louca"* por estar se dedicando exclusivamente a filha: *"Eu tinha uma profissão antes, agora minha profissão é mãe. Eu sou mãe da Cecília em primeiro lugar. Então é tudo com ela assim, se está frio, é ver se ela está tapada. Se tem roupa pra lavar é a roupa dela, a dos outros fica. A casa eu não estou muito preocupada, se está suja, se tem prato pra lavar, eu era preocupada com isso antes. Da casa estar sempre limpinha, sempre brilhando, sempre cheirosinha. Agora é a limpeza que dá quando ela está dormindo. Então é mãe em tempo integral"*. Ao ser questionada se possuía algum modelo de mãe, Maria Clara mencionou a própria mãe, destacando que, assim como ela, sua mãe também era filha adotiva. Com isso, ela ressaltou como maiores lembranças a honestidade que sua mãe sempre teve em lhe revelar, desde cedo, a adoção e em lhe tratar de mesma forma que tratava os filhos biológicos: *"A minha mãe sempre foi uma pessoa muito honesta comigo. Então desde que eu me conheço por gente, eu soube que eu não era filha da barriga dela. Então isso me marcou muito assim, a honestidade dela me dizer, entendeu?. Então ela quando tinha que bater ela batia, quando tinha que botar de castigo ela botava, sabe? Sempre era proporcional independente de eu ser a menina e a mais nova, eu apanhava como os meus irmãos mais velhos também apanhavam"*.

Em relação à Cecília, Maria Clara mencionou que a filha já demonstrava ser bastante decidida nas coisas que desejava: *“Ela é decidida, braba não. Mas decidida ela já é bem decidida do que ela quer”*. Também ressaltou que ela não costumava estranhar pessoas desconhecidas, apesar de apresentar maior desconfiança frente a figuras masculinas: *“Ela não é muito de estranhar assim, só se ela nunca viu realmente, mas tu viu que contigo ela já foi bem tranquila, mas é mais com homem. Se ela não conhece ela fica meio com uma cara, assim, de desconfiada”*. Com relação ao desenvolvimento motor, Maria Clara destacou que Cecília já estava adquirindo firmeza para sentar e estabelecendo maior exploração dos objetos ao redor.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Maria Clara destacou as separações mãe-bebê aos 6 meses de Cecília, ressaltando os momentos em que precisou deixar a filha, de maneira mais frequente, com a avó paterna e o pai e, de forma menos habitual, com a avó materna ou tia para resolver alguns compromissos. Com isso, Maria Clara destacou que, por a filha ter sido acostumada a ficar com outras pessoas desde os primeiros meses de vida, ela sempre ficou de forma tranquila: *“Ela fica muito tranquila, mas é porque ela é acostumada também”*. Ela também ressaltou que sempre procurou avisar a filha que iria se afastar e que, aos 6 meses de Cecília, essa prática se manteve: *“A gente fala muito desde o início com ela, a gente sempre avisa que a gente vai sair, o que a gente vai fazer, que a gente vai voltar”*. Com relação às reações de Cecília nos momentos de separação, Maria Clara destacou que a filha passou a notar mais os momentos de afastamento da mãe, mas sem manifestar protesto: *“Ela nota, mas ela não reage mal”*. Mesmo assim, Maria Clara mencionou que, após se despedir da filha, costumava sair *“sem olhar para trás”*: *“E não olho pra trás, senão a gente não vai (risos) (...). Daí tem vontade de ficar em casa, ficar com ela deitada na cama”*. No entanto, ela destacou que não costumava se preocupar com os cuidados prestados pelas pessoas que ficavam com a filha, já que sabia serem pessoas de confiança: *“Eu não me preocupo porque são pessoas da minha confiança, que eu sei que vão cuidar bem”*. Frente a isso, ela destacou não se preocupar em saber como Cecília se comportou na sua ausência, já que sabia que ela seria bem cuidada e que se comportaria sem reações de choro ou protesto: *“Nem pergunto [como a filha ficou na sua ausência], eu só pergunto de mamar e coisa, o resto eu nem pergunto (...). Eu sei que ela vai se comportar, ela não é daquelas crianças que vai chorar, que vai se desesperar”*. Por fim, Maria Clara ressaltou que esses momentos de separações prolongadas entre mãe-bebê ficariam mais frequentes, pois ela e o marido voltariam a estudar e, durante a noite, Cecília ficaria sendo cuidada pela avó paterna com quem já mantinha convívio diário

por morarem em residências próximas: *“Agora os dois vão voltar a estudar agora nesse semestre. Toda a noite a gente sai e ela fica com a avó (...) das sete até as onze é a avó que fica”*.

Com relação às separações momentâneas, no momento em que a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Maria Clara ressaltou que Cecília costumava ficar *“braba”* quando ela se ausentava, ressaltando que, aos 6 meses, ela *“não está reagindo muito bem”*: *“Se eu saio de perto tem que sair brincando de ‘cadê a mãe? A mãe voltou!’, eu tenho que ficar brincando com ela assim pra ela deixar eu sair de perto. Porque ela não gosta de ficar sozinha, quer sempre estar com alguém perto. E ela pode estar aqui, e eu estou ali na cozinha lavando louça, se ela não quer ficar sozinha aqui ela vai chorar e vai ficar me chamando”*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Maria Clara ressaltou as reações de Cecília nos momentos de reencontro em consequência das separações prolongadas. Ela destacou que Cecília demonstrava felicidade no momento do reencontro, já que, era nesse momento, que ela notava que a mãe havia se ausentado: *“Só quando a gente volta que ela fica feliz. Daí eu acho que cai a ficha, que ela nota que a gente saiu”*. Ela também mencionou as reações de Cecília, como dar os braços pedindo colo e o fato de demonstrar no olhar o contentamento em reencontrá-la: *“Agora ela já dá os braços, tu vê no olhar dela que ela está muito faceira que tu chegou”*. Maria Clara destacou que também manifestava a mesma reação e sentimento de felicidade no momento que reencontrava Cecília, por perceber que tal aspecto era muito importante para a filha: *“Eu fico emocionada, porque é bom ver que ela fica feliz em nos ver. Que é uma coisa boa pra ela (...). Então eu fico muito feliz assim. Isso quer dizer pra mim que ela tem prazer em estar comigo e com ele [pai], então isso me deixa muito emocionada e muito feliz”*. Ela também ressaltou que demonstrava carinho pela filha ao abraçá-la, beijá-la e ao brincar com ela: *“A gente faz festa quando chega, beija e abraça”*.

Referente aos reencontros em momentos de separações momentâneas, Maria Clara ressaltou que Cecília, assim que a reencontrava, cessava o choro e manifestava alegria: *“Para de chorar na hora e começa a rir (...). Eu virei as costas ali e ela já está berrando. E eu virei pra vir pra cá e ela já está rindo. É instantâneo assim”*. Maria Clara ressaltou que, apesar de se incomodar com a atitude da filha, também a considera engraçada: *“Eu tenho que ficar rindo (risos). Não, eu fico braba, mas tem que rir”*.

3.4.4. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)

Características maternas e do bebê

Maria Clara destacou características referentes à maternidade aos 12 meses de Cecília, ressaltando que fazia cerca de um mês que ela havia retornado ao trabalho, de modo que tal aspecto foi ressaltado como positivo para a maternidade. Maria Clara mencionou que tinha mais paciência com a filha e mais entusiasmo para fazer as atividades pessoais e com Cecília após retornar ao trabalho: *“Agora que eu estou trabalhando, estou me sentindo ótima, porque eu estava precisando trabalhar. Eu vejo que eu tenho mais paciência, tenho mais vontade de fazer as coisas do que quando eu só ficava em casa. Eu me dedico mais sabe, pra ela, pra brincar, pra tudo”*. Maria Clara estava trabalhando durante o período da manhã, de modo que Cecília passou a ser cuidada por uma tia de seu pai com a qual já convivia rotineiramente. O retorno ao trabalho, segundo Maria Clara, fez bem não somente a ela, no sentido de fazer outras atividades para além dos cuidados domésticos e do bebê, mas também a Cecília que apresentou evolução em seu desenvolvimento linguístico: *“Em casa só ficava limpando a casa, aí tem que fazer comer, tem que fazer dormir, aí ficava muito em cima dela e eu notei que ela desenvolveu bastante também de eu não estar em casa. Ela se comunica muito melhor, porque eu entendo muita coisa do que ela fala, mas as outras pessoas não entendem muito. E aí eu vejo que ela está se comunicando até melhor. Acho que foi bom pras duas”*. Com isso, ela ressaltou que, a partir do momento em que Cecília passou a ser cuidada pela tia, ela e a filha estavam se entendendo melhor no sentido de Cecília se comunicar mais satisfatoriamente: *“A gente está se entendendo melhor, porque ela se comunica melhor”*. No entanto, ela ressaltou que, em algumas ocasiões Cecília sofreu algumas quedas enquanto estava sendo cuidada pela tia e que esta não relatou aos pais o acontecido. Com isso ela ficou receosa em relação aos cuidados oferecidos e chegou a pensar em parar de trabalhar para se dedicar, novamente, a filha. No entanto, através do diálogo, conseguiu reverter a situação: *“No início quando ela caiu e apareceu com uns roxos, eu fiquei meio receosa assim, a minha vontade até era de parar de trabalhar, mas agora eu já estou mais relax, já conversei com ela [tia], falei que ela tem que me contar. Aí agora eu fiquei mais tranquila”*.

Aos 12 meses de Cecília, Maria Clara definiu-se como uma mãe dedicada por se esforçar nos cuidados da filha. Segundo ela, o fato de estar trabalhando contribuiu para que ela se percebesse como mais dedicada: *“Eu acho que eu sou dedicada. Eu tenho que fazer o almoço eu me dedico pra fazer o que ela gosta (...). Aí se dedicar pra fazer dormir (risos). Acho que eu estou numa fase muito de me dedicar assim pra ela. Como eu estou fazendo outras coisas além de*

só ficar com ela, aí acho que eu estou curtindo mais também”. Ela também ressaltou que se percebeu como uma mãe superprotetora, no sentido de se preocupar muito com a alimentação, sono e outros aspectos de bem-estar da filha que não eram preocupações para as outras pessoas que auxiliaram nos cuidados de Cecília: *“Eu acho que eu superprotejo ela demais (risos). Ai, ‘tem que comer a comidinha, porque vai fazer bem. Ela tem que dormir o soninho porque vai fazer bem’. E os outros ‘ah, não quer comer não come, sabe. Não quer tomar suco não toma. Não quer dormir, está tudo bem”*”.

Em relação à Cecília, Maria Clara destacou que ela já estava caminhando e tendo maior capacidade de interação com os brinquedos na hora das brincadeiras e chamava o pai e a mãe para brincar e mostrar o que aprendeu ao longo do dia: *“De noite, como estão os dois [pais], ela quer brincar, ela quer beijar, ela quer mostrar o que ela aprendeu, ela quer pintar, quer fazer tudo ao mesmo tempo”*. Cecília manifestava descontentamento quando os pais não queriam brincar com ela: *“Quando a gente não quer brincar, aí ela fica braba”*. Maria Clara também ressaltou que a filha correspondia à atenção dispensada pelos pais: *“Agora ela também corresponde a certas coisas então, ela está engraçadinha, ela está brincando, tu fala uma coisa e ela ‘ai gosta, não gosta’, já demonstra assim”*.

Maria Clara mencionou o comportamento de Cecília frente a lugares e pessoas estranhas e ressaltou que ela costumava interagir com as pessoas e explorar o ambiente: *“Ela vai em tudo que é lugar, ela conversa com todo mundo (...). A gente estava no posto [de saúde] semana passada quando ela foi tomar vacina e cada pessoa que passava ela falava ‘oi, oi’ (risos). Cada pessoa que saía ela dizia ‘tchau, tchau’ (risos)”*. Ela complementou afirmando que Cecília se comportava da mesma forma, mesmo se ela estivesse ausente: *“Eu estando perto ou não, ela interage”*.

Maria Clara também ressaltou que, aos 12 meses, Cecília a solicitava durante todo o tempo em que ela estava responsável por seus cuidados, o que a fazia perceber a filha como mais dependente dela: *“Ela está mais dependente. Ela me chama 24 horas por dia. Até dormindo ela chama ‘mãe’ e ‘pai’”*. No entanto, ela mencionou a capacidade de Cecília em realizar atividades sem precisar de ajuda e o prazer que ela demonstrava em obter tais conquistas: *“Ela sobe nas coisas, ela desce das coisas. Ela pega o gato no colo, joga o gato longe (risos). Ela fica muito tempo brincando com as coisas assim. Eu vejo que ela adora brincar com a boneca, ela gosta de desenhar, aí eu venho pra cá, boto a cadeirinha, a mesinha e ela fica brincando feliz da vida”*. Maria Clara percebia tal comportamento de Cecília de forma positiva, principalmente a sua capacidade de já interagir sozinha em uma brincadeira: *“Ela consegue interagir sozinha. Tipo,*

ela conversa, discursa com as bonecas dela (risos). Horas a fio discursando com as bonecas. Agora empurrando as coisas pra andar. Ela passa horas assim". Maria Clara também mencionou a necessidade de Cecília vir até ela e manter contato físico entre uma brincadeira e outra: *"Se eu estou fazendo alguma coisa e ela está brincando com outra pessoa, ou está brincando com outra coisa, ela vem, daí ela me pega, me escala. Ela pega as minhas coisas assim (risos). Pega meu dedo, meu sapato (risos). Ela necessita ou estar me vendo ou estar me tocando"*. Maria Clara destacou que esse comportamento não a incomodava, pois considerava "normal" para a idade de Cecília. Quando questionada se ela precisava manter contato físico com a filha quando ela estava muito concentrada em uma brincadeira que parecia esquecê-la momentaneamente, Maria Clara ressaltou que costumava não solicitar a atenção de Cecília a deixando explorar o ambiente: *"Eu deixo ela brincar, interagir normal. Se ela está brincando, se ela está fazendo alguma coisa, às vezes ela fica viajando assim, fica olhando os dedos, fica olhando pro teto, porque tem as estrelinhas de noite. E ela fica às vezes horas assim olhando pra cima. Aí eu deixo ela normal. Às vezes ela está cantando, brincando de tudo que é jeito e aí eu deixo ela continuar fazendo e me esquecer um pouco assim"*.

Em relação a pequenas frustrações que Cecília vinha a sofrer ao explorar o ambiente (como uma pequena queda, não poder pegar o que desejava, etc.), Maria Clara ressaltou que, quando sofria alguma batida, principalmente na cabeça, ela costumava chorar e se acalmava rapidamente: *"Ela faz um drama, mas daí depois passa (...). Ela se bate na cabeça assim, aí ela 'ahh', chora, 'ai, bateu, onde é que tu bateu?', aí ela mostra onde que ela bateu. E aí depois de 5 segundos acaba (risos)"*. Maria Clara destacou que procurava conversar com a filha nesses momentos e, algumas vezes ignorou a situação e notou que, com isso, Cecília se acalmou mais rápido: *"Eu converso muito com ela, desde pequenininha (...). Explico pra ela que não foi nada quando ela se bateu, ou que não dá pra ser daquele jeito. Às vezes eu até meio ignoro se eu vejo que ela está fazendo muito escândalo, que ela quer muito ibope assim, ignoro assim, pra ver até onde ela vai. Normalmente quando eu ignoro ela para em um segundo. Porque ela vê que não está chamando a atenção. Mas ela dá uma choramingada assim"*.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Maria Clara destacou que, nos últimos seis meses, Cecília havia sido cuidada por ela ao longo do dia e, durante a noite, pela avó materna, momento em que Maria Clara ia para a faculdade. No entanto, no momento da entrevista aos 12 meses de Cecília, Maria Clara estava de férias da faculdade a mais de um mês, de modo que Cecília não estava ficando com a avó.

No entanto, há cerca de um mês, Maria Clara havia iniciado um trabalho durante o turno da manhã, cinco dias por semana, e Cecília estava sendo cuidada pela tia (e na casa da tia) de seu pai durante esse momento e, nos outros turnos, seguia sendo cuidada pela mãe. O pai e a avó materna também prestaram cuidados juntamente com Maria Clara, ou sozinhos, nos momentos em que ela necessitava.

Maria Clara destacou as reações de Cecília nos momentos de separações prolongadas entre mãe-bebê e ressaltou a experiência atual, em que Cecília chegava à casa da tia. Ela mencionou que, como deixava Cecília relativamente cedo pela manhã, ela já chegava desperta e ativa e a tia ainda estava um pouco sonolenta, de modo que não conseguia corresponder ao entusiasmo de Cecília. Isso a incomodava e ela demonstrava através de choro por não querer permanecer com a tia ou ficando braba: *“Ela fica chorando. Porque aí ela já acordou e a tia ainda está dormindo. Então ela não quer ficar. Ela quer brincar, ela fica meio braba assim, fica chorando”*. No entanto, ela destacou que essa era uma reação inicial de Cecília, já que ela estava se adaptando a rotina de ir até a casa da tia diariamente, e que, após alguns minutos, já ficava bem e interagia normalmente. Ela também ressaltou que, após conversar com a tia sobre as situações dos machucados de Cecília (como já destacado), passou a se sentir mais tranquila em deixar a filha com ela, e que esse sentimento de tranquilidade se fazia presente quando ela precisava deixar Cecília com as outras pessoas mencionadas.

Em relação aos momentos de separação, Maria Clara destacou que procurava se despedir da filha, independente de com quem ela ficava, mas que costumava sair sem *“olhar para trás”*. Ela ressaltou que, se não fosse esse comportamento, não conseguiria sair já que, algumas vezes, Cecília costumava chorar durante sua saída: *“Eu normalmente explico pra ela que eu vou sair, que eu preciso fazer alguma coisa, dou beijo, falo pra ela dar tchau, vou sem olhar pra trás. Se eu olhar pra trás eu não vou embora (risos). Eu vou querer ficar junto (risos)”*. Ela ressaltou que nas ocasiões em que Cecília chorava no momento de sua saída costumava ficar *“estressada”*, mas sabia que essa separação era necessária: *“Fico muito estressada, mas não tem outro jeito, tem que deixar”*. Maria Clara também ressaltou que, durante sua ausência, sabia que a filha ficava bem com os outros cuidadores, de modo que não sofria com sua ausência: *“Não dá a mínima bola que eu não estou perto”*. Frente a tudo isso, Maria Clara ressaltou não ter observado mudanças no comportamento de Cecília nos momentos de separações prolongadas quando comparado aos 6 meses de idade.

Com relação às separações momentâneas que ocorriam quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Maria Clara ressaltou que, aos 12 meses, Cecília

estava reagindo com gritos e choro na maior parte das ocasiões em que percebia a mãe se ausentar, fato que não ocorria aos 6 meses de idade: *“Ela está no colo do pai dela brincando, eu saio de perto, ela ‘mãe, mãe, mãe!’ , se desespera gritando, chorando, fazendo escândalo. É o fim do mundo”*. Maria Clara ressaltou que tentava dar a atenção exigida pela filha ao conversar com ela e a estimular para que esse comportamento de dependência da presença da mãe pudesse trazer benefícios para um comportamento mais independente: *“Eu estou tentando transformar em independência. Tipo, se eu venho no quarto pra guardar roupa ou coisa, ‘ah, tu quer, então vem! Vem andando, ou vem engatinhando’. Aí ela vem sozinha atrás. Ah, ela quer vir no quarto e fica me chamando ‘vai filha, vai que eu já vou’. Aí ela vai. Eu estou tentando transformar numa independência”*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Frente aos reencontros como consequência das separações prolongadas entre mãe-bebê, Maria Clara destacou que Cecília reagia com felicidade no momento do reencontro, destacando que ela dava *“uns berros de feliz”* e, quando possível, ia ao seu encontro: *“Quando ela está no colo de alguém ela fica se batendo toda. Quando ela está no chão ela vem engatinhando enlouquecida”*. Maria Clara ressaltou que ficava feliz com a reação da filha, principalmente, por notar que ela havia ficado bem sem ela: *“Me sinto bem de ver que ela está bem assim. Saí, voltei e não fez a mínima diferença sabe. Ela está brincando, está conversando, ela está feliz. Se tivesse alguma coisa errada ela estaria chorando”*. Com isso, ela ressaltou que retribuía o carinho da filha através de beijos e abraços: *“Eu dou beijo, abraço, agarro bastante”*.

Com relação aos reencontros frente às separações momentâneas, Maria Clara destacou que, quando era solicitada pela filha, costumava se comunicar com ela à distância, assim como ir até Cecília e atendê-la em seus pedidos: *“Ela continua chamando, daí eu vou ‘que que houve filha, que que tu quer?’. Aí às vezes não é nada assim. Ela quer me mostrar alguma coisa, um adesivo ou quer que eu pegue alguma coisa pra ela. Aí eu venho e pego e brinco”*. Cecília costumava demonstrar felicidade ao agarrar e beijar a mãe: *“Ela agarra, beija e daí pede o que ela quer fazer”*. Maria Clara costumava retribuiu o carinho da filha: *“Eu retribuo, beijo, abraço, brinco muito”*.

3.4.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-individuação do caso 4

A Figura 5 apresenta uma síntese dos indicadores do processo de separação-individuação de Maria Clara e Cecília ao longo do primeiro ano do bebê, ressaltados até aqui.

Figura 5: Síntese dos indicadores do processo de separação-individuação do caso 4

Antecedentes do processo de separação-individuação

Características maternas e do bebê

- Mãe não mencionou preocupações em relação ao ser mãe durante o período gestacional
- Nos primeiros dias com o bebê, teve algumas dificuldades para identificar as solicitações da filha

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de separação sem reações por parte do bebê que ficou recebendo os cuidados da avó
- Mãe segura em deixar o bebê com a avó e tranquila quanto à separação
- Nas outras experiências de separação as reações e sentimentos já destacados se mantiveram

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de reencontro com bebê feliz por reencontrar os pais
- Outras experiências de reencontro com a mesma manifestação de felicidade por parte do bebê

Separação-individuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

- Mãe preocupada com desenvolvimento e educação da filha; algumas dificuldades com cuidados noturnos
- Decisão de parar de trabalhar para se dedicar exclusivamente à filha; definiu-se como uma mãe louca
- Bebê já manifestava o que desejava e tendia a não estranhar pessoas desconhecidas

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas em que bebê notava a saída da mãe, sem protestar; acostumado com os cuidadores
- Mãe se despedia da filha e saía “sem olhar para trás”, ficava tranquila por saber que bebê seria bem cuidado
- Separações momentâneas com bebê protestando o afastamento da mãe; reação mais intensa aos seis meses

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com felicidade por parte da mãe e bebê
- Reencontro frente às separações momentâneas com bebê cessando o choro e manifestando alegria

Separação-individuação e subfase de exploração (12º mês)

Características maternas e do bebê

- Maternidade beneficiada pelo retorno da mãe ao trabalho; mais paciente com a filha e entusiasmada
- Bebê sendo cuidado, no turno de trabalho da mãe, por uma tia de seu pai com quem já convivia
- Bebê percebido como mais dependente da mãe por solicitá-la com mais frequência do que aos seis meses

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas com bebê chorando por estar se adaptando a rotina de ficar com a tia
- Mãe se despedia da filha e costumava sair “sem olhar para trás”; sabia que bebê ficava bem na sua ausência
- Separações momentâneas em que o bebê estava protestando, frequentemente, pela presença da mãe

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com alegria por parte do bebê e da mãe
- Reencontro frente às separações momentâneas com bebê feliz em rever a mãe que atendia os seus chamados

3.5. Caso 5: Lya e Fabrício

3.5.1. Caracterização do caso

Lya se encontrava com 40 anos e seu filho Fabrício com cinco meses no momento inicial do estudo. Fabrício é fruto de uma gestação planejada entre Lya e o marido Carlos de 42 anos. Ela concluiu a graduação em medicina e uma especialização e trabalhava como médica obstetra. Seu marido também havia concluído o ensino superior e trabalhava como analista de sistemas.

Lya destacou que o casal desejava muito engravidar desde que haviam se casado há seis anos. Lya havia feito várias tentativas, sem sucesso, devido à endometriose. Inclusive o casal utilizou de procedimentos de fertilização e inseminação, sem resultados. Ela mencionou que esse período foi bastante difícil já que ela, como médica obstetra, realizava muitos partos e ainda não havia conseguido passar por essa experiência. Após quatro anos de tentativa, Lya e Carlos resolveram que o melhor seria a adoção para que, assim, pudessem realizar o sonho de ser mãe e pai. No período de realização das entrevistas de adoção Lya descobriu que estava grávida. Frente à notícia da gestação ela destacou que foi *“só alegria”*, tanto para ela, quanto para o marido e a família de ambos. Lya ressaltou que teve um pequeno sangramento no início da gestação que lhe exigiu repouso e a necessidade de *“diminuir o ritmo”*, o que a fez se sentir mais frágil durante a gestação. No entanto, ela mencionou que, apesar disso, *“foi tudo bem, tudo tranquilo”* com a gravidez. Ela também destacou que, no final da gestação teve pré-eclampsia leve que foi monitorada pela médica e não acarretou maiores problemas.

Referente ao parto, Lya destacou que recebeu medicação para controlar a pressão alta, o que a possibilitou afirmar que o parto *“não foi tão natural quanto eu queria”*. Com isso, ela mencionou que conseguiu realizar o parto normal, como desejado, mas com analgesia. Ela ressaltou que o marido e uma doula a acompanharam no momento do parto, o que ela considerou importante e que a ajudou a manter-se tranquila. Fabrício nasceu de 39 semanas pesando 2.760g. O primeiro contato com Fabrício foi *“emocionante”* e Lya destacou que ele já conseguiu mamar na primeira hora após o nascimento, como era de seu desejo. Nos primeiros dias após o parto, Lya ressaltou que se sentiu *“super bem”*, já que, apesar de um ponto da episiotomia que infeccionou, ela havia se recuperado satisfatoriamente no pós-operatório. Nesses primeiros momentos, Lya recebeu auxílio do marido, da mãe, da sogra e da babá de

Fabrício que já havia sido contratada no final da gestação. Tal ajuda recebida foi considerada importante, já que ela pode se sentir acolhida.

3.5.2. Antecedentes do processo de separação-indivuação

Características maternas e do bebê

Lya ressaltou características referentes à maternidade durante o período gestacional, principalmente, preocupações sobre como seria o temperamento de Fabrício, o relacionamento mãe-bebê e a adaptação um ao outro nesses primeiros momentos: *“Eu acho que preocupações mais de como ia ser, como ia ser o temperamento dele, como que a gente ia se adaptar, como é que ia ser para se conhecer, como é que eu ia me adaptar com as noites mal dormidas, né?”*. Tal preocupação a fez procurar informações sobre os cuidados do bebê em livros que abordavam essa temática: *“Eu li muito sobre puericultura, porque eu não sou pediatra, então eu tinha mais inseguranças sobre os cuidados com nenê, então eu reli, li e reli livros dessas livrarias de pediatria (...). Tudo o que eu tinha ao meu alcance sobre os cuidados com o nenê no começo, eu lia”*. No entanto, apesar das preocupações destacadas, ela ressaltou que imaginava que o relacionamento com Fabrício seria satisfatório: *“Eu imaginava que ia ser ótimo, que ia ser bom”*. Por fim, quando questionada sobre como se imaginou como mãe durante a gestação, Lya destacou, apenas, que imaginou que seria uma mãe tranquila: *“Eu achava que eu ia ser tranquila”*.

Nos primeiros dias com Fabrício, Lya mencionou que o que mais a agradou foi a possibilidade de descobertas entre mãe e bebê: *“É aquela descoberta, porque antes tu conhece o nenê pela ecografia, né? E quando tu vê, tu está redescobrando teu nenê na verdade. Tu está descobrindo ele e ele a ti, então essa descoberta, pra mim, foi o melhor, né?”*. Ela também destacou que gostava das visitas dos amigos e familiares: *“Eu gostava do apoio da família, as primas do meu marido diziam que odiavam as visitas, porque atrapalhavam, porque estavam cansadas, mas eu gostava”*. Lya também ressaltou algumas preocupações em relação a Fabrício nesses primeiros dias, principalmente relacionadas ao bem-estar do filho, como a alimentação e o ganho de peso: *“Se estava mamando suficiente, se está ganhando peso, se não vai assar a bundinha, essas coisas”*.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Lya mencionou que a primeira experiência de separação entre ela e Fabrício ocorreu quando ele estava com dois meses e meio, momento em que ela foi a uma consulta odontológica. Ela ressaltou que se ausentou por, aproximadamente, uma hora e que, nessa ocasião, ele ficou sendo cuidado pela babá e pela avó paterna: *“Foi por uma hora. Eu fui no dentista e voltei”*. Lya mencionou que o filho não manifestou reações a sua saída, ressaltando que ele ficou *“tranquilo”* na sua saída e durante a sua ausência. Lya destacou que, nessa primeira experiência de separação entre ela e Fabrício, sentiu a necessidade de retornar o quanto antes para casa para ver como o filho estava. Inclusive, ela não realizou todas as atividades que havia programado, justamente para chegar antes em casa: *“Eu tinha duas coisas pra fazer, eu me lembro que eu tinha dentista e depois tinha que passar no consultório pra fazer alguma coisa, mas daí eu fui só ao dentista e voltei pra casa (risos). Eu queria ver como é que estava tudo. E disse ‘ah, o resto eu faço amanhã’”*.

Frente às outras separações mãe-bebê (anteriores ao 6º mês do bebê), Lya destacou que Fabrício continuou reagindo de forma tranquila e ressaltou a sensação de que os momentos de separação sempre foram mais difíceis para ela do que para o filho: *“Ele sempre foi tranquilo, eu sempre acho que é mais difícil pra mim do que pra ele”*. Ela destacou que, ao longo do tempo, a sensação de querer retornar o quanto antes para casa foi passando: *“Mas aí depois passou, no começo eu me lembro que eu tinha essa sensação de querer voltar logo”*. Com isso, ela destacou que se sentiu menos ansiosa nas separações posteriores quando comparado a primeira separação: *“Eu acho que fiquei mais tranquila, menos ansiosa”*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Lya destacou que o reencontro entre ela e Fabrício após a primeira separação ocorreu com o filho indo *“direto para a teta”* e ela ressaltou o fato de gostar de estar em casa cuidando do filho: *“Nunca pensei que ia gostar tanto de ficar em casa”*.

Em relação aos reencontros ocasionados pelas separações posteriores, Lya destacou que sempre encontrou o filho feliz e brincando: *“Eu chego e ele está rindo, está tranquilo, está brincando”*.

3.5.3. Separação-individuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

Lya destacou características referentes à maternidade aos 6 meses de Fabrício. Ela mencionou que se percebia como uma mãe mais superprotetora do que ela imaginou que seria: *“Acho que hoje eu sou mais superprotetora do que eu achava que eu ia ser. Eu sempre pensava, assim, os meus amigos que tem filhos... eu tenho um casal de amigos que tem duas filhas, e ele dizia, ‘ai as minhas filhas só vão namorar depois dos 25’, brincava assim, e eu dava risada, né?. Claro que é brincadeira. Eu nunca pensei isso do meu filho. Hoje eu digo, ‘Ah, não!’ (risos) e ainda vou pedir atestado de bons antecedentes das pretendentes, porque a gente se apega, né?”*. Ela ainda ressaltou que se considerava uma boa mãe, já que era cuidadosa, tranquila e *“brincalhona”*: *“Acho que eu sou uma boa mãe. Acho que eu sou cuidadosa, sou tranquila, sou brincalhona, acho que dá para o gasto”*. Ela também ressaltou que não havia imaginado que gostaria tanto de ficar em casa cuidando do filho e que estava tendo dificuldades de retornar ao trabalho, mesmo que em horário bastante reduzido quando comparado aos seus horários de trabalho antes da gestação. Inclusive ela mencionou acreditar que *“nunca mais”* conseguiria retornar a sua rotina anterior. Lya estava retomando o trabalho, há menos de um mês, durante o turno da tarde, por, no máximo, quatro horas diárias, momento em que Fabrício ficava sendo cuidado pela babá ou pelas avós.: *“Não pensei que eu ia gostar tanto de ficar em casa (...). Eu adorei, claro que a gente não fica parado, tem um monte de coisas para fazer com a criança, é uma função, né? É troca a fralda, e dá mama, vai passear e vai no médico, mas eu adorei ficar em casa com ele. E agora pra mim está sendo mais difícil voltar a trabalhar, que eu estou me readaptando, claro que eu adoro o que eu faço, faço com prazer... mas eu estou fazendo bem menos. Acho que eu nunca mais vou fazer tudo o que eu fazia antes”*. Ela complementou ressaltando que o prazer em ficar em casa estava ligado ao prazer em estar com o filho, independente de ele estar disponível para a interação ou não: *“Pra mim era um prazer ficar com ele. Se ele estivesse dormindo, só ficar olhando, pra mim já estava bom”*.

Com tudo isso, Lya ressaltou que a maternidade estava ocorrendo melhor que o esperado e destacou a relação mãe-bebê e o encantamento em acompanhar o desenvolvimento do filho como aspectos que contribuíram para a avaliação positiva da maternidade: *“Essa relação com o bebê, de tu ver crescer a cada dia, essa coisa de amamentar e tu ver que ele está desse tamanho e feliz só com o teu leite, é muito bom. De ver cada conquista dele, cada coisinha nova, cada coisa que ele faz de diferente tu já fica feliz”*. Frente a isso, ela ressaltou que estava se sentindo

“realizada” como a maternidade. Ao ser questionada se tinha alguém como modelo de mãe, Lya ressaltou resposta negativa e destacou que, apesar de considerar que a sua mãe foi uma boa mãe, ela não a considerava como modelo devido aos atritos durante a adolescência. No entanto, ela ressaltou que a relação com a mãe melhorou após o nascimento de Fabrício: *“Acho que a minha mãe foi uma boa mãe, principalmente quando a gente era bem pequena, mas a gente teve muito atrito na adolescência, e aí depois os meus pais se separaram quando eu tinha 15 anos, então a gente teve muito atrito da adolescência para a vida adulta e agora a gente está se dando muito melhor, porque tem o nenê e eu acho que isso ajudou... mas eu nunca pensei nela como um modelo de mãe”*. Lya destacou que, tal aspecto de conflito na adolescência, lhe originava medo em enfrentar a adolescência do filho: *“Eu só tenho um pouco de medo da adolescência, porque como tive muito atrito com a minha mãe, eu tenho medo de não aceitar um comportamento, isso eu quero evitar, pois eu achava a mãe muito rígida, muito dura na adolescência, não tinha muito diálogo. Então, isso eu quero evitar, quero fazer diferente”*.

Com relação a Fabrício, Lya ressaltou que ele já sentava com apoio e, conseqüentemente, demonstrava maior interesse em explorar os objetos ao seu redor.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Lya destacou as separações mãe-bebê aos 6 meses de Fabrício, aproximadamente, ressaltando os momentos em que precisou deixar o filho, de maneira mais frequente, com a babá e as avós, devido o retorno ao trabalho. Com todas as cuidadores Fabrício convivia, frequentemente, desde o seu nascimento. Durante três dias na semana Fabrício ficava sendo cuidado pela babá e, uma vez por semana com cada uma das avós. Na maioria das vezes ele era cuidado em casa, com exceção do dia em que ficava com a avó materna na casa dela. Nos finais de semana também era frequente Fabrício ficar com o pai enquanto Lya realizava alguns compromissos pessoais.

Lya ressaltou que, aos 6 meses de Fabrício, ele não havia esboçado nenhuma reação de protesto frente às separações, sendo que ressaltou não ter notado mudanças no comportamento do filho em comparação com os meses anteriores: *“Eu não notei nada de diferente ainda”*. Ela destacou que se sentia tranquila com tal comportamento de Fabrício: *“Eu fico mais tranquila. Se ele começasse a chorar cada vez que eu fosse sair daí eu ia fingir que não estava saindo”*. Com isso, ela mencionou que sempre procurava se despedir do filho, mas que não demorava muito nesse momento: *“Eu dou um beijinho e tchau. Eu não explico tudo, mas eu dou tchau pra todo mundo e vou lá, dou um beijinho e digo tchau, até daqui a pouco”*. Lya destacou que, conforme lhe

informavam, Fabrício ficava bem na sua ausência conseguindo brincar e se alimentar. Em relação a este último aspecto, Lya destacou o receio de que o filho, por mamar no peito, não conseguisse se alimentar na mamadeira nos horários em que ela não estava disponível, no entanto, ele conseguiu se adaptar: *“Pelo que me falam ele passa bem assim, brinca, faz tudo que ele faz quando está comigo”*; *“Ele está pegando [a mamadeira], ele ainda demora, ele incomoda às vezes um pouquinho, mas ele pega, ele mama”*. Lya ressaltou a total confiança em todas as pessoas que a auxiliaram nos cuidados de Fabrício, o que a possibilitava ficar tranquila quanto aos cuidados dispensados ao filho: *“Fico bem tranquila, saio bem tranquila. Sei que ele vai ficar bem cuidado”*. Ela também ressaltou que considerava importante o fato de Fabrício poder ser cuidado em casa, a maior parte do tempo, o que possibilitava que ele não saísse da rotina de seu lar: *“Acho que mais de poder o nenê ficar em casa, não sair da rotina do lar, assim. De ter uma pessoa de confiança que tu possa dar uma ordem e saber que a pessoa vai cumprir, na medida do possível”*. Lya ressaltou que como o seu retorno ao trabalho era recente, sentia um pouco de ciúmes das pessoas que cuidavam de Fabrício, mas considerava isso *“normal”* para esse momento: *“Ah, isso é uma coisa nova agora, de três semanas para cá, eu acho que eu fico com um pouco de ciúmes, assim, no começo, acho que sim, mas normal, né?”*.

Com relação às separações momentâneas, no momento em que a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Lya ressaltou que Fabrício, em geral, ficava distraído com algum brinquedo e não a solicitava. No entanto, se ela demorava um pouco mais, como no momento em que estava no banho, Fabrício já começava a chamar por sua presença através de resmungos ou choro: *“Em geral, se ele está distraído com um brinquedo, ele fica bem. Mas se eu fico muito tempo afastada, por exemplo, na hora do banho, às vezes ele começa a chamar, começa a reclamar”*. Lya destacou que se sentia tranquila com as solicitações de Fabrício, ressaltando que *“faz parte”*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Lya ressaltou as reações de Fabrício nos momentos de reencontro em consequência das separações prolongadas. Ela destacou que o filho demonstrava o desejo de ir direto para o seu colo assim que a reencontra: *“Ele ri, balança os bracinhos, já está começando a esticar os bracinhos pra vir pra mim. Eu fico feliz”*. No entanto, ela ressaltou a ocorrência de ocasiões em que o filho não veio diretamente a ela, o que a fez mencionar o fato de *“dividir”* o filho com outras pessoas em função de sua vida profissional: *“Mas eu fico torcendo para que quando eu chegue ele venha correndo para o meu colo, sempre acontece. Mas esses dias, ele está aprendendo a*

estender os bracinhos, e esses dias eu estendi o bracinho e ele foi para a babá, 'ai não', mas nada demais, mas eu já vi que tem. Às vezes me falam 'a primeira vez que ele não quis vir comigo eu chorei', eu não cheguei a chorar, mas a gente sente que tem que dividir, mas acho que faz parte da vida né? Tem que voltar a trabalhar, tem que fazer as coisas da gente, faz bem também sair, ver gente, conversar". Ela ressaltou que se sentia feliz no momento em que voltava a estar com Fabrício e que retribuía o seu carinho: *"Pego ele e encho de beijo, dou um monte de colo"*.

Referente aos reencontros em momentos de separações momentâneas, Lya ressaltou que Fabrício demonstrava alegria em revê-la e se acalmava assim que ela interagia com ele: *"[Para ele se acalmar] Basta chegar no ambiente e fazer alguma brincadeira, apresentar um brinquedo novo"*. Após ele se acalmar, Lya ressaltou que seguia fazendo suas atividades.

3.5.4. Separação-individação e subfase de exploração (12º mês)

Características maternas e do bebê

Lya destacou características referentes à maternidade aos 12 meses de Fabrício, ressaltando que se sentia *"realizada"* com a experiência de ser mãe: *"Me sinto realizada, porque é tudo que eu queria e mais um pouco"*. Ela destacou que estava tranquila em relação à maternidade e que contava com a ajuda familiar para poder ir aos poucos aumentando as horas de trabalho. Lya estava trabalhando cerca de uma hora a mais em dois dias da semana quando comparado à rotina de trabalho aos 6 meses do filho, sendo que ele continuou sendo cuidado pela babá e avós: *"Eu estou bem tranquila. Agora estou trabalhando um pouco mais do que trabalhava antes, mas estou conseguindo ficar com ele, conciliar os horários, eu tenho bastante ajuda da família. Acho que eu sou uma sortuda"*. Frente a isso, Lya ressaltou que a relação com sua mãe e sua sogra melhorou após o nascimento de Fabrício, já que ela, ao tornar-se mãe, passou a entendê-las melhor: *"Eu vejo que, tanto a minha mãe como a minha sogra, o relacionamento com elas melhorou depois que o Fabrício nasceu. Acho que eu por ver como é ser mãe, entender melhor o lado delas. E elas por me verem como mãe, fazendo tudo pra ele também. E elas me ajudando, a gente fez uma parceria assim. Então o relacionamento melhorou na família"*.

Aos 12 meses de Fabrício, Lya se definiu como uma boa mãe por ser cuidadosa, carinhosa e não permissiva: *"Acho que eu sou uma boa mãe (risos). Acho que eu sou cuidadosa, acho que eu sou carinhosa, mas não permissiva. Acho que eu procuro dar limites também. Acho que eu estou me saindo bem como mãe"*. Quando questionada sobre se a maternidade estava ocorrendo da maneira imaginada por ela, Lya ressaltou que estava melhor que o esperado

devido à intensidade do amor entre mãe-bebê: *“É muito melhor do que eu imaginava (risos). Acho que a intensidade do amor é maior do que a gente pode imaginar. Eu já imaginava que ia ser bastante, mas é muito maior. E cada dia vai melhorando mais, quando a gente vai vendo que eles vão se desenvolvendo e fazendo coisas, falando as primeiras palavras. É tudo uma emoção”*. Lya ressaltou que, nos momentos em que estava com o filho, gostava de brincar com ele, e destacou que Fabrício também manifestava agrado por essa interação: *“Brincar com ele, gosto de passear com ele, de levar ele passeando na pracinha, na rua... Acho que é isso. É bom ver o desenvolvimento dele, ver como ele não fazia algumas coisas e agora ele já faz”*.

Em relação a Fabrício, Lya ressaltou aspectos do desenvolvimento motor do filho, bem como a articulação de palavras. Ela ressaltou que Fabrício conseguia pegar a colher no momento da alimentação, já dava os primeiros passos, dançava e entendia ordens simples: *“Eles começam a pegar a colher, a levantar, a começar a dar os primeiros passos, caminhar. Acho que a articulação das primeiras palavrinhas, eu vejo que ele começa a relacionar mais coisas, a gente só de falar ele já faz alguma coisa (...). Às vezes, eu falo que ele dançou ou que ele vai dançar, e ele já começa a dançar. Às vezes, eu digo ‘dá tchau’ e ele já dá tchau, ‘parabéns’ ele já começa a bater palma”*. Ela também mencionou que ele já demonstrava descontentamento nos momentos em que era contrariado, sendo que já sinalizava o que o agradava e desagradava: *“[o que desagrada o bebê] ser contrariado, tirar de onde ele está querendo mexer, fazendo arte, porque se eu pego e tiro ele direto em vez de fazer uma brincadeira e tudo, daí ele esperneia. Esperneia, grita. Eu sempre tento fazer com algum jeitinho, distrair, botar em outro lugar, chamar atenção para uma outra brincadeira”*. Lya destacou outras características de Fabrício, como ser uma criança feliz, afetuosa, inteligente, esperta e estimulada em seu desenvolvimento: *“Acho que ele é uma criança feliz, o desenvolvimento dele é ótimo. Acho que ele é inteligente, esperto, é bem estimulado”*; *“Eu acho que ele é muito afetuoso, muito carinhoso. Acho que uma criança que recebe carinho, dá carinho, né?”*.

Lya destacou que, aos 12 meses, Fabrício estava se comportando de forma mais independente, já que ele conseguia fazer determinadas atividades sem ajuda e já tinha capacidade para ir cada vez mais longe da mãe. Ela também ressaltou que ele conseguia ficar mais tempo distraído com os brinquedos sem demandar tanta atenção, o que contribuiu para que ela conseguisse realizar algumas atividades pessoais: *“Ele já está fazendo mais coisas, indo mais longe, né? Ficando mais tempo brincando com os brinquedinhos dele, eu consigo, às vezes, ler uma revista e ele está brincando. Não fica o tempo todo demandando tanta atenção, querendo que a gente fique o tempo todo junto. Claro que eu fico sempre por perto, mas às vezes eu fico meia hora eu brincando, estimulando alguma coisa, daí a outra meia hora eu fico lendo uma revista, ou arrumando*

alguma coisa da casa, ou eu olho os e-mails e ele está ali por perto. Eu consigo fazer alguma coisa". Lya ressaltou que considerava essa maior independência do filho como um sinal de maturidade: *"Eu acho bom ele ser mais independente, isso é sinal de maturidade dele"*. Lya mencionou, inclusive, que Fabrício reclamava quando ela ia o auxiliar em alguma atividade que ele não tivesse solicitado: *"A motoca que ele sabe empurrar sozinho, quando eu vou tentar ajudar ele a desviar de algum móvel, de alguma coisa, ele reclama. Ele fica brabo que eu estou colocando a mão. É como se ele quisesse dizer que ele quer fazer sozinho, né?"*. No entanto, ela ressaltou que, apesar de mais independente, Fabrício necessitava retornar até ela, entre uma brincadeira e outra, para manter contato físico, antes de estruturar uma nova atividade de exploração: *"Quando eu estou junto ele faz isso [ir até ela]"*. Lya ressaltou que se sentia *"feliz"* com tal comportamento do filho por perceber ser uma referência para ele: *"Eu acho que eu sou a referência dele, acho que me sinto bem"*. Quando questionada se ela precisava manter contato físico com Fabrício quando ele estava concentrado na sua exploração que parecia esquecê-la momentaneamente, Lya ressaltou que apenas ficava disponível ao filho, de modo que ele nunca ficou tanto tempo sem solicitá-la a ponto de ela precisar ir até ele: *"Eu mantenho contato visual, pra mim basta. Nunca foi tanto tempo assim a ponto de precisar [ir até o filho]"*.

Lya também ressaltou o comportamento de Fabrício frente a lugares e pessoas estranhos e destacou que ele conseguia explorar objetos e pessoas quando ela estava próxima dele e havia sido informada que ele mantinha esse comportamento na sua ausência: *"A minha mãe diz que ele observa tudo, que ele gosta de brincar no pátio. E a minha sogra, também, sempre diz 'como ele é observador, como ele olha as coisas, como ele brinca', então eu acho que sim"*. Já em relação a pequenas frustrações que Fabrício vinha a sofrer ao explorar o ambiente (como uma pequena queda, não poder pegar o que deseja, etc.), Lya ressaltou que ele reagia quando não podia pegar as coisas que desejava, mas se acalmava rapidamente ao ser distraído para alguma outra atividade: *"Às vezes ele esperneia, bate o pé, grita, principalmente quando ele é contrariado, ou quando ele está fazendo alguma coisa, puxando um fio, querendo mexer na tomada, a gente tira, né? (...). Mas é rápido, e ele se acalma. A gente tira, distrai com alguma outra coisa, explica que não é para pegar, em geral se acalma rápido"*. Já em relação a pequenas batidas e quedas ao longo da exploração do ambiente, Lya ressaltou que Fabrício conseguia ignorar se estivesse fazendo algo que gostava. No entanto, de maneira geral, ele reagia com choro, mas logo se acalmava: *"Agora ele ignorou total, porque ele estava fazendo uma coisa que ele estava gostando. Em geral ele chora, mas chora rápido, assim, ele nunca teve uma queda feia"*. Lya ressaltou que ficava tranquila nos momentos em que Fabrício ignorava as quedas e batidas, pois assim ele

demonstrava que não havia ocorrido nada grave: *“Eu fico mais tranquila quando ele ignora, porque eu vejo que não foi grande coisa, não machucou”*.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Lya destacou que, nos últimos seis meses, Fabrício continuou sendo cuidado, rotineiramente, pela babá e avós. Com isso, ela ressaltou as reações de Fabrício nos momentos de separações prolongadas entre mãe-bebê. Na maior parte das vezes, Fabrício reagiu bem às separações da mãe, lhe abanando e mandando beijos. No entanto, ela ressaltou que ele estava reagindo um pouco mais e de maneira mais frequente a esse momento quando comparado aos 6 meses de idade, mas conseguia ser acalmado rapidamente e se mantinha tranquilo no período de ausência da mãe: *“Às vezes ele faz um pouquinho de beicinho na hora que eu vou sair, mas logo em seguida elas dizem que ele chora bem pouquinho e já brinca de novo”*. Lya atribuiu essa reação de protesto do filho a aspectos normais do desenvolvimento, principalmente a crescente capacidade de entender que ela ficava longe durante um período de tempo: *“Eu acho que é do desenvolvimento normal, né? Que a gente ouve falar que as crianças estranham depois dos 8, 9 meses. Começam a entender melhor que o pai vai ficar longe por um tempo, que a mãe vai ficar longe por um tempo, eu acho que é natural”*.

Lya ressaltou que costumava se despedir do filho e procurava fazer isso de forma rápida para que ele não chorasse. No entanto, nos momentos em que ele resmungava ou chorava ela ressaltou que se ausentava da mesma forma, mas saía triste e com o *“coração cortado”*: *“Eu procuro sempre dar tchau e mandar beijo, dar um beijinho nele e dizer que eu volto mais tarde. E tento não me estender muito no tchau, eu tento ser rápida e já sair. Se ele faz um beicinho, eu falo que ele não precisa se preocupar, que a mamãe volta, dou um beijinho e vou. Mesmo que ele esteja chorando. Às vezes eu vou triste, né, porque é..., dificilmente eu saio com ele berrando, assim, mas às vezes já aconteceu algumas vezes de eu sair e ele ficar chorando. Daí a gente vai com o coração cortado, né?”*. Já nos momentos em que Fabrício não manifestava protestos, Lya saía tranquila e feliz por saber que ele gostava de seus cuidadores. Em relação a isso, Lya destacou os excelentes cuidados prestados pela babá e pelas avós. Com isso, Lya ressaltou que se sentia tranquila em deixar o filho sob os cuidados dessas pessoas, apesar da saudade que sentia de Fabrício ao longo das horas de trabalho: *“Eu me sinto tranquila porque daí eu posso trabalhar. Então, eu me sinto bem assim. Às vezes eu sinto saudade do Fabrício (...). Não chego a sentir ciúme assim, eu me sinto feliz, acho que de sorte mesmo de ter pessoas que me ajudam, né?”*. Ela destacou que, aos 12 meses de Fabrício, se percebia mais tranquila e acostumada com o retorno ao

trabalho, o que se configurou como uma mudança quando comparado aos 6 meses do bebê: *“Eu acho que estou mais tranquila, mais acostumada com a rotina do trabalho. Acho que com 6 meses eu ainda estava lamentando a volta (risos), o término da licença maternidade, no início foi mais difícil. Agora eu estou mais tranquila”*.

Com relação às separações momentâneas que ocorriam quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Lya ressaltou que, quando Fabrício estava com a idade de nove meses, aproximadamente, ele costumava ir a sua procura quando ela se deslocava do local em que ele estava. No entanto, aos 12 meses, ela notou que ele já não estava apresentando esse comportamento a todo o momento, sendo que aguardava o seu retorno: *“Ele teve uma fase que ele ia direto, a gente saía da sala e ele ia direto atrás. Agora não, ele fica um pouco em algum lugar, eu tenho que buscar uma água e ele está aqui, em geral ele fica”*. Lya ressaltou que procurava não demorar nesses momentos de afastamento momentâneo para que pudesse continuar cuidando de Fabrício contra algum perigo que ele pudesse correr na exploração do ambiente: *“Eu procuro não ficar muito tempo longe, porque ele sempre pode fazer alguma coisa, alguma arte, algum acidente, alguma coisa (...). Se eu estou conseguindo enxergar ele, eu deixo ele ficar sozinho, porque eu li em algum lugar que era bom para a individualidade das crianças a gente não ficar o tempo todo sufocando em cima, né? Então eu deixo ele ficar sozinho um pouco, fazer alguma coisa, acho que isso é saudável pra ele”*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Frente aos reencontros como consequências das separações prolongadas entre mãe-bebê, Lya destacou que, desde os nove meses de idade, Fabrício necessitava ser pego imediatamente no colo quando a reencontrava e, durante a primeira hora, permanecia *“grudado”* nela: *“Em geral eu tenho que pegar ele logo. Se eu não pegar..., se eu chegar e estou apertada para ir no banheiro, chego e dou um oi rápido e vou no banheiro, daí é uma choradeira. Ele quer ficar grudado o tempo todo na primeira meia hora, uma hora, e depois ele começa a soltar mais”*. Lya ressaltou que se *“sentia mal”* nos momentos em que não podia pegar Fabrício imediatamente e ele começava a chorar. Ela destacou, também, que quando Fabrício reencontrava o pai ele fazia *“festa”*, mas com ela, ele não tinha o mesmo comportamento: *“No início, eu não gostava muito da choradeira que ele fazia quando eu tinha que ir no banheiro ou alguma coisa, eu ficava me sentindo mal, porque o pai chegava de noite e ele fazia uma festa para o pai, aí eu chegava, mesmo quando eu pegava no colo ele não fazia festa, ele só abraçava e tal... e se*

eu não pegasse era uma choradeira. E aí eu comecei a ficar meio assim 'Puxa vida! Ele não faz festa pra mim!''”.

Com relação aos reencontros frente às separações momentâneas, Lya destacou que, Fabrício reagia bem ao reencontro e que ele iniciava alguma brincadeira com ela. Ela ressaltou que brincava com o filho, além de manter contato físico com ele: *“Dai eu brinco com ele, dou beijo, faço massagem, faço alguma brincadeira, chamo para fazer um joguinho”*. Lya ressaltou que tinha prazer em brincar com o filho e ver que ele já conseguia interagir nas brincadeiras: *“Eu fico feliz, assim, me dá prazer brincar com ele, ver que ele responde”*.

3.5.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-individuação do caso 5

A Figura 6 apresenta uma síntese dos indicadores do processo de separação individuação de Lya e Fabrício ao longo do primeiro ano do bebê, ressaltados até aqui.

Figura 6: Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 5

Antecedentes do processo de separação-indivuação

Aspectos maternos e do bebê

- Mãe preocupada com temperamento do filho e relacionamento com ele; imaginava-se uma mãe tranquila
- Agradou-lhe a possibilidade de descobertas entre mãe e filho durante os primeiros dias de convívio

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de separação com bebê tranquilo e mãe ansiosa para retornar logo para casa
- As outras experiências de separação vivenciadas como mais difíceis para a mãe do que para o bebê

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de reencontro com bebê solicitando a amamentação e mãe gostando de estar em casa
- Outras experiências de reencontro com bebê feliz e brincando no momento em que a mãe o reencontrou

Separação-indivuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Aspectos maternos e do bebê

- Mãe realizada com a maternidade, se definia como cuidadosa, tranquila, brincalhona e superprotetora
- Dificuldades para retornar ao trabalho, já que havia gostado de ficar em casa cuidando do filho

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas com bebê tranquilo, mãe se despedia e bebê ficava com pessoas de seu convívio
- Mãe tranquila por saber que o filho seria bem cuidado e por ele estar na rotina de seu lar
- Separações momentâneas em que o bebê solicitava a presença da mãe se ela demorasse mais que o habitual

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com contentamento por parte da mãe e bebê
- Bebê demonstrava desejo de ir ao colo da mãe; mãe demonstrava desejo de ficar “grudada” ao filho

Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)

Aspectos maternos e do bebê

- Mãe realizada com a maternidade; possuía apoio familiar nos cuidados do bebê, ia tranquila para o trabalho
- Bebê seguia sendo cuidado pela babá e avós durante um turno diário
- Bebê percebido como mais independente da mãe, além de alegre, afetuoso, esperto e inteligente

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas com bebê reagindo mais aos 12 meses, mas ficava tranquilo na ausência da mãe
- Mãe se despedia do bebê e saía com o “coração cortado” nos momentos em que ele reagia
- Separações momentâneas em que o bebê estava conseguindo ficar aguardando pelo retorno da mãe

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com bebê solicitando o colo da mãe, ficava “grudado” nela
- Reencontro frente às separações momentâneas com bebê convidando a mãe para alguma brincadeira

3.6. Caso 6: Adélia e Caio

3.6.1. Caracterização do caso

Adélia se encontrava com 41 anos e seu filho Caio com 5 meses e 13 dias no momento inicial do estudo. Caio é fruto de uma gestação planejada entre Adélia e o marido Jorge, de 26 anos. Ela concluiu a graduação em medicina e uma especialização e trabalhava como médica do esporte. Seu marido cursava o ensino superior em ciências da computação e exercia atividades como autônomo em sua área de formação.

Adélia destacou que essa não foi sua primeira gestação, sendo que, aos 18 anos, ela teve uma gravidez não planejada na qual realizou aborto. Com isso, Adélia ficou até o presente momento sem ter certeza se “*merecia*” engravidar, se “*saberia cuidar*” de um bebê e ressaltou que, tal medo, se deviam a “*essas coisas psíquicas*” que a levaram à psicoterapia por um período de 11 anos. No entanto, ela precisou tomar uma decisão em consequência da sua idade e ressaltou que, após o falecimento de seu pai, começou a levar a ideia de maternidade “*mais a sério*”. Com isso, ela mencionou que a gravidez de Caio foi “*bem desejada*” e que ela engravidou no primeiro mês de tentativas. Tal fato surpreendeu o casal, já que, pela idade de Adélia, imaginavam que a gravidez demoraria mais tempo para se concretizar. Frente a isso, ela ressaltou que ao receber a notícia da gravidez se sentiu “*feliz e ao mesmo tempo estranha*”, devido à surpresa do resultado positivo. Adélia destacou que a gravidez ocorreu de forma tranquila, embora ela tivesse preocupações em relação ao desenvolvimento de Caio em consequência da sua idade. No entanto, a amniocentese realizada indicou que Caio estava com desenvolvimento satisfatório, o que emocionou Adélia que, no momento que recebeu o resultado, destacou ter chorado muito.

Referente ao parto, Adélia mencionou que “*queria muito que fosse parto normal, não foi. Mas eu entrei em trabalho de parto, o que já me deixou feliz*”. Ela ressaltou que isso se devia ao fato de que queria que Caio decidisse a hora de nascer. No entanto, por não ter apresentado dilatação, uma cesárea foi realizada. Adélia ressaltou que teve temor da cesárea, principalmente medo de morrer, sendo que pediu para o marido, que a acompanhou no momento do parto, não deixar o filho desamparado caso algo acontecesse com ela. No entanto, o parto transcorreu de forma satisfatória e Caio nasceu de 40 semanas pesando 4.060g. Adélia ressaltou que o primeiro encontro com Caio foi “*maravilhoso*”, sendo que ele já foi colocado para amamentar e ela definiu essa experiência como “*surpreendente*”. Adélia

também ressaltou que um dos momentos mais emocionantes para ela foi quando sua mãe foi visitá-la no hospital e a viu com Caio no colo. Já em relação aos primeiros dias com Caio, Adélia destacou que foi uma experiência “*péssima*”, já que o filho era muito “*chorão*” e ela imaginou que ele seria tranquilo. No entanto, ela ressaltou que, nesses primeiros dias recebeu ajuda do marido e de sua mãe e considerou a ajuda recebida como muito importante.

3.6.2. Antecedentes do processo de separação-individuação

Características maternas e do bebê

Adélia ressaltou características referentes à maternidade durante o período gestacional e mencionou que, no início da gestação, passou por momentos em que duvidou da sua capacidade de ser uma boa mãe. Inclusive ela relatou uma ocasião em que tal preocupação foi demonstrada através de reações de choro e que seu marido lhe apoiou nesse momento: “*Bem no iniciozinho [da gestação], eu lembro que um dia eu chorei, chorei, pensando se eu ia ser ou não uma boa mãe. Em dúvida se eu ia ser ou não uma boa mãe. E aí o Jorge me disse ‘ah, claro que tu vai ser!’. Me apoiou, né?*”. Apesar dessa preocupação, ela destacou que se imaginou como uma mãe muito amorosa, não ressaltando outras características para além dessa: “*Ah, eu achava que seria uma mãe amorosa. Eu acho que isso assim*”. E, a partir disso, ela ressaltou a expectativa de que o relacionamento com o filho seria amoroso e divertido: “*Amoroso (risos), é o que eu posso te dizer. Divertido. Um bom relacionamento*”.

Nos primeiros dias com Caio, Adélia destacou que vivenciou momentos problemáticos, já que ele chorava muito e só se acalmava quando colocado para mamar. Esses primeiros dias foram caracterizados como muito desgastantes, já que ela se percebeu totalmente dedicada ao filho e não sentia que ele retribuía essa dedicação: “*O que foi problemático foi depois em casa, o primeiro mês em casa foi muito difícil porque ele chorava muito. Chorava, chorava, chorava, chorava... E só parava de chorar no peito, então era uma coisa extremamente desgastante. Ele era muito chorão e aquilo dava uma angústia tremenda porque eu sentia que eu estava toda ali pra ele e ele era como se não desse bola pra isso. Então foi muito angustiante*”. Adélia destacou que Caio não chorava por um motivo específico, ressaltando que era apenas choro. Segundo o pediatra, tal aspecto de devia há imaturidade neurológica dos bebês, o que fazia com que alguns só conseguissem parar de chorar quando colocados para mamar: “*O que a gente conversa bastante com o pediatra é que tem bebês que choram, né? Que a cólica é uma imaturidade neurológica na verdade. Então eles tem essa imaturidade e eles choram,*

só se acalmam no peito e isso aconteceu comigo (risos), tem outros que não, que são tranquilos e tal. Então isso é a forma de expressão de uma imaturidade neurológica". Devido a isso, Adélia definiu esse primeiro mês do filho como "*péssimo*", pois imaginava que tudo fosse ser mais tranquilo e menos desgastante. Ela ressaltou, também, o fato de, nesse momento, muitas pessoas virem lhe dar opinião sobre o comportamento de Caio, principalmente sobre o fato de que seu leite não estava sendo satisfatório para o filho. Tais aspectos tornaram o primeiro mês ainda mais desgastante: "*E daí então fica uma cobrança muito grande das pessoas ao redor e claro, eu ficava cansada também porque é muito desgastante. Mas fica uma cobrança, todo mundo ao teu redor fala alguma coisa, dá uma opinião, quer que tu faça alguma coisa, acha que teu leite não está bom, sabe?*". Todo esse aspecto destacado acarretou em um não ganho de peso por parte de Caio, o que colocava preocupações a Adélia, principalmente se ela estava fazendo algo errado para o filho.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Adélia mencionou a primeira experiência de separação entre ela e Caio, que ocorreu quando ele estava no segundo mês de vida, momento em que ficou sendo cuidado pelo pai para que ela fosse ao supermercado. Adélia destacou que, por ter se ausentado durante um curto período de tempo (20 minutos), essa separação não se configurou como difícil para ela e Caio. Inclusive ela destacou como um evento bom para aquele momento, período em que Caio estava bastante choroso e ela muito desgastada: "*Primeira vez que eu fui ao supermercado sozinha, essa foi a primeira vez em que eu me separei dele. Mas, como era uma coisa curta, não foi muito difícil, entende, um período curto assim, ir ao supermercado não foi difícil, porque eu sabia que eu ia voltar em seguida. E até, foi logo no início disso, então era aquele momento em que ele estava muito choroso, então eu estava muito cansada, né? Então foi até bom*". No entanto, ela ressaltou que esse evento lhe colocou sentimentos ambíguos, já que ela queria sair um pouco de casa sem Caio, mas também não queria deixá-lo, apesar de ter ficado tranquila em saber que ele estava com o pai: "*Naquele momento foi ambíguo, eu queria sair um pouco, porque eu estava só em casa, mas não queria deixar ele (...). Por deixar com o pai eu me senti bem, mas por deixá-lo, foi um sentimento ambíguo*". Adélia ressaltou que Caio não demonstrou reações no momento em que ela e ele se separaram, mas sim que ele chorou durante sua ausência, já que estava em um período que necessitava ficar muito próximo dela.

Frente às outras separações mãe-bebê (anteriores aos 6 meses), Adélia ressaltou dificuldades influenciadas pela primeira experiência de separação em que Caio chorou. Ela

destacou tentativas de se separar, como para voltar a fazer exercícios físicos, mas que não conseguiu levar adiante: *“Eu comecei a fazer exercício, então quando ele fechou dois meses, ‘ah, vou voltar a fazer exercícios, é uma coisa importante pra mim’. Aí me inscrevi num lugar que é do lado da minha casa, comecei a ir, só que eu ia querendo voltar já. Resultado: não estou mais indo (risos)”*. Ela também ressaltou que Caio seguiu sem esboçar reações no momento em que ela se ausentava.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Adélia destacou que no reencontro entre ela e Caio após a primeira separação encontrou o filho chorando, o que a fez se sentir *“culpada por ter saído”* em um momento que o filho precisava muito dela: *“Até quando eu voltei ele tinha chorado, chorado, chorado. Então, ter ido foi bom pra mim, ter voltado eu já fiquei ‘bah’, fiquei fora’. Porque ele ainda estava naquele período de muita necessidade, de estar sempre grudado no peito”*. Ela ressaltou que, nessa ocasião, pegou o filho no colo e ele parou de chorar, o que a fez sentir-se aliviada: *“Ele estava chorando, eu peguei e aí ele parou de chorar”*.

3.6.3. Separação-individação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

Adélia destacou características referentes à maternidade aos 6 meses de Caio, principalmente o fato de ela ter percebido que ser mãe envolvia aspectos muito diferentes de ser filha. O que gerou tal conclusão foi uma situação familiar entre ela e o sogro, e que envolvia Caio, mas Adélia não quis entrar em detalhes durante a entrevista. No entanto, ela ressaltou que tal situação precisava ser resolvida, já que ela não poderia a ignorar: *“O que eu penso muito assim é em relação a essas coisas, ‘ah, como é que eu vou resolver?’, eu não sei, mas eu tenho que resolver. Eu vou continuar sendo mãe dele, entende? Não preciso resolver amanhã, não preciso resolver hoje, mas preciso resolver. Porque não vai mudar, eu vou continuar sendo a mãe dele. Acho que isso é o que mais me..., (...) impressiona talvez. É uma coisa que é meu assim, que é diferente de tu ser filha, né? Quando tu é filha, se teu pai te incomoda, se tua mãe te incomoda tu vai fazer outra coisa, vai fazer tua vida, vai fazer não sei o que. Teu filho não. Se teu filho te incomoda, se tem alguma coisa em relação ao teu filho, ele é teu filho e tu vai ter que estar presente pra ele, então tu vai ter que resolver, não pode deixar pra lá”*. Adélia apontou tal aspecto como uma dificuldade em relação à maternidade, além do ciúme que ela destacou ter em relação ao filho.

Adélia também destacou características que a definiam como mãe aos 6 meses de Caio, ressaltando que, além de amorosa, ela era muito ciumenta: *“Eu sou uma mãe amorosa, mas sou uma mãe muito ciumenta (...). Eu já sabia que eu era uma pessoa ciumenta, mas eu achava que ia ser uma mãe amorosa, agora eu estou vendo que sou uma mãe amorosa, mas ciumenta, né?”*. Ela também ressaltou que, por muito tempo, quis ser uma *“super mãe”*, mas com o nascimento do filho ela passou a querer ser uma boa mãe: *“Talvez já não queira mais ser uma super mãe, quero ser uma mãe boa, né?”*. Ao ser questionada se possuía algum modelo de mãe, Adélia mencionou que lamentava não poder citar a própria mãe e ressaltou, com isso, que não possuía nenhum modelo materno: *“Eu fico um pouco triste de não poder responder a minha mãe, mas eu não acho que a minha mãe seja um modelo de mãe. Então eu não tenho um modelo de mãe”*. Adélia ressaltou que apesar de muito amorosa, sua mãe não cuidava o suficiente dela, característica que contribuiu para que ela não considerasse a mãe como um modelo a ser seguido: *“Eu acho que a minha mãe era muito amorosa, mas sem saber (...) cuidar o suficiente. Quando a gente gosta a gente cuida e acho que em muitos momentos ela delegou o meu cuidado pra outras pessoas e isso não é... Eu não acho bom assim, por isso eu não tenho a minha mãe como modelo de mãe, embora eu gostaria de ter”*. No entanto ela ressaltou que a experiência da maternidade a possibilitou entender melhor a própria mãe, e ressaltou acreditar que a mãe delegava seu cuidado a outros por insegurança: *“Ela delegava muito, talvez por insegurança dela, mas acho que ela delegava muito as coisas pros outros assim. Até vou te dizer que essa experiência de ser mãe me faz entender ela melhor, que era o que todo mundo falava e é verdade, a gente entende melhor”*.

Com relação a Caio, Adélia ressaltou que aos 6 meses ele era uma criança mais calma, já que não apresentava as reações de choro intenso e prolongado ao longo do dia. Ela também ressaltou o fato de ele já estar adquirindo firmeza para sentar, o que o permitia explorar o que estava ao seu alcance.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Adélia destacou as separações mãe-bebê aos 6 meses de Caio, aproximadamente, ressaltando os momentos em que precisou deixar o filho, de maneira rotineira, com o pai, já que este estava cuidando de Caio para que Adélia pudesse retornar ao trabalho durante o turno da manhã: *“Eu estou trabalhando já, de manhã, e ele [pai] fica com ele [bebê] de manhã e cuida super bem”*. Adélia destacou que se sentia feliz por saber que Caio ficava bem com o pai, mas que também sentia ciúmes, já que desejava poder ficar com o filho durante todo o tempo: *“Eu*

te disse que eu sou ciumenta, às vezes me dá ciúmes (risos). Porque o Caio fica super bem com ele [pai]. E claro que isso me deixa feliz, mas sinto ciúmes (risos), vou ser sincera". Com isso, Adélia destacou que foi muito sofrido voltar a trabalhar: *"E depois mais doloroso mesmo foi começar a trabalhar. Pra mim, né? Não pra ele [bebê]"*. Ela também ressaltou que, nos momentos de separações prolongadas, procurava avisar o filho que iria se ausentar: *"Dou tchau, dou beijo, digo que vou voltar"*. Com relação às reações de Caio nos momentos de separação, Adélia destacou que ele não esboçava reações, sendo que apenas ficava a olhando sair: *"Até hoje ele não demonstra na hora de sair"*; *"Fica me olhando sair. Hoje ele ficou na porta, quer dizer, eu dei um tchau e ele ali parado, olhando"*. Ela também ressaltou saber que o filho ficava bem na sua ausência, mas para ela, os momentos de separação eram sofridos, sendo que ela ficava ansiosa para retornar para perto de Caio e percebia que era por uma necessidade dela de ficar com o filho, e não o contrário: *"O que eu menos gosto de fazer é me separar dele (risos). Eu fico ansiosa pra voltar pra casa, né? (...). Eu sei que ele fica bem sem mim e tal, é muito mais uma necessidade minha de estar perto dele (risos) do que talvez dele, de não ficar bem"*. Frente a isso, ela destacou que, por se ausentar para trabalhar, mesmo que por apenas um turno diário, ela nem cogitava ter outros momentos de separação do filho, como deixá-lo com alguém para que ela pudesse fazer algum passeio sozinha ou com o marido: *"Eu não gosto, 'ah, vou deixar lá e vou no cinema', isso não passa pela minha cabeça, entende?"*.

Com relação às separações momentâneas, no momento em que a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Adélia ressaltou que, de maneira geral, isso acontecia sem maiores reações por parte de Caio, sendo que ele costumava a chamar através de balbucios ou resmungos: *"Em geral é tranquilo. Eu digo 'ah, vou ali e já volto. A mãe vai ali e já vem'"*. A exceção ocorria no momento em que Caio estava com sono e reagia com choro frente ao afastamento da mãe: *"Se ele está com sono, daí tem muitos problemas (risos). Aí ele chora só pelo afastamento"*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Adélia ressaltou as reações de Caio nos momentos de reencontro em consequência das separações prolongadas. Ela destacou que Caio não costumava expressar felicidade imediata por reencontrá-la, mas sim ficava a olhando inicialmente, só para depois esboçar sorrisos: *"Não é eu chegar e ele já abre um sorriso, ele fica olhando. Aí depois, com a aproximação ele vai. Hoje, eu cheguei, por exemplo, aí ele me olhou, aí eu falei né 'ai, oi, não sei o quê', daí ele não deu um sorriso, ele começou a bater pé (risos), aí foi aumentando, aí batia o braço e depois que ele foi*

sorrir”. Adélia destacou que era de seu desejo que Caio reagisse com sorrisos imediatos ao reencontro: *“Eu queria que eu chegasse e ele abrisse um sorriso (risos). Mas não é assim que ele é”*. Adélia ressaltou que costuma conversar com Caio no momento do reencontro, além de lhe dar beijos e o pegar no colo: *“Dou beijo, falo com ele ‘mamãe chegou! Cadê o meu amor? O que que tu está fazendo? O que que tu fez, o que que tu não fez?’”*.

Referente aos reencontros em momentos de separações momentâneas, Adélia ressaltou que Caio, assim que a reencontrava, costumava sorrir e bater as pernas: *“Ele sorri, porque já está naquele sorrir, ou bate perninha”*. Adélia ressaltou que costumava conversar com Caio e que se sentia bem em perceber que ele a chamava e ficava contente no reencontro: *“Muito bem, né? Eu acho que ele tem que poder ficar um pouco sozinho, mas também gostar quando a gente volta”*.

3.6.4. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)

Características maternas e do bebê

Adélia destacou características referentes à maternidade aos 12 meses de Caio, destacando que ela se sentia bem com a maternidade e se considerava uma mãe melhor, já que se percebia menos ciumenta do que aos 6 meses de Caio: *“Como mãe, [me sinto] bem. Uma mãe melhor do que antes (...). Não que eu tenha deixado de ser ciumenta, mas aquela minha sensação de ser uma mãe ciumenta, diminuiu. Consigo dividir ele mais (risos). Não que eu tenha mudado totalmente, não mudei, mas isso está bem melhor”*. Com isso, Adélia mencionou as características que a definiam como mãe e ela destacou que era cuidadosa, amorosa e menos ciumenta: *“Acho que eu sou uma mãe cuidadosa, amorosa, possessiva, mas menos (riso), ciumenta, mas menos. Acho que assim que eu me descreveria”*.

Além disso, Adélia destacou algumas dificuldades com relação à maternidade, principalmente no que se referiu aos cuidados com a própria aparência, como praticar exercícios físicos e fazer as unhas. Ela ressaltou que decidiu se dedicar aos cuidados do filho por iniciativa própria, mas que, após um ano, ela sentia que isso estava precisando mudar: *“Acho que eu estou descuidada de mim e estou num momento que eu não estou fazendo exercício, enfim, não faço mais as minhas unhas, não tenho mais essa regularidade. E fiz isso por opção, assim. Mas agora está chegando um momento que eu acho que tenho que começar a retomar. Acho que passou do limite já, entendeu? Ou está passando, está chegando no limite já, eu acho que eu tenho que retomar”*. Adélia ressaltou que acabou não se organizando para retomar algumas

atividades antes desse momento, já que imaginou que poderia contar mais com a ajuda de sua mãe, o que não ocorreu, e por não querer colocar Caio em alguma forma de cuidado alternativo, como creche ou babá: *“No fim não me organizei por essa forma. Porque achei, talvez, que eu pudesse contar um pouco mais com a minha mãe e não está acontecendo, né? Então, é isso. E acabei levando assim, porque não queria colocar em creche, porque não queria ter babá, optei por isso também. Então, apertou um pouco assim, agora acho que apertou”*. Com isso, ela ressaltou que, por vezes, se sentia sobrecarregada, já que assumia muitas atividades em relação a Caio apesar da ajuda que recebia do marido: *“Às vezes eu me sinto um pouco sobrecarregada. Talvez porque eu acabe assumindo mais coisas. Talvez se ele [marido] chegasse mais, eu dissesse ‘ah, vamos fazer isso, vamos dividir isso’, talvez acontecesse. Mas acho que eu acabo, em alguns momentos, final de semana, por exemplo, eu acabo pegando mais tarefas e acabo me sentindo sobrecarregada”*.

Apesar disso, Adélia ressaltou as tarefas que mais gostava de assumir com o filho, e destacou que o brincar, o passear, e simplesmente estar com Caio a agradavam muito: *“Eu adoro estar com ele, brincar, sair com ele pra passear, adoro fazer qualquer coisa com ele”*. Já em relação a Caio, Adélia destacou que ele já estava iniciando o caminhar e, com isso, tendo maior capacidade de exploração do ambiente. Da mesma forma, ele já manifestava mais intensamente o que o desagradava ao fazer *“birrinha”* e se *“atirar no chão”* quando queria fazer algo que não podia: *“Agora ele está começando com essas coisinhas de birrinha, de se atirar, sabe? Então isso está muito relacionado às coisas que ele não pode fazer, né? Que a gente não deixa ele fazer, daí ele quer pegar tudo. Então é isso, é o não. As coisas que ele não pode fazer, ele tem reclamado”*. Dessa forma, ela ressaltou que Caio reagia frente às frustrações que sofria ao explorar o ambiente, principalmente no momento em que ouvia um *“não”* da mãe: *“Se atira, assim, pra trás. Dá uma chorada, claro, mas mais é isso que ele está fazendo. Estica os braços e se atira pra trás”*. Já frente a pequenas frustrações que ocorriam no momento de exploração do ambiente (como uma pequena queda, uma batida, etc.), Adélia ressaltou diferenças nas reações de Caio quando ele estava com ela ou com o pai. Ela ressaltou que, na sua presença, Caio tendia a chorar mais do que quando estava com o pai: *“Ele chora mais quando está comigo. Mas que eu, também, claro, quando ele cai, eu vou lá, vejo o que que é, pego ele. Mas é que se eu vejo que não é nada, eu digo ‘ah, levanta meu filho! Vamos nessa’, aí não tem, segue em frente. Mas ele chora mais quando está comigo (...). Claro que ele pode chorar também [com o pai], mas, por exemplo, a mesma batidinha, ele segue brincando [se com o pai]. Se eu estou junto, ele já chora, entendeu?”*. Tal aspecto do comportamento de Caio motivava diferentes reações por parte dos pais ao lidar com ele, o que era motivo de discordância entre o casal: *“Essa é uma das*

discordâncias assim, o Jorge 'não, tu não pode pegar, porque não sei o que', eu 'não, eu vou pegar', né? (risos). Eu vou ver o que que aconteceu. Eu vou fazer isso. Claro, se não for nada, não é nada, se for alguma coisa, eu vou querer ver. Então... Mas eu não quero que ele fique manhoso, eu quero lidar com isso também”.

Adélia ressaltou que não percebia Caio como mais independente dela, já que ele necessitava muito de sua presença no momento de dormir. No entanto, ela ressaltou que isso ocorria somente com ela, e não com o pai, já que Caio apresentava maior capacidade de independência em relação a este, destacando, mais uma vez, o comportamento diferenciado do filho com a mãe quando comparado ao pai: *“De novo é a questão do sono, que eu vejo assim. Com o Jorge, ele dorme sozinho ali numa boa. Ontem até ele [o pai] disse que ele entregou o bico e foi se deitar. Comigo não. Então acho que, enfim, acho que isso tem que acertar. Acho que não está bom”.* Adélia mencionou preocupação frente a esse comportamento do filho, mas destacou acreditar que isso se referia a ela, e não necessariamente a Caio, indicando uma necessidade dela em se individualizar dele: *“Eu me sinto preocupada (riso). Mas aí é o que eu te digo, acho que talvez, parta muito de mim. Eu que preciso agora começar a me separar dele, né? (...). No entanto, ela mencionou a capacidade de Caio em realizar atividades sem precisar de ajuda e o prazer que ele demonstrava com tais conquistas: “Ele fica conversando e ri. Essas coisas assim. Daqui a pouco ele vem pra ti e te entrega um negócio”.* Adélia ressaltou que gostava de ver Caio em sua exploração e desenvolvendo novas habilidades: *“Eu gosto quando ele faz, agora ele está muito nas formas. Então ele está conseguindo botar as formas, então eu fico feliz quando ele consegue, né? Aprender uma coisa nova, fazer uma coisa diferente. Agora começou a caminhar, enfim, fico feliz”.* Frente a isso, Adélia ressaltou que Caio conseguia explorar objetos e pessoas quando estava na presença dela, assim como mantinha esse comportamento na sua ausência: *“Ele brinca normal e tal”.*

Quando questionada se Caio tinha necessidade de retornar até ela entre uma brincadeira e outra, Adélia respondeu afirmativamente destacando que esse comportamento era frequente, sendo que Caio lhe entregava algum brinquedo ou pedia colo: *“Ele vem e entrega uma coisa. Agora ele está muito de dar os bracinhos”.* Adélia destacou que gostava desse comportamento do filho de retornar até ela, no entanto, quando considerava que ele estava exigindo em demasia o estimulava para retomar as brincadeiras: *“Ah, eu gosto. Claro, se é demais, se eu acho que tem momentos assim que fica demais, né?. Aí eu estímulo que ele volte pras brincadeiras, né? Mas, eu gosto, claro”.* Quando questionada se ela precisava ir até Caio e manter contato físico quando ele estava muito concentrado em uma brincadeira que parecia

esquecê-la momentaneamente, Adélia ressaltou que costumava ficar apenas o observando, sem necessidade de ir até ele: *“Não, eu só fico olhando, fico controlando, vê se ele continua ali e tal. O que que ele está fazendo, se não está colocando coisa na boca, que ele está muito nessa de colocar coisinhas do chão na boca, mas eu não fico indo até ele não”*.

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

Adélia destacou que, nos últimos seis meses, Caio havia sido cuidado pelo pai no período da manhã e um dia por semana à noite, momento em que ela realizava plantão médico. Ela ressaltou que Caio também havia ficado com as avós em alguns momentos, e que isso ia se tornar mais frequente nos próximos meses devido a alguns compromissos de trabalho do pai: *“Ultimamente, assim, como o Jorge está tendo uns compromissos de trabalho fora de casa, então, aconteceu das nossas mães virem cuidar dele. Duas vezes já. E agora no próximo mês vai acontecer mais algumas vezes”*.

Adélia destacou que nos momentos de separações prolongadas mãe-bebê, ela costumava se despedir de Caio, deixando claro para ele que ela estava saindo: *“Eu dou tchau, atiro beijo. Nem sempre eu ganho um beijo. Agora ele começou a aprender a ganhar beijo, mas não é sempre que ele quer dar beijo. Deixo bem claro que estou saindo, né?”*. Adélia ressaltou que Caio costumava reagir bem nesses momentos de separação, apesar de, aos 12 meses, ele ter reagido com choro algumas vezes: *“Assim, às vezes, ele dá uma choradinha. Mas também depende do que ele está fazendo. Por exemplo, se eu saio e ele está comendo, não tem problema nenhum. (risos)”*. Ela ressaltou que nos momentos em que Caio ficava chorando, tinha vontade de ficar com ele: *“No choramingo, eu fico pior. Eu gosto de sair com ele bem, tranquilo. No choramingo, eu fico querendo ficar”*. Tal aspecto foi ressaltado como uma mudança em relação às separações com relação aos 6 meses de Caio, já que ele não costumava chorar anteriormente. No entanto, independente da reação no momento da separação, Adélia relatou que Caio sempre ficou bem na sua ausência. Ela também destacou que se percebia mais tranquila nos momentos de separação, do que aos 6 meses de Caio, ressaltando, inclusive, pensar em começar o desmame de Caio por uma necessidade de se individualizar mais do filho: *“Eu acho que eu estou mais tranquila em relação às separações e estou nesse momento que eu estou pensando mais de fato no desmame, apesar de ser uma coisa que eu adoro e tal, mas eu acho que está ficando necessário. Estou sentindo necessidade de me individualizar mais”*.

Com relação às separações momentâneas, que ocorriam quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, Adélia ressaltou que, se Caio estava absorto em

alguma atividade costumava não reagir a sua saída, no entanto, em outros momentos, costumava chorar e ir à procura da mãe: *“É variável, né? Então tem vezes que ele chora. Tem vezes que isso acontece. Tipo, estou aqui, vou ali no banheiro e digo ‘vem junto’, vou fazer tal coisa chamo ele junto. E tem vezes, se ele está bem absorto assim, ele fica normal”*.

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

Frente aos reencontros como consequência das separações prolongadas entre mãe-bebê, Adélia destacou que Caio reagia com alegria no momento do reencontro, no entanto, se ele estava concentrado em algo essa manifestação era mais contida: *“Se ele está comendo ele fica, claro, ele ri, assim, tudo, né? Se ele está brincando ele vem, brinca”*. Adélia ressaltou que se sentia feliz com tal reação do filho.

Com relação aos reencontros frente às separações momentâneas, Adélia destacou que Caio costumava ficar contente ao reencontrá-la: *“Ele fica feliz, fica faceiro”*. No entanto, ela ressaltou sentimentos dúbios em relação às exigências do filho de proximidade, já que gostava quando Caio queria estar perto dela, mas também a incomodava quando isso ficava excessivo: *“Ah, é dúbio, né? Às vezes, se é uma coisa tranquila, eu gosto, né? Claro. Eu gosto que ele queira estar perto. Mas se é demais assim, aí já me incomoda um pouco. Daí eu já fico pensando ‘ah, tem que melhorar isso’”*.

3.6.5. Síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação do caso 6

A Figura 7 apresenta uma síntese dos indicadores do processo de separação-indivuação de Adélia e Caio ao longo do primeiro ano do bebê, ressaltados até aqui.

Figura 7: Síntese dos indicadores do processo de separação-individuação do caso 6

Antecedentes do processo de separação-individuação

Características maternas e do bebê

- Mãe preocupada com sua capacidade de ser mãe; imaginava-se como uma mãe amorosa
- Primeiros meses com o bebê foram desgastantes para a mãe por bebê chorar muito e só se acalmar com ela

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de separação com bebê chorando durante a ausência da mãe
- Mãe com sentimentos ambíguos, já que desejava sair de sua rotina desgastante, mas sem se afastar do filho
- As outras experiências de separação com mãe tendo dificuldades para se separar do filho

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Primeira experiência de reencontro com mãe culpada por ter se ausentado e filho ter chorado
- Bebê se acalmou assim que a mãe o pegou no colo

Separação-individuação e subfase de diferenciação (6º mês)

Características maternas e do bebê

- Mãe se definia como amorosa e muito ciumenta; já percebia que ser mãe era diferente de ser somente filha
- Mãe lamentou não citar a própria mãe como modelo materno; ao tornar-se mãe entendeu melhor a genitora

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas com bebê tranquilo, mãe se despedia do bebê que era cuidados pelo pai
- Mãe não gostava de se separar do filho, embora ele não esboçasse reações de protesto
- Separações momentâneas em que bebê reagia de forma tranquila e chamava a mãe solicitando sua presença

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com bebê não expressando felicidade imediata
- Reencontro frente às separações momentâneas com bebê e mãe esboçando alegria

Separação-individuação e subfase de exploração (12º mês)

Características maternas e do bebê

- Mãe se percebia como menos ciumenta, mas mantinha-se amorosa e carinhosa
- Por vezes sentia-se sobrecarregada e estava buscando mais tempo para cuidar de sua aparência
- Bebê tinha maior capacidade de independência e o era com o pai, mas não com a mãe

Separações mãe-bebê: reações e sentimentos

- Separações prolongadas com bebê reagindo bem a maior parte dos momentos, mas com choro em outros
- Mãe se percebia mais tranquila nos momentos de separação; estava procurando se individualizar do filho
- Separações momentâneas em que bebê reagia à saída da mãe se não estava absorto em alguma atividade

Reencontros mãe-bebê: reações e sentimentos

- Reencontro frente às separações prolongadas com alegria por parte da mãe e bebê
- Reencontro frente às separações momentâneas com bebê contente
- Mãe gostava quando o filho queria estar perto, mas se incomodava se isso era excessivo

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Nesse capítulo retoma-se alguns dos principais achados do presente estudo que serão discutidos à luz da literatura. A discussão está organizada em três partes de acordo com as categorias empregadas na análise dos dados, a partir da teoria de Mahler et.al. (1977) e que permitiram analisar os indicadores do processo de separação-individuação mãe-bebê ao longo do primeiro ano de vida da criança, a saber: antecedentes do processo de separação-individuação; separação-individuação e subfase de diferenciação (6º mês); e, separação individuação e subfase de exploração (12º mês).

Os resultados revelaram alguns aspectos comuns referentes aos sentimentos e reações das mães e bebês relacionados ao processo de separação-individuação, independentes de o bebê ter frequentado ou não a creche. Ao mesmo tempo algumas particularidades também puderam ser identificadas entre os casos, que apareceram associadas à ida a creche. Durante a discussão examina-se inicialmente o que se destacou entre todos os bebês e mães e, num segundo momento, o que esteve particularmente relacionado a frequentar ou não a creche.

4.1. Antecedentes do processo de separação-individuação

Durante os meses iniciais de vida do bebê, Mahler et.al. (1977) ressaltaram a existência de duas fases do desenvolvimento emocional que antecedem a entrada do bebê no processo de separação-individuação. Essas fases foram denominadas *autismo normal*, que ocorre até o segundo mês de vida do bebê; e *simbiose*, que se inicia por volta do segundo mês de vida e perdura durante as primeiras subfases do processo de separação-individuação. Caracterizam-se por uma não percepção, por parte do bebê, da mãe como um ser separado, de modo que ela e o bebê formam um sistema onipotente que permite a satisfação imediata das necessidades do bebê. O estabelecimento de uma relação *suficientemente boa* entre mãe-bebê (Winnicott, 1966/1988) é a condição fundamental para que o desenvolvimento posterior da criança se dê de forma saudável. Concomitante ao processo de separação-individuação do bebê ocorre um processo correlato na mãe, conhecido como *terceira individuação* (Colarusso, 1990), e que envolve, entre outros aspectos, o estabelecimento da parentalidade. Por se dar em uma íntima conexão com o desenvolvimento do bebê, o processo de individuação materno é influenciado pelas necessidades e conquistas graduais dos bebês em seu processo de

separação-indivuação e vice-versa. Dessa forma, a maneira como a maternidade se estabeleceu desde a gestação e nos primeiros dias com o bebê torna-se fundamental para se entender a evolução do processo que ocorrerá posteriormente, ao longo dos primeiros anos de vida da criança.

Os relatos das mães do presente estudo associados ao período gestacional permitem ressaltar que todas as mães estavam preocupadas com o bebê e com a maternidade, demonstrando investimento afetivo antes mesmo do nascimento do bebê. Tais aspectos apontam para a vivência do estado de *preocupação materna primária* que, segundo Winnicott (1966/1988), inicia-se ainda no período gestacional e se caracteriza pelo fato de a mãe voltar-se somente para o seu bebê, esquecendo-se do mundo ao redor. Os resultados do presente estudo mostram preocupações diversas em relação à maternidade nos seis casos estudados. Uma das mães (Martha) ressaltou preocupações relativas à capacidade de ser mãe atrelada a dúvidas sobre como iria conciliar os cuidados do filho e o retorno ao trabalho, assim como em estabelecer uma boa relação mãe-bebê. Este último aspecto estava atrelado à relação pouco afetiva estabelecida com a própria genitora durante sua infância, de modo que colocava a Martha o desejo de estabelecer com o filho uma relação diferenciada da vivida com a própria mãe. Ela explicou tal comportamento de sua mãe destacando que ela também havia vivenciado uma relação pouco afetiva com a própria genitora. A formação em pedagogia apareceu, no discurso materno, como algo que a ajudou a conhecer o que era importante no desenvolvimento de um bebê, parecendo ter compensado, para ela, o aprendizado que não recebeu naturalmente ao não ter sido cuidada de forma afetiva pela própria mãe. Vale ressaltar que Martha acreditava não poder ter filhos, de modo que a gestação não foi algo planejado em sua vida, o que pode ter contribuído para que as preocupações fossem intensificadas nesse momento. Tal aspecto aponta para a vivência do processo de separação-indivuação da própria mãe em relação ao seu bebê (Colarusso, 1990) e a necessidade de resignificar as suas experiências infantis na relação com o próprio filho.

Já outra mãe (Lygia) ressaltou preocupações em ser uma boa mãe, no sentido de saber oferecer os cuidados que o filho precisava. Aspecto semelhante foi apontado por outra mãe (Lya), ao ressaltar preocupações referentes à adaptação entre mãe e filho durante os primeiros meses, assim como relativas ao temperamento do bebê. Tal aspecto a fez procurar livros que lhe trouxessem informações sobre os cuidados dos bebês. Segundo Winnicott (1966/1988), muitas mulheres buscam informações sobre os cuidados dos filhos com pessoas mais

experientes, profissionais e livros, na tentativa de compensar a falta de experiência nos cuidados dos bebês. No entanto, o autor ressalta que as mulheres deveriam confiar em sua capacidade natural de se adaptar aos cuidados dos filhos, capacidade essa que entraria em cena no momento de contato com o bebê, por reativar as lembranças inconscientes referentes aos cuidados que receberam quando elas próprias foram bebês. No entanto, a experiência anterior referente aos cuidados de bebês, mesmo que não os próprios filhos, mostrou-se como um fator relevante para duas mães (Ruth e Maria Clara) já que, por terem ajudado nos cuidados de filhos de parentes e amigas, puderam relatar tranquilidade frente ao fato de que conseguiriam oferecer os cuidados necessários às filhas. No entanto, Ruth destacou que sua maior preocupação centrava-se em conseguir organizar uma rotina mais tranquila para poder cuidar satisfatoriamente da filha. Já Maria Clara destacou preocupações referentes à possibilidade de oferecer um ambiente físico (quarto, berço, brinquedos) adequado ao bebê. Por fim, outra mãe (Adélia) ressaltou que no início da gestação passou por momentos em que colocou em dúvida a sua capacidade de ser mãe. Inclusive tal sentimento foi demonstrado através de reações de choro que foi amenizada pelo apoio recebido do marido. Embora não mencionado explicitamente pela participante, tal dúvida quanto à capacidade de ser mãe pareceu relacionada a um aborto cometido por Adélia quando ela tinha 18 anos, frente a uma gestação não planejada. Tal aspecto pareceu a impedir, durante anos, de se sentir preparada para exercer a maternidade.

Ainda referente ao período gestacional, as participantes do presente estudo ressaltaram como se imaginaram como mãe e, mais uma vez, discursos diversos fizeram-se presentes, no entanto referindo-se a características afetivas da relação entre mãe-bebê. Uma mãe (Martha) destacou que se imaginou como uma mãe que ofereceria os cuidados satisfatórios ao bebê, ressaltando, assim, a expectativa de estabelecer com ele uma relação mais afetiva em comparação a que ela recebeu da própria mãe. Ela também se imaginou como uma mãe que incentivaria a independência do bebê, no sentido de ela própria não ficar “pegajosa” ao filho. De maneira semelhante, outra mãe (Lygia) ressaltou ter se imaginado como uma mãe afetiva que daria amor e carinho ao filho e ressaltou a ansiedade que tinha, durante a gestação, em acompanhar o filho ao longo dos meses no seu processo de desenvolvimento. Característica afetiva também foi ressaltada por outra participante (Ruth) que se imaginou como uma mãe carinhosa, protetora e cuidadosa e ressaltou a expectativa de que a relação mãe-bebê seria pautada em carinho e apego mútuo. Vale ressaltar que uma mãe (Maria Clara) não destacou

muitas expectativas em relação a si enquanto mãe, apenas ressaltou que, por ter gestado uma menina, se imaginou como uma mãe superprotetora e ressaltou a certeza de que conseguiria transmitir amor e prestar os cuidados necessários à filha. Já outra mãe (Lya) apenas ressaltou que se imaginou como uma mãe tranquila e que conseguiria ter um relacionamento “ótimo” com o filho. De modo semelhante, outra mãe (Adélia) destacou que se imaginou como uma mãe amorosa, apesar das dúvidas iniciais quanto a sua capacidade de ser mãe. Com isso, ela ressaltou a expectativa de que o relacionamento com o filho seria amoroso e divertido. Todas as características apontam para mães preocupadas com os filhos e com o investimento afetivo dispensando a eles, remetendo a características da *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1966/1988), que se adapta às necessidades de seu bebê de acordo com o seu nível de desenvolvimento.

A *mãe suficientemente boa* e em estado de *preocupação materna primária* segue em cena ao longo dos primeiros dias e meses com o bebê, representadas, principalmente, em preocupações referentes a se adaptar ao bebê e saber identificar as suas necessidades, como foi ressaltado por quase todas as mães entrevistadas no presente estudo. Os relatos apontam para mães preocupadas com o bem-estar dos filhos e dedicadas a atender suas demandas, apesar das dificuldades iniciais vivenciadas nesse período. Pode-se destacar que uma mãe (Martha) ressaltou que, após o nascimento, as dificuldades iniciais em identificar as necessidades do filho a colocaram em dúvida quanto à possibilidade de ser bem sucedida na tarefa de ser mãe. Já outra mãe (Lygia) ressaltou que o filho era um bebê muito calmo e tranquilo, o que permitiu as descobertas entre mãe e filho, principalmente, na amamentação. No entanto, apesar disso, ela também ressaltou preocupações quanto ao bem-estar do filho e em saber atender as suas necessidades. Com isso, ela mencionou que durante os primeiros meses do bebê dedicava seu tempo e sua atenção somente ao filho, destacando que não tinha sequer forças físicas para realizar outras atividades. Outra mãe (Ruth) também ressaltou os cuidados extremos prestados ao bebê em relação à sua saúde, higiene e segurança, aspecto que inclusive era ressaltado por outras pessoas como algo excessivo. Esses cuidados excessivos trouxeram alguns desentendimentos para o casal, já que Ruth se percebia como muito cuidadosa e o marido nem tanto. Pode-se pensar que para as mães, em estado de *preocupação materna primária* (Winnicott, 1966/1988), tais cuidados eram necessários para o bem-estar dos filhos e realizados por elas sem que isso significasse uma exigência excessiva. Para pessoas que não se encontravam no mesmo estado psíquico que as mães, tal

comportamento parecia exagerado e de extrema proteção em relação ao bebê. Winnicott (1966/1988) ressaltou que a mãe em estado de *preocupação materna primária* vivia uma “*loucura normal*”, já que se dedicava de maneira extrema ao bebê, comportamento que seria considerado doença caso não existisse o bebê. Ainda em relação à Ruth, ela ressaltou que procurou se adaptar à filha respeitando suas necessidades. Isso a fez mudar de pediatra por não concordar com as orientações recebidas, passando a procurar um profissional que respeitasse o seu comportamento de atender a filha sem impor regras ou restrições, principalmente na amamentação que para ela deveria ocorrer por livre demanda, e não com horários estipulados. Tal aspecto remete a uma identificação e respeito às características dos bebês, que precisam de cuidados não intrusivos, ou seja, de acordo com suas demandas. Preocupações em relação ao bebê também foram ressaltadas por outra mãe (Maria Clara), principalmente quanto a identificar as necessidades da filha nos primeiros dias, o que a fazia chorar junto com o bebê quando não conseguia identificar a demanda sinalizada pela filha. Ela ressaltou que, nesses momentos, sempre teve alguma pessoa para apresentar uma opinião sobre a possível razão do choro do bebê, o que a deixava muito preocupada, principalmente em relação à saúde da filha. Fato semelhante ocorreu com outra mãe (Adélia) que, sem dúvida, foi a mãe que vivenciou momentos mais problemáticos com relação ao bebê nos primeiros meses, já que ele chorava excessivamente e só se acalmava quando amamentado. Isso exigiu muito de Adélia, o que a fez considerar esses primeiros meses como extremamente desgastantes. Ela ainda ressaltou que se percebia extremamente dedicada ao bebê, mas que sentia que o filho não retribuía toda a dedicação que lhe era dispensada. Com isso, ela destacou ter imaginado que esses primeiros dias seriam mais tranquilos e menos desgastantes. No entanto, as orientações dadas pelo pediatra contribuíram para que ela conseguisse entender o filho e compreender que seria algo passageiro. Mesmo assim, ela ressaltou que outras pessoas davam opiniões pouco colaborativas sobre o comportamento de choro do filho, o que acabou transformando esses primeiros dias em algo ainda mais desgastante. Além disso, o não ganho de peso do bebê colocou preocupações em Adélia referente a se estava fazendo algo errado para o bebê. Mais uma vez pode-se ressaltar o que Winnicott (1966/1988) mencionou sobre deixar a mãe exercer a sua capacidade natural de matinar, sem intromissões. A relação entre mãe-bebê não se dá da mesma forma para todas as mulheres e bebês, de modo que opiniões de outras pessoas nem sempre se mostram efetivas, como ressaltado pelas participantes. Por fim, outra mãe (Lya) também ressaltou preocupações referentes ao ganho de

peso do bebê e ao seu bem-estar, mas isso se originou de preocupações básicas e esperadas para toda mãe, e não como consequência de um início mais conturbado entre mãe-bebê. Isso fica confirmado pelo fato de Lya ressaltar que a agradeceu nos primeiros dias com o filho a possibilidade de descobertas entre eles.

As mães também ressaltaram aspectos referentes a primeira experiência de separação física entre mãe e bebê, que ocorreu entre o primeiro e o terceiro mês de vida do bebê para a maioria dos casos. Apenas uma mãe (Ruth) destacou ter vivenciado essa ocasião no quarto mês de vida da filha. Eram saídas breves, de no máximo duas horas, em que as mães se ausentaram para resolver algo relativo ao bebê (Martha), a elas próprias (Lya, Lygia, Ruth), ao casal (Maria Clara) ou a casa (Adélia). Nessa ocasião os bebês ficaram sendo cuidados por pessoas de confiança da mãe (pai, avó, babá). Os relatos apontam que todos os bebês não manifestaram reações de protesto frente a primeira experiência de separação física de suas mães. Em um caso (Martha) a mãe se ausentou no momento de sono do filho. Na ausência materna, os bebês se comportaram ou chorando, ou mantendo-se tranquilos. Em relação aos primeiros, duas mães (Martha, Lygia) ressaltaram que os filhos choraram durante sua ausência, mas não por sentirem sua falta, e sim para sinalizar que estavam na hora de serem alimentados. Com isso, Martha ressaltou que após o filho receber uma mamadeira voltou a ficar tranquilo junto ao pai; já Lygia ressaltou que chegou a tempo de amamentar o filho antes que ele manifestasse desconforto maior. Tais reações remetem ao que Mahler et.al. (1977) referiu como associado à *fase de autismo normal* que, segundo a autora transcorre até o segundo mês de vida do bebê. Ela destacou que durante essa fase o bebê não teria consciência do agente materno. Na verdade estaria apresentando a *ilusão de onipotência* (Winnicott, 1945/2000) de que a satisfação de suas necessidades provém de seu corpo e não de algo externo a si. Essa característica do desenvolvimento infantil permitiu as mães perceberem que os filhos não choraram por sentir sua falta, mas sim na tentativa de aliviar a tensão que era provocada pela fome, sendo que, quando satisfeitos, retornaram ao seu estado tranquilo.

Uma mãe (Adélia) participante do presente estudo também ressaltou a reação de choro do filho durante sua ausência. No entanto, tal comportamento era comum no bebê ao longo dos primeiros meses, sendo que ela ressaltou que ele era um bebê muito “chorão” e que só se acalmava quando colocado para mamar. Por fim, outra mãe (Ruth) ressaltou que a filha apresentou reações de choro que não conseguiram ser acalmadas antes de sua chegada. Para ela, isso sinalizou que a filha havia notado sua ausência. Percebe-se, assim, uma diferença na

reação deste bebê em comparação aos demais, que não pareceram reagir por perceber a ausência materna, mas sim para manifestar algum desconforto que precisava ser atendido. Isso pode ser entendido pelo fato de Ruth ter se ausentado quando a filha se encontrava com três meses e meio de idade, o que a colocaria no início da fase denominada por Mahler et.al. (1977) de *simbiose* entre mãe-bebê. Nesse momento o bebê começaria a se dar conta que as tensões internas são aliviadas por algo proveniente de fora de seu corpo, embora ainda não reconhecido como externo a si, de modo que ele e a mãe passam a formar, juntos, um sistema onipotente (Mahler et.al., 1977), o que pode ter contribuído para a percepção da ausência materna.

As mães do presente estudo também ressaltaram os seus sentimentos frente a essa primeira experiência de separação física de seus filhos. Elas mostraram-se preocupadas com o bem-estar dos filhos durante sua ausência, demonstrando o forte vínculo afetivo estabelecido entre mãe-bebê durante os primeiros meses. Uma mãe (Martha) ressaltou que, nessa ocasião, sentiu-se preocupada com relação ao bem-estar do filho, no entanto destacou que não se configurou como um momento “*traumático*” para ela. Outra mãe (Lygia) destacou que se sentiu aflita durante os momentos em que estava distante do filho e necessitou ligar para o marido, que ficou cuidando do bebê, para saber como o filho estava. Da mesma forma, outra mãe (Ruth) ligou para o marido para saber da filha, já que não se sentiu muito tranquila em deixá-la com o pai. No entanto, sentimentos ambíguos foram ressaltados pela entrevistada, já que ela ressaltou ter vivenciado essa primeira separação como uma etapa necessária na relação mãe-bebê, ao mesmo tempo em que destacou sentimentos de vazio, saudade da filha e desejo de retornar para casa para cuidá-la. Sentimentos ambíguos também foram destacados por outra mãe (Adélia) que ressaltou o desejo de ter momentos sem o filho para que conseguisse descansar da rotina desgastante que vivenciava com o bebê, ao mesmo tempo em que não queria deixá-lo por saber que ele necessitava dela. Já uma mãe (Lya) destacou que ao se ausentar sentiu a necessidade de retornar o quanto antes para casa, de modo que não realizou todos os compromissos que tinha programado para aquele dia. Por fim, outra mãe (Maria Clara) ressaltou que essa primeira experiência de separação se deu de forma “*simples*” e “*tranquila*”, já que sabia que a filha estaria bem cuidada. Esses relatos corroboram alguns achados do estudo realizado por Lopes et.al. (2005) que investigou os sentimentos de 47 mães primíparas frente às primeiras situações de separação física de seus bebês. Uma entrevista foi realizada quando os bebês se encontravam com 3 meses de idade. Os dados revelaram que

66% das mães destacaram sentimentos negativos frente às situações de separação, como preocupação, apreensão, ansiedade, saudade, dentre outros. Já 8% das mães mencionaram sentimentos positivos frente às separações, pois se sentiam tranquilas e seguras por os bebês terem sido cuidados por pessoas de confiança. Sentimentos ambíguos também se fizeram presentes em 4% das mães entrevistadas, sendo que elas destacaram preocupações com relação ao bebê, mas também acreditavam que eles estavam bem sem elas.

O momento de reencontro entre mãe-bebê após essa primeira separação física entre a díade também foi destacada. Mais uma vez as mães ressaltaram que os bebês não manifestaram reações frente a esse momento (Martha), ou o fizeram de maneira a satisfazer a necessidade de ser amamentado (Lya, Lygia). Novamente essas reações parecem remeter ao período inicial do desenvolvimento em que o bebê não tem condições de responder a todos os estímulos ambientais, de modo que os momentos tranquilos e de sonolência superavam os períodos de vigília, sendo que o bebê dirigia-se ao mundo externo somente quando alguma necessidade precisava ser satisfeita (Mahler, et.al., 1977). Uma mãe (Ruth) ressaltou que no seu retorno encontrou a filha dormindo, mas que após acordar ela demonstrou o desejo de ficar no colo da mãe. As participantes também ressaltaram que se sentiram bem por poder retornar para casa e atender os bebês em suas necessidades. Foram destacadas características como contentamento (Martha), pegar o bebê no colo (Adélia, Martha, Ruth), amamentar para satisfazer a necessidade que o bebê manifestava naquele momento (Lya, Lygia), alívio por o bebê se acalmar no seu retorno (Adélia), bem como o fato de ter percebido que gostava de ficar em casa cuidando do filho (Lya). Todas essas características indicam mães apegadas e identificadas aos seus bebês, de modo que atendê-los e satisfazê-los configurava-se como prioridade.

As separações, anteriores aos 6 meses de idade dos bebês, permitiram apontar que, apesar de mudanças nas reações dos bebês e nos sentimentos maternos, os relatos vão ao encontro dos resultados apontados pelo estudo de Lopes et.al. (2005) já destacado acima. Sentimentos negativos, positivos e ambíguos fizeram-se presentes, no entanto algumas mães que manifestaram sentimentos negativos durante a primeira separação ressaltaram maior tranquilidade e menor ansiedade frente às separações seguintes. Vale ressaltar o relato de uma mãe (Lya) que destacou ter notado que esses momentos de separação eram mais difíceis para ela do que para o próprio bebê. No entanto, ela destacou que, com o tempo, o desejo de retornar para casa o quanto antes assim que se ausentava foi se acalmando. Já outra mãe

(Adélia) ressaltou que, por ter encontrado o filho chorando como consequência da primeira separação mãe-bebê, ela acabou tendo dificuldades com as separações posteriores, de modo que não conseguiu levar adiante tentativas de se afastar do filho de maneira mais frequente. Com relação aos bebês, a maioria das mães não ressaltou mudanças nas reações dos filhos frente ao momento de separação, sendo que continuaram reagindo de forma positiva a esses momentos, sem esboçar protestos. Uma mãe (Martha) ressaltou que, à medida que o filho foi crescendo, passou a notar mais os momentos de separação da mãe, no entanto, sem protestar. Martha destacou que procurava mostrar-se segura e tranquila nos momentos de separação, na tentativa de passar tais sentimentos também ao filho. Pode-se pensar que, por representarem uma unidade dual mãe-bebê, os sentimentos da mãe são os do bebê e vice-versa (Mahler et.al., 1977).

Com relação aos reencontros como consequência das separações mãe-bebê anteriores aos 6 meses, mais uma vez foram ressaltadas diferenças e semelhanças quando comparado ao reencontro como consequência da primeira separação mãe-bebê. Uma mãe (Martha) destacou que, por vezes, encontrou o filho tranquilo e, outras vezes, o encontrou chorando. Isso ocorreu devido ao fato de que o bebê ficava sendo cuidado pelo pai que tendia a não dar atenção exclusiva ao bebê e nem atender imediatamente as suas necessidades. Tal fato pode explicar o surgimento de sentimento de culpa em Martha por deixar o bebê sem ela. Pode-se destacar que, pelos relatos, parecia que o bebê já percebia a diferença dos cuidados oferecidos pela mãe (que atendia as necessidades e dedicava atenção exclusiva) e pelo pai (que não o atendia imediatamente por não oferecer atenção exclusiva). Nas fases iniciais do desenvolvimento, o bebê necessita de alguém constante e dedicado a atender suas necessidades, sem que isso ocorra de maneira intrusiva ou faltante (Winnicott, 1966/1988). O estado de *preocupação materna primária* no qual Martha se encontrava nos meses iniciais de vida do bebê permitiu a ela essa dedicação total, o que não foi possível de se notar nos relatos referentes ao pai. Já outra mãe (Adélia) também ressaltou mudanças em relação a esse momento, destacando que, com o passar dos meses não encontrava mais o filho chorando, já que seu comportamento de choro constante e a necessidade de se acalmar somente com a mãe foram se reduzindo. Outras mães entrevistadas (Lya, Lygia, Maria Clara) ressaltaram que os bebês continuaram se comportando da mesma maneira apresentada no reencontro frente a primeira separação mãe-bebê.

De maneira geral, os relatos das mães do presente estudo apontam para uma vivência positiva da maternidade, apesar das dificuldades iniciais vivenciadas e inerentes a esses primeiros dias com os bebês. Todas as mães mostraram-se identificadas com os filhos de modo a atender suas necessidades, exercendo as funções maternas características de uma *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1966/1988). As dúvidas em relação aos cuidados prestados aos bebês e as preocupações em relação ao bem-estar dos filhos nos momentos em que se ausentaram sugerem, justamente, mães preocupadas em se adaptar aos seus bebês de maneira absoluta. Os bebês durante os meses iniciais de vida tem uma dependência absoluta em relação aos cuidados maternos, no entanto o mesmo não é verdadeiro para a mãe que tem uma dependência relativa em relação ao bebê (Mahler, 1977; Winnicott, 1966/1988). No entanto, por estarem identificadas com a maternidade e com o bebê, as mães do presente estudo não se permitiram um desligamento maior em relação aos filhos, mesmo nos momentos em que estavam ausentes, o que pode se mostrar pela necessidade de telefonar para saber como os filhos estavam, pelas preocupações em relação ao bem-estar do bebê ou pelos sentimentos de apreensão para retornar aos cuidados dos filhos. Tais aspectos remetem a um vínculo seguro entre mãe bebê e ao estabelecimento de um *sentimento de confiança básica* (Erikson, 1972), proporcionado pelo investimento narcísico materno que estimula a entrega total ao filho. Isso se configura como uma tarefa fundamental para que o bebê adentre de forma saudável no processo de separação-individuação, assim como permite a mãe seguir vivenciando, de maneira satisfatória, o seu próprio processo de individuação ao longo do desenvolvimento posterior do filho.

4.2. Separação-individuação e a subfase de diferenciação (6º mês)

Por volta do quinto mês de vida, no ápice da simbiose mãe-bebê, o bebê começa a apresentar um comportamento mais alerta durante os períodos de vigília, lhe permitindo uma interação e exploração mais ativa do ambiente ao redor (Mahler et.al., 1977). Nesse momento, segundo os autores, o bebê inicia a primeira subfase do processo de separação-individuação, denominada diferenciação. O bebê de colo que se amoldava ao corpo da mãe abre espaço para um bebê com maior controle corporal, o que lhe permite se distanciar um pouco mais do corpo materno e a observar suas características. Esse processo permitirá que o bebê reconheça a mãe como uma parceira na simbiose, e não mais como uma parte de seu corpo. Tal subfase é correlata ao período de *dependência relativa* de Winnicott (1945/2000), momento em que, o

bebê percebe a mãe como separada dele e passa a ter consciência de sua dependência em relação a ela, assim como de sua independência em desenvolvimento. Para muitas mães, os comportamentos mais ativos e independentes dos bebês permitem a sua gradual saída do estado de *preocupação materna primária* (Winnicott, 1966/1988), de modo que a dedicação absoluta ao bebê começa a sofrer falhas na medida do suportável para a criança, tarefa fundamental de ser exercida pela *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1966/1988).

As participantes do presente estudo relataram características que indicavam uma relação afetiva estabelecida entre mãe-bebê e, para algumas delas essas características estavam relacionadas à relação estabelecida com suas próprias genitoras. Colarusso (1990) ressalta que o convívio com o próprio filho exige uma resignificação da relação que os novos pais estabeleciam ou estabelecem com os próprios pais, já que ocorre o retorno dos resquícios psíquicos do processo de separação-individuação infantil. Esses resquícios podem auxiliar ou dificultar o estabelecimento da maternidade e da relação mãe-bebê. Tais aspectos puderam ser percebidos no discurso das entrevistadas. Uma mãe (Martha), cujo filho estava em adaptação na creche, definiu-se como uma mãe atenciosa, responsável, amorosa e que estimulava a independência do filho, no sentido de não o impedir de ficar na creche ou com outras pessoas. Ela não ressaltou um modelo específico de mãe, mas destacou admirar a sogra pela tranquilidade e afetividade para com os filhos, exatamente as características que Martha mencionou não encontrar em sua mãe, definida como ansiosa e pouco afetiva. De maneira semelhante, outra mãe (Adélia), cujo bebê não frequentava a creche, destacou que lamentava o fato de que não podia considerar a própria genitora como modelo de mãe, já que, apesar de ter sido muito amorosa, ela delegou os cuidados de Adélia a outras pessoas durante sua infância. No entanto, ela destacou que a experiência da maternidade a permitiu entender melhor a sua mãe e passou a considerar que a mãe delegava o seu cuidado a outros por insegurança. A maternidade permitiu a Adélia resignificar de forma positiva à relação com a própria mãe, de modo que passou a entendê-la em suas inseguranças. Colarusso (1990) menciona que a terceira individuação implica na tarefa de o adulto reconhecer que é parecido com os próprios pais, e não diferente deles, no sentido de se reconhecer como capaz de cuidar de si mesmo, de amar e de ter filhos. E, como mostrou Adélia, reconhecer nas fragilidades com o filho a fragilidade de sua própria mãe. Vale ressaltar também que Adélia definiu-se como uma mãe muito amorosa e ciumenta, no sentido de não gostar de deixar o filho sob os cuidados de outras pessoas, o que de certa forma remete a sua vivência infantil de ter sido entregue aos

cuidados de outras pessoas pela mãe. Mudanças positivas na relação com a genitora após tornar-se mãe também foram ressaltadas por outra participante (Lya), que vivenciou alguns conflitos com a mãe na adolescência, o que não a permitia considerá-la como um modelo a ser seguido. No entanto, Lya definiu-se como uma mãe carinhosa, tranquila, que interagiu com o filho nas brincadeiras e que se percebeu mais superprotetora do que imaginou que seria. Vale ressaltar que a vivência com a própria mãe lhe suscitava medo em enfrentar a adolescência futura do filho, destacando que almejava ter uma atitude mais compreensiva do que a própria mãe teve com ela.

Por outro lado, relatos de vivências mais positivas com a própria mãe também foram destacados, de modo que a relação com a genitora estimulou as novas mães a serem boas mães para seus bebês, no sentido da afetividade e dedicação ao filho. Tal aspecto fez com que uma mãe (Maria Clara) se definisse como uma mãe “louca” já que estava se dedicando, exclusivamente, aos cuidados da filha, de modo que optou por parar de trabalhar para exercer a tarefa de mãe em tempo integral. Isso remete a *loucura normal* das mães em estado de *preocupação materna primária* (Winnicott, 1966/1988) que possibilita a mãe se dedicar somente ao bebê e torná-lo o centro de seu universo.

Frente ao destacado, torna-se relevante mencionar que as mães ressaltaram características da maternidade aos 6 meses do bebê abordando a vivência positiva da maternidade, apesar de enfrentarem algumas dificuldades inerentes a esse momento. Diferentemente dos primeiros dias e meses em que as mães estavam se adaptando aos seus bebês, aos 6 meses dos filhos dificuldades em relação a identificar as necessidades dos mesmos não foram destacadas. Relatos com referência a rotina desgastante de se dedicar exclusivamente ao bebê apareceu nos relatos de três mães (Maria Clara, Martha, Ruth), no entanto, isso não se apresentou como uma dificuldade com relação à maternidade.

Aos 6 meses dos bebês, as mães já estavam retomando suas atividades nos trabalhos, sendo que três delas (Lygia, Martha, Ruth) retornaram em turno integral, deixando os bebês na creche. Já outras duas mães (Adélia, Lya) tiveram condições de reduzir a carga horária de trabalho para, no máximo, quatro horas diárias a fim de se manterem como as principais cuidadoras dos filhos ao longo do dia. Por fim, uma mãe (Maria Clara) ressaltou sua tentativa de retornar ao trabalho, no entanto, por não conseguir ficar distante da filha, optou por parar de trabalhar e se dedicar exclusivamente ao bebê. Pode-se perceber que, para essa mãe, as dificuldades de separação foram mais intensas para ela do que para a filha. Isso permite

pensar que ela ainda se encontrava em estado de *preocupação materna primária* (Winnicott, 1966/1988) com o bebê, de modo que sentia que sua presença constante junto à filha continuava necessária. Vale ressaltar que essa mãe foi a que se apresentou mais tranquila frente às primeiras experiências de separações entre ela e a filha, no entanto, ao tentar estabelecer uma rotina de separações constantes a tranquilidade não se manteve.

As mães (Lygia, Martha, Ruth) que optaram pela creche como cuidado alternativo ressaltaram razões diversas que basearam suas escolhas. Todas as mães ressaltaram a escolha da creche devido à decisão de se manterem no mercado de trabalho, a creche ser oferecida pelo local de trabalho da mãe e possuir boas referências, assim como a possibilidade de convivência com outras crianças, contribuindo para a socialização. Mais especificamente, o estímulo ao desenvolvimento linguístico e psicomotor também foi ressaltado como um motivo por Martha (caso 1), assim como a ausência de rede de apoio familiar próxima para auxiliar nos cuidados do filho foi ressaltado por Lygia (caso 2). Como os bebês frequentaram a mesma creche, o processo de adaptação foi organizado de maneira semelhante para todos eles, com horários aumentando gradativamente ao longo dos dias de acordo com o comportamento do bebê e com a mãe sendo convidada a permanecer na creche para atender alguma solicitação, caso necessário. No entanto, as mães destacaram que nunca precisaram ser chamadas para atender os bebês, de modo que a adaptação ocorreu de forma rápida, durante o primeiro mês de frequência à instituição. É plausível se supor que a dinâmica e estrutura da creche tenham facilitado esse processo e a presença de uma figura de referência para a criança tenha permitido que ela tivesse confiança no novo ambiente, possibilitando uma separação menos traumática em relação aos pais (Mahler et.al., 1977) e permitindo que as educadoras tornassem-se, progressivamente, as figuras de referência para o bebê. Rapoport e Piccinini (2001) em um estudo realizado com 41 educadoras, sendo que 21 atendiam bebês entre 4-5 meses e 20 atendiam bebês entre 8-9 meses, destacaram que a demonstração de afeto, a atenção individualizada às necessidades da criança e a continuidade com o lar da criança através da presença de um dos pais eram aspectos importantes na adaptação do bebê, independente da faixa etária. Isso facilitava para que a inserção ocorresse de maneira gradual e a creche não se tornasse uma referência muito diferente do que o bebê era acostumado em seu lar. No entanto, as educadoras destacaram como prática mais comum no período de adaptação os horários reduzidos de permanência do bebê, e menos comum a presença de um familiar, seja na sala com a criança ou em outro ambiente da creche. Na creche frequentada

pelos bebês do presente estudo, a adaptação foi realizada respeitando essas duas características fundamentais para uma adaptação mais satisfatória, o que, de certa forma, mostra a qualidade dessa creche que os bebês frequentaram.

Além disso, os bebês do presente estudo não apresentaram reações de choro ou estranhamento frente às educadoras ou ao local da creche, o que permitiu as mães ressaltarem que a adaptação superou as expectativas. O manejo afetivo e atencioso das educadoras foi ressaltado como importante nesse momento. Vitória e Rossetti-Ferreira (1993) caracterizam como período de adaptação à creche o momento que dura em torno de um mês desde o ingresso do bebê na creche, mas pode-se estender por mais tempo, completando-se quando o bebê, a família e as educadoras forem capazes de interagir de maneira mais descontraída na creche. As autoras também destacam que para cada bebê a adaptação ocorre de forma particular, já que o modo como os envolvidos vivenciam a adaptação influenciará o bebê, assim como será influenciado por ele. Estudo realizado por Rapoport (1999) investigou a adaptação de bebês à creche durante as primeiras dez semanas, objetivando pesquisar as diferenças na adaptação em duas faixas etárias, sendo 4-5 meses e 7-8 meses. Com base em um estudo de caso coletivo realizado com seis bebês (três em cada faixa etária), suas mães e educadoras destacaram que os bebês utilizavam diferentes estratégias de enfrentamento para lidar com o estresse da adaptação, de acordo com a faixa etária. Os bebês maiores tendiam a utilizar estratégias focadas no problema (ex. agarrar-se à mãe). Estratégias de enfrentamento corporal (ex. adoecimento) fizeram-se presentes somente entre os bebês menores. Estratégias focadas na emoção (ex. choro) foram utilizadas pelos bebês de ambas as faixas etárias, mas foram mais frequentes no grupo de bebês menores. Também em ambas as faixas etárias foram utilizadas estratégias de evitação (ex. não olhar a mãe saindo da sala). Embora as idades investigadas na pesquisa mencionada correspondam à subfase de diferenciação dos bebês (Mahler, et.al., 1977), no presente estudo, reações negativas do bebê a esse período de adaptação não foram mencionadas pelas mães, de modo que elas destacaram o contentamento do bebê em ir para creche e a facilidade para aceitar as educadoras e colegas assim que chegavam à instituição. Apenas uma mãe (Lygia) ressaltou que o filho passou a ter adoecimentos mais frequentes após a entrada na creche, mas que pareceram ser ocorrência do convívio maior com outras crianças e adultos, e não de um estado emocional mais fragilizado. Vale ressaltar que as reações dos bebês à entrada na creche afetam, em certa medida, os sentimentos parentais, da mesma forma que estes influenciam as reações manifestas pela

criança (Vitória e Rossetti-Ferreira, 1993). Desse modo, os sentimentos de confiança das mães de que os bebês seriam bem cuidados influenciaram a boa adaptação dos filhos e vice-versa. Estudo realizado por Ferreira (2007) com quatro mães de bebês que ingressaram na creche entre as idades de 12 a 28 meses destacou os sentimentos das mães durante esse período. Os mais comuns foram preocupação e desconfiança frente aos cuidados dispensados pelas educadoras, preocupações em relação ao choro do bebê, que acabava desencadeando ansiedade nas mães, e sentimentos de ambivalência, já que ora destacavam confiança e ora desconfiança em relação aos cuidados na creche. No entanto, as mães mencionaram como positiva a experiência dos filhos na creche, já que lhes possibilitava o aprendizado, o estabelecimento de uma rotina e a socialização. Embora a idade de entrada dos bebês na creche seja diferente, o presente estudo corrobora, em certa medida, os resultados da referida pesquisa. Uma mãe (Martha) do presente estudo destacou que não se sentiu culpada por inserir o filho na creche, já que sabia que ele estaria sendo bem cuidado e estimulado em seu desenvolvimento. Já outra mãe (Lygia) ressaltou apreensão por não saber como o filho reagiria na creche, no entanto sabia que ele estaria sendo bem cuidado. Ao perceber que o filho estava se adaptando rapidamente à creche se deu conta que era ela que precisava se adaptar a nova situação de cuidados de seu bebê, ressaltando que a adaptação não era somente para o bebê, mas também para a mãe. Ela ressaltou inclusive que retornou ao trabalho durante o período de adaptação do filho para que ela também fosse retomando, gradativamente, a sua rotina anterior ao nascimento do filho. Por fim, outra mãe (Ruth) ressaltou que considerou a entrada da filha na creche como algo necessário e que se sentiu segura, não manifestando sentimentos adversos a essa situação. Ela ressaltou que durante o primeiro mês pode ir até a creche no horário do meio dia para amamentar a filha, o que ela percebeu como tendo facilitado a adaptação.

Percebe-se, assim, que a adaptação ocorreu de maneira diferenciada para cada bebê e para cada mãe. No entanto, vale ressaltar que a confiança frente aos cuidados da creche e os sentimentos positivos frente à adaptação permitiram que as mães não ficassem fragilizadas emocionalmente, de modo que se mantiveram como suporte emocional para os bebês (Mahler et.al., 1977).

Em relação as mãe que optaram por não colocar os filhos na creche, pode-se destacar que duas (Adélia, Lya) reduziram a carga horária de trabalho para, no máximo, quatro horas diárias (Adélia, Lya), e uma se manteve (Maria Clara) como cuidadora exclusiva do bebê, como

já ressaltado. Os bebês eram cuidados no ambiente doméstico pelo pai (Adélia) ou pelas avós e babá (Lya) que foi contratada ainda no período gestacional e conviveu com o bebê desde seu nascimento. Vale destacar que essas mães manifestaram dificuldades em retornar ao trabalho já que desejavam ficar somente cuidando dos filhos. Tal fato não se apresentou para as mães cujos bebês foram inseridos na creche, de modo que não manifestaram o desejo de cuidar exclusivamente dos filhos. Pode-se pensar que o fato de os bebês terem sido cuidados por pessoas de seu convívio desde o nascimento, não lhes exigiu um período de adaptação aos cuidadores, o que ocorreu de forma diferenciada para aqueles que frequentaram a creche, já que eles mantiveram contato com os cuidadores apenas aos 6 meses de idade. Nesse sentido, a adaptação do bebê aos novos cuidadores permitiu às mães “pegarem carona” na adaptação dos filhos para que elas próprias se adaptassem ao retorno ao trabalho, de modo que isso contribuiu para que maiores sofrimentos não ocorressem. Já as mães cujos bebês ficaram sob cuidados no ambiente doméstico e de pessoas com as quais já estavam acostumados, necessitaram fazer a adaptação sozinhas, sem a companhia do filho nesse processo, o que lhes proporcionou maiores dificuldades.

Ainda em relação aos 6 meses dos bebês, as mães ressaltaram características dos bebês que indicavam que eles se encontravam na subfase de diferenciação do processo de separação-individuação (Mahler, et.al., 1977), independente da entrada ou não na creche. Mahler et.al. (1977) ressaltaram que o bebê passa a, progressivamente, manter-se mais alerta durante os períodos de vigília e procurando uma maior interação com a mãe e o ambiente ao redor. Os autores destacaram que é possível identificar algo novo na aparência dos bebês que remete a um estado mais alerta e de direcionamento para os objetos, ressaltando que o bebê, nesse estado, havia *desabrochado*. Essa experiência de *desabrochamento* permite à criança se interessar pelo mundo ao redor e iniciar suas tentativas de separação-individuação, que se iniciam na exploração tátil e visual do rosto materno, assim como na comparação entre o familiar e o não familiar. A aquisição das capacidades motoras em desenvolvimento, como o sentar, permitem que a criança tenha uma visão maior do ambiente ao seu redor, o que aumenta o seu interesse por novas descobertas. Todas as mães participantes do presente estudo ressaltaram a maior firmeza dos bebês para sentar, seja com apoio ou sem apoio, o que contribuía para a maior exploração do ambiente ao redor. Inclusive uma mãe (Martha) ressaltou que a creche contribuiu para que o filho adquirisse a capacidade de sentar, já que ela não o estimulava a ficar no chão por medo de que pudesse desenvolver alguma doença. No

entanto, com a entrada na creche percebeu que as educadoras o estimulavam a ficar no chão e sentar, o que contribuiu para que ela percebesse o filho como mais ativo e mais interessado nas brincadeiras do que antes da entrada na creche.

Outras características também foram ressaltadas, como os bebês demonstrarem o que os agradava e desagradava, o que remete a uma importante característica do processo de separação-individuação. Isso porque mãe e bebê vão, progressivamente, se percebendo como pessoas separadas fisicamente e com características distintas, conquistas que se iniciam nos meses iniciais e seguem ao longo dos primeiros anos de vida (Mahler, et.al., 1977). Comportamentos de estranhamento do bebê frente a pessoas e lugares estranhos não foram ressaltados por todas as participantes. Nesse período de diferenciação inicial, o bebê tem interesse em comparar o familiar com o não familiar, de modo que comportamentos de estranhamento não são comuns (Mahler et.al., 1977). No entanto, posteriormente, por volta dos oito meses de idade, quando a capacidade de diferenciação materna faz-se presente de forma mais intensa, esses comportamentos poderão apresentar-se de forma mais ou menos intensa, dependendo da relação sutil estabelecida entre mãe e bebê nos períodos iniciais (Mahler et.al., 1977). Uma mãe (Martha) do presente estudo destacou que após a entrada na creche o filho estava estranhando, menos que o habitual, pessoas e lugares desconhecidos, o que para ela indicava que o filho estava mais socializado como consequência do convívio com adultos e crianças na creche. No entanto, pode-se pensar que, nos meses anteriores, o bebê tinha necessidade de reagir a lugares e pessoas agitados que, segundo Martha, lembravam características muito diferentes do que ele estava acostumado no ambiente da casa, ressaltado como calmo e silencioso. Dessa forma, o bebê nos meses iniciais, ainda não possuindo um sensorio preparado para uma interação mais ativa, reagia a uma característica intrusiva do ambiente. Martha, que estava identificada com o seu bebê, o protegia desse tipo de ambiente e pessoas na tentativa de manter o bem-estar do filho. Na medida em que ele foi adentrando a subfase de diferenciação, com o *sentimento de confiança básica* (Erikson, 1972) estabelecido entre mãe e bebê, e tendo maior capacidade psíquica para interação com o mundo externo, esses comportamentos de estranhamento se amenizaram. Já outra mãe (Lygia) destacou que o filho não manifestava reações de estranhamento, mas costumava observar os lugares estranhos antes de seguir em seu padrão normal de exploração. Esse padrão de investigação visual do bebê em subfase de diferenciação é conhecido como *inspeção alfandegária*, termo que Mahler et.al. (1977) pegaram emprestado da literatura (Brody, 1970, cf. Mahler et.al.) e

utilizaram para caracterizar esse bebê mais curioso por comparar o familiar com o não familiar. Por fim, outra mãe (Maria Clara) ressaltou que a filha não estranhava, de maneira geral, mas tendia a demonstrar maior desconfiança frente a figuras masculinas. Pode-se considerar que em sua exploração visual o bebê tendia a observar mais figuras masculinas para comparar com o já familiar da figura materna.

Aspectos mais pontuais em cada bebê mostram-se como relevantes de serem ressaltados aqui, por indicarem características importantes na individuação dos bebês. Uma mãe (Lygia) ressaltou que o filho já atendia quando chamado pelo nome, o que indicou a possibilidade de ele perceber uma característica que o diferenciava de todos os demais em sua família. Já outra mãe (Ruth) ressaltou que a filha conseguia diferenciar a mãe e o pai, sendo que mencionava “*papa*” quando se dirigia ao pai e “*mama*” quando se dirigia a mãe. Pode-se ressaltar que esse bebê já parecia se mostrar individualizado o suficiente para reconhecer as características maternas e paternas, a ponto de diferenciá-los. Mahler et.al. (1977) ressaltaram que tal aquisição é de suma importância na subfase de diferenciação, juntamente com a confiança na provisão emocional da mãe, para que a criança consiga se voltar com menos assombro e apreensão na exploração de objetos e pessoas ao seu redor, o que culmina em um início positivo para a próxima subfase do processo de separação-individuação.

Pode-se ressaltar que todos os bebês pareceram apresentar características que mostravam estarem na subfase de diferenciação do processo de separação-individuação mãe-bebê (Mahler et.al., 1977), e que a experiência inicial na creche não se apresentou como interferindo no transcurso desse processo. Inclusive, para um bebê, essa experiência inicial auxiliou no processo de *desabrochamento* e de maior investimento no ambiente ao redor.

Ainda abordando o 6º mês dos bebês, torna-se relevante ressaltar os momentos de separações prolongadas e reencontros entre mãe e bebê. Para aqueles bebês que entraram na creche, tais situações ocorriam, na sua maioria, no contexto da creche, ambiente no qual estavam se adaptando. Já para aqueles que não entraram na creche, tais situações ocorriam, na sua maioria, no contexto doméstico e em um período de tempo em torno de quatro horas diárias. De maneira geral, as participantes destacaram que se sentiam seguras em deixar os filhos na creche ou com outros cuidadores, por confiar nos cuidados que seriam oferecidos. Os bebês não costumavam reagir com protestos à separação materna, não aparecendo diferença, nesse aspecto, entre aqueles que entraram na creche e estavam se adaptando ao novo contexto e aqueles que continuaram sendo cuidados no ambiente doméstico. Da mesma

forma, eles costumavam ficar tranquilos e mantendo seu padrão normal de funcionamento na ausência materna. Entre as mães cujos bebês entraram na creche, duas delas (Lygia, Ruth) destacaram que não costumavam se despedir dos bebês no momento de separação e que as educadoras nem davam muita abertura nesse sentido. Já outra mãe (Martha) ressaltou que costumava se despedir, mas tentava se ausentar em um momento em que o filho não a percebesse sair. Já as mães cujos bebês ficaram sendo cuidados em casa, elas costumavam se despedir dos bebês e ressaltaram que eles as observavam sair.

Com relação aos sentimentos maternos durante as separações, pode-se destacar que entre aquelas cujos filhos entraram na creche (Lygia, Martha, Ruth), predominou a afirmação de que se sentiam seguras e tranquilas por saber que os bebês seriam bem cuidados na creche, o que vai ao encontro do estudo de Lopes et.al. (2005) que mostrou que a maioria das mães (83%) referiram sentimentos positivos relativos aos cuidados substitutos, que estavam relacionados à confiança em relação aos cuidadores. No entanto, as mães do presente estudo também ressaltaram sentir pena por deixar o filho e saudades ao longo do dia (Martha), bem como apreensão por não saber como o bebê iria se adaptar (Lygia). Já outra mãe (Ruth) destacou que esse momento de separação foi mais fácil do que nos meses anteriores, já que ela se sentia tranquila por saber que o ingresso na creche era algo necessário.

Entre as mães (Adélia, Lya, Maria Clara) cujos bebês não entraram na creche, os sentimentos de ciúmes por deixar os filhos com outras pessoas foi predominante, já que elas desejavam ficar cuidando dos filhos de forma exclusiva. O estudo de Lopes et.al. (2005) já ressaltado, também demonstrou que algumas mães (17%) referiram sentimentos negativos quando aos cuidadores substitutos, como ciúmes, insegurança, preocupação, dentre outros. No presente estudo, uma mãe (Adélia) inclusive ressaltou que se ausentava já desejando retornar para ficar junto ao filho. Apenas outra mãe (Maria Clara), que optou por pedir demissão do trabalho para cuidar da filha, ressaltou que nos momentos em que precisava se ausentar sentia-se tranquila a ponto de nem se preocupar em saber como a filha se comportava na sua ausência. Entre essas mães muitas mudanças não foram observadas com relação aos sentimentos quando comparado às separações anteriores aos 6 meses do bebê.

Pode-se pensar que as mães que precisaram adaptar os bebês na creche (e se adaptar a esse novo contexto) estavam mais preocupadas em o bebê aceitar o novo ambiente e ficar de forma tranquila. Já aquelas cujos bebês já eram acostumados aos cuidadores manifestaram

ciúmes já que, a partir daquele momento, se percebiam tendo que “dividir” o filho com outros e reconhecer que eles ficavam bem sem elas.

Com relação aos reencontros após esses momentos de separações prolongadas, as participantes ressaltaram que, de maneira geral, os bebês reagiam com contentamento ao reencontro. Eles solicitavam contato físico com as mães, o que era retribuído por elas. Vale ressaltar que as mães (Lygia, Martha, Ruth) cujos bebês entraram na creche e encontravam-se em período de adaptação, mencionaram que os filhos não demonstravam comportamento ansioso para vir imediatamente aos braços maternos, o que para elas, representava que eles estavam se sentindo bem na creche. Já entre as mães (Adélia, Lya, Maria Clara) que optaram pela permanência dos filhos no ambiente doméstico destacaram outros aspectos em relação ao comportamento dos bebês. Para Maria Clara, o comportamento de felicidade da filha demonstrava que, somente no momento do reencontro era que ela se dava conta que a mãe havia se ausentado. Já Lya ressaltou ocasiões em que o filho não veio diretamente para seu colo no momento do reencontro, e sim pediu o colo da babá, o que lhe colocou a consciência de que estava dividindo o filho com outras pessoas. Já Adélia ressaltou que o filho não manifestava felicidade imediata ao reencontro, mas que ele ficava a observando só para depois lhe dar algum sorriso. Ela ressaltou o desejo de que o filho manifestasse alegria imediata ao reencontro. Os bebês, de maneira geral, mostraram reações que indicaram a necessidade de interagir com a mãe no momento do reencontro, fosse solicitando colo ou a observando. Por estarem em um momento inicial de diferenciação da mãe em relação às demais pessoas, conhecidas ou desconhecidas, o bebê necessita de um tempo de observação e contato com a mãe para reconhecê-la e conseguir diferenciá-la daquele que estava o cuidando (Mahler et.al., 1977). Da mesma forma, a ausência de comportamento ansioso por contato materno, ou intensamente evitativo desse contato, sugerem que os bebês tinham bom vínculo com a mãe (Mahler et.al., 1977), e que, em certa medida, as separações diárias não estavam interferindo no transcurso satisfatório do processo de separação-individuação.

Por fim, os momentos de separações momentâneas entre mãe e bebê, que ocorriam quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, mas continuava disponível para a interação, merecem ser ressaltados. Todos os bebês do presente estudo apresentaram comportamentos semelhantes de reação no momento em que se percebiam sozinhos. Com isso, as mães ressaltaram que se os bebês estavam distraídos com algum brinquedo não a solicitavam, mas no momento em que percebiam estar sozinhos costumavam

solicitar a presença materna. Algumas mães (Martha, Ruth) destacaram que os bebês não precisavam necessariamente da presença delas, mas sim de alguém de confiança que lhes fizesse companhia. Nos momentos em que os bebês reencontravam as mães, após essa separação momentânea, as reações também foram semelhantes. De maneira geral, quando solicitavam a presença materna, os bebês se acalmavam assim que viam as mães ou mantinham alguma interação com elas. Isso se explica pela necessidade de o bebê ter um outro de confiança que lhe transmita a segurança de que está amparado e atendido em suas demandas. A presença física ainda é necessária, já que a individuação não se processou a nível suficiente que permita a internalização emocional da mãe, de modo que sua presença física não se faça mais extremamente necessária (Mahler et.al., 1977).

De maneira geral, os dados apontam para uma vivência positiva da maternidade aos 6 meses dos bebês, apesar das dificuldades vivenciadas nesse momento. As mães e bebês demonstraram terem estabelecido um forte vínculo de *confiança básica* (Erikson, 1972) que permitiram aos bebês adentrarem na subfase de diferenciação do processo de separação-individuação (Mahler, et.al., 1977). Alguns bebês passaram a frequentar a creche e obtiveram uma boa adaptação, pautada no respeito às características dos bebês e na relação afetiva com as educadoras. Já outros bebês não frequentaram a creche e ficaram sendo cuidados prioritariamente pela mãe e, nos momentos de ausência materna, por pessoas com as quais conviviam desde o nascimento, não necessitando, dessa forma, de um período de adaptação. A entrada dos bebês na creche apresentou-se como um fator externo que impulsionou as mães e bebês a se separarem e individualizarem, de modo que as mães ficaram tranquilas ao perceberem que os filhos eram bem cuidados e ficavam bem na creche, o que não lhes colocou maiores sofrimentos frente às separações. Já para as mães que não inseriram os bebês na creche, as dificuldades foram maiores, já que elas desejavam cuidar exclusivamente dos bebês, indicando, de certa forma, que elas ainda estavam em estado de *preocupação materna primária* (Winnicott, 1966/1988) em relação aos filhos e queriam continuar disponíveis para atendê-los quando necessário. Nesse sentido, o processo de separação-individuação estava acompanhando o desenvolvimento do bebê e da própria mãe, já que elas não percebiam nem aos bebês e nem a elas com capacidade de se separarem um do outro. Apesar disso, independente de frequentarem ou não a creche, os bebês apresentaram comportamentos que indicavam a vivência satisfatória do processo de separação-individuação segundo Mahler

et.al. (1977), como comparar o familiar com o não familiar, o comportamento mais ativo durante as explorações, a experiência de desabrochamento, entre outros.

4.3. Separação-indivuação e subfase de exploração (12º mês)

À medida que as capacidades motoras do bebê se expandem, ele adentra a subfase de exploração do processo de separação-indivuação (Mahler et.al., 1977). O envolvimento narcísico do bebê em suas habilidades, em seu corpo e na investigação do ambiente permite ao bebê explorar um mundo cada vez mais longe da mãe e, assim, características de uma pessoa mais independente se apresentam. Ele já consegue ir até os objetos que deseja, se desloca de um lugar ao outro muitas vezes sem precisar de ajuda, se afasta ativamente da mãe, não ficando mais na posição passiva de apenas a observar se ausentar. No entanto, essa independência crescente que o bebê apresenta não significa que ele não seja dependente da figura materna. Tal aspecto pode trazer algumas implicações para a maternidade e para a relação mãe-bebê, já que ao mesmo tempo em que o bebê demonstra maior capacidade para independência e, de maneira geral as mães também desejam e incentivam tal comportamento, os bebês exigem constante atenção e presença da mãe para que se sintam seguros e prossigam sua exploração (Mahler et.al., 1977).

As mães do presente estudo ressaltaram características referentes à maternidade aos 12 meses dos bebês, destacando a experiência positiva da maternidade, mas também a crescente necessidade de ir retomando uma rotina para além de se dedicar ao bebê. Tal aspecto surgiu quando os bebês se mostraram mais individualizados, apesar de ainda dependentes das mães, o que remete a características esperadas para um bebê que estaria na subfase de exploração (Mahler et.al., 1977). Essas características (maior indivuação, apesar de ainda dependente), foram ressaltadas por todas as mães em relação aos seus bebês. No entanto, algumas mães (Adélia, Martha, Ruth, Maria Clara) focaram mais na dependência dos bebês em relação a elas, por exigirem atenção e presença de maneira mais constante do que aos 6 meses de idade. Inclusive uma mãe (Martha) ressaltou que tal aspecto se devia ao fato de que o filho já conseguia se perceber como diferenciado dela, assim como diferenciava lugares e pessoas estranhos e familiares, o que lhe colocava a necessidade de receber maior atenção. Tais características remetem a conquistas adquiridas durante a subfase de diferenciação, já mencionada, e que resalta que assim que o bebê se individualiza o suficiente para poder reconhecer o rosto materno, e à medida que se familiariza com as características emocionais

da mãe que lhe possibilita a confiança na provisão emocional materna, o bebê se volta para a exploração do mundo externo com maior interesse e menor apreensão, por confiar que sempre que precisar retornar até a mãe ela estará disponível para atendê-lo (Mahler, et.al., 1977). Vale ressaltar que Martha mencionou que as exigências constantes do filho por atenção e presença lhe faziam perceber a maternidade como mais trabalhosa do que aos 6 meses do bebê. Ela imaginava que quando o filho desenvolvesse mais a locomoção iria exigir menos de sua parte. Com isso, ela ressaltou preocupações com essa dependência aos 12 meses prejudicar o desenvolvimento futuro do bebê em situações que exigiam maior independência por parte dele, como a entrada na escola. Percebeu-se em Martha certa ansiedade para que o bebê adquirisse algumas etapas do desenvolvimento para o qual ainda não estava preparado, o que lhe colocou preocupações antecipadas em relação ao seu bebê. Já outra mãe (Adélia) ressaltou que percebia que o filho já tinha capacidade para ser mais independente, e o era com o pai, mas não com ela. Adélia ressaltou que isso indicava algo que precisava mudar nela, e não no bebê, o que a fez perceber que precisava começar a se individualizar mais em relação ao filho. Pode-se destacar com isso, que o processo de individuação da mãe com relação ao seu bebê ocorre à medida que o bebê demonstra ter capacidade de uma maior independência e individualidade (Colarusso, 1990). Por fim, uma mãe (Ruth) ressaltou os seus questionamentos sobre o momento em que seria adequado incentivar a filha na busca de uma independência maior em relação a ela, e mencionou certa dúvida sobre se já não estava no momento adequado. No entanto, ela também destacou que, por vezes, sentia culpa por não poder estar mais presente para a filha, que ficava na creche durante nove horas diárias. Isso mostra uma mãe que almejava uma maior independência de seu bebê, ao mesmo tempo em que desejava ficar mais tempo com a filha. Tais características maternas remetem a características do próprio bebê na subfase de exploração, que está na busca de uma maior independência e individuação, ao mesmo tempo em que se mostra bastante dependente da mãe (Mahler et.al., 1977), o que demonstra, mais uma vez, que o processo de individuação materno está em íntima conexão com o que se passa com o bebê (Colarusso, 1990).

Já outras mães (Lya, Lygia) ressaltaram que os bebês estavam mais independentes, por eles já serem capazes de realizar várias tarefas sem precisar de ajuda e por explorarem um mundo cada vez mais longe delas. Inclusive para Lygia essas características do filho mostravam que ele estava se desenvolvendo de forma saudável, o que indicava que ela estava exercendo, satisfatoriamente, o papel materno. Estudo realizado por Lopes et.al. (2007), com

28 mães cujos bebês se encontravam com 12 meses de idade, investigou os sentimentos maternos em relação ao desenvolvimento dos filhos, principalmente relacionados às novas aquisições infantis. Os resultados revelaram que o comportamento mais ativo das crianças aos 12 meses foi percebido pelas mães como a possibilidade de os filhos tornarem-se mais independentes. No entanto, elas também ressaltaram que o desenvolvimento das habilidades motoras veio acompanhado de maior necessidade de atenção, presença e proximidade física com o bebê. Tais aspectos são corroborados, em certa medida, pelo presente estudo, já que remetem a características de um bebê em subfase de exploração que apresenta, de forma simultânea, comportamento mais independente da mãe e mais dependente de sua atenção e proximidade.

Os dados do presente estudo também revelam que, aos 12 meses dos filhos, as mães estavam se autorizando a desejar uma independência maior com relação ao bebê e, conseqüentemente, uma rotina para além do cuidado dos filhos. Tal aspecto apresentou-se de forma mais intensa entre algumas mães (Adélia, Lya, Maria Clara) cujos bebês não frequentaram a creche e ficaram sob seus cuidados a maior parte do tempo diário. Maria Clara ressaltou que aos 11 meses da filha decidiu retomar o trabalho e destacou que essa decisão representou algo positivo para a maternidade, já que ela se percebeu como mais paciente com a filha e tendo mais entusiasmo para realizar suas atividades. Com isso, ela ressaltou que a filha estava sob os cuidados de uma tia com a qual convivia desde o nascimento, durante um turno diário. Maria Clara ressaltou que a filha apresentou evolução no desenvolvimento da linguagem após começar a ser cuidada pela tia, já que precisou nomear o que necessitava para ser atendida, o que não era necessário com a mãe que entendia todas as suas demandas sem ela precisar falar. No entanto, ela mais uma vez pensou em parar de trabalhar para ficar com a filha (como ocorreu nos primeiros meses do bebê) ao perceber que ela havia sofrido algumas quedas que não foram mencionadas pela tia, no entanto, com diálogo, resolveram a situação. Já Lya ressaltou que estava “realizada” com a maternidade e sentia-se tranquila para ir aumentando, progressivamente, os seus horários de trabalho, pois contava com apoio familiar para isso. Por fim Adélia, que aos 6 meses do filho não cogitava deixá-lo com outras pessoas para exercer atividades além do trabalho, percebeu-se sobrecarregada com os cuidados do filho aos 12 meses e como descuidada em relação à própria aparência. Ela ressaltou que tal aspecto precisava mudar para que ela pudesse dedicar um pouco mais de tempo a si própria.

Os resultados apoiam o que Colarrusso (1990) já havia mencionado, destacando que, concomitante ao processo de separação-individação do bebê, ocorre um processo correlato em toda a mãe. Essas mães, ao perceberem a individuação dos próprios filhos que lhes autorizava a explorarem e descobrirem para além do que a mãe tinha a oferecer, começaram a desejar se individualizar de seus bebês, para retomarem uma vida estruturada para além dos cuidados e atenção dispensada a eles. O presente estudo corrobora, em certa medida, os resultados do trabalho de Bellini (2008) que entrevistou quatro mães, da gestação ao 12º mês de vida do bebê, e investigou a vivência materna do processo de separação-individação no primeiro ano de vida, até a entrada do bebê na educação infantil, no segundo ano de vida. Os resultados revelaram que, até o final do primeiro ano de vida dos bebês, as mães iam manifestando o desejo de retomarem um espaço próprio e mais independente, como se a crescente individuação do bebê impulsionasse a mãe para o resgate da sua individualidade. Tal aspecto permitiu inclusive que as mães tomassem a decisão de colocar os bebês na creche (Bellini, 2008). No presente estudo, essa crescente individuação da mãe acompanhando o processo de separação-individação do bebê não se mostrou de forma tão intensa para as mães cujos bebês frequentaram a creche. Isso pode ter se dado devido ao fato de elas exercerem uma rotina intensa de trabalho diário desde os 6 meses dos bebês. Dessa forma, a individuação da mãe em relação ao seu bebê ocorreu sob influência de um agente externo, sendo o retorno ao trabalho e a inserção do bebê na creche. Já para as mães que puderam dispensar maior tempo diário junto aos filhos a individuação se deu como consequência do próprio processo de desenvolvimento do bebê, tendo ocorrido, desse modo, de forma mais natural para a mãe e bebê. No entanto, o fato de os bebês terem frequentado a creche não pareceu ter exercido influência negativa no processo de separação-individação mãe-bebê, de modo que aspectos relacionados ao vínculo afetivo mãe-bebê, bem como as características da creche e das educadoras, ressaltadas como muito afetivas, podem ter contribuído nesse sentido.

As mães (Lygia, Martha, Ruth) dos bebês que frequentaram a creche nos últimos seis meses, destacaram a boa experiência dos filhos na instituição pautada na relação afetiva entre educadoras, bebês e famílias. A interação dos bebês com os colegas e educadoras foi ressaltada por essas mães. Para Bressani (2006) a presença de comportamentos interativos entre bebê e educadoras são indicadores de que a escola de educação infantil é capaz de atender as necessidades emocionais dos bebês. Na creche frequentada pelos bebês do presente

estudo, o respeito às características pessoais e emocionais dos bebês pareceu ser uma prioridade na creche como mostraram algumas mães. Martha destacou que ocorreu mudança das educadoras responsáveis pelos bebês, de modo que o filho apresentou estranhamento inicial, mas se adaptou adequadamente, já que a substituição de educadoras ocorreu de forma gradativa. Para Vitória e Rossetti-Ferreira (1993) a troca de educadoras na creche também exige um período de adaptação por parte do bebê. Se esse momento ocorrer respeitando o ritmo do bebê e com a permanência das educadoras com quem já estava acostumado, mais tranquila será essa mudança para a creche, o bebê e as famílias. Ainda, outra mãe (Ruth), destacou que o fato de as educadoras informarem sobre o dia a dia da filha na creche indicava a ela que a filha era considerada em sua singularidade, e não apenas como mais uma criança que deveria se adaptar as regras da instituição.

Os relatos das participantes referentes às características dos seus filhos indicam que eles vivenciavam a subfase de exploração do processo de separação-individuação de maneira satisfatória independente de os bebês terem frequentado ou não a creche. A capacidade de locomoção através do engatinhar, arrastar-se ou caminhar (com ou sem apoio) permitia ao bebê explorar um ambiente muito maior do que ele era capaz de imaginar aos 6 meses de idade. Dessa forma, todas as mães ressaltaram que os bebês demonstravam prazer frente às atividades e descobertas que realizavam sem a ajuda materna. Esses momentos de descoberta eram realizados nas ocasiões em que os bebês se concentravam em suas explorações parecendo esquecer momentaneamente da mãe. Mahler et.al. (1977) ressaltaram que característica importante do processo de separação individuação é o bebê ter um funcionamento em separado, na presença da mãe, e o prazer em exercer essas atividades de forma mais independente. A exploração desse mundo novo que se apresenta ao bebê ocorre a partir da relação de *confiança básica* (Erikson, 1972) do bebê em relação à mãe, o que permite a ele mover-se cada vez mais longe da figura materna, com a certeza de que sempre a encontrará quando precisar retornar.

Como ressaltado acima, os momentos de aparente esquecimento em relação à figura materna eram momentâneos, de modo que os bebês necessitavam, de tempos em tempos, partilhar com a mãe suas conquistas, de modo que iam até ela para manter contato físico, entre uma brincadeira e outra, antes de iniciar um novo comportamento de exploração. Mahler et.al. (1977) destacaram que tal comportamento se deve a necessidade de *reabastecimento emocional* por parte do bebê, que serve para que ele confirme que a mãe continua pronta para

atender suas necessidades, o que indica que ele pode explorar um mundo cada vez mais distante dela, sem perdê-la. Dessa forma, todas as entrevistadas ressaltaram que os bebês tinham necessidade de, entre uma brincadeira e outra, retornar até a mãe e manter contato físico, fosse convidando para alguma brincadeira, pedindo colo ou entregando algum brinquedo. Da mesma forma, algumas mães (Martha, Ruth) ressaltaram a necessidade de elas irem até os filhos para manter contato físico nos momentos em que eles pareciam não necessitar delas. Já outras (Adélia, Lya, Lygia, Maria Clara) ressaltaram que utilizavam esse curto espaço de tempo para realizar outras atividades para além dos cuidados e interação com o filho. Isso remete a consciência materna de que os filhos já são capazes de se distanciar fisicamente delas, o que lhes coloca sentimentos ambíguos (Mahler, et.al., 1977). Ao mesmo tempo em que desejam uma proximidade íntima com o filho, tendo saudade de sua fase de bebê de colo (Mahler, et.al., 1977), também desejam esse maior distanciamento, o que as permite retomar, gradativamente, suas atividades pessoais.

A capacidade dos bebês em tolerarem pequenas frustrações também foram ressaltadas por todas as mães, o que indicava que os bebês estavam voltados, narcisicamente, para a conquista de suas capacidades motoras e de exploração, característico de um bebê que poderia se encontrar na subfase de exploração do desenvolvimento. Mahler et.al. (1977) mencionaram que esse envolvimento narcísico permite ao bebê desenvolver a *impermeabilidade à frustração*, tornando-o mais tolerante a batidas, quedas, ou outras pequenas frustrações que venha a sofrer na exploração do ambiente ao redor. Apenas uma mãe (Adélia) ressaltou que o bebê apresentava comportamento diferenciado frente às frustrações quando estava com ela e com o pai, sendo que tendia a chorar quando estava com ela e ignorar as batidas e quedas quando estava com o pai. Isso a fazia perceber que o filho tinha capacidade de ter uma maior independência nesse aspecto, mas que não exercia com ela. No entanto, ela entendia isso como algo que indicava a sua própria necessidade de começar a se permitir se separar mais do filho, e não o contrário. Da mesma forma, a capacidade de sinalizar o desejo por algum objeto ou brinquedo e a capacidade de reagir ao “não” materno foi ressaltado pelas participantes, características que indicam as conquistas de uma pessoa em processo de individuação em relação àqueles que o cuidam.

Com relação às reações frente a pessoas e lugares estranhos, as mães ressaltaram que os filhos não demonstravam estranhamento, conseguindo interagir de maneira extrovertida. Apenas uma mãe (Martha) ressaltou que o bebê, que já frequentava a creche, tinha um

comportamento mais tímido frente a pessoas desconhecidas, mas nada que o impossibilitasse de seguir em suas explorações. O envolvimento narcísico do bebê em seu corpo e em suas habilidades em crescente expansão, o permite seguir em suas explorações sem apresentar estranhamento frente aos desconhecidos (Mahler et.al., 1977).

Com relação aos momentos de separações prolongadas entre mãe-bebê, eles seguiram ocorrendo, de forma frequente, no contexto da creche ou no ambiente doméstico, principalmente para os bebês que não frequentaram a creche ao longo do primeiro ano de vida. A exceção se deu com Maria Clara que passou a trabalhar e deixar a filha sendo cuidada na casa de uma tia. As mães ressaltaram que, aos 12 meses, os bebês tinham consciência maior das separações maternas quando comparado aos 6 meses de idade. Tal aspecto fez com que eles manifestassem, de maneira mais frequente, reações frente aos momentos de separações. Uma mãe (Lygia), cujo filho frequentava a creche, destacou sentimentos de insegurança por se separar do filho nos momentos em que ele reagia, mas que se amenizaram frente à certeza de saber que ele era bem cuidado na creche. Já outra mãe (Ruth), cuja filha também frequentava a creche destacou que procurava encarar os momentos de separação de maneira racional, no sentido de que precisava deixar a filha na creche. No entanto, ressaltou que passou a sentir um pouco mais de culpa por não poder ficar mais tempo com a filha, quando comparado aos 6 meses de idade. Outra mãe (Lya), cujo filho não frequentava a creche, ressaltou que nos momentos em que o filho protestava a sua saída ela ficava entristecida e com o *“coração cortado”*. Já nos momentos em que o filho reagia bem às separações, ela ficava tranquila e feliz em ver que ele gostava dos cuidadores. De maneira geral, ela se percebia como mais tranquila e acostumada com o retorno ao trabalho, quando comparado aos 6 meses do bebê. Sentimento semelhante foi ressaltado por outra mãe (Adélia), cujo filho também não frequentava a creche, que se percebeu mais tranquila nos momentos de separação aos 12 meses do que aos 6 meses do filho, apesar de ter ressaltado que nos momentos em que ele ficava chorando, ela tinha vontade de ficar com ele. Adélia ressaltou que estava pensando em iniciar o desmame do filho para que ela própria pudesse se individuar mais do bebê. Já outra mãe (Maria Clara) ressaltou que a filha estava se adaptando aos cuidados da tia (e na casa da tia) para que ela retomasse o trabalho, de modo que a filha manifestou comportamento de recusa a ficar com a tia. No entanto, após essa reação, Maria Clara ressaltou que a filha ficava bem e interagia normalmente e mencionou que se despedia da filha e saía *“sem olhar para trás”*, já que, algumas vezes, ela chorava na sua saída, o que a

tocava intimamente, mesmo sabendo que a separação era necessária. Apenas uma mãe (Martha), cujo filho frequentava a creche, ressaltou que o filho a observava se ausentar, mas sem apresentar protesto, apesar de algumas vezes ter acreditado que o filho iria chorar. Ao perceber que ele ficava bem ela ficava mais aliviada.

Ressalta-se, dessa forma, que os bebês apresentaram reações semelhantes às separações aos 12 meses, independente de frequentarem ou não a creche. Tais reações acima destacadas remetem a um bebê que estaria na subfase de exploração e que, apesar de estar explorando o ambiente cada vez mais distante da mãe, precisaria retornar até ela para realizar *reabastecimento emocional* (Mahler et.al., 1977). Isso porque, apesar de seu interesse e absorção nos objetos e ambiente ao redor, ainda prevalece o interesse pela mãe (Mahler et.al., 1977). Tal aspecto pode explicar as reações de protesto a se separar da mãe, já que necessitavam dela para reabastecer-se e seguir a exploração. No entanto, todas as mães destacaram que os bebês ficaram bem na sua ausência, o que possibilitou perceber que os cuidadores alternativos à mãe conseguiam exercer a tarefa de reabastecimento emocional que a mãe não podia dar conta no momento. Já com relação às mães, pode-se perceber que aquelas que optaram por cuidar dos filhos durante a maior parte do dia manifestavam sentimentos e atitudes que indicavam a necessidade de irem, progressivamente, se desligando mais dos filhos, seja pelo desmame (Adélia), pelo retorno ao trabalho (Maria Clara) ou maior tranquilidade para aumentar, gradativamente, os horários de trabalho (Lya).

Os reencontros frente a esses momentos de separações prolongadas entre mãe-bebê foram destacados com manifestações de alegria por parte dos bebês e das mães. Duas mães (Martha, Ruth), cujos filhos frequentavam a creche, ressaltaram que os bebês estavam agindo com maior entusiasmo frente aos reencontros quando comparado aos 6 meses de idade, e isso pareceu ocorrer, segundo elas, devido a maior consciência dos filhos quanto às separações entre eles. Outra mãe (Lya), cujo filho não frequentou a creche, destacou que o filho solicitava ser pego no colo imediatamente após o reencontro e que, durante a primeira hora juntos ele permanecia “*grudado*” nela. Isso indica, mais uma vez, a necessidade do bebê em ter contato com a mãe para reabastecer-se emocionalmente (Mahler et.al., 1977), mesmo que tenha sido bem cuidado por seus cuidadores substitutos.

Por fim, pode-se ressaltar os momentos de separações momentâneas entre mãe e bebê, que ocorriam quando a mãe se ausentava do ambiente da casa em que o bebê estava, mas permanecia disponível para atendê-lo em suas necessidades. A maioria das mães mencionou

que os bebês, independente de terem frequentado ou não a creche, ficavam algum tempo concentrados em suas atividades sem reivindicar a presença materna. No entanto, após um curto espaço de tempo eles chamavam pelas mães ou iam ao encontro delas. Como já destacado, esse comportamento indica o desenvolvimento saudável do processo de separação-individação, já que o bebê consegue envolver-se de forma independente em suas atividades, assim como mostra suas necessidades de *reabastecimento emocional* (Malher et.a., 1977). Uma mãe (Ruth) ressaltou que a filha costumava notar as suas saídas e protestar frente a elas. Apesar de considerar esse comportamento adequado para a idade, Ruth desejava que a filha pudesse ter uma maior independência nesse sentido, não precisando solicitá-la a todo o momento. Já outra mãe (Maria Clara) ressaltou que a filha estava reagindo com gritos e choro quando a percebia se ausentar, comportamento que não era tão intenso aos 6 meses de idade. Ela ressaltou que costumava atender a filha em suas solicitações e tentava estimular para que ela tivesse um comportamento mais independente em relação a ela ensinando-a a procurá-la e ir ao seu encontro. Ainda outra mãe (Martha) mencionou que não costumava atender o filho de forma imediata para que ele aprendesse a ficar distante dela por alguns momentos. É relevante destacar que esta mãe, desde o momento inicial no estudo, considerava importante a mãe incentivar a independência do filho, aspecto que permaneceu ao longo do primeiro ano do bebê.

Frente ao apresentado, pode-se ressaltar que as mães se permitiram, aos 12 meses dos bebês, desejar que eles tivessem alguns momentos sem solicitá-las, o que remetia a uma necessidade de maior independência em relação aos bebês. Elas aceitavam o desligamento gradual de seus filhos e, inclusive, os estimulavam em suas conquistas e explorações, características que indicam um laço afetivo saudável entre mãe e bebê (Mahler et.al., 1977). As mães mostravam capacidade de disponibilidade emocional para seus bebês, lhes atendendo de acordo com suas necessidades (Mahler et.al., 1977). A exceção pareceu ser Martha que, por procurar incentivar o filho na independência, não o atendia assim que era solicitada, de modo que pareceu ser um comportamento ainda não suportável por parte do bebê, que se desorganizava emocionalmente através do choro.

Já nos reencontros frente às separações momentâneas, os bebês tendiam a se acalmar em suas solicitações pela presença materna assim que encontravam as mães ou mantinham interação com elas. Já as mães costumavam interagir com os filhos no sentido de atender a necessidade solicitada. Mahler et.al. (1977) ressaltaram que no momento em que os bebês

tomam consciência da ausência da mãe do local em que estão, ocorre um fenômeno chamado *baixa geral na atividade*, sendo que os bebês parecem ficar mais lentos em sua exploração, assim como perdem o interesse no ambiente ao redor. No entanto, esse estado de *baixa geral na atividade* cessaria assim que a mãe voltasse a se unir ao bebê, ao demonstrar disponibilidade em atender suas necessidades. No presente estudo, percebeu-se que o interesse dos bebês pela exploração do ambiente retornava assim que as mães voltavam a ficar disponível.

De maneira geral, os dados sugerem a vivência positiva da maternidade aos 12 meses dos filhos, apesar das dificuldades inerentes a esse momento. Pode-se destacar que os bebês apresentavam comportamentos mais independentes em relação à figura materna, mas isso não significava que eles não necessitavam de sua presença e ajuda para seguir em suas explorações. Como ressaltaram Mahler et.al. (1977), o reabastecimento emocional é vital nesse período, para que a exploração ocorra em limites cada vez maiores, aspecto que exige a presença de uma mãe afetiva e devotada ao seu bebê. Como apontou Winnicott (1966/1988), os bebês encontravam-se em uma fase de dependência relativa, em que mostravam avanços de independência em relação aos cuidadores, mas com constantes retornos a dependência. As capacidades locomotoras em expansão permitiram a exploração de um mundo cada vez mais distante da mãe, mas em conexão com esta, já que os bebês necessitavam de reabastecimento emocional para seguir cada vez mais longe (Mahler et.al., 1977). A impermeabilidade a frustração é, segundo Mahler et.al. (1977) outro fator que impulsiona os bebês na exploração do ambiente e permite às mães verem os bebês mais individualizados, mesmo que ainda dependentes. Esse aspecto se deu para todos os bebês, independente de frequentarem ou não a creche. No entanto, aos 12 meses, as mães cujos bebês não frequentaram a creche demonstraram a necessidade de se individualizarem mais dos filhos, no sentido de assumir atividades pessoais que, aos 6 meses dos bebês, não cogitavam, como retornar ao trabalho, aumentar as horas de atividades laborais ou ter tempo para cuidar da própria aparência. Isso permite pensar que o desenvolvimento natural do bebê rumo à individuação permitiu as mães desejarem uma maior individuação junto aos filhos. Isso também apareceu no relato das mães cujos bebês frequentaram a creche, mas não de forma tão explícita, sendo que elas já tinham como estabelecida uma intensa rotina de trabalho e longas horas diárias longe dos filhos. Vale ressaltar que o processo de separação-individuação ao longo do primeiro ano de vida se mostrou adequado em todos os bebês, independente de frequentarem ou não a creche. Isso

permite pensar que a relação afetiva entre mãe e bebê, assim como as características afetivas das educadoras e o respeito às particularidades de cada bebê permitiu que as educadoras se tornassem uma referência para os bebês, possibilitando o seguimento saudável do processo de separação-individuação, mesmo distante das mães. Da mesma forma, o tempo de qualidade que tinham com as mães possibilitava o reabastecimento emocional necessário para que eles seguissem satisfatoriamente em seu desenvolvimento.

Por fim, antes de encerrar a discussão do presente estudo, cabe destacar algumas limitações teóricas e metodológicas que podem ter afetado o presente estudo. Por exemplo, o conceito de *processo de separação-individuação* (Mahler et.al., 1977), que norteou o presente estudo não tem sido extensamente investigado e pouco tem se produzido em relação a essa temática nos últimos anos, o que pode ser explicado pela sofisticação desses conceitos, o que os torna difíceis de serem apreendidos.

Com relação aos aspectos metodológicos vale ressaltar que os indicadores do processo de separação-individuação mãe-bebê foram acessados a partir dos relatos maternos obtidos em entrevistas e que estão sujeitas as limitações inerentes a esse instrumento, particularmente quando de investiga conceitos com dimensões conscientes e inconscientes. Além disso, a estrutura de categorias de análise empregada pode não ter captado, de maneira expressiva, um fenômeno tão complexo, como já ressaltado acima.

O conceito de processo de separação-individuação mãe-bebê foi também investigado por Mahler et.al. (1977) através de entrevistas com as mães, mas ela também recorreu a extensas horas de observações semanais da interação mãe-bebê. Dessa forma, a inclusão de sessões de observação das interações mãe-bebê enriqueceria a compreensão desse objeto de estudo. Assim, sugere-se que os próximos estudos possam se valer de observações realizadas em um contexto conhecido para a mãe e o bebê, como o ambiente doméstico ou mesmo a creche.

Também cabe destacar que o presente estudo envolveu um estudo de caso coletivo e o delineamento longitudinal permitiu compreender o processo de separação-individuação e a relação mãe-bebê ao longo das subfases preconizadas por Mahler et.al. (1977), sendo os antecedentes do processo de separação-individuação e as duas primeiras subfases que acontecem até, por volta, do 12º mês de vida. No entanto sugere-se, para estudos futuros, a ampliação do número de participantes e do período do desenvolvimento infantil investigado para que, assim, se avance nas demais subfases do processo de separação-individuação, com o

objetivo de entender se a entrada na creche traria particularidades no momento da reaproximação (terceira subfase) e consolidação da individuação (quarta subfase). Da mesma forma, possibilitaria compreender qual o momento que as mães cujos bebês não frequentaram a creche ao longo do primeiro ano de vida, considerariam mais adequado para inserir o filho na educação infantil e os seus efeitos sobre a relação mãe-bebê.

Apesar dessas eventuais limitações é importante ressaltar que o presente estudo envolveu dois contextos distintos (o bebê frequentava ou não a creche), o que amplia os achados da literatura por considerar o contexto de cuidados alternativos permeando o processo de separação-indivuação mãe-bebê ao longo do primeiro ano de vida.

4.4. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo investigar eventuais diferenças no processo de separação-indivuação em mães e bebês que frequentaram ou não a creche ao longo do primeiro ano de vida. A expectativa inicial do estudo era de que os bebês que frequentaram a creche durante o primeiro ano de vida vivenciariam o processo de separação-indivuação com maior ansiedade quando comparado aos bebês que ficaram, prioritariamente, sob os cuidados maternos. Isso porque aqueles não tinham um cuidador exclusivo para atender suas demandas, bem como vivenciaram uma rotina de separações intensas em relação ao cuidador primário (mãe), ou seja, mais de oito horas diárias, antes de terem desenvolvido mecanismos psíquicos internos que lhes permitiriam sustentar a percepção da separação em relação à mãe. No entanto, poucas diferenças foram encontradas entre os casos, principalmente quando comparado os bebês que frequentaram ou não a creche, no que se referiu ao processo de separação-indivuação e as reações frente às separações prolongadas ou momentâneas e aos reencontros com a mãe ao longo desse período. Os bebês apresentavam aspectos do desenvolvimento que indicavam características típicas das subfases do processo de separação-indivuação investigadas.

No entanto, aspectos relacionados às próprias mães também se fizeram presentes de maneiras diversas entre os participantes, sendo possível constatar maior preocupação e ansiedade frente às separações prolongadas entre mãe-bebê, no 6º mês, naquelas mães cujos bebês não frequentaram a creche e ficaram sob seus cuidados a maior parte do tempo diário. No entanto, à medida que os bebês foram se aproximando do 12º mês de vida e mostraram maior capacidade de individuação e independência em relação às mães, elas passaram a

desejar o estabelecimento de uma rotina mais individualizada em relação aos seus bebês. Tal aspecto não se apresentou de forma intensa nas mães cujos bebês frequentaram a creche, já que elas tinham estruturada uma rotina de separações diárias e prolongadas em relação aos seus filhos desde os 6 meses de idade, momento em que elas retornaram ao trabalho e eles ingressaram na creche. Pode-se destacar que a entrada do bebê na creche pode ter proporcionado a separação e individuação mãe-bebê em um momento anterior ao bebê demonstrar estar capacitado para uma maior independência, fato que não ocorreu com as mães e bebês que não frequentaram a creche. No entanto, tal aspecto não se apresentou, até os 12 meses, como colocando dificuldades ao processo de separação-indivuação da mãe e seu bebê. Inclusive as mães destacaram as características afetivas das educadoras no período de adaptação e ao longo dos seis meses de frequência dos bebês a instituição de educação infantil. Com isso, pode-se pensar que a creche ofereceu aos bebês os cuidados afetivos e atendimentos necessários para que eles pudessem, mesmo distante das mães, seguir de maneira satisfatória no seu processo de separação-indivuação. Com tudo isso, pode-se destacar que o presente estudo sugere que o processo de separação-indivuação da mãe ocorre em íntima conexão ao que se passa com o bebê, seja através de uma influência externa, como a entrada na creche, seja através do processo natural de individuação do bebê.

Sem dúvida, o processo de separação-indivuação envolve o mundo psíquico não só do bebê, mas também de sua mãe que percebe a crescente necessidade de se autorizar a se individualizar do filho à medida que ele apresenta maior capacidade para a independência (Colarusso, 1990). No entanto, como visto, nem sempre os momentos e separações ocorrem à medida que a mãe e o bebê mostram-se preparados em termos de desenvolvimento emocional, mas sim a partir de uma necessidade imposta, como o retorno ao trabalho em período integral e a entrada do bebê na creche. Apesar de os bebês terem apresentado desenvolvimento satisfatório independente da entrada ou não na creche, espera-se que esse estudo possa contribuir para um melhor entendimento dos aspectos que envolvem a mãe e o bebê nesse processo, de modo que as educadoras na creche ampliem o entendimento da sua enorme importância afetiva junto aos bebês e mesmo para suas mães.

Por fim, os achados do presente estudo permitem apontar para eventuais implicações clínicas no que se refere ao processo de separação-indivuação e para a relação mãe-bebê. Nos casos investigados no presente estudo pode-se perceber que as mães e os bebês possuíam certa estabilidade emocional e apoio social, o que contribuía para um desenvolvimento

emocional satisfatório do bebê. No entanto é plausível se pensar que em situações envolvendo quadros clínicos maternos (ex: depressão) ou do bebê (ex: prematuridade) o processo de separação-individuação mãe-bebê pode se dar de forma mais complicada. Nesse sentido, vale ressaltar a importância de novos estudos avançarem investigando essas diferentes situações do desenvolvimento e ressaltar o expressivo papel que não só a mãe, mas também a creche pode ter para o desenvolvimento de um processo de separação-individuação saudável entre a mãe e o bebê.

REFERÊNCIAS

- Albers, E.M., Riksen-Walraven, M., & Weerth, C. (2010). Developmental stimulation in child care centers contributes to young infants' cognitive development. *Infant Behavior & Development*, (33), 401-408.
- Amorim, K.S., Vitoria, T., & Rossetti-Ferreira, M.C. (2000). Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. *Cadernos de Pesquisa*, (109), 115-144.
- Andenaes, A. (2011). Chains of care: Organising the everyday life of young children attending day care. *Nordic Psychology*, 63(2), 49-67.
- Andersson, B-E. (2003). Cuidados não parentais e seu impacto sobre crianças desde o nascimento até 2 anos de idade. Comentários sobre Belsky, Howes e Owen. In: R.E. Tremblay, M. Boivin, & R.D.V. Peters (Eds.), *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância [on-line]* (pp. 1-5). Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/AnderssonPRTxp1.pdf>.
- Anjos, A.M., Amorim, K.S., Vasconcelos, C.R.F.E., & Rossetti-Ferreira, M.C. (2004). Interações de bebês em creche. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 513-522.
- Baltieri, L., Santos, D.C.C., Gibim, N.C., Souza, C.T., Batistela, A.C.T., & Tolocka, R.E. (2010). Desempenho motor de lactentes frequentadores de berçários em creches públicas. *Revista Paulista de Pediatria*, 28(3), 283-289.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70 LDA.
- Bayley, N. (2006). *Bayley Scales of Infant and Toddler Development – Third Edition*, Administration Manual. San Antonio, TX: The Psychological Corporation.
- Belsky, J. (2003). Child care and its impact on young children. In: R.E. Tremblay, M. Boivin, R.D.V. Peters, & R.G. Barr (Eds.). *Encyclopedia on Early Childhood Development [online]* (pp. 1-7). Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. Disponível em: http://www.child-encyclopedia.com/documents/BelskyAN Gxp3-Child_care.pdf.
- Belsky, J. (2009). Early day care and infant-mother attachment security. In: R.E. Tremblay, R.G. Barr, & R.D.V. Peters (Eds.), *Encyclopedia on Early Childhood Development [online]* (pp. 1-6). Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. Disponível em: <http://www.child-encyclopedia.com/documents/BelskyAN Gxp-Attachment.pdf>.

- Bellini, L. (2008). *A vivência materna do processo de separação-individuação mãe-bebê no primeiro ano de vida até a entrada na educação infantil*. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bernardino, L.F. & Kamers, M. (2003). A creche e o brincar: alternativas para a educação no primeiro ano de vida. *Estilos da Clínica*, 8(15), 48-57.
- Beteli, V.C. (2006). *Acompanhamento do desenvolvimento infantil em creches*. (Dissertação de mestrado). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bhering, E., & De Nez, T.B. (2002). Envolvimento de Pais em Creche: Possibilidades e Dificuldades de Parceria. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 63-73.
- Blos, P. (1996). *Transição adolescente: Questões desenvolvimentais*. Trad. M.R. Hofmeister. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Blum, H.P. (2004). Separation-individuation theory and attachment theory. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 52(2), 535-553.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (2006). *Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil, Vol. I*. Brasília.
- Brazelton, T.B.. (1987). A psiquiatria do bebê: uma introdução. In: T.B. Brazelton; B. Cramer; L. Kreisler; R. Schappi, & M. Soulé, *A dinâmica do bebê* (pp. 5-30). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bressani, M.C.L. (2006). *A comunicação na interação bebê-educadora nos primeiros dois anos de vida*. (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Carvalho, A.M.O.T. (2005). Pais na creche: a arte do diálogo entre educadores e família. *Educação & Sociedade*, 26(91), 689-693.
- Carvalho, M.T.V. (2002). Bebês em creche: uma realidade possível. *Pediatria Moderna*, 38(1/2), 40-42.
- Colarusso, C.A. (1990). The third individuation: The effect of biological parenthood on separation-individuation processes in adulthood. *Psychoanalytical Study of the Child*, 45, 179-194.
- Colarusso, C.A. (1998). Separation-Individuation Processes in Middle Adulthood : The Fourth Individuation. *J Korean Psychoanalytic Study Group*, 9 (2), 229-246.

- Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução CFP N° 16 de 20 de dezembro de 2000*. Disponível em: http://www.crpasp.org.br/portal/orientacao/resolucoes_cfp/fr_cfp_016-00.aspx
- Conselho Nacional de Saúde (1996). *Resolução N° 196 de 10 de outubro de 1996*. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm
- Dias, I.S. (2010). *A relação educadora-bebê: laços possíveis* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Didonet, V. (2001). Creche: a que veio...Para onde vai. *Em aberto*, 18(73), 11-27.
- Erikson, E. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Original publicado em 1968).
- Ferreira, G.V. (2007). *O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos* (Monografia de especialização). Programa de Especialização em Psicologia Clínica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Flach, F. (2006) *Educação infantil: a educação e o cuidado enquanto espaços de subjetivação* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Haavind, H. (2011). Loving and caring for small children: Contested issues for everyday practices. *Nordic Psychology*, 63(2), 24-48.
- Howes, C. (2003). O impacto de cuidados não parentais sobre crianças pequenas (do nascimento até 2 anos de idade). In: R.E. Tremblay, M. Boivin, R.D.V. Peters, & R.G. Barr (Eds.), *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância [on-line]* (pp.1-4). Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/HowesPRTxp1.pdf>.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Lopes, R. C. S., Alfaya, C., Machado, C. V., & Piccinini, C. A. (2005). “No início eu saía com o coração partido...”: as primeiras situações de separação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3), 26–35.
- Lopes, R. de C. S., Oliveira, D.S., Vivian, A.G., Bohmgahren, L.M.C., Piccinini, C. A., & Tudge, J. (2007). Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança aos 12 meses: convivendo com as novas aquisições infantis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 5-16.

- Lordelo, E.R., & Carvalho, A.M.A. (1998). Creche como contexto de desenvolvimento: parcerias adulto-criança e criança-criança. *Temas em Psicologia*, 6(2), 117-124.
- Lordelo, E.R., Chalhub, A.A., Guirra, R.C., & Carvalho, C.S. (2007). Contexto e desenvolvimento cognitivo: frequência à creche e evolução do desenvolvimento mental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 324-334.
- Lyons-Ruth, K. (1991). Rapprochement or Approachment: Mahler's Theory Reconsidered From the Vantage Point of Recent Research on Early Attachment Relationships. *Psychoanalytic Psychology*, 8(1), 1-23.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Mahler, M., Pine, F., & Bergman, A. (1977). *O nascimento psicológico da criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Original publicado em 1975).
- Majorano, M., Cigala, A., & Corsano, P. (2009). Adults' and Children's Language in Different Situational Contexts in Italian Nursery and Infant Schools. *Child Care in Practice*, 15(4), 279-297.
- Maranhão, D.G., & Sarti, C.A. (2007). Cuidado compartilhado: negociações entre famílias e profissionais em uma creche. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 11(22), 257-270.
- Maranhão, D.G., & Sarti, C.A. (2008). Creche e família: uma parceria necessária. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 171-194.
- Mariotto, R.M.M. (2009). *Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo. Escuta.
- McCartney, K. (2004). Situação atual da pesquisa sobre efeitos de cuidados não parentais. In: R.E. Tremblay, M. Boivin, & R.D.V. Peters (Eds.), *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância [on-line]* (pp. 1-5). Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/McCartneyPRTxp1.pdf>.
- Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira–MEC/INEP (2010). *Resumo Técnico-Censo Escolar 2010* (pp.1-42). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16179.
- Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica – MEC/SEB (2009). Indicadores da qualidade na educação infantil (pp.1-69). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/indic_qualit_educ_infantil.pdf.

- Murta, A.M.G., Lessa, A.C., Santos, A.S., Murta, N.M.G., & Cambraia, R.P. (2011). Cognição, motricidade, autocuidados, linguagem e socialização no desenvolvimento de crianças em creche. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(2), 220-229.
- National Institute of Child Health and Human Development [NICHD] Early Child Care Research Network (2000). The Relation of Child Care to Cognitive and Language Development. *Child Development*, 71(4), 960-980.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2008). *Questionário sobre redes de apoio social e escala de apoio social*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011a). *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (grupo não creche)*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011b). *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (grupo creche UFRGS)*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011c). *Ficha de dados demográficos da família*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011d). *Entrevista sobre a experiência da maternidade*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011e). *Entrevista sobre os momentos de separações mãe-bebê – 6º mês*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011f). *Entrevista sobre a adaptação do bebê à creche- versão mãe*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011g). *Entrevista sobre a experiência da maternidade – 12º. Mês*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011h). *Entrevista sobre os momentos de separações mãe-bebê – 12º mês*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.

- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011i). *Ficha de contato inicial*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011j). *Questionário sobre o desenvolvimento do bebê - 6º mês*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011k). *Observação da interação mãe-bebê*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI – NUDIF/CRESCI (2011l). *Questionário sobre o desenvolvimento do bebê - 12º mês*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.
- Owen, M.T. (2004). Child care and the development of young children (0-2). In: R.E. Tremblay, M. Boivin, R.D.V. Peters, & R.G. Barr (Eds.), *Encyclopedia on Early Childhood Development [online]* (pp. 1-8). Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. Disponível em: <http://www.child-encyclopedia.com/documents/OwenANGxp2.pdf>.
- Pantalena, E.S. (2010). *O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Piccinini, C.A., Becker, S.M. S.; Martins, G.D.F.; Lopes, R.C.S.; & Sperb, T.M. (2010). *O impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança*. Projeto de pesquisa não publicado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ramos, D.D. (2010). *Interação adulto-criança em creches públicas: estilos lingüísticos*. (Dissertação de mestrado). Departamento de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Rapoport, A. (1999). *Adaptação de bebês à creche: O ingresso no primeiro ou segundo semestre de vida*. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2001). O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 81-95.
- Rapoport, A., & Piccinini, C.A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 497-503.

- Rezende, M.A.; Beteli, V.C.; Santos, J.L.F. (2005). Follow-up of the child's motor abilities in day-care centers and pre-schools. *Revista Latinoamericana de enfermagem*, 13(5), 619-625.
- Rossetti-Ferreira, M.C., Amorim, K.S., & Oliveira, Z.M.R. (2009). Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. *Psicologia USP*, 20(3), 437-464.
- Roudinesco, E. Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Trad. V. Ribeiro; L. Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar.
- Santos, F.M.S., & Moura, M.L.S. (2002). A relação mãe-bebê e o processo de entrada na creche: esboços de uma perspectiva sociocultural. *Psicologia: ciência e profissão*, 22(2), 88-97.
- Schmitt, R.V. (2008). "*Mas eu não falo a língua deles!*": as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Sestini, A.E. (2008). *Interação social e comunicação na primeira infância*. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Stake, R.E. (1994). Case studies. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. New York: Sage Publications.
- Vitória, T., & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). Processos de adaptação na creche. *Cadernos de Pesquisa*, 86, 55-64.
- Winnicott, D.W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D.W. Winnicott (Ed.), *O brincar e a realidade* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1953).
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971).
- Winnicott, D.W. (1988). A mãe dedicada comum. In: D.W. Winnicott (Ed.), *Os bebês e suas mães* (pp.1-11). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966).
- Winnicott, D.W. (1988). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D.W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In: D.W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise* (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1945).
- Winnicott, D.W. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D.W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise* (pp. 316-331). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1951).

Winnicott, D.W. (2000). A preocupação materna primária. In: D.W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956).

Winnicott, D.W. (2000). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1958).

ANEXO A

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Programa de Pós-graduação em Psicologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (grupo não creche)

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada(o), de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos de coleta dos dados do presente projeto de pesquisa que tem como objetivo acompanhar durante doze meses o desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo de bebês que frequentam e não frequentam creche. A pesquisa envolverá três fases de coletas de dados: a primeira, será realizada entre os 6 e 11 meses de idade do bebê; a segunda, 6 meses após a primeira coleta; e a terceira, 12 meses após a primeira coleta. Em cada um desses momentos, as mães serão convidadas a responder entrevistas e seus bebês serão avaliados através de uma escala de desenvolvimento. Além disso, a interação mãe-bebê será filmada na Sala de Brinquedos do Instituto de Psicologia. O local das entrevistas, número de encontros e a sua duração serão combinadas entre pesquisadores e participantes, levando em consideração o melhor interesse dos mesmos. Esses procedimentos poderão ser realizados tanto no Instituto de Psicologia – situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600 – como na própria residência das participantes se assim o preferirem. A coleta de dados será organizada de modo a evitar custos aos participantes. No entanto, quando necessário, será oferecido auxílio para transporte e alimentação.

Acredita-se que as entrevistas permitirão aos participantes refletirem acerca de suas vivências e sentimentos nesse momento do desenvolvimento do filho e que isso poderá trazer algum benefício para eles. No entanto, visto que serão abordadas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, os participantes poderão ser encaminhados à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, se assim o desejarem.

Tenho o conhecimento de que receberei a resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Poderei obter tais esclarecimentos com a equipe de pesquisa ou com o Comitê de Ética do Instituto de Psicologia pelo fone 3308-5698. Minha participação é voluntária e terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo ao atendimento prestado a meu filho(a) nesta instituição.

Entendo que não serei identificada(o) e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas a minha privacidade. Tenho ciência de que uma via deste documento será fornecida a mim.

Eu, _____, concordo em participar deste estudo, e concordo também com a participação de meu filho(a) _____.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são o Prof. Cesar Piccinini e as doutorandas Scheila Becker e Gabriela Martins, que poderão ser contatados pelo Tel: 3308-5058 e e-mail: cresci.ufrgs@gmail.com. Endereço para contato: Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Bairro Santa Cecília - Porto Alegre.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura da(o) Participante

Data: ___ / ___ / ____

ANEXO B

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Programa de Pós-graduação em Psicologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (grupo da creche UFRGS)

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada(o), de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos de coleta dos dados do presente projeto de pesquisa que tem como objetivo acompanhar durante doze meses o desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo de bebês que frequentam e não frequentam creche. A pesquisa envolverá três fases de coletas de dados: ingresso do bebê na creche, seis meses e doze meses após o ingresso na creche. Em cada um desses momentos, as mães serão convidadas a responder entrevistas e seus bebês serão avaliados através de uma escala de desenvolvimento. Além disso, a interação mãe-bebê será filmada na Sala de Brinquedos do Instituto de Psicologia. O local das entrevistas, número de encontros e a sua duração serão combinados entre pesquisadores e participantes, levando em consideração o melhor interesse dos mesmos. Esses procedimentos poderão ser realizados tanto no Instituto de Psicologia – situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600 – como na própria residência das participantes ou na creche do bebê se assim o preferirem. A coleta de dados será organizada de modo a evitar custos aos participantes. No entanto, quando necessário, será oferecido auxílio para transporte e alimentação.

Acredita-se que as entrevistas permitirão aos participantes refletirem acerca de suas vivências e sentimentos nesse momento do desenvolvimento do filho e que isso poderá trazer algum benefício para eles. No entanto, visto que serão abordadas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, os participantes poderão ser encaminhados à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, se assim o desejarem.

Tenho o conhecimento de que receberei a resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Poderei obter tais esclarecimentos com a equipe de pesquisa ou com o Comitê de Ética do Instituto de Psicologia pelo fone 3308-5698. Minha participação é voluntária e terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo ao atendimento prestado a meu filho(a) nesta instituição.

Entendo que não serei identificada(o) e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas a minha privacidade. Tenho ciência de que uma via deste documento será fornecida a mim.

Eu, _____, concordo em participar deste estudo, e concordo também com a participação de meu filho(a) _____.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são o Prof. Cesar Piccinini e as doutorandas Scheila Becker e Gabriela Martins, que poderão ser contatados pelo Tel: 3308-5058 e e-mail: cresci.ufrgs@gmail.com. Endereço para contato: Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Bairro Santa Cecília - Porto Alegre.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura da(o) Participante

Data: ___ / ___ / ____

ANEXO C

FICHA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DA FAMÍLIA (NUDIF /CRESCI, 2011)¹

I. Eu gostaria de algumas informações sobre você e o teu companheiro:

Mãe do bebê (Cód. identificação):.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):

- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não

- Local de nascimento?

- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio)

Município:

- Estado Civil: () casada; () solteira; () separada; () viúva; () com companheiro

- Número de filhos teus: Enteados:

- Filhos teus com atual companheiro (incluir sexo – M ou F e idade)

Vive junto: Não vive junto:

- Filhos teus com outro companheiro (incluir sexo – M ou F e idade)

Vive junto: Não vive junto:

- Moras com o pai do bebê? sim () não () Se sim: Desde quando?

- Quem mais mora na casa? (incluir parentesco e idade)

.....

- Número total de pessoas que moram na casa:

- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada

- O que tu fazes (ias)?..... Horas/dia: Dias/semana:

- Não trabalha há meses

- Salário:

- Qual a renda familiar mensal (aprox.)?

- Moradia: própria () alugada () outro ()

Companheiro (Cód. identificação):.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):

- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não

- Local de nascimento?

- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio)

Município:

- Filhos do companheiro com outra mulher (incluir sexo – M ou F e idade)

Vive junto: Não vive junto:

- Trabalha fora? () sim () não () desempregado

- O que faz (ia)?..... Horas/dia: Dias/semana:
- Não trabalha há meses
Salário:.....

Bebê

- Idade gestacional (em semanas):.....
- Peso ao nascer:.....

Informações do pai do bebê (se ele não for o companheiro e for presente)

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):
- Local de nascimento?
- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio)
Município:
- Possui outros filhos? (incluir sexo – M ou F e idade):.....
- Trabalha fora? () sim () não () desempregado
- O que faz (ia)?..... Horas/dia: Dias/semana:
- Não trabalha há meses

II. Eu gostaria agora, de algumas informações sobre a tua moradia.²

- Possui Televisores (em cores)? Sim () Quantos? Não ()
- Possui Rádio (qualquer um, menos de automóvel)? Sim () Quantos? Não ()
- Possui Banheiro (definidos pela existência de vaso sanitário e privativos do domicílio)?
Sim () Quantos? Não ()
- Possui Automóvel (carro ou moto) (não táxi, vans ou pick-ups usados para atividades profissionais)?
Sim () Quantos? Não ()
- Possui Empregada doméstica (apenas mensalistas, que trabalham pelo menos 5 dias por semana)?
Sim () Quantas? Não ()
- Possui Máquina de Lavar (automáticas e/ou semi-automáticas)? Sim () Quantas? Não ()
- Possui Videocassete e/ou DVD (qualquer tipo)? Sim () Quantos? Não ()
- Possui Geladeira? Sim () Quantos? Não ()
- Possui Freezer? Sim () Quantos? Não ()

Para uso do pesquisador:

Creche:
Local de aplicação:
Data da Coleta:
Responsável:

¹NUDIF, 2010 adaptada de NUDIF – 2009 (Projeto PREPAR)

² Ítem derivado do Critério de Classificação Econômica Brasil, da ABEP, 2009.

ANEXO D

ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE - 6º MÊS (NUDIF/CRESCI, 2011)

I. Eu gostaria que tu me falasse sobre a gravidez.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Esta foi a tua primeira gravidez? Foi uma gravidez planejada?
2. Como te sentiste ao receber a notícia da gravidez?
3. Como o teu companheiro recebeu a notícia da gravidez?
4. Como te sentiste durante a gravidez em termos físicos e emocionais?
Houve alguma complicação durante a gravidez? Como foi?
5. Que preocupações tu tinhas em relação a ti como mãe durante a gravidez?
6. Que tipo de mãe tu achavas que serias?
7. Que preocupações tu tinhas em relação ao bebê durante a gravidez?
8. Como tu imaginavas que o bebê seria? Como tu imaginavas que seria o teu relacionamento com ele?
9. E o teu companheiro? Ele te apoiou durante a gravidez? Como (o que ele fazia)? Como tu te sentiste com isto?
10. Alguma coisa mudou no jeito de ser dele com a gravidez?
11. Alguma coisa mudou no relacionamento de vocês com a gravidez?

II. Eu gostaria que tu me falasse sobre o parto e os primeiros dias com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como foi o parto? Foi normal ou cesariana? Houve alguma complicação? Como tu te sentiste?
2. Alguém te acompanhou no momento do parto?
3. Como foi o teu primeiro encontro com o bebê após o parto? Como tu te sentiste? Ele era como tu imaginavas?
4. E os primeiros dias após o parto? Foi como tu imaginavas? O que te agradou e desagradou?
5. Que preocupações tu tiveste em relação ao bebê nesses primeiros dias?
6. Tu lembras de alguém que te ajudou nos primeiros dias após o nascimento? *(em caso afirmativo):* Quem foi? E que tipo de ajuda ofereceu? Como tu te sentiste?
7. E o teu companheiro? Ele te apoiou nesses primeiros dias do bebê? Como (o que ele fazia)? Como tu te sentiste com isto?

III. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Tu imaginavas que seria assim?
2. Como tu estás te sentindo como mãe neste momento?
3. Tu estás tendo alguma dificuldade?
4. Como tu te descreverias como mãe? Tu pensas em alguém como modelo de mãe? Quem seria?
5. Como ela é/era como mãe?
6. Tu evitas algum modelo de mãe que tu já conheceste?
7. E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo? O que tu lembras?
8. O teu jeito de cuidar do/a *(nome)* é parecido ou diferente do dela?
9. E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo? O que tu lembras?
10. O teu jeito de cuidar do/a *(nome)* é parecido ou diferente do dele?

IV. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o teu companheiro como pai.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como é o jeito dele lidar com o bebê?
 2. Como tu achas que ele está sendo como pai? Esta sendo como tu imaginavas?
 3. Ele te ajuda nos cuidados com o bebê? Te sentes satisfeita com essa ajuda?
- Caso as respostas da mãe às perguntas anteriores sejam negativas, fazer as seguintes perguntas:*

- Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados com o bebê?
 - Como é para ti pedir essa ajuda?
4. Como imaginas que ele te vê como mãe?

V. Eu gostaria que tu me falasse sobre o dia-a-dia do bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. De maneira geral, que atividades tu consideras importantes para um bebê no dia a dia?
2. Pensando agora na rotina do teu filho(a), tu poderias me descrever como é a rotina e me contar com quem ele fica e o que ele faz durante o período da manhã, da tarde e da noite?

Questões a serem exploradas:

- a) *Qual a hora que o bebê acorda e vai dormir?*
 - b) *Quem são as pessoas que cuidam do bebê neste período (se for babá, caracterizar idade, experiência com bebês)?*
 - c) *Quantas horas essas pessoas passam com o bebê?*
 - d) *Quais as atividades que estas pessoas fazem com o bebê (explorar cada atividade mencionada com detalhes)?*
 - e) *Como o bebê reage quando está com essas pessoas?*
 - f) *Você percebeu alguma mudança no comportamento do bebê desde que passou a ficar com essa pessoa?*
3. A rotina do bebê muda no final de semana? Se muda, tu poderias me contar como é a rotina dele neste período? *(Explorar mesmos tópicos da questão anterior)*
4. Pensando agora nas tarefas que tu tens assumido com relação ao bebê:
- a) *Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?*
 - b) *Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?*
5. O que tu achas que mais agrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
6. E tem alguma coisa que desagrada? Se sim, por que isso acontece?

VI. Por fim, vamos conversar sobre a decisão de colocar (ou não) o bebê na creche:

(Se bebê vai para a creche)

1. Por que vocês escolheram colocar o bebê na creche?
2. Como foi tomada essa decisão?
3. Por que escolheram colocá-lo nesta creche em específico?
4. Como tu te sentes por colocar o filho(a) na creche?
5. Que expectativas tu tens com a entrada do bebê na creche?
6. E quanto à adaptação do bebê? Como tu imaginas que será?

(Se bebê não vai para a creche)

1. Porque vocês decidiram não colocar o bebê na creche?
2. Alguém te ajuda a cuidar do bebê?
3. O que levaram em conta ao decidirem por esse tipo de cuidado (ex. proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc)?
4. *(Se alguém ajuda a mãe a cuidar do bebê)* Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do/a (nome)? O que te agrada? O que te incomoda?
5. Vocês pensam em colocar o seu filho(a) na creche? Em que momento? Por quê?

VII. Tu gostaria de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

Obs: Entrevista adaptada para o Projeto CRESCI por Scheila Becker, Gabriela Dal Forno Martins e Cesar Augusto Piccinini.

ANEXO E

ENTREVISTA SOBRE MOMENTOS DE SEPARAÇÕES MÃE-BEBÊ - 6º. MÊS (NUDIF/CRESCI, 2011)

I. Eu gostaria que tu me falasses sobre a primeira experiência de separação entre ti e o (nome).

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Tu lembras quando deixou o/a (nome), pela primeira vez, com outra pessoa?
2. Quantos meses ele/a tinha nessa ocasião?
3. Com quem ele/a ficou?
4. Quanto tempo tu ficaste ausente?
5. Como ele/a reagiu à separação?
6. E tu sabes como ele/a se comportou na tua ausência?
7. Como foi para ti esse momento de separação? Como tu te sentiste?
8. Como ele/a reagiu quando tu voltaste? Como tu te sentiste?
9. Depois desse primeiro momento de separação que tu me contaste:
 - *Alguma coisa mudou na reação do/a (nome) frente a outras separações?*
 - *E para ti, alguma coisa mudou?*

II. Eu gostaria que tu me falasses sobre outras ocasiões de separação entre ti e o/a (nome).

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

10. E agora que o/a (nome) está com _____ meses, como é para ti deixá-lo/a com outras pessoas?
11. Como tu costumavas agir no momento em que deixa o/a (nome) com essas pessoas (ex. dá tchau, tenta sair sem ele(a) ver, etc.)? O que tu fazes?
12. E como ele/a reage nesse momento? Como tu te sentes?
13. Tu sabes como ele/a se comporta na tua ausência? Como tu te sentes ao saber que ele/a se comportou dessa forma?
14. Como ele/a reage quando tu retornas e encontra ele/a novamente?
15. Como tu te sentes? O que tu fazes?

III. Eu gostaria que tu me falasses sobre as pessoas com quem o/a (nome) já ficou ou fica e como ele/a se comportou com cada uma.

16. Ele/a já ficou/a com:
 - O pai? Se sim, como ele/a reagiu/e? E tu como te sentiste/e?
 - Com algum parente? Se sim, com quem foi e como ele/a reagiu/e? E tu, como te sentiste?
 - Com a babá? Se sim, como ele/a reagiu/e? E tu, como te sentiste?
 - Na creche? Se sim, como ele/a reagiu/e com as educadoras? E tu, como te sentiste?
 - Com alguma outra pessoa? Se sim, com quem foi e como ele/a reagiu/e? E tu, como te sentiste?

IV. Eu gostaria que tu me falasses sobre os momentos em que tu divides a tua atenção entre os cuidados com o/a (nome) e outras atividades que tu fazes em casa, se afastando momentaneamente dele/a.

17. Como o/a (nome) reage quando tu te afastas?
18. Ele/a solicita a tua presença?
19. Como ele/a solicita a tua presença (ex. chora, vocaliza, vai até você)?
20. Com que frequência ele/a solicita a tua presença?
21. E quando vocês voltam a ficar juntos como ele/a reage? O que tu fazes? Como tu te sentes?

V. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

Entrevista elaborada por Tatiele Jacques Bossi e Cesar Piccinini para o Projeto CRESCI.

ANEXO F

ENTREVISTA SOBRE A ADAPTAÇÃO DO BEBÊ À CRECHE – VERSÃO MÃE (NUDIF/CRESCI, 2011)

I. Inicialmente eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está o(a) (nome) após a entrada na creche.

1. Depois que ele(a) entrou na creche você percebeu algumas mudanças no (nome)? Se sim, o que mudou?
2. (*Se não mencionou*) E como está o/a (ver lista abaixo) do (nome) após a entrada na creche?
 - a- Saúde: Mudou alguma coisa? (Repetir abaixo)
 - b- Sono:
 - c- Alimentação:
 - d- Nível de atividade física:
 - e- Humor:
 - f- Choro:
 - g- Vocalizações:
 - h- Brincadeiras:
 - i- Capacidade de prestar atenção a objetos/brinquedos.
3. Em relação às mudanças observadas (ou não) no bebê após o ingresso na creche, era como tu imaginavas?

II. Gostaria que você me falasse um pouco sobre o processo de adaptação do (nome) na creche.

1. Como foram os primeiros dias?
2. Como vocês foram recebidos na creche?
3. O que você mais gostou?
4. O que te desagradou? Você acha que algo poderia ter sido diferente?
5. Como está a adaptação do (nome) na creche?
6. O que você acha que facilitou o processo de adaptação do (nome)?
7. E o que você acha que dificultou?
8. Você acha que seu filho está adaptado à creche?
 - *Se sim*, por quê você acha isso?
 - *Se não*, o que você acha que ainda é preciso?
9. Em relação ao processo de adaptação, era como tu imaginavas?

III. Agora gostaria que tu me falasse sobre o relacionamento do(a) (nome) com as pessoas depois que entrou na creche.

1. Como ele(a) tem interagido contigo depois que entrou na creche? Algo mudou? Se sim, o quê?
2. E com o pai dele? Algo mudou? Se sim, o quê?
(*Caso tenha irmãos*) Como ele tem interagido com o(s) irmão(s)? Algo mudou? Se sim, o quê?
3. E com outros familiares? Algo mudou? Se sim, o quê?
4. E como ele tem interagido com pessoas estranhas? Você nota se algo mudou? Se sim, o quê?

IV. Agora gostaria que você falasse sobre como vocês estão se sentindo com a ida do(a) (nome) à creche.

1. Você percebe alguma mudança na família depois que a/o (nome) entrou na creche?
2. Como tu estás te sentindo com a ida do seu filho à creche?
3. Mudou algo no teu dia a dia? O quê?
4. E como o teu marido está se sentindo? Mudou algo no dia a dia dele?
(*Caso tenha irmão*) E o(s) irmão(s) dele(a) como está se sentindo? Ele comenta algo?
5. Você percebe alguma mudança no relacionamento com teu companheiro depois que a/o (nome) entrou na creche?

V. Para finalizar eu gostaria que me falasse sobre outros eventos que aconteceram nesse período de entrada do (nome) na creche.

1. Aconteceu algum evento estressante para a família nestes últimos meses?
2. Você poderia me contar como foi?
3. Este(s) evento(s) interferiu na adaptação do bebê à creche? De que maneira?

Obs: Participaram da elaboração dessa entrevista Scheila Becker, Gabriela Martins e Cesar Piccinini.

ANEXO G

ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE - 12º. MÊS (NUDIF/CRESCI, 2011*)

I. Inicialmente eu gostaria que tu me falasses sobre o dia-a-dia do teu bebê

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Que atividades tu consideras importantes no dia-a-dia de um bebê aproximadamente na faixa etária de seu filho? *(o foco desta pergunta não está no filho da respondente, mas para qualquer bebê)*

2. Pensando agora na rotina do teu filho(a), tu poderias me descrever como é a rotina e me contar com quem ele fica e o que ele faz durante o período da manhã, da tarde e da noite?

Questões a serem exploradas:

a) *Qual a hora que o bebê acorda e vai dormir?*

b) *Quem são as pessoas que cuidam do bebê neste período? (se for babá, caracterizar idade, experiência com bebês)*

c) *Quantas horas essas pessoas passam com o bebê?*

d) *Quais as atividades que estas pessoas fazem com o bebê (explorar cada atividade mencionada com detalhes)?*

e) *Como o bebê reage quando está com essas pessoas?*

3. A rotina do bebê muda no final de semana? Se muda, tu poderias me contar como é a rotina dele neste período? *(Explorar mesmos tópicos da questão anterior)*

4. Pensando agora nas tarefas que tu tens assumido com relação ao bebê:

a) *Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?*

b) *Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?*

5. O que tu achas que mais agrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?

6. E tem alguma coisa que desagrada? Se sim, por quê isso acontece?

II. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como tu estás te sentindo como mãe neste momento?

2. Tu estás tendo alguma dificuldade?

3. Como tu te descreverias como mãe?

4. Neste momento, como tu achas que o teu companheiro está sendo como pai?

5. Como está o relacionamento com o teu companheiro desde a última vez que conversamos?

III. Eu gostaria de conversar contigo sobre algumas situações que acontecem no teu dia-a-dia com o (nome), em que ele faz coisas que te incomodam e que tu achas difícil de lidar. Todas as mães passam por esse tipo de situação com os filhos e muitas vezes é difícil encontrar o melhor jeito de lidar com isso.

1. Para algumas mães a hora da refeição é um momento difícil porque a criança se recusa a comer.

a) Tu já tiveste este problema com o (nome)? Como foi?

(Se já aconteceu): O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?

(Se não aconteceu): O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?

2. Outra situação comum entre as crianças é não querer vestir a roupa.

a) Tu já tiveste este problema com o (nome)? Como foi?

(Se já aconteceu): O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?

(Se não aconteceu): O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?

3. Às vezes já está na hora de sair de casa para algum compromisso (ex: casa de familiares, creche) e a criança não quer ir.

a) Tu já tiveste este problema com o (nome)? Como foi?

(Se já aconteceu): O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?

(Se não aconteceu): O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?

4. Uma outra situação difícil é quando a criança se recusa a dormir, quando já está na hora.

- a) Tu já tiveste este problema com o (nome)? Como foi?
 (Se já aconteceu): O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?
 (Se não aconteceu): O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?
5. Para algumas mães a hora do banho é um momento difícil porque a criança muitas vezes não quer tomar banho.
- a) Tu já tiveste este problema com o (nome)? Como foi?
 (Se já aconteceu): O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?
 (Se não aconteceu): O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?
6. Outro comportamento possível das crianças é ignorar o *não* que recebem da mãe. Por exemplo, a mãe pede para a criança não mexer em algum lugar, e ela continua.
- a) Tu já tiveste este problema com o (nome)? Como foi?
 (Se já aconteceu): O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?
 (Se não aconteceu): O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?
7. Além destas situações que mencionei, tem mais alguma que tu lembras e que tu achas difícil de lidar com o (nome). (Explorar conforme as questões anteriores. Caso seja necessário, utilize como exemplo dar remédio ou escovar os dentes)

IV. Agora, eu gostaria que tu me falasses sobre as outras pessoas que ajudam a cuidar do bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Nestes últimos seis meses, quantas pessoas diferentes ajudaram a cuidar do bebê? Essas pessoas mudaram ao longo do tempo? (não considerar as educadoras da creche)
 (Se os pais modificaram o tipo de cuidado alternativo - ex: trocaram/contrataram uma babá, colocaram o bebê na creche, passaram a deixar com a avó)
- a) Porque vocês optaram por esta mudança?
 b) O que levaram em conta para isto (ex. proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc)?
 c) Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (nome) quando ele passou a ser cuidado por esta(s) pessoa (s)?
 d) Mudou alguma coisa na tua relação com o bebê depois que ele passou a receber este tipo de cuidado?
2. Como tu avalias o cuidado que esta pessoa vem oferecendo ao teu bebê?
3. Como você se sente com esta (s) pessoa (s) cuidando do bebê? O que te agrada? O que te incomoda?
4. Tu achas que este tipo de cuidado tem acrescentado algo na vida do teu filho? O que?
5. Das habilidades que o bebê adquiriu nesses últimos seis meses, tu atribuis alguma delas a este tipo de cuidado?

(Se a criança vai para a creche)

V. Por fim, vamos conversar sobre como você avalia a creche do bebê:

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Tu achas que este tipo de cuidado tem acrescentado algo na vida do teu filho? O que?
2. Das habilidades que o bebê adquiriu nesses últimos seis meses, tu atribuis alguma delas a este tipo de cuidado?
3. Como tu avalias a creche que o bebê frequenta?
4. Tu poderias citar algumas características da creche que contribuem para sua avaliação?
5. O que tu mais gostas?
6. O que te desagrada? Tu achas que algo poderia ser diferente?
7. Como tu avalias a comunicação entre você e as educadoras?
8. Sobre o que vocês costumam conversar?
9. Os pais são convidados a participar de atividades na creche? Quais?
10. De quais tu participas? Como tu te sentes com tua participação na creche?

VI. Tu gostarias de acrescentar algo com relação ao desenvolvimento do bebê, além do que conversamos?

ANEXO H

ENTREVISTA SOBRE MOMENTOS DE SEPARAÇÕES MÃE-BEBÊ - 12º. MÊS (NUDIF/CRESCI, 2011)

I. Eu gostaria que tu me falasses sobre os momentos de separações entre ti e o/a (nome) agora que ele/a está com 12 meses. *(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. O/a (nome) aceita outros adultos familiares/conhecidos como substitutos seus?
2. Com quais pessoas ele/a já ficou desde a última vez que nos vimos (babá, educadoras, pai, tias, avós)?
3. Como é para ti deixá-lo/a com essas pessoas?
4. Como tu costumavas agir no momento que deixa o/a (nome) com essas pessoas (dá tchau, sai sem ser vista, etc.)? O que tu fazes?
5. E como o/a (nome) reage nesse momento? Como tu te sentes?
6. Tu sabes como ele/a se comporta na tua ausência?
7. Como o/a (nome) reage quando tu retornar e encontra ele/a novamente?
8. Como tu te sentes? O que tu fazes?
9. Tu percebeste alguma mudança na reação do/a (nome) frente às separações desde a última vez que nos vimos? E para ti, alguma coisa mudou?

II. Eu gostaria que tu me falasses sobre alguns comportamentos do/a (nome) agora que ele/a está com 12 meses.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

10. Tu percebeste se o/a (nome) tem tido necessidade de ter um paninho ou outro objeto perto de si (caso o bebê não utilizasse o objeto aos 6 meses)? Se sim, em que momentos ele/a o utiliza?
11. Tu percebeste se ele tem se apegado de maneira mais ou menos intensa a esse objeto desde a última vez que nos vimos (caso o bebê já utilizasse o objeto aos 6 meses)? Em que momentos ele/a tem o utilizado?
12. Tu tens notado se o/a (nome) está mais independente de ti? Como tu notas isso?
13. Como tu te sentes com essa maior (ou não) independência dele/a?
14. Tu notas se o/a (nome) demonstra prazer nas atividades que realiza de forma independente? Como tu te sentes com isso?
15. Como o/a (nome) tem reagido a frustrações como batidas, quedas ou ter um brinquedo retirado? Como você se sente e reage nesses momentos?
16. E o/a (nome) consegue explorar objetos, brinquedos e pessoas quando tu estás próxima dele/a?
17. E você sabe se ele/a mantém esse comportamento quando tu não está próxima/disponível a ele/a naquele momento?
18. Tu notas se o/a (nome) necessita retornar a ti e manter contato físico entre uma brincadeira e outra? O que ele/a faz? E tu, como te sentes com isso?
19. E tu necessitas manter contato físico com o/a (nome) quando ele/a está concentrado/a em uma atividade parecendo esquecê-la momentaneamente?
20. O que tu fazes? Como tu te sentes? Como o/a (nome) reage?
21. Como tu te sentes ao perceber que o/a (nome) já consegue distanciar-se fisicamente de ti?
22. Como tu reages? Como o/a (nome) reage?

III. Eu gostaria que tu me falasses sobre os momentos em que tu divides a tu atenção entre os cuidados com o/a (nome) e outras atividades que tu fazes em casa, afastando-se momentaneamente dele/a.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

23. Como o/a (nome) reage quando tu te afastas?
24. Ele solicita a sua presença? Como ele solicita a sua presença (ex. chora, vocaliza, vai até você)?
25. Com que frequência ele solicita a tu presença?
26. E quando vocês voltam a ficar juntos, como ele/a reage? O que tu fazes? Como tu te sentes?

IV. Você gostaria de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

ANEXO I



Instituto de Psicologia

Rua Ramiro Barcelos, 2600 - CIP 91035-003 Porto Alegre RS Tel.: Fax (051) 3316-5066

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO NUMERO: 25000.089325/2006-58

PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 2010070

Título do Projeto:

Impacto da creche no desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança.

Pesquisador(es):

Cesar Augusto Piccinini – Pesquisadora Responsável
Rita de Cassia Sobreira lopes
Tânia Mara Sperb
Schila Machado da Silveira Becker
Gabriela Dal Forno Martins

O projeto atende aos requisitos necessários. Está **aprovado** pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 06/12/2011, bem como ao término do estudo.

Aprovado, em 06/12/2010.


Comitê de Ética em Pesquisa
Registro 25000.089325/2006-58
Instituto de Psicologia - UFRGS

ANEXO J



HCPA - HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE GRUPO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COMISSÃO CIENTÍFICA E COMISSÃO DE PESQUISA E ÉTICA EM SAÚDE

A Comissão Científica e a Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde, que é reconhecida pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)/MS como Comitê de Ética em Pesquisa do HCPA e pelo Office For Human Research Protections (OHRP)/USDHHS, como Institutional Review Board (IRB00000921) analisaram o projeto:

Projeto: 100553

Versão do Projeto: 25/11/2010

Versão do TCLE: 10/02/2011

Pesquisadores:

RITA DE CÁSSIA SOBREIRA LOPES

TANIA MARA SPERB

GABRIELA DAL FORNO MARTINS

SCHÉILA MACHADO DA SILVEIRA BECKER

CESAR AUGUSTO PICCININI

Título: Impacto da creche no desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança

Este projeto foi APROVADO em seus aspectos éticos e metodológicos, bem como o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as diretrizes e normas nacionais e internacionais de pesquisa clínica, especialmente as Resoluções 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

- Os membros da Comissão Científica e da Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde não participaram do processo de avaliação dos projetos nos quais constam como pesquisadores.
- Toda e qualquer alteração do projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente ao CEP/HCPA.
- O pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais de acompanhamento e relatório final ao CEP/HCPA.
- Somente poderá ser utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual conste o carimbo de aprovação do HCPA/GPPG.

Porto Alegre, 18 de fevereiro de 2011.


Prof. Nadine Clausell
Coordenadora GPPG e CEP/HCPA